

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Retratos do exílio: experiências, solidariedade e militância política de esquerda na fronteira Livramento - Rivera (1964-1974).

Marlon Gonsales Aseff

Florianópolis, dezembro de 2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Retratos do exílio: experiências, solidariedade e militância política de esquerda na fronteira Livramento - Rivera (1964-1974).

Marlon Gonsales Aseff

Dissertação orientada pelo Professor
Dr. Paulo Pinheiro Machado e
apresentada a Banca Examinadora
Como requisito parcial para obtenção do
Título de Mestre em História

Florianópolis, Dezembro de 2008

Retratos do exílio: experiências, solidariedade e militância política de esquerda na fronteira Livramento - Rivera (1964-1974).

MARLON GONSALES ASEFF

Esta dissertação foi julgada e aprova em sua forma final para obtenção do título de
MESTRE EM HISTÒRIA SOCIAL

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Paulo Pinheiro Machado - Orientador (HST/UFSC)

Dr. Ricardo Virgilino da Silva (CSO - UFSC)

Dr. Luiz Felipe Falcão (HST - UDESC)

Dr. Henrique Espada Rodrigues Lima Filho (Suplente HST - UFSC)

SIGLAS:

ALN – Ação Libertadora Nacional

ANL – Aliança Nacional Libertadora

AP – Ação Popular

ARENA – Ação Renovadora Nacional

CENIMAR – Centro de Informações da Marinha

CIE – Centro de Informações do Exército

CIEX – Centro de Informações do Exterior

DOPS – Departamento de Ordem Política e Social

FRENTE AMPLA – Oficializada em 19 de novembro de 1966, grupo político que reuniu Carlos Lacerda, Juscelino Kubitscheck e João Goulart contra o regime militar.

FRENTE AMPLA – O mesmo que Frente Amplio

FRENTE AMPLIO – Coalizão de centro esquerda uruguaia

FUG – Frente Única Gaúcha

MDB – Movimento Democrático Brasileiro

MNR – Movimento Nacional Revolucionário

MLN-T – Movimiento de Liberación Nacional - Tupamaros

M3G – Marx, Mao, Marighella e Guevara

OLAS – Organização Latinoamericana de Solidariedade

PCB – Partido Comunista Brasileiro

PCBR – Partido Comunista Brasileiro Revolucionário

PC do B – Partido Comunista do Brasil

PCU – Partido Comunista Uruguaio

PSD – Partido Social Democrático

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

SNI – Serviço Nacional de Informações

SUPRA – Superintendência da Reforma Agrária

UNE – União Nacional de Estudantes

VAR-PALMARES – Vanguarda Armada Revolucionária Palmares

VPR – Vanguarda Popular Revolucionária

RESUMO

Esta pesquisa aborda as experiências de militantes políticos, exilados na cidade de Rivera, e sua cidade *gêmea*, Santana do Livramento, na fronteira Brasil-Uruguai. Trata dos modos de sobrevivência e de solidariedade vivenciados por esse grupo, bem como as negociações com o poder ditatorial estabelecido a partir de 1964, e a militância política de resistência constituída a partir daquele território. Para tanto, utilizou-se da História Oral e de embasamentos da Micro-História na reconstituição do cotidiano daquela região em um período de 10 anos a partir de 1964. Por esta fronteira passaram militantes de expressão política naquele momento e que viriam a consolidar suas lideranças posteriormente, com a redemocratização do país. Ali se estabeleceu um território permeado pela solidariedade, onde ativistas e a população local trocaram experiências e partilharam momentos de tensão e esperança.

Palavras-chave: exílio, ditadura, memória, fronteira, solidariedade.

ABSTRACT

This investigation explores the experiences of political militants, exiled on the city of Rivera, and its twin, the city of Santana do Livramento, on the border Brasil-Uruguai. Approach the ways of survival and solidarity, as well the negotiations that this group developed with the brazilian dictatorship, in a period that begins in 1964 and for the next ten years. The people from these cities lived in the two past centuries a series of common fights and political activisms that exceed the limits of the simple institutional line that separate both nations. Revolutions and political fights that are conspired at those places influenced the political destiny of the borders of South America. In 1964, with the coup d' état that shake the political structures in Brazil, this unusual border play the part of a decisive turn, one more time, in the history of South America political fights.

Key-Words: exile, dictatorship, border, solidarity, memory.

Sumário

Agradecimentos	8
Apresentação	9

CAPÍTULO I

De Fronteira e exílios: um cotidiano diferente.

1.1. Uma cidade diferente.....	17
1.2. Entre combates e exílios.....	22
1.3. A fronteira através da literatura.....	27
1.4. Excludente através das décadas.....	31
1.5. A FUG conspira em Rivera.....	35
1.6. A chacina dos comunistas.....	38

CAPÍTULO II

Do outro lado da fronteira: Os caminhos da solidariedade.

2.1. “Todos para Rivera”.....	47
2.2. <i>Homens de fronteira, ratos!</i>	59
2.3. A imprensa na linha de fogo.....	68
2.4. Rota natural de fuga.....	76
2.5. Rumo a Montevideú, passando pela fronteira.....	81
2.6. Os Lares da acolhida.....	85
2.6.1. Orlando Burmann: recepção e passagem.....	87
2.6.2. <i>Calle Molles 534</i> - O esquema de fronteira.....	98
2.6.3. Tentativa de Seqüestro em Rivera.....	106
2.7. Romeu Figueiredo de Mello: resistência possível.....	111
2.8. A família Santana: combatentes da desigualdade.....	121
2.8.1. A chácara do Castelhana.....	122
2.8.2. A casa da Calle Paysandu.....	124
2.9. “Antônio Almafuerter”, desafiando o arbítrio.....	127
2.10. O “Hotel” de Nery Medeiros.....	138
2.11. Família Penalvo: com Jango no exílio.....	142

CAPÍTULO III

Trabalho, experiências e solidariedade no exílio

3.1. Mallharia Burmann, êxitos, fracassos e sobrevivência.....	154
3.2. Sobrevivência e militância, uma difícil opção.....	160
3.3. Espaço de contato e solidariedade, a Confeitaria Metropolitana.....	163.
3.3.1 Um guerrilheiro na Metro.....	167
3.4. Adán Fajardo luta pela dignidade.....	171
3.5. Redes de amizade, parentesco, negociações.....	182

Considerações Finais	191
Fontes Bibliográficas	195

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa não poderia ser realizada sem a confiança em mim depositada pelos membros do Programa de Pós-graduação em História (PPGH), que aceitaram a tarefa proposta, incentivando e estimulando na absorção de uma carga teórica fundamental para a conclusão do desafio que foi estudar esse período ainda delicado na história recente do país, e particularmente na fronteira do Brasil e Uruguai. Agradeço ao CNPQ, por ter proporcionado uma bolsa de estudos, que foi fundamental para a realização da pesquisa, bem como a FAPEU, que possibilitou viagens e auxílio para a conclusão deste trabalho.

Agradeço a colaboração fundamental de Liane Chipollino Aseff, que sugeriu novas perspectivas de abordagem, indicou fontes e compartilhou de muitas incursões de campo em sua fase inicial. Também o apoio de minha família, nas pessoas de Maria Helena e Jesus Aseff, sempre prestativos e prontos para auxiliar.

Agradeço aos entrevistados, personagens que vivenciaram aqueles difíceis anos do exílio, e que em mim confiaram, ao abordar um tema ainda dolorido e repleto de traumas. Todos foram de fundamental importância nesta investigação. Agradeço a cada um, na pessoa de Perseverando Fernandes Santana, memorialista da fronteira, sempre disposto a compartilhar suas impressões, seus arquivos, com humildade e grande aporte intelectual.

Por fim, gostaria de compartilhar os acertos e pontos altos desta pesquisa com meu orientador, professor Dr. Paulo Pinheiro Machado, que indicou renovados caminhos e apontou eventuais falhas. Sem a sua bússola, esta pesquisa não seria possível. Também gostaria de agradecer ao prazeroso convívio e os momentos de grande crescimento intelectual proporcionados pelos professores Dr. Henrique Espada Lima Filho e Dr. Adriano Luiz Duarte.

Este trabalho é dedicado a Tiago Chipollino Aquines e Sofia ChipollinoAseff.

Apresentação

Esta pesquisa aborda a constituição de relações de trabalho e solidariedade vivenciadas pelos exilados brasileiros na cidade de Rivera, Uruguai, fronteira com a cidade brasileira de Santana do Livramento. Pretende historicizar a trajetória desse grupo, bem como aqueles que atravessaram essa fronteira em busca de refúgio e salvo conduto, em um período de 10 anos, a partir da deflagração do golpe de estado que destituiu o presidente João Goulart do poder, em 1º de abril de 1964.

Em sua dimensão mais ampla, esta dissertação busca reconhecer os aspectos de solidariedade, trabalho e integração política desse grupo nos anos que separam o golpe brasileiro da ofensiva ditatorial uruguaia, em um período aonde os governos militares viriam a se instalar em todo o Cone Sul. Motivou-me nessa empreitada o ineditismo dessa abordagem, particularmente no que se refere a esta singular fronteira, dentro da história do exílio brasileiro. Nessa trajetória, podemos ver surgir renovados personagens de uma luta política que teve em 1964 um turno decisivo na história recente do país, inserida em uma cronologia de lutas que se desenvolveu intensamente nos dois últimos séculos da história do Brasil e da América Latina. Gostaria de enfatizar o aspecto dessa pesquisa enquanto uma história conectada aos processos que sacudiram a América Latina nesse período, antes de delimitá-la unicamente ao contexto brasileiro dos acontecimentos.¹

Para construir este relato busquei na História Oral e em arquivos delimitados, como jornais, manuscritos pessoais, cartas e uma bibliografia específica, o relato de fontes que vivenciaram de alguma maneira o momento político em questão, desde militantes que tiveram suas vidas afetadas diretamente pelos acontecimentos, até anônimos protagonistas que de uma maneira ou de outra se viram envolvidos na teia

¹ “Em 1962, os militares peruanos antecipam-se à posse do populista Haya de la Torre e ocupam o poder; em 1963, um golpe militar derrubou o governo do moderado e confiável Juan Bosch, na República Dominicana; em 1964, caíram os também populistas João Goulart, do Brasil, e Paz Estenssoro da Bolívia ; em 1965, as tropas da OEA, capitaneadas pelos Estados Unidos, intervieram e impediram uma restauração democrática na República Dominicana; em 1966, as Forças Armadas ocuparam o poder na Argentina; em 1968, novamente os militares assumiam o governo no Peru; em 1973, chegaria ao fim a experiência socialista chilena com o sangrento assalto ao poder por Pinochet; também no mesmo ano , deixava o Uruguai de de ser a ‘Suíça da América’; em em 1976, mais uma vez os militares ocupavam o governo argentino após um curto interregno

de solidariedade e luta pela sobrevivência que urdiu a todos os que procuraram abrigo nessa região de fronteira. Em cerca de 40 horas de entrevistas gravadas com 30 pessoas, busquei o relato dos envolvidos de alguma maneira naquele exílio. Desde os atores políticos estabelecidos em ambas cidades e que se envolveram diretamente com o novo grupo, até os solitários combatentes políticos e aqueles que vivenciaram com suas famílias a nova realidade do desterro. Pesquisei em acervos que incluem a Biblioteca Nacional do Uruguai, em Montevideu, o Museu de Comunicação Social José Hipólito da Costa e o Acervo da Luta contra a Ditadura, no Museu do RS, em Porto Alegre, as bibliotecas municipais de Santana do Livramento e Rivera, até acervos pessoais em Porto Alegre, Pelotas, São Borja e Santa Maria. Nos relatos orais sobressaíram-se o depoimento das mulheres, esposas e mães de família, que tiveram que acompanhar seus maridos na busca pelo refúgio. Também as lembranças dos filhos dessas famílias exiladas, que vivenciaram uma realidade de dificuldades desde um ponto de vista infantil, porém não menos intenso.

Busquei na História Oral caminhos para a construção dessa pesquisa, observando limites e possibilidades, assim como novos direcionamentos nas diversas redes de significados abertos ao historiador. Conforme assinala Antônio Montenegro², o próprio termo "História Oral" ainda carrega consigo um significado para muitos tido como pejorativo, separando-se daquela história usualmente considerada "pura", ou seja, vertida de documentos escritos e de fontes apresentadas como confiáveis. Traria no seu cerne algo difícil de ser mensurado, etéreo, confundido muitas vezes com a memória e seus imprecisos caminhos. A construção de uma história onde o historiador se faça inteiro em seu ofício, no entanto, deve envolver fontes escritas e orais, submetidas a um debate que resulta no texto, livre de visões interiorizadas, de sentidos comuns, determinismos e naturalizações. É certo que a subjetividade também está implicada no processo onde, conforme Montenegro, é preciso "rachar" a idéia de um tempo passado, presente e futuro. Entretanto, para historicizar um fato é preciso ir além de simples perguntas e respostas, já que muitas questões não estimulam memória alguma. Ou seja, é necessário para o historiador

de governantes civis. In: GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. *História Contemporânea de América Latina: 1960-1990*. Porto Alegre. UFRGS Editora, 1993. p.28.

² MONTENEGRO, Antônio. *História Oral e Memória*. São Paulo: Contexto, 1994. p.115.

cruzar as dimensões da memória com outras relações, muitas vezes subjetivas e implicadas no contexto. A este desafio me propus.

A questão remete a uma necessária articulação da história oral com outros tipos de fontes históricas, e a necessidade da história oral alcançar diferentes fontes, como condição imprescindível para vencer um caráter individual inerente. Como "arquivo provocado", nas palavras de Jean-Jacques Becker, a história oral tem como primeira dificuldade a fala particular, onde não se fala em nome de um grupo, mas no individual.³ Nunca confiar em uma única fonte é um mandamento que deve ser acompanhado sempre da prudência, ao adaptar o método ao objeto.⁴ Arquivos provocados podem reconstituir lembranças deliberadas, que coincidam, se adaptem, e justifiquem fatos que ocorreram mais tarde, justificando assim posições políticas ou atitudes anteriormente adotadas. Há necessidade de verificação da natureza do depoimento, o processo de constituição e a validade, bem como os usos e interpretações da entrevista. Torna-se necessário, como lembra Carlos Fico⁵, detectar possíveis “deslocamentos de sentido”, onde a memória, impregnada por novas demandas, desvia-se para um caminho que antes de mais nada busca justificativas, incorporando visões distorcidas, mesmo acreditando-as verdadeiras. Daí o cuidado necessário ao colher essa memória construída sob as experiências realmente vividas, mas também enquanto ecos dessas experiências, com as distorções, as culpas, os fantasmas, as colorações da hora, as projeções, como assinala Carina Perelli.⁶ Contradições que devem ser observadas pelo historiador, como bem mostrou Alessandro Portelli ao analisar o pós-guerra na Roma libertada, onde muitas vezes a memória é filtrada, substituída, exterminada por outra memória, na busca de uma coerência e um significado. Um espaço onde as contradições podem perturbar a construção de uma memória “coerente e pacífica”.⁷

³ BECKER, J.J. "O Handicap do a posteriori" in FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. (org.) *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2ª edição, 1998, p. 27.

⁴ Idem. P.29.

⁵ Reflexões mais aprofundadas sobre estas questões podem ser obtidas em FICO, Carlos. *Como eles agiam*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

⁶ PERELLI, Carina. "El Poder de la memoria, la memoria del poder" apud SOSNOWSKI, Saul (org.) *Represion, Exilio y Democracia – La Cultura Uruguaya*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental. 1987. p. 322.

⁷ PORTELLI, Alessandro. "A Bomba de Turim: a formação da memória no pós-guerra". In: *História Oral*. v. 9. n 1. p. 69-72, jan-jun 2006.

Cabe aqui reforçar que o debate acerca dos conceitos de memória e história posiciona renovadas formas de conceber a prática historiográfica, estando os relatos orais no centro dessa discussão sobre a produção de fontes documentais seguras. Jacques Le Goff, em sua obra “História e Memória” adverte para uma perspectiva eficaz da memória, questionando a dita objetividade na construção dos fatos a partir de documentos históricos escritos. Para Le Goff, os processos de manipulação se manifestam em todos os níveis da constituição do saber histórico.⁸

Em tempo, Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado sublinham que poucas áreas têm esclarecido melhor que a história oral o quanto a pesquisa empírica de campo e a reflexão teórico-metodológica estão indissociavelmente interligadas, demonstrando de maneira convincente como o objeto histórico é sempre resultado de uma elaboração. Como nas palavras de Jacques Revel, uma história que confira “estatuto ao excepcional e ao único”, onde o social é lido como uma realidade construída pelo historiador.⁹

Convém ressaltar que, na intenção de reforçar a peculiaridade dos laços culturais dessa região, onde a indefinição de uma fronteira física delimitada propõe uma cultura em comum, que dialoga constantemente, mantive as transcrições das entrevistas com o linguajar típico dessa fronteira. Ali as palavras em espanhol são apropriadas pelo português falado do lado brasileiro, e vice-versa. Muitas vezes é o “portunhol” que se sobressai, em uma mistura que ao final não pertence a nenhum dos dois idiomas, mas que reforça um espaço em comum entre as populações de Rivera e Santana do Livramento. Interessante notar, por exemplo, que em determinados relatos, como o do advogado uruguaio Jorge Fajardo, o entrevistado falou em espanhol fluente em um primeiro contato, e sem que ninguém o influenciasse para isso, trocou o idioma para o português, em um segundo encontro.

Feitas essas observações, devo acrescentar que busquei estabelecer nos três capítulos que compõem esta dissertação uma reflexão acerca do exílio brasileiro em Rivera, em suas nuances de atuação política e de luta pela sobrevivência. Também me propus a explorar algumas questões que superam os movimentos de fuga e

⁸ LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Unicamp, 4ª Edição, 1996.

⁹ REVEL, Jacques. *A invenção da Sociedade*. Rio de Janeiro: Bertrand. 1989. p. 6, 7.

resistência, buscando responder a algumas indagações que apontam para a dinâmica política da região de fronteira, para além dos limites do “nacional”, bem como a situação ambígua e singular dessa região, de troca política e econômica.¹⁰

No primeiro capítulo o estudo irá contemplar a fronteira como território de fuga, conspiração e exílios desde as lutas Imperiais pela constituição do território. Situo a região em suas peculiaridades geográficas e econômicas, buscando através do depoimento de personagens que estiveram diretamente envolvidos com a luta política na região durante o século 20, mostrar as características da exclusão social e da luta sindical naqueles municípios durante o século passado. Busquei também estabelecer determinados marcos da luta política que se intensifica a partir dos tratados de limites entre os impérios português e espanhol e posteriormente entre os estados brasileiro e uruguaio. Antes de me propor a realizar uma irrisória “história geral” das cidades e da região, quero sim mostrar como os marcos institucionais nem sempre estiveram presentes nos desdobramentos de lutas políticas urdidas na rica confluência social e cultural de fronteira. Para isso, fiz uso de referências historiográficas da região, marcada pela investigação de historiadores como Ivo Caggiani, Waldemar Rodrigues Navarro, Aníbal Barrios Pintos, Cirino Bittencourt de Carvalho, além de escritores, jornalistas e viajantes referidos ao longo deste capítulo. Também utilizei a perspectiva antropológica de Andréa Quadrelli, na identificação de como essa população vive um ambiente em comum, mesmo sob marcos de estado-nação bem delimitados. Com isso, pretendi trabalhar dentro de novas e variadas perspectivas, que vislumbrassem campos intradisciplinares, necessários para a compreensão de novos temas, surgidos de minhas pesquisas sobre a dimensão do exílio e as especificidades desse objeto de estudo.

Em um contexto onde a fronteira surge como palco de uma história rica em fugas, exílios e negociações, acentuam-se características locais únicas, relacionadas com as trocas culturais, econômicas e políticas entre os dois países. Nesse espaço as

¹⁰ O espaço físico que compreende essas cidades teve um papel não menos protagonista das lutas que ali se desenvolveram. Partilho aqui das reflexões de Bernard Lepetit, quando afirma que “o território é essencialmente uma memória, e seu conteúdo é todo constituído de formas passadas – isto é, de algumas dentre elas, das quais só subsiste o que pode ser compreendido pela sociedade que, em cada época, trabalha seus quadros”. In: LEPETIT, Bernad. *Por Uma Nova História Urbana*. São Paulo: Edusp. 1996. p 149.

famílias exiladas alteraram e fundaram novas relações culturais entre si e a comunidade em seu entorno. Para trazer à luz esses personagens, busquei um modelo que se contrapõe a uma história de cunho totalizante, que prioriza apenas uma escala de observação como variável de experimentação, prisioneira de uma "tendência geral mais visível". Nas palavras de Jacques Revel:

[...] Já que os modelos narrativos-analíticos clássicos deixaram de ser convincentes, que é preciso fazer – que se pode fazer – para contar uma vida, uma batalha, um episódio qualquer? Se, por hipótese, renunciarmos às convenções estabelecidas do gênero – a continuidade de uma história inscrita entre um começo e um fim, a descrição com base na evidência, etc – que acontece com os objetos que o historiador se atribui? Eles se tornam objetos problemáticos. Uma experiência biográfica [...] pode assim ser relida como um conjunto de tentativas, de escolhas, de tomadas de posição diante da incerteza. Ela não é mais pensável apenas sob a forma da necessidade, mas como um campo de possibilidades entre as quais o ator histórico teve de escolher.[...] A escolha de um modo de exposição participa aqui da construção do objeto e de sua interpretação.¹¹

Para entender as conjunturas do exílio e suas nuances, priorizei uma abordagem distanciada de uma visão simplista e dicotômica, onde “dominados e dominantes” surgem como elementos impedidos de se posicionar sob novos prismas, atrelados a determinados mecanismos de poder. Diminuindo a escala de observação, ou antes, variando essa escala na busca por uma representatividade de amostras, busquei identificar a espiral de reações, as memórias políticas e sentimentais que os indivíduos em torno daquela comunidade fronteiriça foram experimentando a partir de 1964. Procurei dessa forma “uma atitude intelectual que se alimenta da convicção de que o olhar através do microscópio, o interesse pelo minúsculo – ou mesmo, no limite, pela miudeza e por aquilo que mais facilmente se negligencia -, pode revelar dimensões inesperadas dos objetos e, com sorte, perturbar convicções arraigadas no domínio da história”.¹² Um desafio que envolveu um olhar aproximado sobre essas redes de convívio e de solidariedade, que mostram, em outra instância, os desdobramentos dos projetos políticos e pessoais dessa geração.

No segundo capítulo abordo a fronteira já sob os efeitos do golpe cívico-militar de 1964. Debruço-me sobre o momento do golpe na vida dos atores locais e os primeiros momentos do exílio. A rota natural de fuga para o Uruguai é

¹¹ REVEL Jacques. Microanálise e construção do social. In: *Jogos de Escalas: a experiência da micro-análise*. Rio de Janeiro: FGV, 1988. p. 37, 38.

¹² LIMA. Henrique Espada. *A micro-história italiana*. Escalas, indícios e singularidades. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p.13,14.

particularmente analisada, assim como a atuação da imprensa local na tentativa de resistir e os efeitos que o movimento imprimiu na vida política local. Abordo os lares de acolhida, onde exilados já estabelecidos em Rivera recebiam aqueles que buscavam abrigo provisório ou passagem para outros países do continente. Revelo o chamado “esquema de fronteira” e um de seus maiores articuladores, o deputado petebista cassado, Beno Orlando Burman. Outros protagonistas das ações solidárias e de articulação política também são trazidos à tona, como o clã de Romeu Figueiredo de Mello, Antônio Apoitia Neto e as famílias Santana e Medeiros, entre outros atores desse período.

Finalmente, no terceiro capítulo, debruço-me sobre as ações de solidariedade efetuadas pelos atores políticos locais, médicos, advogados e militantes anônimos, que permitiram uma vida minimamente digna ao grupo exilado a poucos metros do território brasileiro. Mostro as ações de acolhida, as formas de trabalho e as condições de vida que o grupo experimentava. Trago à luz as negociações entre essas famílias e os agentes da repressão estabelecidos no Brasil, as redes de parentesco e a tolerância política estabelecida entre as famílias exiladas e os responsáveis pela nova ordem. Essa reflexão também vai abordar a difícil tarefa do grupo exilado em reconstruir a vida familiar e profissional longe de sua terra natal, mas a poucos metros da pátria, muito embora separados por uma linha imaginária que configurava os limites da liberdade.

Nessa empreitada busquei o relato oral de pessoas que estiveram envolvidas no calor dos acontecimentos que moldaram aqueles anos na fronteira com o Uruguai. Pessoas como o advogado Antônio Apoitia Neto, que exerceu um papel importante na acolhida e auxílio aos que buscavam o refúgio uruguaio. O pecuarista Perseverando Santana, memorialista da fronteira, que guarda a vivência dos anos mais intensos da política regional, desde a revolução de 30 até o golpe de 1964 e seus desdobramentos. Também foi importante colher o depoimento de uma geração de protagonistas daquelas lutas, mesmo vivenciando-as em um período da infância e adolescência, como é o caso do advogado uruguaio Jorge Fajardo, o engenheiro Pedro Dávila de Mello, o vereador Sérgio Burmann. Desvendando verdadeiras teias de relacionamentos, fui montando peças de um quebra-cabeça que aos poucos foram

acrescidas de um ou outro nome, que por sua vez revelavam novas conexões. Nessa missão, foram importantes os arquivos pessoais, assim como os periódicos e revistas pesquisados na Biblioteca Nacional do Uruguai. Também os jornais brasileiros, e particularmente os de Santana do Livramento e Rivera. Algumas fontes que poderiam acrescentar muito a esta pesquisa não se mostraram disponíveis, por motivos diversos, como o advogado Tarso Genro, então Ministro da Justiça do governo brasileiro, ou o professor Estoécel Santana, em Santana do Livramento. Por outro lado, há de se considerar que a pesquisa em fontes bibliográficas, como as obras de memórias do período, exigiu um esforço sempre presente, ao considerar-se as ressignificações e legitimações de posições adotadas naquele momento e que hoje devem ser pesadas, separadas, avaliadas meticulosamente. Por fim, devo dizer que documentos inéditos como os apontamentos de Beno Orlando Burmann foram fundamentais para uma compreensão dos acontecimentos, medidos em parâmetros novos e que sugeriram novas ligações ao quebra-cabeça que se desenhava, enfocando as redes de solidariedade e a atuação dos grupos de exilados naquela fronteira.

CAPÍTULO I

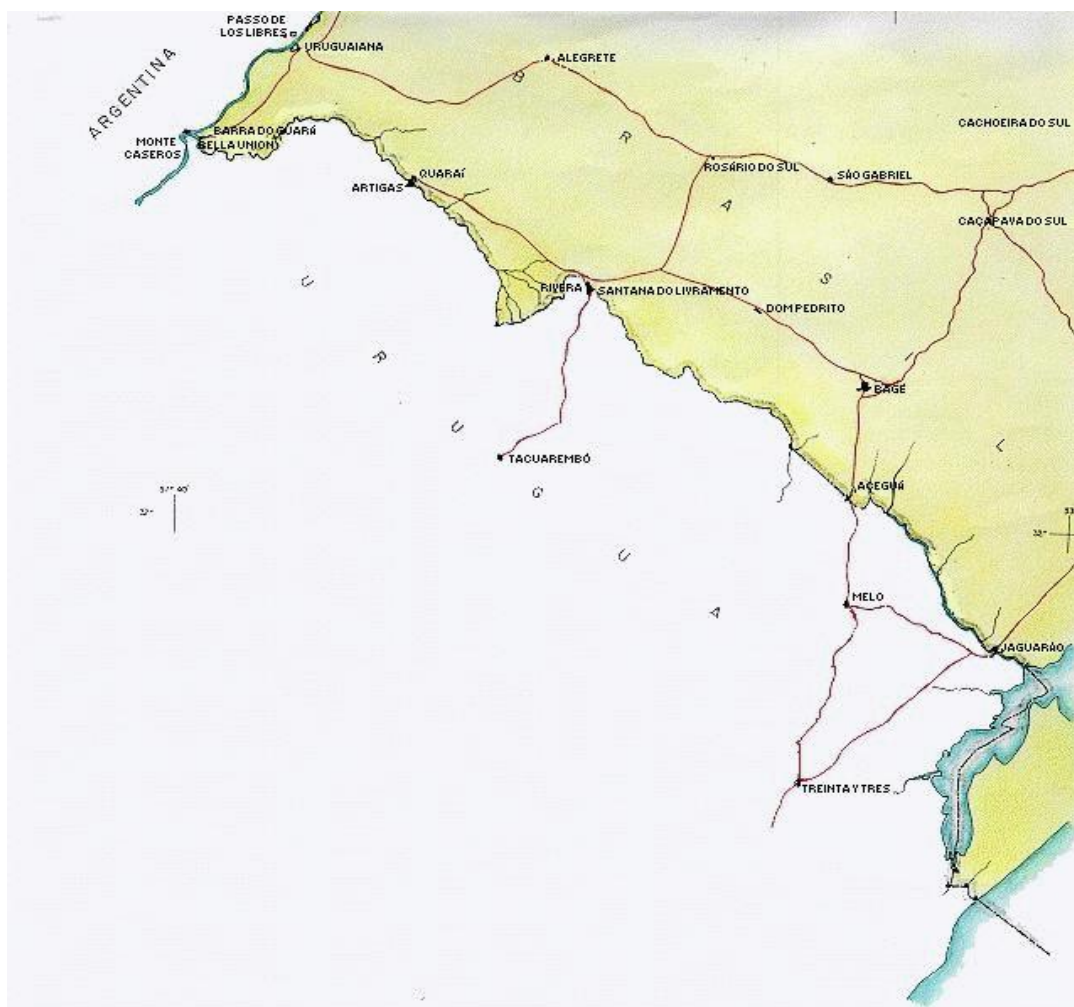
De fronteira e exílios, um cotidiano diverso.

1.1 - Uma cidade diferente

Santana do Livramento e Rivera podem ser consideradas cidades gêmeas. Principal núcleo urbano encravado em pouco mais de mil quilômetros de fronteira entre Brasil e Uruguai, a região possui características que a distingue das demais áreas de fronteira brasileiras, pois é notável a integração cultural entre os dois povos, ao mesmo tempo em que resistem os marcos institucionais e de nacionalidades bem definidas. Desde as primeiras décadas do século XIX, a região se constituiu em espaço privilegiado de trânsito internacional de pessoas no Cone Sul e uma das principais rotas de comércio entre Brasil, Uruguai e Argentina, ainda sob seus Estados em gestação. Ali, é possível se afirmar, se gerou uma “cultura política de fronteira”, onde as atuações políticas muitas vezes extrapolaram os limites territoriais, como veremos, moldando um cenário de intensa troca política, com ingredientes que se acentuariam nas lutas pela independência dos países do Prata e, posteriormente, nas idas e vindas das revoluções, exílios e movimentações políticas que imprimiram uma característica singular a região. Eventos em comum, como os conflitos políticos localizados, a industrialização e os surtos de crescimento econômico, fizeram surgir atores políticos bem definidos, como os operários que desconheciam fronteiras, ou os grupos políticos caudilhescos. Os interesses em comum além dos impérios centralizadores, os grupos comunistas do Brasil e Uruguai, atuando em conjunto sob causas que extrapolavam os limites institucionais, e os militantes da esquerda latino-americana sufocada com os golpes de estado que atravessaram a história recente desses povos moldaram essa cultura política em comum.

Conforme assinala o historiador uruguaio Waldemar Rodriguez Navarro, Sant'Ana do Livramento e Rivera se constituíram desde o início de sua formação em um "povo de fronteira" o que delimita a partir daí suas intensas relações econômicas e

políticas e os conflitos que derivaram dessa convivência.¹³ Resultado de uma disputa secular entre Portugal e Espanha pelas terras do Prata, a região fronteiriça manteve-se pelas primeiras décadas do século XIX como centro das atenções do Império brasileiro e o estado Uruguiaio em gestação.



Mapa físico da fronteira do Brasil com o Uruguai

¹³ NAVARRO, Waldemar Rodriguez. *Villa Ceballos: Los que pusieron los cimientos. Historia de Rivera*, Tomo I, Rivera: Atlântida. 1981. p. 07.

Do primeiro tratado de limites entre Brasil e Uruguai, assinado em 12 de outubro de 1851, até a consolidação dos povos de Sant'Ana do Livramento e Rivera¹⁴, a região manteve um aspecto de povoado internacional, onde os marcos determinantes dos territórios serviram de escudo legal, quando necessário, ou simplesmente desapareciam quando as estratégias políticas assim pediam. Nessa fronteira, pode-se dizer, o limite territorial entre o Brasil e o Uruguai, atravessa ambos centros urbanos, embora também seja possível "afirmar o contrário, são as cidades as que parecem atravessar o limite político internacional, e é isso o que torna esta fronteira em uma fronteira tão singular".¹⁵

Das lutas entre espanhóis e portugueses pela conquista da enorme faixa que hoje compreende a fronteira brasileira com o lado oriental até os posteriores tratados de limites entre o Império Brasileiro e o Uruguai, quando as normatizações sobre os destinos dos cerca de mil quilômetros de fronteira se clarificaram, os dois povoados já se fitavam em um espaço em comum, com linhas demarcatórias mal percebidas pelas interações sociais cotidianas.

Conforme Navarro, a linha demarcatória,

*Hubo que atravesar una ciudad internacional, Rivera y Sant' Ana, cruzándola por el medio; bajar y subir calles entre los cerros, dar vueltas a las esquinas, descender por la línea media de las avenidas, seguir líneas rectas y trazar ángulos agudos como quien marcha sobre un tablero de ajedrez, atravesar dos plazas públicas. En resumen, una verdadera proeza, un triunfo del equilibrio para señalar el límite entre dos soberanías.*¹⁶

Em pouco mais de mil quilômetros de fronteira entre Brasil e Uruguai, Santana do Livramento e Rivera constituem o maior entre cinco centros urbanos, onde os limites políticos e territoriais se confundem, constituindo-se em uma região de trânsito internacional de pessoas no Cone Sul, e uma das principais rotas entre Brasil, Uruguai e Argentina. Ali não existem obstáculos físicos que separem os Estados do

¹⁴ O povoado de Santana surgiu oficialmente em 30 de julho de 1823, quando a comunidade recebe o ato de licença para criação de uma igreja. Rivera surge como *Villa Ceballos*, em 1862, invocando o nome do nobre espanhol que expulsara os portugueses da Colônia de Sacramento e invadira o Brasil por duas vezes.

¹⁵ QUADRELLI, Andrea. *A Fronteira Inevitável*. Um estudo sobre as cidades da fronteira de Rivera (ROU) e Sant'Ana do Livramento (Brasil) a partir de uma perspectiva antropológica. Tese de doutorado apresentada ao PPG. Antropologia Social da UFRGS, Orientador. Prof. Dr. Ruben George Oliven, Porto Alegre, RS, 2002, p.15.

¹⁶ NAVARRO. *Villa Ceballos*. Op. Cit., ps, 34, 35.

Brasil e Uruguai, apenas uma linha imaginária que desafia o simples limite institucional.¹⁷

O surgimento das duas cidades, no entanto, demarcou a resistência das nacionalidades sobre os territórios concorridos e, nesse contexto, Rivera surge para se contrapor à nacionalidade brasileira, em franco desenvolvimento na extensa faixa de fronteira. Sínteses da construção dos estados-nação, com sua característica de região demarcatória, as terras ao norte do Uruguai, e toda a região de fronteira disputada, sempre estiveram mais ligadas ao projeto de expansão luso e brasileiro do que espanhol ou mesmo uruguaio. Nessas terras, ao norte do Rio Negro, a expansão brasileira acontecia de maneira pacífica e natural,

*En estas zonas del Norte con fronteras totalmente abiertas con el Brasil la penetración brasilera era permanente. En 1845, en el Parlamento brasilero, en Río de Janeiro el Diputado Souza Ferraz preconizaba al parecer, la interacción directa del Imperio, por lo menos hasta las márgenes del Río Negro. Y para convencer a sus pares de la racionalidad de su empeño decía: “Veo, señores, que teneis una idea muy equivocada de lo que es la frontera Sur. Pasando el Rio Yaguarón hasta el Río Negro, el traje, las costumbres, el idioma, todo es brasilero. Y terminaba con esta afirmación contundente: “hasta la tierra es brasilera”.*¹⁸

A discussão em torno da formação de um novo povoado para contrapor o avanço brasileiro estabeleceu no parlamento uruguaio uma avaliação pragmática da situação na fronteira do norte, com declarações enfáticas dos deputados a favor de um plano de ocupação efetiva do território, sob pena de perda da soberania, ameaçada.

“Yo no encuentro otro camino para salvar nuestra independencia que establecer colonias en la frontera, cuesten lo que cuesten. Si queremos ser orientales, si queremos ser independientes, ésta es la única solución”. “Del otro lado del Río Negro, dentro de nuestro territorio, mandan exclusivamente las autoridades brasileras”. “Este asunto es de vida o muerte. Es el más grave que puede presentarse hoy al Poder Legislativo. Después de largas desgracias, ha ido estableciéndose sobre esta desgraciada tierra una conquista pacífica, subterránea, sorda...”. (Montevideu, 1862)¹⁹

Em sua argumentação, o deputado Diago já identificava o fantástico potencial comercial desse ponto geográfico, e assim declarava o lado uruguaio como o grande vencedor dessa disputa territorial, renunciando uma efetiva liderança econômica exercida por Rivera nos anos que iriam se seguir, em especial no ramo varejista.

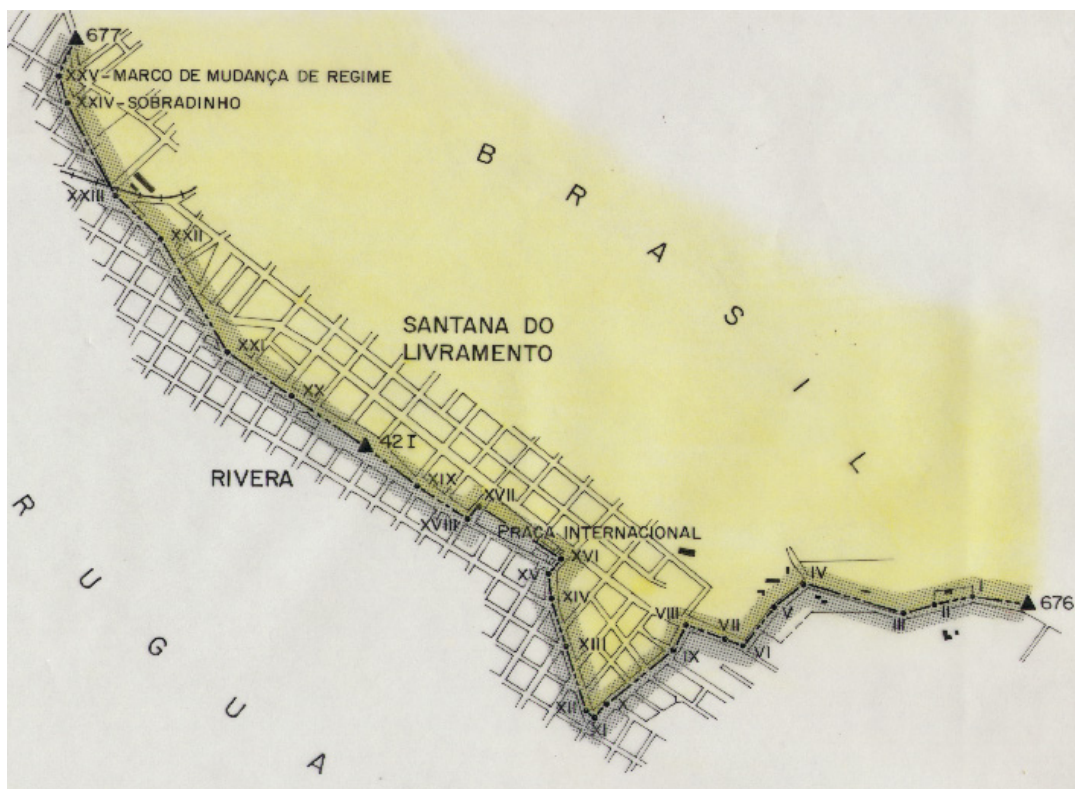
¹⁷ QUADRELLI, Andréa, Op. Cit., p.15.

¹⁸ NAVARRO, Villa Ceballos, Op; Cit, p.20, 21.

¹⁹ Idem, p.22.

Desde el punto de vista comercial son tantas las ventajas del pueblo que por esa ley vamos a fundar, que seguramente el comercio de Sant'Ana quedará reducido a los frutos del Brasil. La razón de esto radica en la diferencia en los impuestos a los artículos de importación; hay efectos que en el Brasil pagan el 35% y en nuestras Aduanas no pasan del 18% o el 20%. El pueblo de "Ceballos" ha de surtir a pueblos brasileiros vecinos: A Don Pedrito, a Alegrete, pueblo de mucho comercio, a Bagé (...) De modo que existen cuatro pueblos cuyos habitantes vendrán a comprar a Ceballos en razón de que en su compra ganarán un cuarenta o cincuenta por ciento sobre los precios que tienen que pagar en el Brasil.²⁰

A partir da afirmação de Rivera em relação a Livramento, e o fortalecimento da cidadania uruguaia na região, o desenvolvimento econômico local obedeceu a uma ordem pendular, seguindo as regras da valorização das moedas, ora privilegiando o lado brasileiro, ora o lado uruguaio, dependendo das políticas cambiais e as ingerências governamentais.



Mapa da linha de fronteira urbana entre Santana do Livramento e Rivera.

²⁰ Ibidem, p.59, 60.

As primeiras décadas do século XX encontraram a economia santanense fortalecida pela industrialização capitaneada pelo frigorífico Armour e setores de transformação de produtos primários e derivados do couro. A produção era escoada para os grandes centros do país, do Prata e da Europa, fortalecendo uma oligarquia rural que desconhecia fronteiras. Do início desse processo de industrialização aos anos 1950, Santana viveu o apogeu de uma vida cultural e noturna repleta de atrações, mesmo de companhias européias que desembarcavam em Montevideu e por lá passavam, rumo aos grandes centros brasileiros. Foi também o apogeu de um caudilhismo político comandado até meados da década de trinta pela família Flores da Cunha, época de em que as desavenças políticas não raro eram resolvidas em crimes bárbaros e o contrabando era moeda corrente.²¹

1.2 - Entre combates e exílios.

A fronteira se caracterizou desde o início da colonização por ser local de refúgio e abrigo político aos que lutavam contra o poder centralizador do Estado-Nação, que cresceria com o passar das décadas, até acabar por estrangular as tentativas caudilhescas de autonomia, como no caso dos federalistas brasileiros e blancos, uruguaios²². Habitada por famílias brasileiras nos primeiros anos, uma extensa faixa uruguaia da fronteira via-se sucessivamente conflagrada por interesses contrários ora ao poder central uruguaio, ora aos ditames do Império e, mais tarde, da república brasileira. A cidadania pouco importava quando se tratava de importar homens de um lado ou outro da fronteira, e impor um novo molde político às regiões, conferindo assim um aspecto original dessa cultura política urdida naquela região de fronteira.

Em 1869, incidentes envolvendo forças políticas uruguaias, conspirando a partir de Santana do Livramento, provocaram um atrito entre o governo uruguaio e o Império, conforme assinala o historiador Anibal Barrios Pintos, em sua obra "*Rivera*

²¹ Liane Chipollino Aseff bem assinala o terror instaurado na época "das cidades sem lei" em *Memórias Boêmias: Histórias de uma cidade de fronteira*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2008, p.27.

²² O Partido Federalista do Rio Grande do Sul, fundado em 1892, defendia o parlamentarismo e a união federativa, e confrontava-se às idéias positivistas apregoadas pelo Partido Republicano Riograndense. No Uruguai, o Partido Blanco, ou Nacional, de origem conservadora e rural, confrontava-se com os adeptos do Partido Colorado, defensores de idéias liberais e com base sólida na capital.

en *El Ayer*".²³ O incêndio do quartel da polícia da vila de Rivera, que resultou em tiroteio e desordens, gerou a manifestação do comissário da 4ª Secção de Polícia, que relatou ao seu superior, em Taquarembó, o que considerou "*el echo mas barbaro por la Nación Brasileira*". Na carta endereçada ao chefe de polícia, Vital Zapata, informava que,

*(...) la fuerza de los infames hera mayor y e sido bencido completamente derrotado con pérdida de algunos hombres que ignoro los que abran muerto como a sido de noche yo e salvado com cuatro prebiniéndole que me an incediado la guardia y salido bajo del incendio com el caballo baliado y como debo quedar reuniendo algunos hombres para sostener mi deber asta que V.E. tome sus energicas medidas en amor de la Nación de tan terrible atentado (...).*²⁴

O que poderia parecer um gesto de desagravo e disputa de fronteiras por parte dos brasileiros, no entanto, foi habilmente considerado pelo Império como uma situação de conflito unicamente entre forças políticas uruguaias, que se valeram da situação de fronteira para usar a cidade brasileira como um despiste. Conforme apurou o historiador santanense Ivo Caggiani, a alegação do governo uruguaio, de que um grupo de homens armados teria queimado o quartel da polícia, em abril de 1869 e mesmo assaltado Rivera em março de 1870, não foram aceitas pelo chefe da polícia riograndense, que esteve na fronteira, enviado pelo presidente da Província, para averiguar os fatos. Desse modo, o relatório enviado a presidência da Província ressaltava que,

"É inteiramente inexato que tenha sido por três vezes assaltada a povoação de Rivera do *Estado Oriental*, por quadrilhas de brasileiros organizadas na vila de Sant' Ana do Livramento com a proteção das respectivas autoridades, como afirma o chefe político de Taquarembó em seu ofício de 27 de abril do corrente ano, que serviu de base às reclamações constantes das mencionadas notas. A povoação de Rivera tem sido, é verdade, por vezes assaltada, e vários conflitos tem ali havido entre as forças legais e a dos revoltosos intitulados Blancos, mas as autoridades de Sant'Ana do Livramento nada tem que ver com esses conflitos, a menos que se não queira obrigar essas autoridades a intervir na pacificação da revolta que aflige aquele país, o que seria sumamente singular. Como é sabida, a povoação oriental, de que se trata, fica tão unida a de Sant'Ana que os habitantes de ambas as povoações vivem na mais perfeita convivência e como se fossem um só povo, e daí que nasce naturalmente o equívoco em que labora o chefe político daquela vila e às suas autoridades a paternidade de tais conflitos, aliás promovidos pelas forças rebeldes, que ainda hoje se acham ocupando a povoação de Rivera"²⁵

²³ PINTOS, Barrios, Aníbal. *Rivera en el ayer*. Rivera: Minas, 1963, p. 25.

²⁴ Idem, p.167.

²⁵ CAGGIANI, Ivo. *Sant'Ana do Livramento – 150 anos de História*. 2º Vol., Santana do Livramento: Editora Museu Folha Popular, 1984, p.17.

O caso foi dado por encerrado pelo governo uruguaio, que reconheceu o comando das desordens pelo oriental Castro Perdomo, residente em Sant'Ana, auxiliado por um brasileiro e partidários de Aparício Saraiva, líder blanco.²⁶ Nova invasão a Rivera voltaria a acontecer em 23 de agosto de 1893, durante a Revolução Federalista, - quando os oposicionistas a Floriano Peixoto e, especialmente, a Julio de Castilhos, se levantaram em armas. Desta vez, a novata república brasileira arcou com a indenização, tendo de reconhecer os excessos da força governista, comandada pelo capitão e chefe político santanense, João Francisco Pereira de Sousa, e seu irmão Bernardino Pereira, que perseguiram os revoltosos Rivera adentro, tendo sido assassinados um tenente uruguaio e um funcionário da Aduana. Ivo Caggiani anota que o jornal riverense *Las Noticias* registrou o incidente, indicando o fato como acontecido em 25 de agosto, data da independência uruguaia:

*"VIOLACION DEL TERRITORIO NACIONAL, SAQUEOS, DEGÜELLOS Y FECHORÍAS - En la noche del 25 de agosto , invadieron nuestro país por la parte Oeste de esta población, fuerzas legales brasileras, en crecido número. Se diseminaron por grupos en un radio de cerca de dos leguas en suelo oriental, saqueando varias casas, arrancando de ellas a los hombres que hallaron, degollaron a Eliseo Cabrera, Juan Rivero, Gerónimo Díaz, Manuel Lino Pereira, Constancio Alves, Francisco Castillo, Cándido Ferreira, hirieron a Juan Machado de tres balazos, dejando atado a Laurindo Bentos; secuestraron al Brasil a varios individuos de los que unos se escaparon, otros fueron sueltos y de otros nada se sabe, estruparon una menor y praticaran toda clase de fechorías. De los degollados algunos eran orientales; a cinco de las víctimas les cortaran una oreja, y al oriental Gerónimo Díaz las dos; unos fueron hallados en territorio nacional, y otros en el Brasil, sobre la línea. (...) ULTIMA HORA - Acaba de comunicarse que fue anoche muerto por los brasileros el teniente del Regimiento 4 de Caballeria D. Silvestre Cardozo. Se nos dice que anoche fue muerto el empleado de aduana D. Medardo González".*²⁷

As *fechorías* - ou maldades - seriam exercidas mais uma vez e com força redobrada contra os exilados da Revolução Federalista. Opositores ferrenhos do governo Julio de Castilhos, derrotados em 1895, os desterrados federalistas editavam dois jornais em Rivera. Dali, em uma singularidade política dessa relação de fronteira, propagavam ferozes críticas tanto ao Castilhismo quanto aos Blancos. Em 1903, uma dissidência do partido *Blanco* colocou no poder o colorado José Batlle y

²⁶ Filho de pais brasileiros, nascido no Departamento de Cerro Largo, no Uruguai, Aparício Saraiva foi comandante dos lanceiros Maragatos, na Revolução Federalista que convulsionou o Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Líder do Partido Nacional (Blanco), comandou três revoluções contra o domínio dos Colorados, que desde 1865, ocupavam o poder político no Uruguai. Morreu em decorrência de ferimentos no combate de *Massoller*, na linha divisória de Santana e Rivera, em setembro de 1904. Irmão de Gumercindo Saraiva, líder Federalista, Aparício é cultuado herói entre admiradores uruguaio e brasileiros.

²⁷ *Sant'Ana do Livramento* – 150 anos de História. CAGGIANI, Ivo. Op.cit. p. 18.

Ordoñez, levando as regiões uruguaias comandadas pelos Blancos a um levante armado. Na fronteira, castilhistas e *Blancos* mantinham um equilibrado entendimento político, nas figuras dos caudilhos Abelardo Márquez, chefe político uruguaio, e o coronel João Francisco Pereira de Souza, republicano. A esse respeito, Ivo Caggiani lembra que,

Interesses recíprocos dos governantes do Rio Grande do Sul (castilhistas) e do Partido Nacional (blancos) fomentaram uma "entente cordiale" entre ambos. A tal ponto chegou essa verdadeira aliança blanco-castilhista, que o Partido Nacional recebia, abertamente, de Julio de Castilhos (através do coronel João Francisco Pereira de Souza) valioso auxílio em armas e munições.²⁸

À frente do jornal *O Maragato*, destacava-se o líder federalista Rafael Cabeda, que mantinha junto a Rodolfo Costa, uma linha combativa que não poupava os desmandos de João Francisco, no lado brasileiro da região, ou os excessos do blanco Abelardo Márquez, qualificado pela pena de Cabeda como "simples tropeiro, elevado de um momento a outro por uma cruel ironia do destino, à posição de chefe político de um dos mais importantes departamentos fronteiriços". O descontentamento dos Blancos e Republicanos com a atuação de Rafael Cabeda, Rodolfo Costa e Paulino Vares, editor de *O Canabarro*, levou ambos grupos políticos a um pacto de perseguição e agressão aos exilados. O resultado foram mortes e atos de violência, deflagrados a partir da madrugada de 16 de março de 1903. Prestes a encampar uma guerra civil contra os Colorados, autoridades de Rivera deram início a uma verdadeira caçada aos maragatos²⁹ exilados em Rivera.

Desde o anoitecer do dia 15 corria nas duas cidades que "O Maragato", então o mais visado, seria atacado. Na Chefatura de Rivera havia grande movimento bélico. A "Guarda Urbana" fora, inclusive, aquartelada. Por precaução, Rafael Cabeda e Rodolfo Costa trataram da defesa da redação e oficinas do jornal, ainda que acreditassem tratar-se apenas de mais uma ameaça das que já se haviam acostumado a receber. Pouco antes da meia noite encontravam-se reunidos ali dezoito voluntários, velhos e dedicados combatentes federalistas, entre os quais incluíam-se os funcionários d'O Maragato, precariamente armados, mas com a firme decisão de enfrentar a situação até as últimas consequências. Aproximadamente às duas e meia da madrugada do dia 16, um contingente da Guarda Urbana, fortemente armado, foi postado em frente ao jornal, enquanto que forças do Caty, paisanos sob as ordens de Gentil Gomes (irmão do intendente Ataliba José Gomes) e a guarda aduaneira, sob o comando do auxiliar Justino Torres, tomavam posição sôbre a linha divisória.³⁰

²⁸ Idem, *Ibidem* p.21.

²⁹ Os federalistas, chamados Maragatos, adeptos de Gaspar da Silveira Martins, levantaram-se em armas, em 1893 contra os partidários de Julio de Castilhos, do Partido Republicano Riograndense, apelidados de Chimangos. O confronto se repetiria em 1923, desta vez tendo como líderes Joaquim Francisco de Assis Brasil (Federalista) e Antônio Augusto Borges de Medeiros (Republicano).

³⁰ *Sant'Ana do Livramento* – 150 anos de História. CAGGIANI, Ivo. Op.cit. p.22,25.

Seguiu-se uma intensa fuzilaria, onde os homens da Guarda Urbana foram repelidos pelos combatentes acantonados no Maragato, enquanto durou-lhes a munição. Sem chances de resistir, ainda assim os trabalhadores da tipografia não aceitaram as garantias de segurança ofertadas pelos Blancos, que diziam estar atrás apenas de Rafael Cabeda e Rodolfo Costa. O que ocorreu, no entanto, mostrou as reais intenções dos agressores,

Esgotada a munição, os defensores d'O Maragato empreenderam a retirada, abandonando a tipografia e procurando abrigo nos prédios vizinhos. Nem todos, porém, conseguiram refúgio seguro, sendo muitos deles aprisionados. Nessa oportunidade, procurando evadir-se, o preto Francisco foi atingido por diversas descargas, caindo sem vida em frente à Livraria La France. Do pessoal que defendia o prédio atacado, apenas fora ferido o tipógrafo Pedro Caranta, administrador das oficinas do jornal, que, sem condições de fugir, ocultou-se dentro de uma grande caixa que servia para guardar o papel. Quando os blancos conseguiram entrar foi ele descoberto e ali mesmo degolado. Boaventura Izaguirre, julgando-se inseguro no local onde se encontrava, saiu à rua e investiu sobre a linha divisória, na esperança, talvez, de atingir a guarda que custodiava a Alfândega (localizada onde hoje se encontra o Varejo Sayon), mas foi alvejado várias vezes. Antes de cair mortalmente ferido quase na esquina da Avenida Tamandaré, matou com certo balázio ao jovem Pedro Curvello, de apenas dezessete anos, e que integrava o contingente civil às ordens de Gentil Gomes. [...] Ali mesmo Boaventura Izaguirre foi degolado pelo tenente Conceição Coronel, pertencente às forças do Caty.³¹

Rafael Cabeda escondeu-se no sótão da casa de seu cunhado, David da Silva, que, enfermo de tifo, corria sérios riscos em meio aos justiciamentos promovidos pelos blancos. Rodolfo Costa procurou abrigo dentro de um rolo de arame farpado na casa comercial de Francisco Iriondo. Paulino Vares foi capturado e solto no dia seguinte, mas teve a oficina tipográfica destruída pelo fogo. A sorte de Rafael Cabeda, entretanto, ainda estava em jogo. Ivo Caggiani acrescenta a seu relato o depoimento do ex-senador e jornalista uruguaio Alfredo Lepro, que em 1932 descreveu o que se seguiu a chacina, nas páginas do jornal riverense *Tradición Colorada*.

Em seu relato diz o jornalista que, embora fosse do comentário popular que Rafael Cabeda teria fugido de seu esconderijo vestido de mulher, nada de verdadeiro continha a versão. Foi a atuação decisiva de Carmen Cabeda Silva, irmã do tribuno federalista e mulher de David da Silva, que mudou o rumo do plano homicida de João Francisco e Abelardo Márquez. Em meio ao tumulto da hora, entre tiros perdidos, homens intimidantes e toda a sorte de perigos para Colorados e maragatos, Carmen

³¹ Idem, *Ibidem*, p.25

Cabeda Silva foi pedir a proteção ao Coronel Alfredo Barbosa, chefe da Guarnição Militar de Sant'Ana para seu marido.

Rafael Cabeda estava fora da pauta. Mesmo que a não intervenção das forças federais nas políticas locais fosse a norma, o pedido foi aceito e Rafael Cabeda acabou detido nas dependências do Exército, livrando-se da chacina. Quando o calor da hora passou, voltou a Rivera sob um salvo-conduto. O evento reforça o caráter ambíguo dessa cultura política de fronteira, onde contar com uma rede de apoio em ambos os lados da linha divisória fazia parte de um conjunto de experiências determinantes para a sobrevivência. Em 1964 essa rede de apoios iria se repetir, mesmo que sob outra conotação de alianças.

1.3 - A fronteira através da literatura.

Desde os primeiros delineamentos, a linha de fronteira caracterizou-se como um elemento de vulnerabilidade natural, transformando-se em lugar de refúgio político e local de abrigo aos contrabandos de gado e mercadorias, que ainda hoje marcam o cotidiano da região. O simples ato de atravessar a linha imaginária da fronteira revelou-se desde então uma prática natural aos foragidos e degredados, reforçada através da literatura local, conforme relata o cronista santanense:

Ali, ocultou-se entre as macegas, pois sabia que o inspetor deveria passar por aquele local; quando o viu aproximar-se acompanhado de um praça da Brigada Militar, armado com uma "Winchester" o alvejou, matando-o, e a seguir atirou também no ordenança, ferindo-o em uma perna; feito isto, montou a cavalo e a rédea solta rumou para Santa Rita a fim de apanhar o trem para Cacequi. Chegou quase junto com o trem, apenas teve tempo de soltar a montaria e embarcar para com destino a Livramento-Rivera, nesta cidade, viveu muitos anos até a prescrição do crime.³²

Assim, o limite territorial como ideário de fuga acompanhou a região através dos séculos. O escritor argentino Ricardo Piglia reforçou essa concepção na obra, posteriormente transformada em filme de sucesso, *Plata Quemada*. Nessa história verídica, Piglia narra a saga de quatro assaltantes de banco, perseguidos pela polícia argentina, que se vêm encurralados em um prédio de Montevideu. A salvação possível, que não acontece, seria a fuga pela fronteira.

³² O autor refere-se ao caso específico do filho de um fazendeiro do 3º distrito do Ibicuí da Armada, que em 1935, após uma desavença com o inspetor local, armou uma emboscada seguida da morte desse policial. CARVALHO, Bittencourt de, Cirino. *Lendo o Passado*. Sant'Ana do Livramento: Edigraf, 1986, p.179.

Estaban esperando que se acalmara la tormenta e que Nando les mandara un contacto para cruzar por tierra al Brasil. Le prometieron mas (dinheiro) si los llevaba a la frontera, a Rio Grande do Sul, por el norte, por Santa Ana (do Livramento).³³

No imaginário literário do continente, a fronteira que teve por mérito abrigar uma série de escritores fundamentais, como José Hernandez, Jorge Luis Borges e Jorge Amado, encontra-se envolta em um misto de admiração, mistério e crueza. Jorge Luis Borges, considerado um dos maiores escritores contemporâneos, assinalaria em 1968, na obra *Nueva Antología Personal*, o seu fascínio por Santana do Livramento. Na complexa narrativa intitulada “*TLÖN, UQBAR ORBIS TERTIUS*”, onde o autor parte em busca de uma seita secreta, descoberta ao acaso em manuscritos, é na fronteira brasileira-uruguaia que ele vai encontrar pistas do “fantástico”, de uma terra ao mesmo tempo fascinante e perigosa, rude e bela,

(...) Tal fue la primera intrusión del mundo fantástico en el mundo real. Un azar que me inquieta hizo que yo también fuera testigo de la segunda. Ocurrió unos meses después, en la pulpería de un brasilero, en la Cuchilla Negra. Amorín y yo regresábamos de Sant’Anna. Una creciente del río Tacuarembó nos obligó a probar (y a sobrellevar) esa rudimentaria hospitalidad. El pulpero nos acomodó unos catres crujientes en una pieza grande, entorpecida de barriles e cueros. Nos acostamos, pero no nos dejó dormir la borrachera de un vecino invisible, que alternaba denuestros inextricables con rachas de milonga. Como es de suponer, atribuimos a la fogosa caña del patrón ese griterío insistente...A la madrugada, el hombre estaba muerto en el corredor. (...) Nadie sabia nada del muerto, salvo “que venía de la frontera”.³⁴

O morto fronteiro trazia nas mãos um objeto pesadíssimo, embora muito pequeno, que oferecia ao mesmo tempo a sensação de asco e medo. Assim surge a região da fronteira no imaginário borgiano, com um testemunho da intromissão do fantástico no mundo real. Nas palavras de Pimentel Neto, o Brasil (e essa fronteira) seriam para o escritor “uma região imaginária onde tudo é possível? Poderia ser isto uma visão do paraíso, entendido como um” país das maravilhas “onde bandidos, pastores, ébrios e magos compartilham o mesmo solo?”³⁵ É o próprio Borges quem busca nas lembranças de um assassinato presenciado na fronteira as cores para pintar a região, abrigo de idealistas e transeuntes, portal mágico de um sul caudilhesco e prenhe de belezas cruas,

³³ PIGLIA, Ricardo. *Plata Quemada*. Buenos Aires: Editorial Planeta, 1997. p.36.

³⁴ BORGES, Jorge Luis. “*Tlön, Uqbar, Orbis Tertius*” in: *Nueva Antología Personal*. México: Siglo Veintiuno Editores, 1986, p.90, 91.

³⁵ NETO, Aydano Pimentel de Almeida. *Entre espelhos e labirinto*, Op. Cit., p.81.

[...] Neste momento estou voltando a iniciar o descobrimento infinito, que é o descobrimento do Brasil. Eu o conheci, pela primeira vez, faz uns quarenta ou cinquenta anos, em Santana do Livramento, no Rio Grande do Sul, onde vi pela primeira vez – e espero que pela última – matarem a um homem, nessa violenta fronteira do Rio Grande do Sul, então terra de contrabandistas. Agora estou pensando já num poema sobre o Brasil [...].³⁶

Embora seja o assassinato a primeira referência ao ambiente de fronteira, que traz no cerne a violência, o contrabando e uma implícita “lei do mais forte”, Borges associa a região a uma Buenos Aires mítica, que já não mais existia, como nos dias de sua infância. Em entrevista a uma revista brasileira, pouco antes de falecer, o escritor reforça a impressão que a fronteira lhe transmitiu, quando por lá passou 10 dias, no final dos anos 40: “Em Santana do Livramento, por exemplo, toco uma autenticidade gauchesca mantida mais pura do que na Argentina ou no Uruguai: é uma forma que tenho de voltar ao passado da minha infância”.³⁷

Antes de Borges, outro escritor fundamental das letras argentinas também experimentou o abrigo de Santana do Livramento, mas como exilado. De abril de 1871 e fevereiro de 1872, José Hernández, o escritor de *Martín Fierro*, considerado marco da literatura argentina e latino-americana, se estabelece na fronteira, acompanhando o caudilho Ricardo López Jordán, que intentara um golpe contra o governo da província de Entre-Rios, assassinando o governador Justo José de Urquiza. O governo argentino reagiu aos acontecimentos e os rebeldes liderados pelo caudilho foram vencidos, buscando a fronteira brasileira para um exílio estratégico,

Por longo período, os argentinos irritaram-se com uma afirmação que consideravam mera demonstração da empáfia brasileira. Era-lhes muito ofensiva a idéia de que Martín Fierro, o *gaucho* por excelência, criação imortal de José Hernández, pudesse ter sido parido em Santana do Livramento, na região da Campanha do Rio Grande do Sul. Os vestígios deixados pelo poeta, entretanto foram dobrando a resistência. Em 1940, o jornalista J. M. Fernández Saldara, do jornal portenho La Prensa, perseguiu os rastros do poeta até a cidade brasileira, rompendo uma barreira — na Argentina, mencionava-se sempre rapidamente o exílio de Hernández no Brasil, eludindo-se arrogantemente o nome de Santana do Livramento. Hoje, praticamente não se duvida que a primeira parte do livro, publicada em Buenos Aires em dezembro de 1872, tenha sido escrita à mão numa caderneta de bolicho quando José Hernández se alojava num dos quartos da casa do comerciante espanhol Pedro García. O prédio ainda resiste, apesar de várias agressões, na esquina das ruas Rivadavia Correa e Uruguai.³⁸

³⁶ BORGES, Jorge Luis, citado em SCHARTZ, Jorge (org.) *Borges no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp. 2001. P.79

³⁷ Op.Cit p. 490

³⁸ CARLE, Ricardo. *Na divisa entre vida e literatura*. Caderno Cultura. Jornal Zero Hora. Porto Alegre. 28 de março de 1998.

Na cidade, Hernandez conviveu com Lopez Jordan e outros combatentes envolvidos diretamente no assassinato de Urquiza, como Juan Pirán e Pedro Aramburú.³⁹ Em Santana do Livramento, Hernandez participou ativamente do *cuartel general* montado por Lopez Jordan, que não poderia estabelecer-se no Uruguai devido ao apoio que dera aos revolucionários blancos de Timóteo Aparício⁴⁰. Na fronteira, os exilados tramavam um novo levante contra o presidente argentino Domingo Faustino Sarmiento.

Pelas diligências que faziam a linha regular de Sant’Ana do Livramento a Paysandu e Salto, no Uruguai, chegavam e saíam correspondências mantendo o caudilho em contato com seus companheiros exilados de outras localidades. Emissários iam e vinham, trazendo notícias da Província de Entre Rios ou trazendo instruções para os jordanistas que aguardavam a palavra de ordem de um novo movimento armado contra o todo-poderoso Sarmiento.⁴¹

O levante armado de Jordan só viria a acontecer nos primeiros meses de 1873, tendo Hernandez desfrutado o tempo necessário para dar início a sua obra mestra: “Martín Fierro”. Envolvido com a vida cidadina, assim como os demais exilados, que tiveram uma ótima receptividade da população, entre a conspiração política e a literatura,

Contava-se que, nos momentos de ócio Hernández ia para a Praça Caxias (atual General Osório), e sentava-se nas proximidades do local onde agora está alojado seu busto. Sob as frondosas árvores, ele buscava a inspiração para contar a história do gaúcho valente e justo que combatia a injustiça, movido por seu próprio código de conduta. O idealismo do poeta também teria deixado rasgos na vida social de Livramento. O surgimento, logo depois de sua partida, da loja maçônica Caridade Santanense, seria um legado da militância de Hernández.⁴²

Já no Estado Novo, seria o escritor Jorge Amado, outro expoente da literatura latinoamericana, que se valeria dos préstimos da fronteira para dar continuidade a seu ofício no exílio. Preso em 1939 e com suas obras proibidas desde 1937, Amado exilou-se em Montevidéu, não sem antes estabelecer contato com os camaradas da

³⁹ “López Jordán era el último caudillo, defensor quijotesco de una causa política, de un sistema de vida social y económico en las provincias argentinas que entaba ya en el ocaso irremediable de su destino. Era federal y autonomista sin concesiones [...] Su prestigio pues, sobre los criollos comarcanos era indiscutible Audaz y valiente hasta la temeridad. Jefe prestigioso de la conducción de la guerra gaucha”. (BIANCHI, E. Martín Fierro, un poema de protesta social. Buenos Aires. 1952. p.32. In: CAGGIANI. I. *Sant’Ana do Livramento – 150 anos de História*. 2º Volume. Santana do Livramento: Aspes/Museu Folha Popular, 1984, p.163.

⁴⁰ “Entre 1870 y 1872 Timoteo Aparicio encabezó una revolución contra el Presidente Gral. Lorenzo Batlle, que fue llamada “la revolución de las lanzas” porque fue la última lucha civil en que la lanza fue el arma principal, antes de la generalización de las armas de fuego, primero la carabina Remington y luego el fusil Mauser”. Sitio <http://www.escueladigital.com.uy/biografias>, acessado em 20.08.2007.

⁴¹ CAGGIANI. Ivo. *Sant’Ana do Livramento – 150 anos de História*. 2º Volume., Op. Cit., p.164.

⁴² CARLE, Ricardo Op; cit.

fronteira. Recebia especial atenção do livreiro Farias, que alimentava com livros e publicações brasileiras o seu ofício de escritor, desterrado na capital uruguaia. No exílio Jorge Amado escreveu o livro sobre a trajetória de Luis Carlos Prestes, *O Cavaleiro da Esperança*.

1.4 - Excludente através das décadas

Desde sua emancipação de simples povoação com características militares a município, Santana do Livramento manteve características de sociedade estratificada, em que as grandes famílias, detentoras do latifúndio rural, exerceram o poder político local, alinhando seus interesses de classe aos da administração pública. Ernesto Levy, santanense e líder estudantil exilado em Montevideu em 1969, entende que as condições econômicas e políticas da fronteira pouco se alteraram com o passar das décadas. Para esse ator político local, a cidade ainda mantém traços do caudilhismo exacerbado que marcou a região desde seus primórdios, com uma característica militarista e de subordinação entre as classes. Apesar da gradual perda de poder econômico do latifúndio e a quebra de um braço industrial importante como o Frigorífico Armour, as famílias latifundiárias detentoras do poder econômico sempre mantiveram o *status* de classe alta na fronteira. Essa relação de forças, que por determinados momentos contrapôs grandes lideranças da esquerda a uma organização do poder oligárquico que sempre trazia já as sementes do que seria a UDR (União Democrática Ruralista), pendeu para o lado conservador chegando ao golpe de 1964, com seus atores bem identificados. Conforme lembra Ernesto Levy, se o latifúndio criou uma base econômica, por outro lado nunca demonstrou um compromisso social. “Eram grandes fazendeiros, grandes exportadores, que criaram os grandes monopólios da carne e da exportação. Mas nunca investiram na cidade. Famílias que tiveram mil terrenos e imóveis. Chegavam a comprar mil imóveis, e nunca investiram nada na cidade”.⁴³

A atividade pecuária e os grandes latifúndios ganharam novo impulso com a consolidação na fronteira do Frigorífico Armour, de capital majoritariamente norte-

⁴³ LEVY, Ernesto. Advogado santanense, líder estudantil. Santana do Livramento. Entrevista concedida ao autor em 21/07/2006.

americano. O negócio aconteceu em 1918, depois que o uruguaio Don Pedro Irigoyen vendeu sua *Saladeria*, estabelecida em Sant’Ana do Livramento, para o grupo multinacional. Para a escolha do município foi decisiva sua posição fronteiriça, que oferecia uma linha férrea bem estabelecida no Uruguai, o que permitiria um escoamento dos produtos derivados da carne diretamente para os mercados mundiais, pelo Porto de Montevideú.

O poder dos grandes trustes norte-americanos da carne se expandia pela América Latina desde o início do século, e consolidava nas primeiras décadas um poder regional que atravessava a fronteira dos Estados.

Em 1907 a Companhia Swift comprou o Frigorífico La Plata na Argentina, sendo que no ano seguinte, o La Blanca foi comprado por uma sociedade das firmas Armour, Swift e Morris [...] Em 1911, no Uruguai, a Swift comprou o Frigorífico Montevideú, e em 1917 o Frigorífico Artigas, que se havia consorciado com a Armour e Morris, passou a ser propriedade desse conglomerado. Em 1918, o *Packers* de Chicago possuíam seis frigoríficos no Brasil, dois em São Paulo e quatro no Rio Grande do Sul – Swift, Armour e Wilson – o primeiro em Rio Grande e Rosário, os outros dois em Sant’Ana do Livramento. No dia 4 de julho, aniversário da independência dos Estados Unidos, foi realizada uma festa de inauguração da Companhia Armour em Livramento, no Clube Comercial. O sr. Hamford Finney, presidente da firma americana na cidade, ao discursar aos santanenses prometeu “os mercados do mundo” para os produtos da empresa.⁴⁴

Com um novo e definitivo impulso econômico, a região assistiria a chegada de novos trabalhadores oriundos principalmente da Itália e Espanha, vindos pelo Porto de Montevideú. Pedreiros com alta qualificação, especialistas em panificação, marceneiros e ferreiros, tinham em comum uma posição política inovadora para os padrões da região. Valorizavam a união dos trabalhadores em agrupamentos por categorias, adeptos das idéias anarquistas e posteriormente das emergentes lutas socialistas. Ernesto Levy relembra do princípio da organização sindical em uma fronteira que definiu como “absolutamente excludente”:

[...] Tanto é que um fato interessante é que a primeira base do partido comunista do Brasil foi em Santana do Livramento. Porque houve uma briga entre um grupo anarquista, com a formação em Livramento do primeiro grupo comunista. E aí, entre famílias do Rio Grande do Sul e aqui se formou o grupo comunista. Italianos e espanhóis e que vieram trabalhar na Swift Armour, principalmente pedreiros, carpinteiros, gente qualificada que aqui não tinha. Aqui só sabiam trabalhar com couro, não é? [...] em 1931 Lucio Soares Neto veio para cá e dirigiu a primeira tomada de terra em Santana do Livramento, em 1947, que foi a primeira desapropriação de terra no Rio Grande do Sul. Isso deu base para a constituição estadual, em 1946, na qual Leonel Brizola era constituinte, de fazer um pagamento para as desapropriações. Foi a primeira no Rio Grande do Sul, contra a Swift Armour, e a formação de colônias de trabalhadores rurais. Dirigidos por líderes como Astrimônio de Melo, foi um choque muito

⁴⁴ ALBORNOZ, Vera Lima Prado. *Armour*, Uma Aposta no Pampa. Santa Maria: Palotti, 2000, p. 93.

grande entre a extrema direita, composta por ingleses, depois norte-americanos, representantes de Governo. E aqui como zona de fronteira, uma luta ideológica muito grande.⁴⁵

Nesse contexto surge a figura do líder sindical Santos Soares⁴⁶, que viria a criar em 1918 uma das primeiras ligas comunistas do país, antes mesmo da fundação oficial do Partido Comunista Brasileiro, em 1922. A liderança de Santos Soares cresceu durante a primeira greve que eclodiu nos frigoríficos Armour e Wilson, a 13 de março de 1919. A pauta de reivindicações exigia redução da jornada de trabalho de dez para oito horas, aumento de salários para os trabalhadores braçais e um ganho de 25% para os salários das mulheres. Também pediam a instituição de horas extras para o trabalho nos domingos ou fora de horário. O evidente desalinho entre as leis trabalhistas vigentes no Uruguai e no Brasil ganhava nova conotação no ambiente de trabalho do frigorífico. Ali, trabalhadores uruguaios, brasileiros e de outras nacionalidades submetiam-se a um ordenamento laboral arcaico e injusto. Do outro lado da linha divisória, no entanto, os trabalhadores uruguaios viviam a plena vigência das idéias preconizadas pelo presidente José Batle y Ordóñez, que criara a partir de seu primeiro mandato, em 1903, uma série de normas legais de proteção aos trabalhadores, posteriormente reforçadas pela Constituição de 1917, que incluía jornadas de trabalho de oito horas, indenização por acidentes de trabalho, licença maternidade, proteção aos idosos e inválidos e a intermediação estatal em casos de conflitos laborais. Em contraposição, no Brasil as reivindicações dos trabalhadores ainda eram tratadas como caso de polícia. A imbricada ligação entre os movimentos de trabalhadores brasileiros e uruguaios expunha com clareza as disparidades que acometiam os operários de um lado ou outro da linha divisória.

O potencial explosivo dessa experiência distinta atravessava a linha de fronteira e ganhava um contorno central nessa cultura política que se desenhava, somando-se a forte influência anarquista que muitos operários argentinos, uruguaios e espanhóis alimentavam. Os ecos dessas novas demandas políticas já estavam estampados no

⁴⁵ LEVY, Ernesto. Entrevista citada.

⁴⁶ Santos Soares, pedreiro, nascido em Santana do Livramento, teve sólida atuação na organização dos trabalhadores locais a partir do final da década de 10. Posteriormente aderiu ao comunismo e foi figura central na luta sindical dos trabalhadores do Frigorífico Armour, Cervejaria Gazapina e segmentos varejistas da cidade. Faleceu em 1951.

jornal anarquista *A Evolução*⁴⁷, impresso em português e espanhol em Santana desde 1911. Nesse contexto cresceria a influência aglutinadora de Santos Soares, fortalecida pelo emergente movimento comunista e a liderança nacional de Luis Carlos Prestes. Em um raro testemunho sobre as atividades políticas de Santos Soares, o jornalista e militante comunista Isaac Akcelrud anotou:

Na folha de serviço de Santos Soares à causa do proletariado inscreve-se em relevo a sua atuação como organizador e dirigente da primeira greve contra uma empresa imperialista no Rio Grande do Sul. Foi a greve dos trabalhadores do Friogorífico Armour. Organizada a liga, Santos Soares não permitiu que os comunistas se fechassem num estreito círculo sectário (...) com palavras simples utilizando a própria experiência dos trabalhadores, Santos Soares organizou uma verdadeira campanha de sindicalização. Surgiram organizações sindicais de diversas profissões. Nas assembleias, um jovem tribuno operário inflamava as massas. Aos 28 anos, Santos Soares era um líder querido dos trabalhadores, reconhecido como seu chefe. Ele não perdia oportunidade e não desprezava nenhum setor. Operários da construção civil, padeiros, pequenos contingentes de trabalhadores de diversas profissões ele unia e organizava em seus respectivos sindicatos e no sindicato de ofícios vários.⁴⁸

Hélio Santana Alves, militante comunista na fronteira desde 1946- quando deixou a propriedade rural da família em Rivera e veio para a cidade - relembra da organização sindical mantida pelos PCs, brasileiro e uruguaio, como uma unidade que desconhecia divisões nacionais:

Para se analisar a situação da fronteira naquela época, era como se fosse um partido só. Tanto se militava no partido brasileiro como se militava no partido uruguaio. Onde havia um ato do partido iam quase todos das duas cidades. Aos grandes atos do partido comunista brasileiro, compareciam os comunistas do partido uruguaio, e assim também do outro lado. Mas o fundamental para mim, é que o marxismo-leninismo vinha de Santos Soares, que muitas vezes dava aula no partido comunista uruguaio. Foi o único elemento que mais se aproximou do marxismo naquela época.⁴⁹

Ele relembra de Santos Soares como o legítimo líder marxista em meio ao “esquerdismo” ralo, reinante naqueles dias entre os militantes do partido. Segundo o militante, a massa operária era herdeira das lutas dos maragatos, que acabaram por se alinhar com a diretriz comunista, a partir do final da década de 1910,

Eu sempre tive, na minha concepção, que nós não entendíamos de marxismo-leninismo, nós entendíamos de esquerdismo. Marxista era esse velho, Santos Soares, que mesmo com a saúde

⁴⁷ O historiador Ivo Caggiani assinala essas diferenças em *Cadernos de Sant'Ana do Livramento*. 150 anos de história. 2º Vol., Santana do Livramento: Editora Museu Folha Popular, 1984, p.55.

⁴⁸ Akcelrud, Isaac. Revista Problemas, nº 39, Rio de Janeiro, 1952. Apud: MARÇAL, João Batista. *Comunistas Gaúchos*. Porto Alegre: Editora Tchê, 1986. p.119.

⁴⁹ Helio Santana Alves militou ativamente nas bases sindicais do PCB santanense a partir de 1946, influenciado por Santos Soares. Sobrevivente da chacina que vitimou quatro militantes comunistas em 1950, manteve-se ligado aos preceitos comunistas até sua morte, aos 96 anos, em 2008. Entrevista concedida ao autor em 21/02/2006.

abalada, dava orientação de cima da cama. Todos os operários de fábrica e padaria lidavam com ele. Tinha mil e tantos operários militantes, entre o Armour, a Padaria Aragonez e outras, uma quantidade enorme. Foi um baluarte das lutas políticas entre Santana do Livramento e Rivera. Tinha uma biblioteca marxista, que era notável que um operário tivesse uma biblioteca tão perfeita!⁵⁰

1.5 - A FUG conspira em Rivera.

Em 1932, por ocasião da Revolta Constitucionalista, a fronteira viria a abrigar novos exilados. Se em Rivera reuniam-se os remanescentes da FUG (Frente Única Gaúcha), refratários ao regime de Vargas e seu interventor no Rio Grande do Sul, Flores da Cunha, por Santana passariam os dissidentes do golpe promovido pelo Colorado Gabriel Terra, em 1933. Entre os insurgentes constava a liderança de Waldemar Ripoll, advogado e jornalista, membro do Partido Libertador⁵¹, que procurava articular desde a cidade uruguaia uma reação armada contra o poder central, e em última instância, contra o governo Flores da Cunha. Um acordo entre os ditadores da ocasião, Getúlio Vargas no Brasil e Gabriel Terra no Uruguai, colocaria mais uma vez o grupo brasileiro exilado sob a vigilância das forças policiais da fronteira.

A presença de paulistas e gaúchos exilados no Uruguai, ao final da fracassada revolta de 1932, não foi um acontecimento acidental. Na verdade, o Uruguai caracterizou-se historicamente por ser o refúgio de grupos políticos dissidentes, ou contrários aos governos situacionistas no Rio Grande do Sul ou no Brasil. A diferença (...) refere-se ao apoio recíproco entre os governos nacionais dos dois países, que trocavam informações e vigiavam os exilados do país vizinho, ao mesmo tempo em que articulavam tratados de restrição da mobilidade, permeabilidade e complementaridade que ocorriam na região de fronteira.⁵²

Expoente do Partido Libertador, Waldemar Ripoll tomou parte no levante gaúcho de 1930 que colocou Vargas no centro do poder da república, em uma união com o Partido Republicano Riograndense (PRR), alinhados na Frente Única Gaúcha (FUG). O pacto não durou o tempo necessário para que as disputas políticas internas

⁵⁰ Helio Santana Alves. Entrevista citada.

⁵¹ O partido Libertador foi fundado em 1928 por antigos partidários do Partido Federalista do Rio Grande do Sul. Em 1929 alia-se ao Partido Republicano Riograndense e leva Getúlio Vargas ao poder, na Revolução de 30. Em 1932, seus partidários rompem com Getúlio e partem para o exílio depois do fracasso da revolta constitucionalista.

⁵² RANGEL, Carlos Roberto da Rosa. *A conspiração revolucionária da oposição brasileira a Vargas no Prata*. s/d. p.3..

amainassem, e parte expressiva da FUG, salvo o interventor Flores, se alinhasse com os rebeldes paulistas, que pediam a Constituinte e a volta do estado de direito.

No centro da conspiração fronteiriça encontrava-se Waldemar Ripoll, que acalentava o sonho de revolucionar o país, ou, se não fosse possível, ao menos o Rio Grande do Sul. Uma aliança estratégica entre as ditaduras de Vargas e Gabriel Terra, no entanto, mantinha o contingente de revolucionários de ambos os lados, sob vigilância constante. Um movimento armado contra o ditador uruguaio vinha sendo alimentado em Santana do Livramento, do lado oposto à trincheira mantida pelos rebeldes brasileiros. Nesse contexto, o congresso do Partido Libertador acontece em 1933, na cidade de Rivera, sob a vigilância de agentes brasileiros infiltrados, que vinham à fronteira reconhecer lideranças militares exiladas, sob a anuência do governo Terra.

A cidade uruguaia mais uma vez desempenharia uma função essencial no reagrupamento dos insurgentes. O plano de retornar ao Estado por uma via revolucionária logo foi abandonada pelos companheiros de Ripoll, com a adesão gradativa dos revoltosos paulistas à política de reaproximação promovida pelo Governo Vargas. O jornalista viu-se cada vez mais isolado, vigiado de perto pelos agentes da polícia de Flores da Cunha, que promoveria a morte de outros militantes gaúchos. O comunista Mário Couto, líder sindical, seria assassinado em plena luz do dia, durante uma greve da Companhia Carris, em Porto Alegre, em 17 de janeiro de 1935. Da mesma forma, em 13 de outubro daquele mesmo ano, foi morto o advogado Aparício Córa de Almeida, militante comunista, secretário da Aliança Nacional Libertadora no Rio Grande, colega e conterrâneo de Ripoll. O destino do jornalista e ideólogo do PL não seria diferente. Assassinado em Rivera a golpes de machado, enquanto dormia, a 31 de janeiro de 1934, a morte de Waldemar Ripoll reforçou mais uma vez a fragilidade da linha de fronteira enquanto salvo-conduto político.

No conto de Humberto Setembrino Carvalho, advogado e militante comunista, o destino de Ripoll é retratado na ficção, reverenciado como o de um injustiçado, idealista, que teve de fugir das garras da ditadura e da oligarquia rural que denunciava, e iria encontrar a morte, em um crime político que não seria novidade naquela fronteira:

Waldemar desafia governos e poderosos. Desafios, sempre os desafios. Uma constante em sua vida. Acadêmico, presidiu a Federação de Estudantes, lutando pela implantação de uma universidade no Estado. Na Revolução de 30, comandou a tomada do edifício dos Correios e Telégrafos, em Porto Alegre. Vitoriosa, aquela revolução, ardentemente desejada, fora traída. Não se implantara o estado de direito, dominara-a a ditadura. A procrastinação contínua de uma nova lei fundamental que institucionalizasse os ideais de 30 levou-o à Revolução de 32, também traída no Rio Grande do Sul. O esforço de Cerro Alegre fora vão. Seguiu-se a derrota. As prisões em Porto Alegre e no Rio de Janeiro. O navio e o exílio. Lisboa. Depois, a volta, clandestina. Antofagasta, Buenos Aires, Montevideu e Artigas. Finalmente, Rivera. As lutas intestinas da Frente Única, onde se reuniam os exilados. A aceitação da anistia ou a volta pelas armas? Mais desafios... As lutas internas da Frente foram se aguçando de tal sorte que Waldemar teve de se afastar do hotel, onde residia com seus companheiros, para não romper com os amigos, alugando a casa da *calle Brasil*. O afastamento da coletividade dos exilados resultava em perigo à sua segurança. Os inimigos já haviam tentado matá-lo em plena avenida principal de Rivera e à luz do dia. Agora, morava com o Corrêa, que ontem viajara, ficando com o João, um "sordado véio do general Honório Lemes", como o próprio João se apresentara, acolhido como caseiro, a quem passou a se referir, bondosamente, como "o meu secretário".⁵³

Por ironia, seria o caseiro acolhido pelo espírito solidário de Waldemar Ripoll, o autor do crime que chocou a opinião pública gaúcha. Por trás da tragédia, recaiam as suspeitas sobre o chefe da Polícia Aduaneira de Santana, Camilo Alves da Silva, acusado de mandante. Homem forte de Chico Flores, irmão do governante do Estado, José Antônio Flores da Cunha, Camilo comandava a rede do "contrabando oficial" na região, ou seja, administrava para si e os seus apaniguados os negócios ilegais através da linha de fronteira, agindo com mão de ferro contra seus opositores.⁵⁴ Por ironia, pouco menos de três anos depois, seria o próprio Flores da Cunha quem viria buscar em Rivera a porta de entrada para o exílio. Deposto pelo presidente e ex-aliado, Getúlio Vargas, Flores "de madrugada cruzou a linha divisória que separa Santana de Rivera e foi se exilar no Uruguai. Estava finalmente aberto o caminho para Getúlio Vargas, duas semanas depois, valendo-se de um forjado Plano Cohen, instaurar a ditadura do Estado Novo no Brasil".⁵⁵

⁵³ CARVALHO, Humberto Setembrino Correa de. *Ponaim, Canto e Morte*; ou Um conto, um tanto fantástico, sobre um fato histórico, com elementos de Tragédia. Conto inédito, s/d. Arquivo do autor

⁵⁴ "O patronato político local de Santana do Livramento estava representado pela família Flores da Cunha desde 1910, tornando-se Livramento um reduto do situacionismo republicano [...] O coronel Francisco Flores da Cunha, conhecido como Chico Flores, era irmão de José Antônio e próspero fazendeiro sobre quem pesava sérias suspeitas de envolvimento no contrabando de gado e manipulação da polícia aduaneira a seu favor. In: RANGEL, Carlos Roberto da Rosa. *Crime e castigo. Conflitos Políticos no Rio Grande do Sul (1928-1938)*. Passo Fundo: Editora UPF, 2001, p.47.

⁵⁵ SCHIRMER, Lauro. *Flores da Cunha: de corpo inteiro*. Porto Alegre:RBS Publicações. P.55.

1.6 - A chacina dos comunistas.

Em setembro de 1950 a fronteira viveria um novo episódio da truculência policial, de proporções ainda maiores. O caso ficaria conhecido nacionalmente como *O chacina dos quatro A*. O assassinato de quatro militantes do Partido Comunista – Aladim Rosales, Ary Kulmann, Aristides Correa Leite e Abdias da Rocha ocorreu no Largo do Parque Internacional, uma extensa área verde, urbanizada e localizada na fronteira dos dois países, metade em território brasileiro e metade em terras uruguaias. Pois foi nesse local privilegiado e cultuado do lazer fronteiriço, o centro vivo da região, que na noite de 24 de setembro de 1950, deu-se a tragédia. Em Santana, os comandos da repressão encontravam-se nas figuras de Eleú Gomes da Silva, comandante da Brigada Militar, Ciro de Abreu, comandante do Exército e do delegado da polícia civil, o polêmico Zacarias, alcunhado zombateiramente por seus adversários de “galo de lata”. Lúcio Soares Neto, advogado ligado às causas populares era então o secretário do Partido Comunista.⁵⁶

O ponto inicial do episódio foi uma pixação, interrompida pela polícia. O ato político ocorreria em um tapume onde estava sendo construído o prédio do Palácio do Comércio, que posteriormente se consolidaria em um tradicional ponto comercial e de escritórios, em frente ao Parque e do lado brasileiro, a poucos metros da linha divisória. Os comunistas, reunidos em torno da sigla do Partido Republicano, apoiavam o candidato Solon Pereira Neto, recém convertido às fileiras socialistas, em sua corrida ao parlamento gaúcho. Na lembrança de Perseverando Santana, tradicional pecuarista da cidade, membro do PCB e testemunha dos fatos, a ação apanhou os militantes de surpresa, embora acontecimentos anteriores já prenunciassem um embate.⁵⁷

Cerca de dez policiais, entre civis e militares, encontravam-se no grupo que chegou atirando. À frente, estava o inspetor Castilho. Um dia antes do conflito, policiais haviam apagado outras pixações e ameaçado os militantes. Durante o

⁵⁶ Lúcio Soares Neto chegou em Santana em 1940, quando exerceu a defesa de Camilo Alves, chefe da alfândega e principal acusado do assassinato de Waldemar Ripoll. Posteriormente militou nas fileiras do PCB, exercendo a função de secretário. Abandonou o partido no início da década de 50, após o episódio da chacina.

⁵⁷ Perseverando Santana lembra que o clima tenso entre a polícia e os militantes, que já haviam sido advertidos em outra ocasião, demonstrava que o enfrentamento poderia ocorrer.

confronto, que aconteceu por volta das 22h, sete militantes faziam a segurança do grupo, sendo que cinco deles reagiram ao fogo com uma rápida troca de tiros. Conforme recorda Perseverando Santana, primeiro balearam Ari Kulmann. Hélio Santana Alves, que se confrontou com os policiais armados, brandindo nas mãos apenas um relho, levou um tiro nas nádegas. Aristides, filho de tradicional família de comunistas, dono de uma livraria, tinha apenas um pincel na mão, quando foi baleado no peito. O militante Santos Rodrigues também foi atingido e caiu ferido. O operário e líder sindical do Armour, Aladim Rosales levou um tiro “à queima roupa”. O militante quando viu seu companheiro, agarrou-se em um poste e disse: "estou gravemente ferido", caindo sem vida logo em seguida. Abdias, líder camponês das redondezas do frigorífico, caiu já dentro do Café Tupinambá, tradicional e concorrido reduto boêmio, com uma bala a lhe varar a boca. Ari Kulmann, ferido mortalmente, foi levado com vida ao hospital, e antes de morrer proferiu a sentença "É a luta doutor", adotada pelo escritor santanense Arlindo Coitinho como título para o livro onde rememora os fatos.⁵⁸

Perseverando Santana relembra de boatos que associaram a chacina a “uma mera disputa por uma mulher” entre Lucio Soares Neto e o delegado Zacarias. Entretanto, descarta tal hipótese, recordando-se da reunião anterior ao fatídico acontecimento, realizada na casa de Lucio, onde ficara decidida uma pixação aberta no Parque. A poucos metros do local, em solo uruguaio, Perseverando Santana e Sona Santana, sobrinho e tio, aguardavam o ponto certo de um pirão de cola, que seria usado para colar cartazes contra o integralista Plinio Salgado. Momentos antes, sentados em uma das mesas do restaurante Doña Maria, Perseverando, Sona e Ari Kulmann, que não estava escalado para a pixação, conversavam e aguardavam. Perseverando lembra que, em meio a um ambiente tenso, o companheiro Ari disse: "Tchê, vocês não tem um revólver? Sim, porque hoje vai se dar alguma coisa". Kullman decidiu então participar das pixações e “tomou” o pincel de Magalhães, que estava já preparado para o serviço. Na praça estavam escalados para dar segurança ao grupo os companheiros Olmos, Lucio Soares Neto, Hugo Negressauert, Doralino Trindade, Pedro Perez, Santos e Gusmão.

⁵⁸ COITINHO, Arlindo. *É a luta Doutor*. Porto Alegre: Renascença, 2001.

Conforme Perseverando:

Pouco tempo depois chegou um guri correndo avisando que havia acontecido um tiroteio. Fomos eu e Sona para lá, mas o conflito já tinha terminado. Ainda examinamos Hélio, para verificar se o balaço não tinha atingido algum órgão vital. A Brigada cercou o local, nos cercou e como estávamos do lado uruguaio da linha avisamos ‘Tamo no Uruguai seu!’⁵⁹

Hubert Echevi, militante que tinha sido demitido dois anos antes do Frigorífico Armour por sua atuação sindical, participava do grupo de apoio, encarregado da segurança aos companheiros. Ele recorda do clima tenso que a cidade vivenciara, e do momento em que o comitê estadual do partido deu sinal verde para o ato político,

Era época de eleição...e se supo que la policia ia tomar represalias, e se consultó a Porto Alegre e yo era uno, solo yo, que estava com Lucio quando recibí ordenes de que podian hacer pichamento legalmente, que estava todo determinado de que no ia passar nada. Entonces aí se resolvió hacer, se convocó a la gente toda e se fez, se começo a pichar [...]quando vê, somos surpreendidos pela polícia. E chegou atirando, insultando e atirando e matando. E matou quatro.⁶⁰

Perseverando Santana relata que um dos agressores, Mário Cunha, teria escapado de um tiro disparado por Hubert Echevi. Logo após o incidente, chegou ao local o comunista, militante no Partido Colorado, Francisco Cabeda, conhecido como Chico Cabeda, que teria participação decisiva na rede de apoio aos exilados do golpe de 1964, na cidade de Rivera. Perseverando e Sona aproveitaram a saída do Cine América e se misturaram entre as pessoas, anônimos. Nesse momento, um amigo de Perseverando, o chofer de praça conhecido como Nego Ventura, perfila o carro ao lado dos dois indicando: "Embarquem, embarquem". O destino seria a casa de Ary Kulmann e Aristides, na rua Silveira Martins. Hubert Echevi revive os momentos da luta, em que os quatro companheiros foram assassinados, em um enfrentamento aberto, em pleno centro da fronteira,

Estavam completamente desprevenidos, a arma deles era o pincel e a cal. Houve um que estava pixando, era parente do Perseverando, tinha uma fustinha, sabe o que é fusta? Um relhinho, e brigou de fusta. Tinha outro, que morreu, o finado Aristides Corrêia, que tinha um aparato que vinha nos carburadores dos auto antiguo, como que uma güela, assim, flexíble, e deu três ou quatro mangasso num deles com aquilo, e caiu morto, assassinado. Era mais ou menos las diez de la noche, era temprano todavia[...]⁶¹

⁵⁹ SANTANA, Perseverando Fernandes. Pecuarista e membro do partido comunista brasileiro em Santana do Livramento. Entrevista concedida ao autor.

⁶⁰ ETCHEVI, Hubert. Entrevista concedida ao autor.

⁶¹ Idem.

O Brasil vivia então os dias de repressão aos comunistas do Governo Dutra, de indisfarçável alinhamento com as diretrizes políticas norte-americanas⁶². No Rio Grande do Sul, o governo do pessedista Walter Jobim assumia a mesma postura. O anticomunismo disseminava-se pelo continente e o PCB partia para uma posição de maior enfrentamento com as forças da repressão, que o colocara na ilegalidade desde maio de 1947, pedindo inclusive a derrubada do Governo Dutra.⁶³ Hubert Echevi era um dos encarregados da segurança do grupo, que escrevia palavras de ordem nos muros, como “Fora o Facismo”, “Abaixo o imperialismo”, “Viva a Democracia”⁶⁴.

Lucio Soares Neto, secretário do Partido, relembra:

(...) a pixação era contra o império e mais nada, era contra a marcha do imperialismo. A pixação era com o pessoal do Armour, aliás o Armour era a nossa força, os operários de lá eram a nossa força, nós ganhávamos todas as eleições no bairro. Eu fui vereador, aliás eu fui suplente de vereador, porque a massa do Armour era consciente e me apoiaram e eu tirei o segundo ou terceiro lugar, fiquei na suplência⁶⁵

Hubert Etchevi recorda dos primeiros momentos da luta como uma surpresa, que continuou por momentos infundáveis, quando saiu então à caça dos agressores,

Quando eu chego, e dou tiro nas costas dele, e digo tu gosta de matar desarmado, filho desta e daquele, e dou tiro, surge o Mário Cunha do outro lado e me dá seis tiros! De pertinho, de riba, e eu vi, e eu tô com o revólver carregado, então tinha taximetrista e tinha um que era muito amigo, o Ventura, que também é morto, e que foi soldado do Honório Lemes⁶⁶, um homem que tinha muita experiência, não tinha medo do tiroteio, tinha outro que chorava, que se agachava nos pés dele no auto e dizia, “Vão me matar, vão me matar!” (risos) E quando o Mário Cunha me atirou seis tiros, quando ele começou a me atirar eu vi que ele atirava mal, porque ele olhava e colocava o revólver fora da linha onde estava eu não é? e eu deixei que atirassem seis tiros. E quando ele atirou ele abriu os braços e me deu as costas, se rendendo, mas tinha atirado seis tiro. Eu ia matar ele pelas costas e o Ventura me grita do auto: Não mata! Eu quase recostei o revólver nele, e ele fazia “Ah, Ah”, apavorado.⁶⁷

⁶² Os comunistas, que haviam obtido resultados eleitorais expressivos nas eleições de 1945 e 1947, foram vítimas de uma ferrenha perseguição por parte do governo, que assim se integrava no contexto internacional da Guerra Fria, e tiveram sua atuação política legal novamente proibida.

⁶³ “A direção nacional do PCB reagiu ao arbítrio do Governo Dutra com um extremismo ressentido. Mudou do pacifismo à pregação da violência revolucionária imediata. O desequilíbrio passional imprimiu um catastrofismo apocalíptico no documento publicado a 1º de agosto de 1950 e assinado por Prestes, em nome do Comitê Central”. In: GORENDER, Jacob. *Combate nas Trevas*. São Paulo: Ática., 2003. P.23

⁶⁴ Conforme depoimentos ao autor de Helio Santana, Lucio Soares Neto, Perseverando Santana e Eustáquio Apoitia.

⁶⁵ NETO, Soares Lúcio. Entrevista conjunta concedida a Marlon Gonsales Aseff e Liane Chipollino Aseff.

⁶⁶ Aclamado como verdadeiro herói popular na região da fronteira, Honório Lemes combateu ao lado dos federalistas em 1893 e posicionou-se contra o governo de Borges de Medeiros em 1923, sendo elevado ao posto de General das tropas maragatas, rebeladas. Grande estrategista militar, embora semi-analfabeto, aderiu a revolta contra o governo Arthur Bernardes em 1924. Aprisionado por Flores da Cunha em 1925, cercado de admiração mesmo por seus oponentes, terminaria aderindo a revolução de 30, convidado pelo próprio Flores, pouco depois de deixar a prisão. No entanto, não teve tempo de se unir a nova causa revolucionária, pois uma pneumonia o levaria a morte três dias antes da revolta que colocaria Vargas no poder.

⁶⁷ ETCHEVI, Hubert. Entrevista citada.

O companheiro conhecido como Santos Rodriguez, uruguaio, foi ferido nas duas pernas e, caído, arrastou-se poucos metros, ficando no lado uruguaio da linha. Segundo Hubert Echevi, seria fuzilado pelos policiais santanenses, não fosse a intervenção da polícia uruguaia, que, em meio aos acontecimentos, tomou posição na linha divisória e impediu a continuidade do massacre, alegando que o militante estava em território uruguaio e não poderia ser tocado.

Na obra *É a luta doutor*, o cronista santanense Arlindo Coitinho recriou o clima de repressão e insegurança reinante, onde os comunistas são acusados, entre outras práticas, de tramar o envenenamento da água da cidade. Por trás da polícia, descreve Coitinho, quem mandava eram os dirigentes norte-americanos do Frigorífico Armour. Em uma passagem do livro, o delegado Zacarias conversa com a amante, disputada por ele e Lúcio Soares Neto, no livro descrito como “doutor Catulo”,

- Porque tu não volta com o tal comunistóide...o tal de Catulo ? Ela ficou em silêncio, apenas olhando-o nos olhos. Ele seguiu rosnando. – Esses comunistas...um dia nós matamos todos! Ela notava às léguas, que o delegado tinha verdadeiro pavor do doutor Catulo. – Mas e por que? Não sabia porque, mas na cabeça do delegado, uma coisa monstruosa se processava, e no fundo de sua consciência, alguém lhe dizia. – És um capacho da elite... – Tinha a impressão que todos gozavam de sua cara, até pareciam saber que os gringos não tinham o mínimo respeito por ele. Para todos os efeitos, o doutor Zacarias era um molecão. Numa tarde,, quando estava no clube privado do frigorífico, lhe disseram: - Que yo mi pienso ste coso...eu não quer comunistas na cidade... – Ele ficava quieto, cabeça baixa, indefeso. E ainda Esméria vinha lhe encher a paciência: - Esses estrangeiros mandam na cidade! – Ué, de onde ela teria tirado essa ? No fundo, no fundo, ela dizia a verdade. Na cidade, comentavam, principalmente os mais esclarecidos: - Quem manda na cidade são os forasteiros.... – É, talvez a gente tenha que aprender inglês! Era verdade, os gringos sempre eram ouvidos. A última palavra era deles, e a última palavra era a lei. Eles pisam na gente! – muitos diziam.⁶⁸

Antônio Montenegro utilizou-se da história oral para interpretar o medo do comunismo, na Pernambuco dos anos 50, onde buscou revelar um imaginário popular repleto de ameaças veladas, insufladas por uma propaganda política que viria desaguar no golpe militar de 1964. O historiador reconstruiu a vivência da percepção do medo através de lembranças de sua infância, de grandes incêndios em canaviais e relatos orais retirados de relatórios policiais e matérias dos jornais do Recife,

Passados todos esses anos, descubro nessa pesquisa um reencontro com memórias múltiplas, cuja lenta e laboriosa construção a escrita deste artigo de certa forma ajudou-me a entender, acompanhando fios e teias que urdiram aquele presente/passado de incêndios carregados de

⁶⁸ COITINHO, Arlindo. *É a luta doutor*. Op; Cit, p. 80, 81.

signos aterrorizantes e apocalípticos. [...] A pesquisa possibilitou, ainda, trilhar alguns labirintos da produção dessa associação (incêndio versus perigo e ameaça à ordem e ao status quo) e perceber como ela não obedece a uma lógica unitária, ou a um plano organizado e pré-definido. Antes, revela um deslocamento de sentido que vai sendo operado, de incêndio como ato criminoso para incêndio também como ato político, sobretudo à medida que os proprietários constatarem uma mudança na forma dos trabalhadores rurais reivindicarem seus direitos. Observa-se nos jornais e nos relatórios policiais que desde a década de 1940 os proprietários colocam-se sempre criminalizando os incêndios e algumas vezes também levantando suspeita de ação de comunistas.⁶⁹

Poderíamos estabelecer uma relação e dizer que os mesmos sintomas dessa criminalização dos comunistas aconteciam na fronteira daqueles anos, estigmatizados pela condição de militantes da causa operária, conforme recorda Hubert Echevi:

Quando nós morava numa vila ali perto do Povo Novo, lá pela década de 50 e 60, jogavam até pedra nas casa, era um pessoal que não tinha consciência política nenhuma, não é? uma gurizada que era mandada né? os maestros mandavam e eles faziam né? Para fazer isso, de chamar a gente de comunista e mostrar que tinham mais força!⁷⁰

Para os envolvidos diretamente no incidente da chacina, fugir para Rivera foi à única alternativa. Muitos dos principais dirigentes do partido, como o pecuarista Aquiles Santana Alves, viviam na cidade uruguaia, onde montavam um posto de observação a salvo da polícia brasileira. Esses postos seriam de grande utilidade em ocorrências de enfrentamento, como a que os comunistas seriam submetidos, geralmente associadas às lutas no Frigorífico Armour, que já remontavam os primeiros anos de atuação, ainda sob o comando de Santos Soares. O veterano líder comunista, já doente, vivia seus últimos meses de vida, mas ainda seria importante na reordenação do grupo, graças aos seus conselhos que rechaçavam revanches ou mesmo a queda do grupo em eventuais novas armadilhas e provocações. Logo após a chacina, para fugir da perseguição, Hubert Echevi caminhou por uma noite inteira, em busca de abrigo em um sítio de parentes de sua mulher em Rivera:

Viajei toda noite, guiado por uma estrela, ensinado por outro parente, cortando campo. Fiquei tirado no chão porque me saía *calambre*, como ovo de galinha, câimbras como dizem vocês, de tanto caminhar, andar, não é? Isso na noite da chacina, quando eu já ia embora, sem comunicação com ninguém, que a coisa não estava muito boa, né?⁷¹

Lúcio Soares Neto, baleado, foi levado às pressas para Rivera, onde foi tratado por um médico simpatizante da causa operária, conhecido como Polla. De origem

⁶⁹ MONTENEGRO, Anônio. Torres. *Labirintos do medo*. O comunismo (1950-1964). s/d

⁷⁰ ETCHEVI, Hubert. Entrevista citada.

⁷¹ Idem.

rusa, o chamado Polaco, deu os primeiros socorros a Lúcio, que permaneceu um período abrigado por correligionários comunistas, uruguaios de Tacuarembó, que viviam em uma casa no centro de Rivera. Lucio Soares Neto lembra:

[...] eu fui ferido. Eu soube quando eu bati numa porta pedindo para um conhecido para albergá lá em Rivera, porque não podiam invadirem Rivera, não? eu me abriguei na casa de um amigo de Rivera. [...] fui atendido em casa, na casa de um médico comunista. No parque foram mortos quatro companheiros nossos, foram assassinados. Eu escapei por um erro do automóvel, eu agarrei o parque na direção de Rivera. Não se pode descrever bem o que é uma luta, uma luta armada, eu levei um tiro aqui, que atravessou, foi de raspão. (...) foi um salve-se quem puder naquela hora ali, e quando eu me alberguei em Rivera eu, já pouco tempo depois, eu já sabia que tinha companheiros mortos.⁷²

O advogado viveria entre Rivera e Montevideú, com inserções clandestinas no território brasileiro, até ser julgado e absolvido em 1955. Do outro lado da linha divisória residia o abrigo, pois, em suas lembranças, “o Uruguai garantia a segurança, o Uruguai sempre garantiu a segurança das pessoas. Então eu estava num café, no Uruguai, e a polícia passava e ficava olhando e não faziam nada”.⁷³

Prestigiado advogado criminalista, Lucio viria para a fronteira depois de colaborar no inquérito policial que apurava a morte do então secretário da ANL, Aparício Córa de Almeida.⁷⁴ Ironicamente, veio atuar na defesa de Camilo Alves, o chefe aduaneiro acusado de mandar matar o jornalista e advogado Waldemar Ripoll. Em Santana, manteve uma linha de atuação em defesa dos mais carentes o que viria repercutir entre os operários do Armour. Nos quadros do PCB municipal, quando do episódio da chacina no Parque Internacional, a linha mantida pelo diretório seguia a cartilha proposta pela diretoria estadual, que estimulava o enfrentamento de seus militantes com a ordem estabelecida. Anos depois, iria renegar o comunismo como bandeira ideológica e aderir ao trabalhismo. Nas lembranças de Ernesto Levy, Lúcio Soares Neto desempenhou um papel fundamental no confronto com a política elitista dos grandes empreendedores rurais e aos industriais do Armour:

Nos anos 30, Lucio Soares Neto veio para Livramento e dirigiu a primeira tomada de terra em Santana do Livramento, que resultou na primeira desapropriação de terra no Rio Grande do Sul. Isso deu base para a constituição estadual, em 1946, na qual Leonel Brizola era constituinte, de fazer um pagamento para as desapropriações. Foi a primeira no Rio Grande do Sul, e contra a Swift Armour, quando surgiram a formação de colônias de trabalhadores rurais. Ele surge na linha de Astrimônio de Melo., que foi dirigente sindical rural até os 80 anos.

⁷² NETO, Soares Lúcio. Entrevista citada.

⁷³ Idem, Ibidem.

⁷⁴ João Batista Marçal narra o episódio em *Comunistas Gaúchos – A vida de 31 militantes da classe operária*. Op., Cit. P.13.

Depois junta-se a essa luta o Ari Saldanha , dirigente do partido comunista que reforça aqui, como zona de fronteira, uma luta ideológica muito grande, que vai desaguar na chacina dos militantes comunistas na Praça Internacional.⁷⁵

Lucio Soares Neto abandonaria o partido logo após o episódio, negando o legado comunista. Atuando como respeitado criminalista na região, mais tarde, durante a ditadura militar, exerceria a vereança pelo PTB. Hélio Santana Alves permaneceu preso por oito meses no Uruguai, sendo libertado posteriormente, graças a um acerto político e intervenção de sua família com autoridades uruguaias. Voltou à atividade de liderança sindical e partidária, mesmo sendo proibido de penetrar em território brasileiro por 20 anos, passando a viver em Rivera definitivamente. Perseverando Santana manteria suas posições políticas, com uma sólida atuação nos bastidores da política local, afinado com as idéias de Luis Carlos Prestes e os ditames do PCB. Hubert Echevi, depois de ser expulso do Frigorífico Armour, voltou a prestar serviços especializados para a multinacional, na condição de torneiro mecânico, onde reuniu expressivo capital, tornando-se proprietário rural no Uruguai.

A trajetória dos comunistas naquela fronteira, onde a militância conjunta nos espaços do Brasil e Uruguai não raras vezes foi a tônica da atuação sindical, reforça mais uma vez o aspecto de interdependência econômica, cultural e política, acentuando o aspecto de uma cultura política de fronteira, constituída ali. Essas experiências, que envolvem questões como a dupla cidadania, o parentesco e as negociações políticas aproximaram o território de Santana e Rivera através dos anos como um elemento em comum, protagonizando ou refletindo as lutas locais, desenvolvidas de um lado ou de outro daquela fronteira. O surgimento de interesses sócio-econômicos e culturais em comum define a formação das fronteiras geopolíticas no espaço platino, podendo gerar discórdias, como nas sucessivas lutas pela delimitação de território e ocupação de espaços, quanto aproximar e integrar mentalidades. Muitas vezes essas características não são excludentes, ocorrendo simultaneamente em momentos do processo histórico.⁷⁶

⁷⁵ LEVY, Ernesto. Entrevista citada.

⁷⁶ REICHEL, Heloisa Jochims, GUTFREIND, Ieda. *Fronteiras e guerras no Prata*. São Paulo: Atual, 1995. p.4,5.

Conforme procurei mostrar neste capítulo, essa cultura política original, surgida de um conhecimento prévio entre os atores políticos e sociais que ora integravam o espaço uruguaio, ora brasileiro, sempre esteve presente na experiência cotidiana da fronteira. A dupla cidadania e o exemplo das leis trabalhistas uruguaias, por um lado, foi decisiva para consolidar a luta sindical do início do século 20 em Santana do Livramento. Os exílios políticos, por sua vez, reforçaram o caráter de negociação, do estabelecimento de bases de apoio e resistência e uma área de atuação comum entre as duas nacionalidades. Foi assim que atuaram os federalistas derrotados, com seus jornais editados em Rivera, os partidários da Frente Única gaúcha, em 1932 e os representantes da esquerda brasileira em 1964 e nos anos subseqüentes. Com o golpe no Uruguai, mais uma vez a fronteira mudaria de “câmbio” e seria no território brasileiro o espaço da fuga, da solidariedade e do auxílio.

CAPÍTULO II

Do outro lado da fronteira: Os caminhos da solidariedade

2.1 “Todos para Rivera!”

No dia 1º de abril de 1964, o militante do PCB, Hubert Echevi, descia a Rua dos Andradas, principal via de Santana do Livramento, com os bolsos cheios de munição e um revólver na cintura, precavido e à espera dos desdobramentos políticos que se desenhavam naqueles dias tensos. Sobrevivente da chacina no Parque Internacional, operário da organização do campesinato santanense na década seguinte, Hubert pesava os rumores de golpe, disseminados pela cidade. O clima de confronto que pairava na fronteira era intenso, conforme se recordou:

[...] eu não me juntava com ninguém, quando vinha um comunista eu dizia: te abre, te abre, anda só que o troço pode esquentar de um momento a outro aí, e é melhor andar só que acompanhado! Quando eu cheguei em casa veio um tintureiro que morava em frente a minha casa, se chamava seu Oswaldo, dissimulando com um pano na mão, que ele trabalhava limpando roupa. E me disse assim pra mim, em frente do Perseverando e o outro: Hubert é pra você ir imediatamente para Rivera, manda dizer o Zéca Remédi. O Zeca Remédi era um sujeito rico, que tinha um genro dele que era o chefe principal do exército. E ele era muito bom com nós todos, ele era simpatizante do partido. Mandou dizer que fosse pra Rivera porque já vinham me prender. E saí pra fora e já estava a camioneta para me prender parada em frente a porta da minha casa. Aí eu disse o seguinte, se ninguém fez nada em todo o Brasil pelo Jango Goulart, se ninguém fez valer o Jango, eu faço agora nesse momento. E saí de revólver, e a polícia saiu me namorando. E eu queria sair pra Rivera, mas não deu e saí pra lá (aponta para o lado de Santana). E eles me acompanhando. E eu dizendo, o primeiro que eu vou atirar vai ser no acompanhante, porque o acompanhante é que traz a arma boa, a melhor arma no exército. Eu vou atirar nele primeiro, pertinho um do outro, de namoro. Aí eu dobrei num lugar que a camioneta não passava (...) Eles me deixaram, eu então peguei pra lá, *costiei* a Hidráulica, entrei em Rivera e cheguei na casa da minha mãe.⁷⁷

Vítima do enfraquecimento e divisão da própria esquerda naquele período, Hubert encontrou no lado uruguaio o refúgio necessário para pensar os próximos passos que poderiam ser dados no intrincado jogo político que o golpe oferecia à relutante militância do PCB. A militância local, embora identificada majoritariamente com o Partido Comunista e setores do PTB, vivenciava momentos semelhantes aos descritos por Reis Filho:

Os comunistas brasileiros enfrentaram a experiência do golpe divididos, e é possível que a divisão tenha influenciado de alguma forma a própria derrota. Mas a quebra do monolitismo em torno do velho Partido Comunista não fora produto do acaso. Tanto a POLOP como o PC

⁷⁷ ETCHEVI, Hubert. Entrevista concedida ao autor.

do B negavam o papel dirigente da burguesia nacional na revolução brasileira. De modo geral, anunciavam a falência das classes dominantes. Segundo a POLOP, o capitalismo perdera o impulso expansivo. O PC do B falava de estagnação. Ambas as organizações referiam-se à sólida aliança que se estabelecera entre as classes dominantes, rejeitavam a tutela burguesa e estavam de acordo quanto ao impasse em que se encontrava o país. [...] O desprezo pelo jogo institucional era uma dedução. Não se chegava ao boicote da luta legal. Mas subestimavam-se as eleições enquanto fatores de transformação. Não restava outra saída e, a rigor, tratava-se de uma imposição objetiva: a luta armada era a única alternativa possível. O PCB era desqualificado como partido de vanguarda. Estava falido, destinado à derrota e ao desaparecimento.⁷⁸

Para Hubert, Rivera se mostraria como uma alternativa que muitos não tiveram em outros rincões do país. Abrigado na sede do partido Blanco, com quem mantinha uma aproximação ideológica que só poderia florescer em uma fronteira como aquela: a veneração à memória de Aparício Saraiva, o líder federalista e caudilho Blanco. Graças a essas coincidências ideológicas próprias de uma cultura política de fronteira, que por tantas vezes configuraram alianças e semearam discórdias, Hubert conseguiu abrigo próximo da Avenida Sarandi, a principal via da cidade uruguaia, onde estabeleceu sua morada provisória. Ali se reunia com os companheiros foragidos e os que atravessavam as poucas quadras que separavam a casa uruguaia do território brasileiro, guardado por patrulhas militares. Na sede improvisada, alguns companheiros o visitavam, refletindo sobre a nova realidade nacional. Como assinala Reis Filho, os primeiros momentos foram de incredulidade, estupefação.

A rápida vitória do golpe militar apanhou desprevenidas as organizações comunistas. A surpresa da derrota, mais a surpresa do que a derrota, foi uma experiência dolorosa e desagregadora. O momento exigia uma reflexão crítica sobre as bases sociais e históricas do desenlace inesperado. Por que um movimento tão amplo, inédito na história da república, fora vencido de forma tão melancólica? Como se haviam articulado com tanto êxito as elites dominantes? A nova situação impunha o repensar das fórmulas teóricas, dos programas, da estratégia e da tática. Parecia inevitável um amplo acerto de contas - uma reavaliação dos procedimentos, dos métodos de trabalho, da retórica e, sobretudo, das concepções sobre o Brasil e sobre a revolução brasileira.⁷⁹

No calor dos acontecimentos, ninguém poderia prever que o golpe militar iria durar mais de duas décadas. O veterano militante do Movimento de Justiça e Direitos Humanos do Rio Grande do Sul, Jair Krishke, responsável pela passagem de muitos militantes políticos brasileiros e uruguaiois pela fronteira, lembra que o golpe pegou a todos desprevenidos, sob uma falsa sensação de resistência que ainda emanava da

⁷⁸ REIS FILHO, D.A. *A Revolução faltou ao encontro*. Os comunistas no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1989 p.39.

⁷⁹ Idem, *Ibidem*. p.45.

campanha da Legalidade, em 1961. Naquele momento, Leonel Brizola conseguiu articular as forças populares e progressistas do Exército e evitar o que seria o efetivo golpe contra a posse de João Goulart. Ele relembra da Legalidade como uma ocasião “muito forte na vida de todos nós, muito jovens, e um momento de grande relevância política na vida das pessoas que se envolveram”. Desse modo, quando surge 1964 e o golpe político se mostra em sua real dimensão, existia uma vaga certeza de que tudo poderia ser contronado: “nós nem sabíamos o que era a tal de Doutrina de Segurança Nacional. Para nós era mais um dos tantos golpes que acontecem na América Latina. Pensávamos que daqui a dois ou três anos a gente derruba esses milicos, faz uma eleição de novo e vamos em frente”.⁸⁰

Em Santana, persistia a lembrança da Legalidade como um episódio valoroso, em que as camadas populares mostraram sua força e venceram os golpistas. Feitos de cunho heróico, como a Coluna Internacional, onde defensores da constituição – brasileiros e uruguaios – reuniam-se nas dependências do CTG Fronteira Aberta, a poucos metros da linha divisória, atendendo ao chamamento de Brizola. Ali se ofereciam para a defesa da ordem constitucional, sonhando com as façanhas de um passado de lutas em comum, onde pouco importava a nacionalidade, mas o calor da causa.

A renúncia de Jânio, no entanto, encontrou a fronteira já sob o trauma de outro crime político. Uma semana antes do desatino do presidente, havia sido assassinado o prefeito municipal de Santana, o petebista Camilo Alves Gisler. O crime teria sido motivado por desavenças político-partidárias.⁸¹ Passava do meio-dia de 18 de agosto de 1961, quando o ex-prefeito Francisco Góes, o Pancho Góes, pecuarista que havia precedido Gisler na Prefeitura Municipal desferiu uma série de tiros no correligionário e então desafeto político. O crime aconteceu, como no episódio dos comunistas, bem sobre a linha divisória, em frente ao Parque Internacional e próximo a um pequeno marco que divide os dois países, colocado na entrada da uruguaia

⁸⁰ Jair Krishke desenvolveu durante as ditaduras brasileira e uruguaia um importante serviço em prol dos perseguidos políticos no Cone Sul. Fundador do Movimento de Justiça e Direitos Humanos do Rio Grande do Sul, mantém até os dias de hoje uma atuação fundamental na busca pela justiça aos afetados diretamente pelas ditaduras latinoamericanas. Entrevista concedida ao autor.

⁸¹ O episódio aguarda uma devida investigação pela historiografia. O carismático comerciante Camilo Alves Gisler rompia um ciclo de pecuaristas que sucediam-se na administração municipal.

avenida Sarandi. A disputa interna acabou no assassinato, e a administração municipal passou para o comando do vice-prefeito Hermínio Menezes. Em 1964, Menezes seria substituído por outro petebista, Sérgio Fuentes, que exerceria o mandato por três meses, até ser cassado pelo golpe de abril.

No âmbito estadual, a crise deflagrada em 25 de agosto de 1961 consolidava a liderança de Leonel Brizola, que soube como poucos tocar no sentimento cívico do gaúcho, apelando para um passado épico, como a unir a enfraquecida sociedade sulista, ainda muito afastada do poder central da república, que priorizava o sudeste industrializado. Governador desenvolvimentista, Brizola criou a Caixa Econômica Estadual, estatizou as companhias de telefonia e energia elétrica, desenvolveu de maneira inigualável a rede escolar, conferindo grande impulso à educação, e como se não bastasse, deu início a um programa de reforma agrária. Foi diante dessa liderança que milhares de gaúchos e brasileiros responderiam com a adesão contra o impedimento da posse de João Goulart, em meio à crise deflagrada pela renúncia de Jânio Quadros. Por outro lado, se a classe dominante brasileira ainda não conseguia se unir definitivamente na proposta do golpe, influenciando os demais setores da sociedade, no Rio Grande restava a lembrança do trauma que significou o suicídio de Vargas, que não por acaso semeara as bases de um nacionalismo que deixara Jango como herdeiro legítimo, e Brizola como ardente defensor.

Do outro lado se posicionavam as mesmas forças militares e udenistas que provocaram o gesto trágico de Getúlio, não sem antes obrigarem seu ministro do Trabalho, Jango, a renunciar depois de propor um aumento de 100% para o salário mínimo, intocado nos anos de Governo Dutra. Do embate travado naquele mês de agosto de 1961, pesou o apoio do Terceiro Exército, o maior e mais aparelhado do país, através da adesão do general José Machado Lopes. Somando-se ao sentimento legalista amplamente difundido na Brigada Militar, a campanha da Legalidade atingia também o Rio de Janeiro e outros estados do país. Com a adesão popular, o movimento tinha forças para subir o país e fazer valer a posse de João Goulart. No entanto, conjunções políticas que resultaram em uma negociação no Congresso o fariam aceitar uma emenda parlamentarista. Assim, Tancredo Neves, líder do PSD, foi elevado a primeiro ministro da nação, restando um amargo sabor de derrota aos

defensores incondicionais de sua posse. Jango só retomaria os plenos poderes de presidente, depois da vitória em um avassalador plebiscito popular, em janeiro de 1963.

Três anos após esses acontecimentos, o golpe civil-militar não encontrou resistência no titubeante governo Goulart. A reação não veio. Muitos militares que se colocaram a favor da Legalidade sofreram represálias dentro das forças armadas, diante da inação de Jango. Existia um vácuo que dificilmente seria preenchido pelas forças da esquerda, desconfiadas dos reais propósitos do presidente. José Wilson da Silva, tenente da aeronáutica que participou do reservado grupo brizolista no exílio em Montevideu, viveu em Porto Alegre os momentos cruciais do golpe, junto a João Goulart e a cúpula militar que o acompanhava. Para ele, a traição dos altos comandos da república, que se abstiveram em encarar uma resistência no momento crucial penalizou os que se atreveram a remar contra a maré golpista:

Jango, político populista, nacionalista e progressista, mas com hábitos e condicionamentos puramente burgueses, mentalidade latifundiária, acostumado a tratar com lideranças aristocráticas e generais, começou a contatar altos comandos, todos temerosos dos “terríveis comunistas” infiltrados em seu governo, segundo a panfletagem entreguista, e nunca deu uma ordem expressa e determinativa. Mostrou temor, indecisão e claudicância. Foi fraco e sem aptidão para o comando. Não esteve à altura do momento ou conscientemente não quis. Estamos condicionados a uma estrutura vertical, onde todos esperam sempre a ordem de alguém, especialmente nos meios militares, e como o presidente nunca foi claro e nenhum chefe maior tomou posição, os golpistas foram avançando. Quando algum janguista ou brizolista quis reagir já estava desmotivado pela inoperância do governo e seus sistemas de defesa.⁸²

As divergências contra a reticente liderança de Goulart iriam dividir definitivamente os exilados oriundos das fileiras trabalhistas, na fronteira e em Montevideu, em grupos simpatizantes de Brizola ou Jango, que pouco contato mantinham entre si. Os comunistas desconfiavam de Brizola e demonstravam simpatia por Goulart, enquanto os brizolistas não perdoavam o modo elitista e as origens aristocráticas do ex-presidente. Na fronteira, esses grupos eram claramente identificáveis, e embora mantivessem contatos, não privilegiavam ações em conjunto.

⁸² SILVA, José Wilson da. *O Tenente Vermelho*. Porto Alegre: Editora Tchê. 1987. p. 99.



José Wilson da Silva, o Tenente Vermelho.

José Wilson recorda dos momentos decisivos dos dias 1º e 2 de abril, quando Jango acompanhado de cinco ministros desembarcou em Porto Alegre e dirigiu-se para uma fatídica reunião na casa do comandante do 3º Exército, General Ladário Telles, à rua Cristóvão Colombo 3232,

O Brizola vinha fazendo ingentes esforços desde que o Jango havia chegado para que montasse a resistência a partir de Porto Alegre, reconstituindo o Governo legal, sem contudo lograr êxito. Fiquei irritado porque ele, Brizola, não nos estava colocando a par da verdadeira situação do que se passava nas discussões lá dentro. Enquanto discutiam, sabendo que Jango não queria resistir, nós nos enterrávamos até o pescoço, com comprometimentos desnecessários. (...) Quando eu havia saído do quarto, tinha entrado o general Floriano Machado, chamado o Presidente para um canto, segundo soube, e dissera-lhe: - *Presidente, tropas de Curitiba estão marchando para Porto Alegre, o senhor tem duas horas para deixar o país se não quiser ser preso.* O Jango apavorou-se e quis obedecer. Nisto, vem entrando dona Neusa Brizola e segura o Jango na saída: - *Janguinho, não podemos abandonar essa gente assim no mais. Vamos ficar todos e resistir, para o que der e vier.* (...) O Jango, ao ver-nos naquela disposição, pegou-me pelo braço e caminhamos para a sala dos fundos, seguidos pelos demais. Em seguida me disse: - *Wilson, vai haver derramamento de sangue e eu não quero isso. A situação é ruim.* (...) *Eu não sou revolucionário, o revolucionário é o Brizola aí. Vocês se acertem com ele.*⁸³

A falta de uma resistência articulada logo se fez sentir na fronteira, depois que silenciaram os rumores de que Jango Goulart combateria os insurgentes. José Wilson assinala o pouco caso do Presidente contra a verdadeira guerra ideológica instalada

⁸³ Idem.p. 92.

dentro da caserna como uma das causas para o sucesso do levante. Some-se a isso as desconfianças da esquerda com o já desgastado presidente negociador, e a determinação de setores da extrema direita e da sociedade civil, cooptada pelo medo do comunismo, alimentado pelos discursos radicalizados. Conforme aponta José Wilson,

Jango não tinha apoio em 31 de março. A esquerda não dava mais, não confiava, e quando a gente viu, tava naquele vazio. Porque a expressão do grande capital vamos dizer assim, aparecia nos comandos militares, porque os aparelhos da elite são as tropas, não são? Então fizeram um trabalho muito grande nas tropas, houve um trabalho de estado maior, para cooptar os comandos militares, e não só os militares, mas todos os comandos da sociedade brasileira. Nos comandos militares houve um trabalho estruturado, com tarefas. E conseguiram depois de 1961, cooptar e manipular as elites militares. Eles lançaram tudo, o grande capital liderado pelos americanos fez o possível e o impossível para segurar o Brasil [...] Mas eles contavam que haveria uma resistência. Eu sempre considerei que 15% das forças armadas eram nacionalistas, ou comunistas, ou de esquerda. 15% eram de direita ou filo-americanos, e 70% eram e são funcionários públicos. O que correr e pegar o bastão primeiro comanda o restante. Eles foram mais hábeis, mais capazes, tinham muito dinheiro, e assumiram o comando. Os nossos ficaram esperando uma ordem do Jango. O Jango queria negociar...e a direita não brinca. A direita age. E a direita agiu e assumiu o comando. E o Jango esperava que, uma vez derrubado, fosse para a fazenda ITU, como fez o Getúlio, e de lá voltava como senador. Mas os tempos eram outros. Ele tinha aquela visão de caudilho, mas os tempos internacionalmente eram outros. Ele foi para o Uruguai, e queriam matar ele no Uruguai e terminaram de uma maneira indireta matando mesmo, e isso ainda não está bem esclarecido.⁸⁴

Em Santana do Livramento, a eleição para a prefeitura municipal do petebista Sérgio Fuentes – o Índio Fuentes –, consolidada em outubro de 1963, significava uma ruptura no equilíbrio da política local.⁸⁵ Embora não fosse novidade um prefeito petebista, Fuentes gozava de forte apoio popular e tinha ligação com setores progressistas do Governo Goulart, que poderiam desdobrar-se em ações ainda não mensuradas totalmente pela elite local, caso o governo federal levasse adiante os programas de reformas. Ex-combatente da mitológica “Divisão de Sant’Ana”, força revolucionária que se levantou contra a reeleição de Borges de Medeiros em 1923, herdeira dos ideais maragatos da revolução federalista, era contabilista e jornalista, diretor-fundador do prestigiado jornal *Folha Popular*.

⁸⁴ SILVA, José Wilson da. Entrevista concedida ao autor.

⁸⁵ Homem identificado com os ideais getulistas desde a revolução de 30, posteriormente ligados à vertente petebista, Sérgio Fuentes esplanava suas convicções desde o primeiro editorial da *Folha Popular*, jornal por ele criado no alvorecer do Estado Novo, em dezembro de 1937: “*terminada como está a luta política, por força da dissolução dos partidos – ato altamente patriótico do Grande Presidente Dr. Getúlio Vargas – o nosso jornal se dedicará exclusivamente a noticiar os fatos importantes que se desenrolam diariamente na vida da comuna, do Estado e do Paiz*” in: *FOLHA POPULAR*, nº 01, Santana do Livramento. 16 de dezembro de 1937, p.2.

Com o golpe já em andamento, nos primeiros momentos do dia 1º de abril, Sérgio Fuentes decide dispor a Prefeitura Municipal como sede da resistência. No saguão do prédio é instalado um transmissor de rádio, doado por militantes comunistas de Rivera. Para lá se dirigem representantes sindicais, jornalistas, ativistas políticos e simpatizantes do governo deposto. A ocasião estava carregada de um simbolismo sombrio, pois na tarde de 31 de março falecia o ex-prefeito e baluarte do trabalhismo santanense, João Souto Duarte. A Rádio Cultura saiu do ar em homenagem ao filho ilustre, mas na mesma faixa de sinal passou a irradiar a rádio clandestina. Nas lembranças do jornalista Elmar Bones, a cena da primeira resistência surge em todas as suas cores,

[...] com o auxílio do partido comunista de Rivera, alguém conseguiu, não sei quem, veio a informação de que tinham conseguido um transmissor de rádio. E que era um transmissor que tinha uma potência que dava para colocar em cima da rádio local, e passar a fazer uma pregação, chamar a população para as ruas, porque ninguém sabia o que estava acontecendo, tinha um zum-zum-zum que já tinham dado um golpe, que o Jango já tinha sido derrubado, mas tinha uma boataria enorme dizendo que não, que o Jango estava no Rio Grande, que iria resistir e tal, aí nós fomos para a prefeitura, o pessoal veio, trouxeram esse técnico, trouxeram esse transmissor numa camioneta, entraram pelos fundos da prefeitura, que a prefeitura era do PTB, era do Sérgio Fuentes, e instalaram esse transmissor, e no saguão da prefeitura ficou um estúdio de rádio. E aí as pessoas se revezavam fazendo pronunciamentos. Então a gente botava a rádio no ar, em um horário assim, meio-dia, que é um horário que todo mundo tá ouvindo a rádio, botava em cima da rádio local, da Cultura, e metia discurso, convocando os estudantes, eu, o Ruschel, o Kenny falava, convocando os estudantes, convocando os jovens, aí vinha outro e convocava os camponeses. Chegou a durar um dia, até que no dia seguinte de manhã o exército descobriu. E lacrou tudo. Quando nós estávamos lá dentro o exército chegou e cercou a prefeitura com um aparato de guerra.⁸⁶

Em 1964, os jornalistas Elmar Bones e Kenny Braga eram estudantes e ensaiavam os primeiros passos na redação do jornal santanense *A Platéia*, que lhes serviria de escola para a profissão que iriam abraçar dali em diante. Kenny lembra de personalidades afinadas ideologicamente com o grupo estudantil, que desenvolviam amplo diálogo político e literário, em tertúlias e reuniões informais. Uma delas era o então juiz de direito em Santana, José Paulo Bisol. O outro era o professor de literatura e escritor Alfredo Paiva. O pecuarista e membro do PCB local, Perseverando Fernandes Santana também recorda da ativa participação de Bisol nos meios da esquerda local, quando freqüentava, em Rivera, a casa de Aquiles Santana

⁸⁶ BONES, Elmar. Jornalista. Entrevista concedida ao autor.

Alves, ativo membro do PCB santanense. No dia do golpe, estiveram reunidos mais uma vez, conforme recorda Perseverando,

Eu, em seguida imediato ao golpe fui pra a prefeitura, por recomendações do Bisol. Tínhamos um grupo de esquerda...e ele tava aqui na época, até foi impedido de embarcar no aeroporto..E teve lá na casa do Aquiles, até conversei com ele lá na casa do Aquiles, e ele aconselhou que viéssemos por precaução. Era juiz. E tinha contatos com o partido, um sujeito muito talentoso, brilhante, fazia tertúlias literárias. E a prefeitura era do Sérgio Fuentes, um sujeito de muito valor. Era maragato, trabalhista. Mas um sujeito que não tinha restrições com esquerda, progressista....uma coragem tremenda. Então nós fomos lá para a prefeitura, eu, o Chico Cabeda, tava esse Danilo Ucha, que pertencia a esse grupo que o Brizola meio influenciava, dirigia...E o Bisol tava na prefeitura. Ficamos conversando e tudo, e o Índio ali. Botou alto-falante, reunir o povo, resistir, essas coisas toda. Dali a um pouco, a gente sentiu que já não tinha mais resistência, e cada um tomou seu rumo. Tava todo mundo...tava o Marcos, o Aquiles, o Dalto, um paraguaio que tinha aí, médico, tanto é que ele nos aconselhou: - todos pra Rivera!⁸⁷

Na edição do dia 03 de abril de 1964, junto com o anúncio do fim da resistência legalista, a Folha Popular registrava a reação das forças políticas municipais, sob o comando do prefeito Sérgio Fuentes:

Em Livramento

S. Fuentes Campeão da Legalidade – Quando as primeiras horas da manhã de quarta-feira foi conhecida a notícia de que a forças rebeldes em Minas Gerais haviam iniciado um movimento subversivo visando depor o presidente constitucional, dr. João Goulart, o prefeito municipal jornalista Sérgio Fuentes compareceu ao palácio intencional, onde após convocar seus assessores instalou uma frente de resistência ao golpe. Imediatamente a prefeitura transformou-se no centro de todas as atenções da cidade, tendo a Rádio Cultura passado a transmitir diretamente de seu gabinete na Prefeitura Municipal, integrando-se na “cadeia da legalidade” liderada pelo valoroso e destemido deputado federal Leonel Brizola. A vigília cívica contou com o apoio integral da maioria da população santanense que independente de qualquer chamamento foi levar ao prefeito trabalhista o conforto moral na hora dramática em que os alicerces da democracia foram sacudidos pelo movimento golpista. Aproximadamente ao meio dia de ontem um contingente da Guarnição local compareceu a Prefeitura de onde requisitou os transmissores da Rádio Cultura, que saiu do ar.⁸⁸

Da tribuna da Folha Popular, Sérgio Fuentes deu voz aos movimentos que se colocavam frontalmente contra o golpe no calor dos primeiros momentos. Ainda no dia 03 de abril, logo após os incidentes ocorridos na Prefeitura, o jornal insuflava a resistência, buscando apoios e listando manifestações contrárias ao levante, noticiando fatos como uma passeata dos estudantes uruguaios em favor do governo Goulart.

⁸⁷ SANTANA, Perseverando. Entrevista citada.

⁸⁸ FOLHA POPULAR, Santana do Livramento. 03 de abril de 1964, p.4.

Estudiantes Uruguaios Fizeram Passeata de Repúdio ao Golpe e Em Favor de JG

Montevideu, 3 (FP) – Portando cartazes que taxavam os militares que depuseram o presidente João Goulart de “gorilas” e que diziam ainda reconhecer em João Goulart o presidente constitucional e legal de todos os brasileiros, uma grandiosa manifestação dos estudantes uruguaios foi realizada nas primeiras horas da noite de ontem, pelas principais ruas da capital uruguiaia. A cidade que vive em clima agitado e de expectativa desde o momento em que foi anunciado que o presidente brasileiro João Goulart, se dirigia para Montevideu, assistiu uma grandiosa manifestação estudantil que foi acompanhada de perto por forte dispositivo policial, que se limitou apenas a acompanhar o desenrolar pacífico da passeata. Durante toda a tarde de ontem e as primeiras horas de hoje o povo aguardou nas ruas a chegada do primeiro mandatário do Brasil, ao qual – caso se confirmasse sua vinda para território uruguiaio – seria recebido ainda como chefe de Estado e lhe seria tributada uma recepção popular digna do prestígio que goza em todo o Uruguay.⁸⁹

Em rápidas pinceladas, o repórter uruguiaio descrevia um prefeito envolto pelas pesadas circunstâncias da hora: *El Prefecto Fuentes, un hombre de edad, enjuto y pequeño, decidido “legalista”, hablaba descorazonado: “Tudo no ha sido mais que un bluff”*⁹⁰ O correspondente do jornal uruguiaio El Pais estava com Sérgio Fuentes no dia 3 de abril na Estância Carpinteria, na localidade uruguiaia de Vichadero, cerca de 200 quilômetros da fronteira, ainda no departamento de Rivera. Ali, levados pelo petebista, estava um forte efetivo de policiais e repórteres de Santana e Montevideu, à espera da provável chegada de João Goulart, em fuga das terras brasileiras. O *bluff* poderia ter sido obra do acaso, ou armado por Fuentes, soldado petebista e que muito provavelmente acionaria a polícia uruguiaia e as atenções dos golpistas para o encontro com Jango. Um despiste parece ter sido o episódio da Estância Carpinteria, muito embora não possa ser comprovado. Os jornalistas não escondiam a decepção, conforme anota a crônica do EL PAIS: *“Doscientos kilómetros de intransitable camino y una espera de horas para localizar al doctor João Goulart”*. O verdadeiro *circo* armado por Fuentes foi descrito pelo cronista montevideano:

*ESTANCIA CARPINTERIA, 4 (de nuestro enviado especial William Puente) – Pocos minutos despues de las 8 de la mañana de hoy, la expectativa sobre la presencia de João Goulart en este lugar quedo terminada al no ser encontrado aqui el presidente. La certeza del Prefecto de Livramento, Sérgio Fuentes, que afirmaba que Jango se encontraba en la estância Carpinteria, a 50 kilómetros de Vichadero hizo que prácticamente toda la atención de Uruguay y Brasil se centrara en este establecimiento de campo.(...) El tenia la secreta esperanza de que Jango estuviera aqui y de este modo entrevistarlo y saber “sus intenciones para o futuro do Brasil”.*⁹¹

⁸⁹ Idem.

⁹⁰ *INFRUCTUOSA EXPECTATIVA SE VIVIO AYER EM LA ESTANCIA CARPINTERIA EN BUSCA DE “JANGO”*. EL PAIS .Montevideu, 05 de abril de 1964, p.13.

⁹¹ Idem.



Sérgio Fuentes (C) e o cronista do El País (D) esperam por Jango na estância Carpinteria

Sobre a estância pesavam suspeitas de que fosse propriedade de Leonel Brizola, embora estivesse em nome de dois sócios, proprietário de outros negócios rurais no Brasil, sendo administrada por Moacir Souza, fazendeiro de Pelotas e trabalhista de primeira hora. No interior da casa, os jornalistas encontraram uma pequena estátua de gaúcho, onde se lia “Aqui mora um PTB”. William Ponte anota as circunstâncias em que Fuentes deu início à verdadeira caravana em busca do paradeiro de João Goulart.

A la medianoche del viernes el prefecto llegó a la Jefatura de Policía de Rivera, acompañado de cuatro de sus colaboradores para solicitar permiso a los efectos de trasladarse hasta este lugar donde afirmaba que tenía informes confidenciales de la llegada de Goulart que se habría producido este día a las 16 horas. Luego de rápidas consultas del Jefe de Policía, Juan A. Navarro con el Ministerio del Interior, el permiso fue concedido y a las 2 de la mañana de hoy se ponía en marcha una caravana que a un promedio de 90 kph. se desplazó en dirección a Vichaderos. El coche del Prefecto iba escoltado por un jeep de la policía e por el vehículo donde viajaban el cronista y el fotógrafo de EL PAIS, así como otros dos automóviles con elementos de la prensa de Rivera y Livramento. Casi 200 kilómetros debieron ser recorridos por caminos casi intransitables y en medio de la densa polvadera que levantaba la caravana. Durante el trayecto en cuatro oportunidades soldados armados interceptaron los vehículos

*requisando documentos. Seis horas más tarde, a la hora 8, se produjo el arribo a esta estância.*⁹²

A espera por Goulart seria em vão. Às 17h35 daquele mesmo dia ele estaria pousando no aeroporto General Artigas, em Pando, na zona metropolitana de Montevidéu, com grande estardalhaço da imprensa uruguaia. Nos próximos dias a chegada do *staff* mais próximo do presidente seria praxe nos aeroportos da região. Jango foi recebido pelos dois filhos e pela esposa, Maria Tereza. No dia anterior, o repórter do EL PAIS anotava: “*En Rio Grande del Sur la noticia de la caída de João Goulart fue recibida con cierta pesadumbre*”. Em um de seus primeiros pronunciamentos no exílio, o presidente deposto marcava o que o distinguia dos políticos golpistas.

*[...] Que nade se engañe, al hablar de comunismo en mi gobierno se procura huir de los problemas que afligen a la nación, sobretudo de las distribuciones de las reformas. Tiradentes fue acusado de ser revolucionario francés. Getúlio Vargas fue víctima de las mas torpes acusaciones; ahora pretenden apuntarme como comunista. En el primer caso se ha querido impedir la independencia de nuestra patria; en el segundo se quería por debajo de la legislación trabalhista anular las conquistas decisivas en la emancipación nacional. En mi caso se quiere impedir el camino pacífico de las reformas de estructuras, capaces de integrar a millones de brasileños en mejores condiciones de vida y trabajo. La verdad es que los grupos poderosos que querían impedir mi política de defensa de los intereses nacionales por la disciplina del capital extranjero y de las remesas de lucro para el exterior, por la nacionalización de la economía del petróleo, por la desaparición de tierras inproductivas, por el latifundio nocivo, por la acción vigorosa de los organismos públicos defendiendo la bolsa del pueblo contra las ganancias desmedidas de los especuladores, por la limitación ordenada de los alquileres para el abrigo de las familias modestas, de los tejidos, los calzados, los medicamentos, los libros de estudio, son las reformas de base por las cuales el gobierno cayo, por las cuales permaneceré luchando, para ayudar a mi pueblo a dejar las “favelas” y los “mocambos”, las enfermedades y el desempleo, la penúria y el analfabetismo*⁹³

Com a chegada de Jango em Montevidéu, a perplexidade da efetivação do golpe deixou os atores políticos da fronteira à espera das novas ações do “Comando Revolucionário”, que em breve iria divulgar uma lista de deputados e prefeitos cassados e o primeiro Ato Institucional. Para os envolvidos diretamente com os partidos opositores e líderes sindicais, a saída emergencial foi um breve resguardo em Rivera, à espera dos acontecimentos. A movimentação de atores políticos perseguidos e auto-exilados começava a aumentar dia-a-dia, conferindo um outro perfil político à fronteira, renovando um ciclo que mais uma vez abraçaria a região. Em Montevidéu,

⁹² Ibidem.

⁹³ *Jango Acusa*. Goulart se pronuncia sobre los problemas de su nacion. EL PAIS 06 de abril de 1964, p.14.

o escritório da CIA já anotara a relativa facilidade com que os atos conspiratórios tinham frutificado para a queda do presidente brasileiro e preparava-se para a vigilância cerrada aos exilados que começavam a chegar.

Montevidéu, 1º de abril de 1964. No Brasil está tudo terminado com relação a Goulart, e muito mais depressa do que era de se esperar [...] A base do Rio avisou que provavelmente Goulart virá para o Uruguai, e isso significa que os temores de Holman com relação a problemas com exilados tinham fundamento. O reconhecimento do novo governo militar pelos Estados Unidos foi quase que imediato, não mais discreto, mas acho que bastante sintomático da euforia que deve reinar agora em Washington, depois que dois anos e meio de operações (destinadas a evitar que o Brasil descambasse para a esquerda com Goulart) frutificaram auspiciosamente. Nossa campanha contra ele seguiu a mesma linha que as efetuadas contra a infiltração comunista nos governos de Velasco e Arosemena, dois ou três anos atrás, no Equador. Segundo Holman, a base do Rio e suas outras dependências estavam financiando as manifestações urbanas em massa contra o governo de Goulart para provar que os velhos temas como Deus, pátria, família e liberdade sempre prevalecem. A queda de Goulart se deve, indubitavelmente, em grande parte à operação eleitoral que retrocede ao ano de 1962. A preocupação de Holman é a nova e crescente onda de exilados, que serão somados aos paraguaios e argentinos já sob a nossa supervisão.⁹⁴

2.2 - Homens de fronteira, ratos!

Frente à reação francamente desabonadora do golpe cívico-militar entre os uruguaios, que nem mesmo os representantes da imprensa de tom conservador conseguiam esconder, emissários da ditadura desembarcam em Montevidéu menos de uma semana depois de consumada a tomada de poder pelos militares. O objetivo era desqualificar o presidente João Goulart, seu *staff* mais próximo, e toda e qualquer pessoa que estivesse na condição de exilado político. A chegada da primeira dama e seus filhos em Montevidéu logo após o golpe já havia sido registrada por EL PAIS como tendo causado “profunda comoção” entre a população uruguaia. Para inaugurar o trabalho de “relações públicas” da ditadura que se instalava, foram requeridos o jornalista Antônio Porto Jobinho, de “O Jornal” e o deputado estadual pela UDN da Guanabara, Everardo Magalhães Castro. Mais uma vez, o estereótipo fortalecido nas escaramuças de revoluções como a farroupilha e federalista servia para estigmatizar a fronteira como terra rebelde e sem lei, avessa ao poder central e a ordem republicana, que teria parido João Goulart e sua turma de “corruptos”.

⁹⁴ AGEE, Philip. *Dentro da “companhia”*. Diário da CIA. São Paulo: Círculo do Livro. 1976. p.366, 367.



A imprensa uruguaia registra a ofensiva dos emissários da ditadura brasileira.

Philip Agee, agente da CIA em Montevideu registrou a consternação com que o povo uruguaio recebia a notícia do golpe no Brasil, a chegada do ex-presidente exilado e as novas atribuições de vigilância sobre o grupo político brasileiro que começava a aportar na capital uruguaia.

Montevideu, 5 de abril de 1964. Goulart chegou aqui ontem e foi acolhido por uma surpreendente manifestação de entusiasmo. O golpe militar, na verdade, foi recebido no Uruguai com muito desagrado, porque Goulart havia sido eleito por voto popular e também porque um poderoso governo militar brasileiro pode significar problemas com os exilados aqui no Uruguai. Já estão começando a chegar membros do governo de Goulart e a base do Rio está enviando um telegrama atrás do outro pedindo para que apressemos os nossos relatórios de chegadas. A nossa única fonte dessas informações é o comissário Otero, cujo Departamento de Ligações e Investigações se encarrega de registrar os exilados. É óbvio que a base do Rio se está dedicando inteiramente a apoiar o governo militar; a chave para farejar qualquer indício de conspiração e contragolpe está na captura de Leonel Brizola, elemento de extrema-esquerda e cunhado de Goulart, deputado federal pela Gunabara (Rio de Janeiro) e no momento foragido.⁹⁵

⁹⁵ Idem, p.368.

Em uma coletiva de imprensa, Jobinho e Magalhães se esforçaram para derrubar o clima de perplexidade entre a população uruguaia e contra-argumentar aos atentos jornalistas montevidéanos,

“No fue una revolución totalitaria, ni fue una revolución fascista: el actual Presidente Castello Branco luchó en Italia contra las fuerzas de Mussolini”. “Se quiere acaso mejores credenciales democráticas que esas?” E inmediatamente agrega: “Goulart y los suyos, en cambio son hombres de baja condición moral: hombres de frontera que viven solo del contrabando, ratones”⁹⁶

A argumentação dos vencedores tratava de desqualificar algumas das melhores cabeças do governo Goulart, reconhecidas no Uruguai como grandes intelectuais. Sobre o antropólogo e educador Darcy Ribeiro, de renomado prestígio internacional, afirmavam: “corrupto”. Do médico, geógrafo e sociólogo Josué de Castro, autor de dezenas de obras, traduzido em mais de 30 idiomas, não exitavam: “inculto”. A imprensa registrava:

“Hoy no hay mas de cien presos políticos en todo Brasil, y los que hay son simplemente criminales comunes”, contesta Porto Jobinho, a una pregunta. Sus próximas declaraciones se refieren a Darcy Ribeiro y son contundentes; “Como jefe de la Casa Civil, Ribeiro recibió 550 millones de cruzeiros, de los cuales no rindió cuenta; ahora disfrazado de maestro, de intelectual, Ribeiro engaña a los uruguayos” (...) Antônio Porto Jobinho habla de Josué de Castro, al que acusa de haber vendido leche enviado gratuitamente por UNICEF, agregando que “es un inculto, un hombre que intelectualmente es ignorado en Brasil y que gracias a fraudes ha adquirido un enorme prestigio internacional, un ratón.”⁹⁷

É sabido que as tentativas do governo militar em imputar aos petebistas afastados do governo a condição de corruptos foram frustradas por comissões de inquérito infrutíferas. Para o militar e pecuarista santanense Omar do Prado Lima, que a partir de 1965 passou a exercer o cargo de oficial de Relações Públicas do Governo Costa e Silva, o mau trato da coisa pública não era atributo de Goulart. Conforme recorda: “Organizamos um inquérito para encontrar irregularidades do governo Jango junto à presidência da República, mas não achamos nada. Jango era uma ótima pessoa, só não tinha estofa para ser presidente”.⁹⁸ Na missão parlamentar a Montevideu, no entanto, valiam todas as argumentações destinadas a diminuir o

⁹⁶ SENSACIONALES DECLARACIONES SOBRE EL URUGUAY COMUNICA DIPUTADO BRASILEÑO. EL PAIS. 06 de abril de 1964, p.17.

⁹⁷ Idem.

⁹⁸ LIMA, Omar do Prado. Pecuarista. Entrevista concedida ao autor.

impacto negativo que o golpe causara. Para isso, era fácil partir de um ponto comum, a condição do presidente deposto de grande proprietário de terras, herdeiro do populismo à la Vargas, a quem deveria ser imputada a baixa condição moral para o exercício do cargo e a pecha de milionário descomprometido. Quando indagado sobre as reformas que o governo deposto propunha, os jornalistas repararam que Antônio Jobinho “*parece assombrarse de la palabra*”, mas responde:

“La reforma era un pretexto”, dice en seguida: “un pretexto para mantener ocupado al pueblo, porque en realidad la reforma no le convenia a Goulart, el mayor latifundista de Brasil”. Y aclara: “Cuanto mas hablaba de reformas, mas haciendas compraba” (...) Inmediatamente los periodistas montevidEOS le informan del juicio que Goulart le habia iniciado a la revista “Time” por declaraciones que consideraba falsas e injuriosas y que contestando a un artículo que le atribuía la compra de tierras después de Haber asumido la presidencia, ofrecia a “Time” esas tierras por el precio de un dólar. “Time no va a entrar en polemicas”, fue la contestacion de Porto Jobinho. Y antes de dejar de hablar mostro abundantes fotos, distribuyó un folleto del diputado Antônio Carlos Magalhães, que contiene una lista de las tierras de Goulart en Brasil (con números de registros y de escrituras) y exhibió diários brasileños que certifican la actual libertad de prensa.⁹⁹

Magalhães Castro, na tentativa de desabilitar João Goulart entre os uruguaios, enfatizava que o presidente deposto possuía “*una de las mayores cuentas bancárias de Suiza, una de las mayores colecciones de autos, el mayor acopio de tierras (el 1% de todo el território brasileño), el stud de carreras más grande*”. Enfatizava também que a viagem de um parlamentar e um jornalista brasileiro ao Uruguai fazia parte de uma *turnê* pela América Latina, com o objetivo de explicar “a revolução”. Viagem que teria o apoio da Assembléia Legislativa da Guanabara e “inclusive de partidos que levaram a presidência João Goulart”. Como de posse de um renovado “Plano Cohen”¹⁰⁰, tratava-se agora de alertar o povo uruguaio e tecer considerações sobre a situação política do país vizinho, “infiltrado de comunistas”, fato que levou o editor do conservador EL PAIS, a considerar como um dado “realmente inquietante”.

⁹⁹ SENSACIONALES DECLARACIONES SOBRE EL URUGUAY COMUNICA DIPUTADO BRASILEÑO. EL PAIS. 06 de abril de 1964, p.17.

¹⁰⁰ Em 1937, os integralistas forjaram o "Plano Cohen", em que dizia-se que os socialistas planejavam uma revolução maior e mais bem-arquitetada do que a de 1935, e teria o amplo apoio do Partido Comunista da União Soviética. Os militares e boa parte da classe média brasileira, assim, apóiam a idéia de um governo mais fortalecido, para espantar a idéia da imposição de um governo socialista no Brasil. Com o apoio militar e popular, Getúlio Vargas derruba a Constituição, e declara o Estado Novo.

In: http://pt.wikipedia.org/wiki/Era_Vargas. Acesado em 22/08/2007.

Prossegue Everardo Magalhães Castro:

“Lo primero que quiero decir (...) es una denuncia al pueblo brasileño y una proclama al pueblo uruguayo, de que los comunistas y los corruptos - Goulart y el resto de los exilados – abusando de la hospitalidad y la benevolencia de las autoridades de este país (el Uruguay) lo estan convirtiendo en una plataforma para poder volver a Brasil”. Luego se refiere a las actividades del ex-presidente brasileño y de su gente afirmando que luego del actual trabajo de “Relaciones Públicas que ahora están realizando para crear simpatias a favor del gobierno derrocado (Ribeiro con los estudiantes e Brizola con los sindicatos), éstos tentarán regresar a través de la frontera (Carpinteria podría ser el punto) para crear guerrillas en el estado de Rio Grande do Sul. Las siguientes afirmaciones de Magalhães Castro se refieren a nuestro país y son realmente inquietantes. Dice: “el Uruguay es un país tremendamente infiltrado de comunistas, mucho más que en Brasil”¹⁰¹

O escritório da CIA em Montevideu anotou o mal estar que a interferência dos emissários brasileiros causou no governo uruguaio, que mantinha uma política francamente receptiva aos exilados brasileiros, não sem antes prever um endurecimento nessa relação, com a crescente influência no país da emergente ditadura brasileira.

[...] O governo brasileiro continua a nos pressionar no sentido de agirmos contra a possibilidade de Goulart, Brizola e outros exilados recomeçarem suas atividades políticas – embora já se esteja permitindo a alguns asilados da embaixada uruguaia algumas saídas, o que por enquanto aliviou um pouco a tensão. Foi enviado para cá um representante com a finalidade de fazer uma conferência com a imprensa e tentar estimular a ação de controle dos exilados. Contudo, os comentários do representante foram contraproducentes, porque, além de acusar os adeptos de Goulart e Brizola de conspiração contra o governo militar (através de movimentos estudantis, trabalhistas e governamentais no Brasil), ele também declarou que o Uruguai está infiltrado por comunistas e, portanto, passou a constituir uma ameaça para o resto do continente. O ministro das Relações Exteriores do Uruguai replicou mais tarde, dizendo que o Partido Comunista está legalizado no Uruguai, mas que o país absolutamente não está dominado por ele.¹⁰²

O *status* da faixa de fronteira para militantes políticos e agentes da repressão se modificara radicalmente com a crescente leva de perseguidos solicitando asilo no Uruguai, ou mesmo vivendo clandestinamente no país. Sérgio Fuentes, o prefeito afrontado de Santana do Livramento, seria detido poucos dias após comandar a caravana a Vichadero, em busca de João Goulart. O incumbido da tarefa seria o comandante do Oitavo Regimento, Agnóphilo Brant, com quem o prefeito mantinha,

¹⁰¹ *SENSACIONALES DECLARACIONES SOBRE EL URUGUAY COMUNICA DIPUTADO BRASILEÑO.* EL PAIS. 06 de abril de 1964, p.17.

¹⁰² AGEE, Philip. *Dentro da “companhia”*. Diário da CIA. Opcit. P. 383, 384.

até aquele momento, uma relação bastante cordial, e que ficaria irremediavelmente abalada. A causa da detenção e imediata transferência para o Quartel em Uruguaiana seria a ida do prefeito a Vichadero, sem uma prévia autorização da Câmara de Vereadores para se ausentar do país, fato que para o cotidiano fornteiriço soava absurdo. Em sua defesa, Fuentes argumentou que a localidade de Vichadero fazia parte do município de Rivera, onde o próprio comandante militar brasileiro vivia. Como iriam prendê-lo por isso, quando os deslocamentos entre as duas cidades eram fato corriqueiro em cidades *geminadas* como Santana e Rivera? Naquele momento, no entanto, e sob os alegados motivos que levaram Fuentes ao município vizinho, o argumento foi em vão. Mesmo com o respeito que imputava pelos seus mais de 70 anos, ficou detido por cerca de 30 dias em Uruguaiana. A um afillhado, escreveu da prisão pedindo apoio à família, que temia por eventuais represálias e mesmo o suprimento de necessidades básicas.¹⁰³ Destituída momentaneamente do comando de Fuentes - e sob a guarda do historiador, sócio e colaborador do prefeito, Ivo Caggiani - a menos de 15 dias passados do golpe, a Folha Popular anotava:

PTB Preocupado: Cassação de Mandatos de Legisladores e Prefeitos – Porto Alegre, 13 (FP) – A cassação de mandatos de deputados federais e de líderes políticos, embora esperada, causou, como não poderia deixar de ser, fortes preocupações nos líderes trabalhistas do Estado. Conhecidas as primeiras cassações, os deputados do PTB, vereadores e líderes, começaram a conjecturar sobre quais seriam os atingidos pelas medidas nos legislativos estadual e nos legislativos municipais. A expectativa é enorme no seio do PTB, pois segundo os bastidores, cerca de cinquenta trabalhistas no Rio Grande do Sul teriam seus mandatos cassados com perda de direitos políticos. Igualmente foi ventilada a possibilidade de o Comando Revolucionário cassar o mandato dos prefeitos trabalhistas de toda a fronteira, como medida de segurança contra movimentos articulados pelos políticos azilados em países vizinhos.¹⁰⁴

Perseverando Santana recorda que Indio Fuentes foi intimado a assinar um termo de licença médica da prefeitura, fato que se negou a consumir, deixando para o poder militar a responsabilidade do gesto arbitrário. Pouco tempo depois, após uma segunda detenção em Uruguaiana, o prefeito era esperado nas bordas do município de Santana por um efetivo militar disposto a novamente enquadrá-lo. Foi avisado a tempo por correligionários que o trocaram de automóvel e seguiram rumo a Rivera. O processo de impedimento de Sergio Fuentes, formulado pelo Coronel Knaack de

¹⁰³ Jesus Echeveste Aseff, meu pai, afillhado de Sergio Fuentes, relata que era o encarregado de levar ao prefeito o lanche da tarde, todos os dias. No bilhete endereçado de Uruguaiana, pedia para o afillhado zelar para que sua família não passasse fome. Entrevista concedida ao autor.

¹⁰⁴ FOLHA POPULAR, Santana do Livramento. 13 de abril de 1964, p.4.

Souza, comandante do 7º Regimento de Cavalaria e da Guarnição Federal, foi protelado várias vezes, devido a recorrentes falta de quorum.



Sérgio Fuentes, prefeito cassado de Santana do Livramento.

No dia 23 de abril a Câmara de Vereadores avaliou, em vão, o pedido de afastamento, que patinava sem o apoio da maioria e com a bancada do PTB impondo uma série de obstáculos à realização da sessão. Em 1º de maio o prefeito é instado a prestar declarações de bens e no dia 6 sofre novo adiamento o mandado de segurança impetrado por Índio Fuentes junto a Tribunal de Justiça do Estado. A petição baseava-se na alegação de que o mandado deveria ser julgado pela vara criminal e não pela vara cível. Finalmente na sexta-feira, 15 de maio de 1964, depois de votação secreta, a Câmara Municipal de Vereadores aprova por oito votos a sete e edita o decreto legislativo nº 01/64, de 14 de maio de 1964, suspendendo definitivamente

Sérgio Fuentes de suas funções frente ao executivo municipal. Acuada, a *Folha Popular*, jornal comandado por Sergio Fuentes e seu sócio e secretário municipal Ivo Caggiani, assinala:

S. Fuentes Impedido: Molinos Deverá Assumir

A Presidência da Câmara de Vereadores promulgou ontem o decreto de impedimento do Prefeito Sérgio Fuentes, cuja denúncia acusando-o de haver incorrido em crime de responsabilidade o pedido de “impeachment” deu entrada somente ante ontem na Justiça Civil. Ontem a sra. Maria Luiza Cassales, presidente do Legislativo santanense promulgou o decreto que determina o afastamento do chefe do executivo, a fim de aguardar o pronunciamento da justiça.

DEFESA – A defesa do prefeito Sérgio Fuentes estará a cargo do ilustre causídico santanense Dr. Nery Hamilton Ilha.

VICE DEVERÁ ASSUMIR HOJE – Em virtude do impedimento do sr. Sérgio Fuentes, o vice-prefeito Milton Molinos deverá assumir o cargo na tarde de hoje. Pela manhã nossa reportagem entrou em contacto telefônico com a residência do sr. Milton Molinos, mas não conseguiu sua palavra, de vez que o mesmo se encontrava acamado. Segundo informações de seus familiares, até aquele momento (09,30 horas), o sr. Milton Molinos não havia recebido qualquer comunicação a respeito.¹⁰⁵

As idas e vindas do processo judicial só seriam interrompidas pela cassação promulgada em outubro do ano seguinte, depois da edição do segundo Ato Institucional, que selava a sorte de inúmeros políticos trabalhistas em todo o país, entre eles o prefeito santanense. Conforme foi publicado no Diário Oficial do Estado,

Aplicação do art. 15 do Ato Institucional n. 2

27 de outubro de 1965.

n. Ordem 122

Sérgio Fuentes

Penalidade: Suspensão dos direitos políticos por 10 anos e cassação do mandato de Prefeito Municipal de Livramento, Estado do Rio Grande do Sul.

DO 22.4.66¹⁰⁶

Nas recordações de Perseverando Santana, Sérgio Fuentes surge como um líder austero e inflexível com o arbítrio instalado a partir do golpe. “No programa de rádio que tínhamos na Rádio Cultura, de tom nacionalista e que vinha desde a Legalidade, demos apoio à candidatura de Índio Fuentes, contra a chapa de Hélio Viegas e Honório Arteche, candidatos da UDN”. Ainda sobre o apoio de seus partidários comunistas, o amigo relembra que “ele foi alertado sobre o perigo de um apoio do grupo comunista, no que ele prontamente rechaçou e disse que aceitava abertamente o

¹⁰⁵ *FOLHA POPULAR*, Santana do Livramento. 15 de maio de 1964, p.3.

¹⁰⁶ *Arquivos do DOPS*, Memorial do Rio Grande do Sul. Acervo da Luta Contra a Ditadura. Pesquisado em 12/04/2006.

apoio sim!”.¹⁰⁷ O vice-prefeito, Milton Linn Molinos, assumiria o posto até o final do mandato. Embora filiado ao PTB, não oferecia resistência aos ditames do regime militar, além de servir provisoriamente para a nova ordem como um bom exemplo de tolerância política, estratégia breve, que iria se esgotar a partir de 1968, com a indicação no ano seguinte de um interventor municipal e o endurecimento da ordem política em todo o país.

A mudança brusca no ordenamento institucional de Santana obedecia a uma diretriz que se repetia em todo o país, e que por sua vez, seguia um ziguezague latinoamericano de estabelecimento de pactos sociais e cíclicas falências, desde a colônia até aqueles agitados anos 60 do século 20. Nesse momento, como nota Túlio Halperin Donghi, a guerra fria já abraçava um continente combalido por uma crise econômica e social, que desaguaria em uma severa polarização e a repressão armada às distintas frações da esquerda:

Por volta de 1960, os sinais de esgotamento das soluções inauguradas sob os sucessivos estímulos da crise da guerra (baseadas numa industrialização graças à qual a economia conseguira satisfazer grupos sociais diversos, cuja concordância fundamental tornara possível a afirmação de soluções políticas apoiadas por mais de um setor social) se tornam cada vez mais evidentes. Perdendo as esperanças de poder consolidar o frágil equilíbrio nascido das respostas dadas à crise de 1929, a América Latina dirige-se para um novo período de choques entre agrupamentos políticos, ligados ao aumento da tensão entre grupos sociais e econômicos.¹⁰⁸

À crise econômica e social que engolfava a América Latina somavam-se os ares de guinada política que a revolução cubana propagava sobre o continente. A guerra fria ardia ainda mais com o pacto entre os guerrilheiros da Sierra Maestra com a União Soviética, a partir das declarações de Fidel Castro, em novembro de 1961, de que se tornara marxista-leninista. A polarização ideológica só iria piorar com a crise dos mísseis e o fracasso da Aliança para o Progresso, onde o governo Kennedy tentava uma aposta ao mesmo tempo de reformismo social e intervenção política, junto às conservadoras oligarquias latinoamericanas. Octávio Ianni destaca o caráter imperialista da política norte-americana para o continente, impulsionada por recursos doutrinários como a Aliança para o Progresso, surgidos a partir de concepções como a Doutrina Monroe. Também se associa a reflexão de Donghi, quando reforça o caráter decisivo do malogro das estratégias de desenvolvimento econômico

¹⁰⁷ SANTANA, Perseverando Fernandes. Entrevista citada.

¹⁰⁸ DONGHI, Túlio Halperin. *História da América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1975. p. 257.

capitalista, ensaiados na América Latina no período das duas grandes guerras. Para Ianni, o fracasso das políticas destinadas a criar um *capitalismo nacional* em alguns países latinos, por um lado, e um *capitalismo associado*, por outro, gerou a instabilidade política que desaguardaria na deposição de Jacobo Arbens, em 1954, na Guatemala; de Juan Domingo Perón, em 1955, na Argentina, de João Goulart, em 1964, no Brasil; de Víctor Paz Estensoro, em 1964, na Bolívia, e de Fernando Belaúnde Terry, em 1968, no Peru.¹⁰⁹

2.3 - A imprensa na linha de fogo

Desde os primeiros momentos do golpe de 1º abril de 1964, e posteriormente com o recrudescimento da censura pelo AI-5¹¹⁰, os jornais santanenses *Folha Popular* e *A Platéia*, destacaram-se como opositores ao novo regime. *A Folha Popular* mantinha-se desde sua fundação, em dezembro de 1937, ligado aos ideais trabalhistas de Sérgio Fuentes e seu sócio e colaborador, Ivo Caggiani.

O jornalista Kenny Braga viveu o período do golpe como repórter e redator do jornal *A Platéia*¹¹¹, que durante o governo Goulart manteve estreita afinidade com as idéias trabalhistas de João Goulart. Kenny vivenciou momentos da repressão à imprensa santanense e muitas vezes também se valeu de fugas ocasionais para o outro lado da linha divisória. Com humor relembrou aqueles dias:

Eu tinha 18 anos. Era um guri. Ali me tornei editorialista do jornal. Lembro que, em 1964, já havia ocorrido o golpe militar e o jornal *A Platéia* estava praticamente cercado pelos militares, porque tinha essa posição de independência. Escrevi um editorial que custou o fechamento do jornal por vários dias, porque, naquela época, é bom que vocês saibam, não valia a constituição, que foi derogada pelos militares. Um coronel de Rosário do Sul mandou apreender a edição de *A Platéia* que continha uma notícia que não agradava ao exército. O Toscana, editor, ficou muito indignado com a atitude do coronel. Chamou e me disse que deveria escrever um editorial condenando aquela atitude. Lembro até hoje que escrevi um editorial, publicado na primeira página, que se chamava Sinal dos Tempos. Eu era boêmio. Saía do jornal ali pelas dez, onze horas da noite, e ia com meus amigos para Rivera, aquela roda boêmia, os cabarés! No outro dia eu voltava às onze horas, mais ou menos, para recomeçar meu trabalho. Esqueci do editorial que eu tinha escrito, nem tinha lido o jornal

¹⁰⁹ IANNI, Octavio. *Imperialismo na América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1988. p 136,137.

¹¹⁰ A promulgação do Ato Institucional nº 5, a 13 de dezembro de 1968 instituiu o recesso no Congresso, cassou deputados, suspendeu a garantia do *habeas-corpus* e das liberdades individuais. Manteria acuada a sociedade brasileira por uma década.

¹¹¹ O jornal *A Platéia*, também fundado no ano de 1937, circulou inicialmente como informativo da programação de filmes exibidos no Cinema Internacional, historicamente manteve-se como porta voz dos poderosos da região, entretanto nos anos sessenta abrigou uma verdadeira usina de formação de jornalistas, que viriam a trabalhar nas melhores redações do país. Graças ao perfil desses profissionais, aproximou-se das forças que contestavam o golpe civil-militar.

naquela manhã, pois levantei tarde. Quando cheguei na esquina do jornal, a uma quadra da linha divisória com o Uruguai, eu vi que toda a quadra estava ocupada por soldados do exército com baioneta calada. Lembrei do editorial e pensei: "Ih, isso deu rolo, é o editorial que nós fizemos ontem". Imediatamente fiz a volta e fui na direção a Rivera, no Uruguai. De lá telefonei para um amigo meu, que era secretário da redação, Luiz Carlos Vares, que foi um dos grandes mestres que eu tive, e ele disse: "Onde é que tu estás Kenny?". Eu disse: "Estou aqui em Rivera". "Não volta tão cedo, porque o Toscano já foi levado agora de manhã para Uruguaiana, e está preso, tudo por causa desse editorial aí que tu escreveu". Então eu digo: "Não, mas eu não quero voltar mesmo, eu vou ficar aqui na casa da minha avó, no Uruguai, e não vou voltar tão cedo" [...].¹¹²

No jornal *A Platéia*, dirigido por Toscano Barbosa, a linha editorial trafegava por um caminho de independência, preconizado pelo editor-chefe, embora se aproximasse com clareza das idéias defendidas pelo governo Goulart. Ali trabalhavam os então aprendizes de jornalista, Kenny Braga e Elmar Bones, egressos de movimento estudantil, da União Santanense de Estudantes Secundaristas, a USES. Nas lembranças de Elmar, Toscano "era um jornalista cioso da sua liberdade, do direito de dizer o que imaginava que deveria ser dito, mas que tinha uma bronca da elite pastoril de Livramento"¹¹³. A aproximação dos jovens com Toscano Barbosa se deu através dessa linha ideológica em comum, que se colocava frontalmente contra a elite pecuarista. O jornal da USES era realizado pelos dois estudantes e impresso no parque gráfico de *A Platéia*. Foi através das idéias expressas no jornal que Kenny e Elmar chamaram a atenção de Toscano. Depois dessa aproximação inicial, trabalhar na *Platéia*, foi um passo natural. Elmar Bones relembra daqueles anos como um tempo de muita inserção política dos estudantes na comunidade,

(...) nós fizemos o jornal e circulou uns dois anos. E através da Uses nós começamos a nos vincular ao movimento estudantil estadual, que naquele momento estava se mobilizando para apoiar as reformas de base do João Goulart. (...) havia um programa de alfabetização de adultos, para fazer nos redutos populares, nas vilas, nos lugares de subúrbio, na periferia das cidades, e o Governo Federal dava uma verba (...) um dinheiro xis para a gente comprar o equipamento, que era para a produção de alguns slides e um projetor. Com isso tu montava uma classe numa vila, armava lá num barraco, e fazia. (...) tu participava do universo da alfabetização do cara, usando as palavras do universo dele. Então primeiro tu ia na vila e fazia uma pesquisa da linguagem, das palavras chave do universo do cara. Depois tu selecionava essas palavras e tu começava a ensinar o cara a escrever a partir dessas palavras, era bem simples. (...) Tava tudo organizado, aí nos juntamos com o pessoal do Grupo dos Onze, havia um movimento operário, um movimento camponês, aí fundamos uma Liga Operária-Estudantil-Camponesa. Era uma agitação muito grande. A coisa tava andando assim, aí veio o golpe,...

¹¹² BRAGA, Kenny, in <http://www.pucrs.br/famecos/vozesrad/kenny/kenny.html>. Acessado em 15/04/2007.

¹¹³ BRAGA, Kenny e BONES, Elmar, Entrevista citada.

¹¹⁴ Idem.

Com o golpe, e a reversão abrupta das políticas de alfabetização que estavam sendo promovidas pela USES, baseada no método Paulo Freire, e o desmantelamento de sua direção, os jornalistas ficaram à deriva, em uma sociedade que se fechava cada vez mais. Kenny lembra que logo após o golpe, ele e mais alguns companheiros de jornal encararam pela primeira vez a possibilidade de sair da cidade e buscar um novo rumo na capital. Sentiria saudades do seu Cerro do Marco, espaço preferido para as filosofar e manter discussões políticas. O Cerro, naqueles dias, era eleito pela boemia intelectualizada como um tipo de *templo* fronteiriço, localizado no centro da cidade, na linha divisória,

Tinha o Pio de Almeida, que era jornalista e poeta, nosso companheiro, porque nós trabalhamos juntos na Platéia, e ele defensor da reforma agrária e nós também defendendo a reforma agrária...e o Pio de Almeida conosco, ali no Cerro do Marco, no final da tarde, nós tentando decifrar nosso destino, para onde nós iríamos, e olhando a cidade lá embaixo e houve um tempo em que a nossa resistência se resumia a atuação no jornal. O jornal era, o que sobrou foi a A Platéia, porque a Platéia nos acolhia, nos dava emprego, e abria seus espaços para que a gente escrevesse alguma coisa, porque o Toscano nunca aceitou a censura prévia. E é tão espetacular isso, tão espetacular esse capítulo da Platéia, que todos os jornais brasileiros estavam censurados após o golpe de 1964. Todos. A única exceção era o *Correio da Manhã* do Rio de Janeiro. No Rio Grande do Sul não tinha nenhuma exceção, só a Platéia.¹¹⁵

Nos meses que se seguiram ao golpe, A Platéia continuou mantendo uma linha editorial de indignação com os rumos do novo governo, publicando artigos de jornalistas do centro do país, que criticavam sistematicamente a quebra da ordem constitucional. Toscano Barbosa constantemente mandava transcrever a coluna de Carlos Heitor Cony, do carioca *Correio da Manhã*, para publicar na primeira página do jornal. Caso achasse o texto um pouco recatado, pedia a Kenny Braga que reescrevesse partes do texto e adaptasse à linha política do jornal,

Ele mandava esquentar. Uma vez contei isso pro Cony aqui, anos depois e ele morria de rir. Uma vez o Toscano não gostou do capítulo final. Disse: "Seu Kenny, modifica isso aqui! Isso aqui não tá bem aqui, muda o parágrafo". Eu quis argumentar, mas Toscano, a coluna é do cara, e tá assinado[...]"Mas o jornal é meu!" Bom, aí me matou, e eu mudei o final da coluna. O Toscano seguidamente ia preso, para Segunda Divisão de Cavalaria, em Uruguaiana. E o motivo é que esses oficiais de fronteira estavam muitas vezes acima da lei, estavam acima da constituição. Então o cara lia uma notícia no jornal e não gostavam do que lia e mandavam apreender a edição inteira do jornal, como aconteceu uma vez em Rosário. E o Toscano ficava indignado. [...] E ele até me dizia assim: "Pau nesse crápula seu Kenny, pau nesse crápula!"¹¹⁶

¹¹⁵ Idem. O Cerro do Marco, um monte incrustado na linha divisória, bem ao centro das duas cidades, inspirou gerações de literatos, poetas e intelectuais riverenses que costumavam utilizar o lugar para *saraus* literários entre as décadas de trinta e quarenta. Olyntho Maria Simões, Agustín Bissio e Hipólito Zaz de Recarey estavam entre o grupo.

¹¹⁶ BRAGA, Kenny. Entrevista citada.



O advogado Antônio Apoitia Neto e Toscano Barbosa, diretor de A Platéia.

Elmar Bones enfatiza que a figura de Toscano Barbosa surge naquele momento como um legalista, um cidadão que não aceitava a deposição do presidente João Goulart através da força. Embora não seja equivocado afirmar que houvesse uma aproximação financeira entre Toscano e Jango, o veículo constituía-se de fato em um raro baluarte dos ideais trabalhistas. Porta-voz do ex-presidente em um ambiente de repressão total aos jornais opositores, onde grande parte da imprensa preferiu aderir à nova ordem, o diretor-proprietário da *Platéia* fazia questão de colocar a palavra revolução entre aspas, desconsiderando e afrontando o regime. No início dos anos

sessenta *A Platéia* era distribuída de avião para todos os municípios da fronteira oeste gaúcha. Conforme Elmar Bones,

Eu me lembro que quando o Jânio morreu, digo, renunciou, o Toscano mandou o jornal de avião para toda a fronteira oeste, para chegar primeiro que os jornais da capital com a notícia, que ele captava pelos telégrafos de Rivera, ele tinha um esquema. E ele colocava AP. E todo mundo pensava que era Associated Press, mas era *A Platéia*. E ele tinha um telegrafista de Rivera, que captava o noticiário da AP, a agência de notícia mandava as notas via telégrafo, então ele captava essas notícias ao mesmo tempo em que todo mundo recebia no país.¹¹⁷

Com a boa circulação e um jornalismo engajado, o jornal santanense era considerado um verdadeiro oasis entre a imprensa regional. Publicava novos autores e poetas, muitas vezes de cidades vizinhas como Quaraí e Uruguaiana. Depois do golpe, resistiu enquanto pôde, e serviu de contraponto ao discurso unificado dos meios de comunicação censurados.

Na *Folha Popular*, a repressão aos ideais trabalhistas viria a reboque do impedimento de Sérgio Fuentes, com agressões gratuitas ao diretor de redação, o jornalista e historiador Ivo Caggiani. Poucos dias antes do impedimento de Fuentes, uma denúncia anônima, como seria cada vez mais freqüente daqueles dias em diante, alertava o Exército da existência de armas e material subversivo na redação do jornal, que amanheceria cercado por um forte contingente de soldados armados. Depois de realizada a invasão na redação, nada foi encontrado. O fato gerou uma irada resposta de Caggianni no dia seguinte, estampado nas páginas do jornal, acusando o anônimo “lacaio”.

Mais tarde, o jornalista descobriria que a denúncia havia sido formulada pelo coronel reformado e presidente da conservadora Associação Rural, Armando de Freitas Rolim.¹¹⁸ As denúncias passaram a fazer parte do cotidiano das redações santanenses a partir de então. Conforme o advogado e jornalista Flávio Tavares, banido do país e acusado de participar de um grupo insurgente ligado a Leonel Brizola, é a partir de 1964, “quando se entroniza o dogma da segurança interna, baseado na suspeita de que toda reivindicação é uma sabotagem subversiva, que o adulator desponta como modelo”. O próximo passo lembra Tavares, foi a

¹¹⁷ BONES, Elmar. Entrevista citada.

¹¹⁸ *Diários de Ivo Caggiani*. Manuscrito Inédito. Arquivo Família Caggiani.

incorporação desse novo personagem ao cotidiano político, com força arrebatadora, já como delator. “O alcagüete só não foi elevado à condição de ‘herói patriótico’ (como na Alemanha de Hitler, na Itália fascista e na URSS de Stálin) porque o sarcasmo público o reduziu a uma expressão satírica: o ‘dedo duro’ ”.¹¹⁹ Como se não bastassem às denúncias anônimas, a Folha também enfrentaria o boicote do envio do papel para impressão, que era remetido de Porto Alegre, mas estranhamente não chegava a Santana do Livramento. Em 15 de maio de 1964, dia em que Sérgio Fuentes era oficialmente impedido de suas atribuições pela Câmara de Vereadores o jornal alertava:

Em virtude de que o papel destinado a impressão da Folha Popular, embarcado em Porto Alegre há vários dias, ainda não chegou a esta cidade, somos obrigados a circular em formato tablóide. Todas as providências cabíveis foram tomadas para que esse problema seja resolvido com a maior urgência possível e que FP possa voltar a seu formato habitual. Por esse motivo de todo alheio a nossa vontade, pedimos excusas.¹²⁰

Nos meses que se seguiram ao golpe, Toscano Barbosa em *A Platéia* e Ivo Caggiani, na *Folha Popular*, ecoavam os artigos publicados na imprensa do centro do país, em especial os articulistas cariocas, que batiam de frente com a nova ordem. Naquele momento, em uma parcela expressiva da imprensa carioca, como os jornais *Última Hora*, *Jornal do Brasil* e *Correio da Manhã*, avolumavam-se artigos que desnudavam os desmandos do golpe de abril. Até jornalistas não alinhados com o direcionamento nacionalista pela qual se pautavam alguns veículos de imprensa, adeptos do governo Jango, acusavam a violência do novo regime, como fez o jornalista Carlos Heitor Cony, do *Correio da Manhã*, poucos dias antes do golpe completar um mês,

A SOI-DISANT Revolução de 1º de Abril pode ter alguns aspectos simpáticos. A subida do marechal Castelo Branco ao poder seria um destes aspectos simpáticos. Mas o que prevalece são os aspectos não apenas antipáticos, mas repulsivos. E para sabermos qual o aspecto mais antipático ou mais repulsivo - o páreo é duro. De minha parte, não tenho dúvidas em apontar a pior faceta do 1º de abril: o ilegal e violento desrespeito à dignidade humana. Perdoa-se a confusão, os equívocos, as precipitações das primeiras horas. Mas a confusão, os equívocos e as precipitações perduram ainda. O Ato Institucional - parece - institucionalizou a confusão, os equívocos e as precipitações. E estou sendo generoso ao não mencionar as perseguições e as vinganças que também se institucionalizaram nesta súbita e medieval caça às feiticeiras que estamos vivendo. A plebe ignora os responsáveis por tudo isso. Conhecemos apenas os executores, o longo braço desta lei ilegal que aí está: a Polícia, os esbirros, os alcagüetes de

¹¹⁹ TAVARES, Flávio. *Memórias do Esquecimento*. São Paulo: Globo, 1999.p. 163.

¹²⁰ FOLHA POPULAR, Santana do Livramento. 15 de maio de 1964, p.3.

uma e de outros. Mas ninguém sabe ao certo em nome de que princípio ou para que fins estão conspurcando a dignidade humana através de prisões e punições idiotas e violentas.¹²¹

Jefferson Barros, jornalista gaúcho, testemunhou nos bastidores do jornal *Última Hora* em Porto Alegre a trajetória da campanha da Legalidade e os anos de governo Goulart. No relato de suas memórias, onde tenta reconstruir as últimas publicações do jornal que, posteriormente, viria a ser transformado na alinhada *Zero Hora*, o repórter relembra como o golpe aniquilou as pretensões de um jornal “nacional e popular”, o braço gaúcho da rede de Samuel Wainer.

A *Última Hora* gaúcha foi o único jornal da rede a circular dia dois de abril. Refugiado na embaixada do Chile, desde o dia primeiro, Samuel Wainer percebia que seus maiores temores estavam se confirmando. Não se tratava de um golpe a ser sustado por um suicídio espetacular como em 1954, nem por um contra golpe militar legalista como em 1955. Menos ainda por uma resistência popular organizada como na Legalidade em 1961. Tratava-se de um golpe para montar um novo poder. Para desmontar a incipiente democracia. As primeiras vítimas seriam as organizações populares, sindicais, estudantis, personalidades e partidos progressistas de esquerda, e a imprensa, principalmente a rede *Última Hora*. Mas a repressão não queria fechá-la, queria comprá-la para usar seu prestígio popular com sinal invertido.¹²²

Os movimentos de repressão política em uma cidade tradicionalmente conservadora e excludente, com a crescente perseguição aos que não apoiavam abertamente a nova ordem, levou a redação da *Folha* a buscar um precário equilíbrio entre o que poderia ou não ser enfatizado como posição política, sem cair na linha de mira dos vitoriosos do embate de 1º de abril. Menos de um mês após o 13 de dezembro de 1968, que decretou o marco da repressão aberta aos meios de comunicação, a *Folha* passou a publicar editoriais muitas vezes disfarçados em artigos ou colunas sociais, permeados de uma narrativa irônica e provocativa. Para esses textos valiam os pseudônimos da redação. Kenny Braga escrevia sob o codinome de Mirinho Durão, mas havia também o Dr. K-Botino, ou ainda as análises cruas e cheias de nostalgia de Nei Messias, cronista da *Folha da Tarde*.

Em uma das edições de 1969, o articulista Roberto Mello ocupava parte nobre da página três para expôr os desencantos de uma geração atordoada por um clima de perseguição e delação. O clima sinistro de solidão e paranóia envolve o cidadão

¹²¹ CONY, Carlos, Heitor. “*Res sacra reus*”, *Correio da Manhã*, 28/04/64, in: ALVIN, T, C. (org). *O Golpe de 64: A imprensa disse não*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. p.62.

¹²² BARROS, Jeferson. *Golpe Mata Jornal*. Desafios de um tablóide popular numa sociedade conservadora. Porto Alegre: JA Editores.1999, p.144.

vencido, o estudante, o jornalista, o operário que retornou para uma sociedade vigiada,

A cidade despertou com outros olhos. Também os olhos que olhavam para as ruas desertas não eram mais os mesmos. Estrangeiros voltamos.[...] Era noite e as árvores do Parque gemiam. Queriam nos assustar. Os bancos frios esfriaram ainda mais seus assentos. As tartarugas da fonte vieram à tona, mostrando suas caratonhas em máscaras tremendas. Tudo e todos. Desconhecidos, janelas, portas, calçadas, bancos, árvores, tartarugas diziam: "vão embora, vão embora". A cidade nos corria, nos enxotava. Nos esqueceram. Também nós não a reconhecíamos mais. A imagem que ficara, apenas ficara na memória. Não existia mais. A realidade atual é diferente. O retorno cada vez fica mais difícil. E a gente fica naquela estranha posição de estrangeiro no mundo. A cidade natal nos recusa, as cidades porque passamos não nos aceitam.¹²³

O desencontro das gerações e a falta de opção em uma época que se mostrava fechada para os protagonistas e simpatizantes de um outro projeto de Brasil ecoavam nas páginas da *Folha Popular*, que driblava as determinações de censura, estampando em suas páginas as impressões do cronista, antevendo a grande onda de repressão e crimes políticos que se avizinhava.

Os textos, redigidos em figuras de linguagem e recheados de metáforas, denotavam uma estratégia usual, de despiste da censura.

A difícil vez do encontro chegou. Como coisa que não se espera. O difícil encontro. No verão. O desamor de verão. A cidade está cada vez mais viva. Com melhores e mais tocantes côres. Existe gente. As ruas estão mais brilhantes, as manhãs mais coloridas. Os fins de tarde consomem-se entre as mesinhas amarelas, testemunhas mudas da revolução que fizemos. Uma revolução pior que a outra, do desencontro. Talvez do desencanto. Como o do pintor que passou o ano todo namorando uma tela, trabalhando nela pela madrugada - ouvindo música erudita russa - e não conseguiu passar para o pano o que desejava. Imagine. A frustração dos desentendimentos, a não compreensão dos mesmos fatos, repetidos há anos. Todos os dias. Cada minuto um desencontro. As palavras estão cada vez ficando mais difíceis de serem entendidas. Os livros continuam sendo editados, mas as palavras soam ôcas, pronunciadas num deserto rochoso. Apenas o eco responde pela imensidão, levando o verbo mais longe, de paredão em paredão. A rocha não entende. Também nós não mais nos entendemos. Talvez as mesinhas amarelas tenham alguma coisa a ver com isso. Talvez. Testemunhas mudas das oscilações, recuos e atos de fé. Promessas não cumpridas. O nosso amor é tímido, juvenil, maravilhoso e doido. Como o engraxate adventício, que tenta - se vê pelo rosto - mas não se anima a perguntar se quero **graxa**.

As palavras estão ficando difíceis. Economicamente, juntamos nossas palavras para atos melhores, ocasiões mais propícias e conspícuas. Que seria de nós se não pensássemos na existência de melhores atos? Egoísticamente vamos guardando nossas palavras para o desencontro final. Porque haverá o desencontro final. (grifo do original)¹²⁴

Ivo Caggiani era reconhecido pelo setor militar como um colaboracionista dos exilados e fugitivos. Jurema Caggiani, viúva do historiador falecido no final da

¹²³ FOLHA POPULAR. *Estrangeiros*. Santana do Livramento. 11 de janeiro de 1969, p.3.

¹²⁴ FOLHA POPULAR. *A difícil vez*. Santana do Livramento. 12 de janeiro de 1969, p. 03.

década de noventa, lembra que foram inúmeros os perseguidos políticos que Caggiani auxiliou a cruzar a fronteira. O esquema era simples e funcionava sempre que necessário. Um “senhor velhinho”, conforme relembra Jurema, funcionário da Polícia Civil - coordenada por Acílio Pereira da Cruz, amigo de Caggiani e com ligações de amizade com petebistas – chegava na residência do jornalista e historiador munido de carteiras de identidade falsas. O segundo passo seria atravessar para o Uruguai, geralmente sob a guarda “de um padre aí de Rivera”, que pelos cruzamentos de relatos levantados por esta pesquisa apontam para o Padre Veríssimo, da Paróquia da Cuaró. O religioso exerceu a recepção a fugitivos políticos de maneira intensa e sua atuação será mais bem entendida nas páginas seguintes. Jurema Caggiani acredita que, mesmo com a estreita amizade entre o delegado e seu marido, Acílio não suspeitava do esquema. Transferido de Santa Maria, onde havia organizado uma operação de combate ao contrabando de gado, membro histórico do PSD, o novo e poderoso delegado da ditadura era, no entanto, um homem com passagens de infância e de amizade que o ligavam ao outro lado da moeda. Filho de Leôncio Pereira da Cruz, fundador do PTB, Acílio foi menino com Jango Goulart, do qual o pai, Vicente Goulart, mantinha com seu pai a correaria "Cruz e Goulart", em São Borja. Foi nesse ambiente, de trabalhismo e à sombra de Getúlio Vargas, que o menino Acílio cresceu.

Nos anos que se seguiram ao AI5 e por toda a década de 70, Ivo Caggiani seria intimado a comparecer inúmeras vezes ao regimento do exército, instado a prestar declarações sobre textos publicados na *Folha Popular*. Na década seguinte, o jornalista seria praticamente obrigado a passar o controle do jornal para um colaborador, enquanto Toscano Barbosa não agüentaria por muito tempo as pressões políticas e econômicas – incluindo uma campanha da Associação Comercial pelo boicote de anúncios no jornal – e venderia o veículo.

2.4 - Rota natural de fuga

Aos que empreendiam uma rota de fuga por Livramento, a sobrevivência em território fronteiriço exigia uma carga de informações sobre os costumes locais, que incluía o conhecimento do sinuoso traçado que separa os países. Ficou célebre na região o episódio de um pistoleiro baiano, que em 1927 fugiu para a fronteira com

sua companheira, em busca de refúgio no Uruguai. Pediu para ser encaminhado ao Hotel Comércio, conforme indicações de um amigo de Porto Alegre que conhecia os meandros da região. Porém por engano do condutor do veículo que o transportava veio parar no Hotel Comércio, de Santana do Livramento! O cronista santanense Arlindo Coitinho deixou assinalado o caso nas páginas magistrais de *João Bispo*, onde narra os eventos que se desenrolaram a partir desse simples engano. Dois hotéis, com o mesmo nome estavam a não mais que uma dezena de quadras de distância um do outro, contudo isso poderia significar a vida ou a morte. Para João Bispo e sua companheira, significou o cerco da polícia e o suicídio.¹²⁵

Por inúmeras vezes a linha imaginária exerceu uma atração ilusória e enganadora. Eleita como uma rota de fuga natural para o Uruguai, os cerca de 600 quilômetros que separam a capital gaúcha de Santana do Livramento nunca foram fáceis de transpor, como poderia parecer. As rotas de trem, via Santa Maria e Cacequi, ou de carro e mesmo as de ônibus - mais usadas - esbarravam constantemente na vigilância militar. O militante do PTB gaúcho, Índio Vargas - encarregado de estabelecer uma ponte entre o ex-governador Leonel Brizola, exilado em Montevideu - e a resistência, lembra das dificuldades para chegar até a fronteira e as estratégias usadas pelos militantes, destinadas a furar o bloqueio do exército e entrar no Uruguai,

[...] para nós passar era uma dificuldade, tinha que ter um controle das barreiras. Então digamos que fosse de carro. Podia ir até determinado lugar, depois saía a pé, fazia a volta, passava pelos campos ali, a pé tudo, tinha que ser gente bem preparada, fisicamente. Não podia ser muito velhã não, tinha que ser meio novo. Passar pelo banhado, para ir pegar uma outra condução lá adiante. Tudo difícilimo¹²⁶.

Uma das tantas rotas empreendidas pelos “esquemas de fronteira” era mantida pelo jornalista e religioso dominicano Frei Beto, ligado à Carlos Marighela e à ALN (Ação Libertadora Nacional), que ajudava sistematicamente seus parceiros a cruzar para o Uruguai, nos idos de 1966, enquanto experimentava ele mesmo um auto-exílio no Seminário Cristo Rei, na cidade gaúcha de São Leopoldo.

¹²⁵ COITINHO, Arlindo. *João Bispo*. Santana do Livramento: 1ª Edição, Gráfica Editora A Platéia S. A., 1985.

¹²⁶ VARGAS, Índio. Jornalista. Entrevista concedida ao autor.

Muitos vinham do centro do país, conforme relembra o Frei,

Em agosto, Ivo foi novamente procurado por Jarbas. Queria que o religioso o acompanhasse até o Rio Grande do Sul, pois pretendia refugiar-se no Uruguai. Estava sendo procurado pelos órgãos de segurança e temia viajar sozinho. [...] Não os retive mais de uma hora. Apenas o suficiente para explicar como chegar ao Uruguai: bastava tomar o ônibus na rodoviária de Porto Alegre com destino a Livramento - cidade fronteira geminada com Rivera, município uruguaio. Para atravessar a fronteira era só cruzar a rua que divide os dois países e, do outro lado, tomar o ônibus para Montevidéu. Isso eu aprendera por informações obtidas de pessoas que conheciam bem a região. Nunca cheguei à fronteira, embora meus interrogadores jamais se convencessem disso.¹²⁷

Muitas vezes, nem mesmo a vigilância militar conseguia vasculhar a extensa região de fronteira seca com o Uruguai. Em Livramento, dezenas de ruas atravessavam os dois países, unindo as cidades em uma só dimensão. Por essas ruas passaram Carlos Marighella e Joaquim Câmara Ferreira, o Toledo, o número dois na hierarquia da ALN. Como Frei Beto reforça, a rota para a fronteira consolidou-se como viável para novas e sucessivas fugas do país, convulsionado pela repressão crescente aos movimentos de esquerda:

O bate papo e a boa carne gaúcha regada a vinho recobravam o ânimo do companheiro. Após o cafezinho, fui levá-lo a rodoviária onde o apresentei a Francisco, estudante jesuíta que conhecia Livramento e, a meu pedido, dispusera-se a acompanhá-lo até a fronteira. Solicitei a Francisco aproveitar a viagem para trazer-me um croqui das cidades. Não disse, porém, que pretendia utilizar o desenho para orientar melhor os próximos refugiados. Ao regressar, o seminarista trouxe o que eu pedira e confirmou que Arantes atravessara para o Uruguai sem dificuldades.¹²⁸

Cláudio Antônio Weyne Gutiérrez, militante do movimento estudantil gaúcho em Porto Alegre e posteriormente membro da VPR, recorda de 1969 como o ano em que o endurecimento do regime contra as esquerdas revolucionárias fez indispensável o dispositivo de fronteira como alternativa de fuga.

Câmara Ferreira, o Toledo, segundo homem da ALN, em companhia de Paulo de Tarso Venceslau solicitaram a Dedé que auxiliasse frei Betto em suas tarefas. [...] Para Dedé, as passagens para o sul, principalmente para o Uruguai, não continham segredos. O MNR, quando mantinha uma relação forte com Brizola, os usava amiúde. [...] Dedé conhecia pessoas que tinham contato com o consulado uruguaio em Livramento, conhecia as alternativas de passagem mais confiáveis, e tinha contatos em companhias de ônibus.¹²⁹

Nem sempre os clandestinos tinham a mesma sorte ao chegar à fronteira. Para quem não obedecia ao plano traçado e passava imediatamente a Rivera, as

¹²⁷ BETTO, Frei. *Batismo de Sangue*. Os dominicanos e a morte de Carlos Marighella. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982, p.60.

¹²⁸ Idem, *Ibidem* p.62.

¹²⁹ GUTIÉRREZ, Cláudio. *A Guerrilha Brancaleone*. Porto Alegre: Proletra, 1999, p.18.

consequências poderiam ser as piores. Jair Krishke, militante dos Direitos Humanos, responsável por uma rede de auxílio, proteção e resgate de perseguidos políticos, relembra de uma dessas histórias, transcorrida nas cercanias da rodoviária de Livramento. Era novembro de 1969 e a nova leva de militantes que tinham de sair do país aumentava dia-a-dia, vítimas do AI-5, do recrudescimento da repressão e o sistemático desmantelamento das organizações de esquerda. Nas palavras de Krishke,

Eram duas pessoas que chegaram a Porto Alegre. Um tinha sido deputado em São Paulo, eu não lembro do nome. A outra era a então mulher do Vladimir Palmeira, dirigente da UNE. Houve um encontro em frente ao cinema São João, na avenida Salgado Filho. Revista em baixo do braço e tal, e foram levados para a casa de um compadre meu, onde pernoitaram e no dia seguinte partiram de ônibus para Livramento. Na fronteira tinha-se um traçado, e ela seguiu o mapa, fez o que tinha sido recomendado e pegou o ônibus para Montevidéu. Mas ele boboeu, foi fazer lanche, em vez de cruzar logo. Chamou a atenção de alguém e o Cenimar - o serviço secreto da Marinha, o pior de todos e o mais violento – o pegou.¹³⁰

Uma vez de posse de um trunfo nas mãos, os agentes faziam a rota inversa, ou seja, voltavam com o prisioneiro, muitas vezes sob tortura, até a casa onde foi recebido em Porto Alegre e aí desmantelavam a conexão, buscavam cúmplices e promoviam uma varredura nas casas de acolhida. O vacilo na linha de fronteira poderia ser o fim de uma rota segura, alimentada com os cuidados que a clandestinidade exigia.

Assim aconteceu com o militante paulista e a pessoa que o abrigou em Porto Alegre. A *nova* imprensa, arauta do movimento golpista, destacava o feito policial com as cores que a paranóia do momento ditava,

(...) esse meu amigo tinha ido ao Uruguai, ao encontro latinoamericano do Movimento Familiar Cristão, em Montevidéu, e ele foi de carro e tinha um daqueles mapas turísticos. E aquilo que acontece quando a gente viaja, a gente sempre acaba trazendo o troco que sobra, em moeda do país. E ele colocou o mapa e o dinheiro em uma gaveta. Então a imprensa publicava: Mapas e farta quantidade de dinheiro estrangeiro apreendido. Uma coisa exorbitante. Tudo isso só porque um cara ao invés de cruzar e fazer o que deveria ter feito, não fez. Resolveu fazer lanche, coisa e tal.¹³¹

O sucesso da passagem para o Uruguai implicava fatores como o envolvimento de militantes locais e os chamados pombos-correio, que faziam a conexão entre os clandestinos e a base de apoio na cidade. Muitas vezes, a colaboração de pessoas sem uma marcada atuação política, longe dos olhos da polícia, se mostraria eficaz. Nas

¹³⁰ KRISHKE, Jair. Entrevista concedida ao autor.

¹³¹ Idem.

lembranças de Elmar Bones, estudante secundarista em 1964, o auxílio era feito sem muitas perguntas e sem o envolvimento direto nas práticas partidárias, apenas no intuito de ajudar os patrícios que buscavam o Uruguai:

Eu me lembro que uma vez eu ia ajudar uns caras que vinham de trem. E se tu descesse na estação ferroviária corria o risco de ser preso. Então tinha a orientação de descer pro outro lado da rua, em vez de descer na plataforma de desembarque. E um de nós guiava o cara. Tu é fulano? Então vem por aqui. E levava para Rivera e largava. Mas a gente nem sabia quem eram os caras. Mas como tínhamos contato com o partido comunista, diziam olha vai chegar uns caras e tal...fica lá cuidando e traz eles lá por aquelas tábuas e tal...E a gente ia pelo meio de uns depósitos de madeira...nos criamos por ali....a gente passava por dentro e saía já quase na linha divisória.¹³²

O envolvimento político e a ajuda de simpatizantes, policiais ou funcionários públicos de ambas as cidades muitas vezes seria fundamental para a passagem dar certo. Desde a resolução de problemas dos mais prosaicos até a obtenção de documentação e passes para chegar a Montevideú, obtenção de remédios ou auxílio médico, tudo dependia de uma rede de solidariedade a quem ali chegava por primeira vez. Perseverando Santana lembra de algumas pessoas, muitas vezes atuando sob o prisma de um partido tradicional,

[...] tinha um companheiro que pertencia ao Partido Comunista, de grande valor, o Chico Cabeda. Mas era Colorado lá em Rivera. Até condenavam ele que não podia...mas ele justificava, "que eu como Colorado crio condições para tirar passaporte, pra tudo, para o indivíduo ir embora". E ele fazia muito esse serviço, chegavam lá dizendo, olha eu tenho que ir para Montevideú, Chico, e ele conseguia tudo. Ele era do partido. Mas o pessoal achava que ele tinha que militar no partido comunista no Uruguai, era um erro, ele tava servindo tranquilamente, claro, ele era integrado no partido lá de Rivera, o Colorado...um sujeito integrado, estimado, então o sujeito que queria ir para Montevideú, pronto. Sujeitos de grandes valores...¹³³

Antônio Apoitia Neto, advogado santanense, nascido sob os preceitos comunistas defendidos por seu pai, realizaria um importante trabalho de ligação entre os exilados e setores da resistência que ainda mantinham postos avançados no Brasil. Em sua avaliação, foi fundamental a acolhida da população uruguaia, que se solidarizou com os brasileiros perseguidos desde o primeiro momento do golpe, oferecendo muitas vezes quartos para passar a noite, roupas, comida e até dinheiro para aqueles que deveriam seguir viagem. A rota inversa, ou seja, a saída do Uruguai e entrada no Brasil exigia da mesma forma, sólidos contatos para driblar as forças repressivas que estendiam suas redes ao redor da cidade. Nem mesmo o presidente

¹³² BONES, Elmar. Entrevista citada.

¹³³ SANTANA, Perseverando. Entrevista citada.

João Goulart e seus aliados possuíam nos primeiros momentos do golpe, um esquema confiável para deixar o Uruguai clandestinamente. Manoel Leães, piloto de Jango e emissário do presidente, anotou as dificuldades que passou na fronteira naqueles dias.

Depois de haver deixado o Brasil em companhia do Presidente, fiquei alguns meses no Uruguai sem nenhuma vontade de arriscar a travessia da fronteira, ainda que rapidamente. Mas chegou o momento em que não era mais possível adiar a viagem de risco, porque meu amigo e patrão precisava de um mensageiro de confiança para resolver problemas em suas propriedades no Mato Grosso. Certo de que teria ajuda de um amigo que Jango considerava de sua confiança, residente em Santana do Livramento, na fronteira com a cidade uruguaia de Rivera, fui procurá-lo, seguro e otimista. Caberia a ele me orientar, como sairia de Santana do Livramento, por caminhos que contornassem as barreiras policiais montadas para prevenir o ingresso de exilados brasileiros em território gaúcho. Sua atitude foi decepcionante. Disse que não poderia se comprometer dando acobertamento a um perseguido pelo regime militar.¹³⁴

Embora a lealdade do suposto amigo ao presidente deposto deixasse a desejar, Leães não se deu por vencido. Embarcou em um ônibus com destino a Porto Alegre, e só com muita sorte conseguiu driblar o aparato repressivo que já estava armado na região da fronteira. Conforme recorda:

Decidido a seguir em frente, comprei uma passagem de ônibus para Porto Alegre, apesar da certeza de que meu nome constava em todas as listas de “inimigos” do regime implantado em 1964. Pois, a viagem quase terminou de uma forma desastrosa. No entroncamento da estrada entre Santana do Livramento e Dom Pedrito, o ônibus em que eu viajava foi obrigado a parar por uma patrulha militar. [...] vivi terríveis momentos de aflição quando um cabo e um sargento entraram no ônibus solicitando documentos dos passageiros. Quando eles se aproximaram da minha poltrona, levantei e lhes pedi licença para ir rapidamente lá fora satisfazer necessidades fisiológicas. Eles me deixaram passar, sem pedir a carteira de identidade, que me denunciaria irremediavelmente. Fui lá fora e misturei-me com outros passageiros que, após a revista, haviam saído do ônibus. Só voltei quando o cabo e o sargento estavam satisfeitos com a revista.¹³⁵

2.5 - Rumo a Montevideú, passando pela fronteira.

Montevideú foi a primeira grande cidade no exterior onde o exílio brasileiro se fez presente. E a fronteira gaúcha, especialmente as cidades de Santana do Livramento e Rivera, foi a grande porta de passagem para milhares de pessoas que não tiveram como permanecer em solo brasileiro sem correr sério risco de vida. Faz-se necessário, no entanto, estabelecer algumas diferenças entre as gerações que recorreram ao exílio e as diferenças entre esses grupos. Em um primeiro momento, o exílio representou a derrota de um projeto político e pessoal, impôs o afastamento das

¹³⁴ BRAGA, Kenny. *Meu Amigo Jango*: Depoimento de Manoel Leães. Porto Alegre: Sulina, 2003. p. 61, 62.

¹³⁵ Idem. p.62.

gerações de 1964 e 1968 do cenário político e de todo o universo de referências que lhes dera identidade.¹³⁶ Importante notar aqui que, entre militares nacionalistas, políticos identificados com o trabalhismo, comunistas, guerrilheiros engajados na proposta de luta armada e militantes das variadas matizes da esquerda, existem distinções de geração e suas vivências anteriores.

Convém definir aqui as duas gerações, de 1964 e 1968, como marcos referenciais, quando se trata de definir claramente as correntes de exilados que buscaram a fronteira durante os anos da ditadura militar brasileira.¹³⁷ Acredito que é possível definir duas gerações de exilados: os que saíram do país logo após o golpe, ou em um período posterior, e os que tiveram de fugir a partir de 1968, quando o Ato Institucional nº5, determinou o endurecimento do regime. Conforme assinala Rollemberg,

O exílio dos anos 1960 e 1970 foi uma experiência vivida pelo que se pode considerar duas gerações, a de 1964 e a de 1968. Os marcos fundadores foram os movimentos reformistas e o golpe civil-militar que depôs o presidente João Goulart e as manifestações, sobretudo, de estudantes, iniciadas em 1965/1966, em uma curva ascendente até meados de 1968, finalizando com o ato institucional nº5.¹³⁸

No primeiro momento do golpe, foram as lideranças políticas da chamada geração de 64 que buscaram no Uruguai o espaço para um reagrupamento possível. A partir do 1º de abril, toda uma geração de lideranças ativas na cena política no pré-1964 passou a ser perseguida pelo regime militar. De políticos experientes que já atuavam antes de 1945, quando se extinguiu a ditadura do Estado Novo, até militantes bem mais jovens que propunham transformações, apontando para a necessidade de se recorrer ao confronto direto, sem o recurso da lei.¹³⁹

O braço gaúcho do jornal *Última Hora*, naquela que seria sua última edição de caráter independente e pró-Jango, no dia 25 de abril de 1964 pedia desculpas ao público pelos inconvenientes provocados pela interrupção da publicação, poucos dias depois da eclosão do "vitorioso movimento revolucionário, irrompido a 31 de março".

¹³⁶ ROLLEMBERG, Denise. *Exílio*, entre raízes e radares. Rio de Janeiro: Record, 1999, p.12.

¹³⁷ Acompanho aqui a definição de geração como propõe Denise Rollemberg, quando adota o conceito de Jean François Sirinelli e Jean Luchaire, ao determinar uma geração como uma reunião de homens marcados por um grande evento ou uma série de grandes eventos, independente de uma determinada idade em comum.

¹³⁸ Idem, p.51.

¹³⁹ Idem.Ibidem. p.56.

Mário de Almeida, repórter da *Última Hora* gaúcha viveu os últimos dias da imprensa livre e apontou um momento em que a retirada pelo Uruguai tornava-se a única alternativa.

Eu recebi a notícia de que Jango desembarcava no Salgado Filho em torno de meia-noite e seria esperado pelo general Ladário e pelo Brizola. Lá fui eu para o aeroporto. Chegou mesmo em torno da meia-noite, durante uma chuvinha chata. Já deu o rumo certo: para a residência do comandante do III Exército. Cheguei lá, no jipe do jornal. Passou uma hora, mais ou menos, e o Sereno, que me conhecia da Legalidade, fez assim, com o polegar para baixo. Daí o comandante da Brigada que estava...isto foi na noite de primeiro de abril para dois...Daí eu pedi a ele que fosse me falar o que é que era que estava sendo decidido. E ele chegou para mim e disse: "Mário, todo mundo no Uruguai". Então, a matéria para mim tinha terminado.¹⁴⁰

Santana do Livramento passou a figurar então como um portal seguro para a passagem dos trabalhistas e pessoas identificadas imediatamente ao governo Jango, que desciam de muitas partes do país em direção a Montevideu. América Ineu, exilada com a família em Rivera, recorda de figuras marcantes identificadas com o trabalhismo que passaram por sua casa quando cruzaram a fronteira. Carlos Olavo Pereira, jornalista mineiro envolvido na luta pela reforma agrária e as reformas de base, ou o Coronel Dagoberto Rodrigues, ex-diretor dos Correios e Telégrafos do governo Jango. Dagoberto, que expulsou ninguém menos que Henry Kissinger de seu gabinete, quando este, como negociador da gigante multinacional americana de telefonia ITT, tentou suborná-lo para a instalação da rede de comunicações de Brasília, no Governo JK.¹⁴¹

A esses homens, ligados ao trabalhismo, reuniam-se perseguidos de todas as matizes da esquerda, envolvidos com as pressões pelas reformas de base, alguns mais radicalizados, ligados a Leonel Brizola, outros menos, mas que tinham por objetivo a chegada a Montevideu, capital da primeira fase do exílio. José Wilson da Silva, tenente da aeronáutica, cassado e posteriormente assessor militar de Brizola no Uruguai, rememora os primeiros dias do exílio como tempos de extrema dificuldade:

Com o grande número de compatriotas no Uruguai, muitos em péssima situação, funcionários que, perdendo o salário, nada tinham, como eu, por exemplo, foi criada a Associação dos Asilados Brasileiros (...) Os dias que se seguiram foram de contatos com novos brasileiros que

¹⁴⁰ BARROS, Jeferson. *Golpe Mata Jornal. Op. Cit.*, p. 144.

¹⁴¹ Flávio Tavares assinala em suas memórias que “ironicamente, quatro anos e alguns meses depois, Dagoberto Rodrigues é que não pôde mais entrar em nenhuma repartição governamental no Brasil: expulso do Exército após o golpe militar de 1964, foi obrigado a exilar-se no Uruguai, onde passou mais de 15 anos. Vivia tão honesta e modestamente no exílio que, durante muito tempo, nem sequer pôde ter telefone em sua casa”. In: TAVARES, Flávio. *O dia em que Getúlio matou Allende – e outras novelas do poder*. Rio de Janeiro: Record, 2004,p.144.

continuavam chegando, muitos verdadeiros perseguidos políticos; outros por ouvirem falar que Jango havia fugido com malas de dinheiro.¹⁴²

Herbert José de Souza, o Betinho, líder da AP, determina que o exílio em Montevideu começou como uma grande perda de referenciais, e a ilusão de continuidade da luta política, mesmo quando os sinais apontavam para outra direção, a da derrota de um projeto político e de uma geração:

No Uruguai é o reencontro de toda a liderança do movimento popular. Aí, as realidades, vistas de longe, parecem teatro. Como se você reagrupasse os atores reais, enquanto atores de papel seguem o jogo. Fazíamos reuniões da Frente de Mobilização Popular com os atores reais. Mas eles mesmos estavam cheios de ilusões. Por exemplo: “Nós, representando 5 milhões de operários brasileiros...”, ou “Nós, os sargentos das Forças Armadas brasileiras...”, ou “Nós, os oficiais nacionalistas...”; e assim o ex-governador, o ex-deputado, o ex-ministro...Era como se não se tivesse aceito a realidade, se tentasse espichá-la para além de suas fronteiras.¹⁴³

Para a geração de 68, o exílio iria adquirir outra dimensão, de dificuldades ainda maiores e busca por outros espaços de luta que se abririam, como o Chile e a Bolívia¹⁴⁴. O estudante gaúcho Cláudio Antônio Weyne Gutierrez, perseguido, foi obrigado a abandonar o país no final de 1969. Cláudio mantinha uma atuação marcante junto ao movimento estudantil, sendo julgado e condenado pelo Superior Tribunal Militar, devido a sua participação no episódio da invasão do Grêmio Estudantil do Colégio Julio de Castilhos, em Porto Alegre. Para esse jovem estudante, a fronteira significava o passaporte para uma retirada estratégica do país,

Alguns dias depois, no final de outubro, com o meu primo Jeca dirigindo a mais de cem quilômetros por hora por estradas de chão batido, atingimos Rivera. Tomei o ônibus para Montevideu. Meu coração abrigava sentimentos contraditórios (...) o cerco às organizações armadas brasileiras me faziam refletir. Eram como umas férias voltar à militância no Brasil. Começaria um exílio que duraria oito anos.¹⁴⁵

Percebe-se que, para os militantes da geração de 68, a cidade de Montevideu não significou uma aproximação com aquela geração de exilados de 1964. Aqueles militares nacionalistas, sindicalistas ou ex-deputados, ex-prefeitos ou ex-senadores, não demonstravam o mesmo vínculo com a ação proposta pelas esquerdas revolucionárias,

¹⁴² SILVA, José Wilson da. *O tenente Vermelho*. Op., Cit. p. 143,144.

¹⁴³ CAVALCANTI, Pedro Celso; RAMOS, Jovelino (org) *Memórias do Exílio – de muitos caminhos*. Rio de Janeiro: Livramento, 1978, p.79.

¹⁴⁴ Para Denise Rollemberg, no exílio as gerações de 1964 e 1968 são como duas margens, duas paralelas que não se tocam. As pontes foram raras e frágeis.

¹⁴⁵ GUTIERREZ, Cláudio. Entrevista ao autor.

Não havia uma vinculação de um jovem de 23 anos, e uma pessoa com 50 ou 60 anos. Esse mundo do exílio é um mundo diferente. Tu és discriminado por um setor, aceito pelo outro, mas entra o processo da confiança-desconfiança. Desconfiança não por uma população, mas por um setor que já tem uma definição política contrária, é desconfiança total. E daqueles setores que estão militando de alguma maneira, existe uma solidariedade atenta, não é? Quem é, como é que é, como é que faz... É uma paranóia.¹⁴⁶

Para Ernesto Levy, a aproximação periódica com a fronteira, mesmo instalado em Montevideu, significou a continuidade da luta, através do auxílio a exilados e combatentes que ainda mantinham posições de confronto com a ditadura instalada. Assim como ele, uma série de outros exilados, corajosamente instalados em Rivera, a poucos metros do aparato repressivo brasileiro, serviram de apoio e abrigo aos atores políticos alijados pela nova ordem autoritária.

2.6- Os Lares da acolhida

O momento da chegada das primeiras famílias de exilados a Rivera, vindos principalmente das cidades da fronteira oeste gaúcha, de municípios como Itaqui, Cacequi, Dom Pedrito, São Borja, Uruguaiana e mesmo Santa Maria, obedeceu a um impulso que reunia uma fuga possível com uma sensação de precária resistência, dado a proximidade do Brasil. Os agentes políticos perseguidos estabeleceram uma reação clandestina, com maior ou menor poder de fôlego. Logo depois adotaram o caminho do exílio como única saída possível. Por isso, a partir do final de 1965 e 1966 começam a intensificar-se a chegada de famílias que iriam acompanhar seus perseguidos e estabelecer-se em Rivera, junto a exilados com diferentes perfis de atuação política, mas com o nacionalismo e as posições incondicionais de enfrentamento ao regime como causa comum. Embora muitas das famílias que serão abordadas aqui estejam perfiladas ao exílio pela perda de direitos políticos, muitas outras com distintas características passaram pela fronteira e até fixaram residência transitória. Como delimita Denise Rollemberg,

O exílio esteve longe de ser uma experiência homogênea. As vivências foram as mais variadas, a começar pelo *tipo de exilado*. Houve os atingidos pelo banimento; houve quem decidiu partir, às vezes até com documentação legal, por rejeitar o clima em que se vivia no país; houve quem, pessoalmente, não era alvo da polícia política, mas se exilou ao acompanhar o cônjuge ou os pais; houve os diretamente perseguidos, envolvidos, uns mais, outros menos, no

¹⁴⁶ LEVY, Ernesto. Entrevista citada.

confronto com o regime militar; houve quem foi morar no exterior por outras razões que não políticas e, através do contato com exilados, integrou-se às campanhas de denúncia da ditadura e já não podiam voltar com tanta facilidade. Os casos são inúmeros. Neste universo tão diverso, são todos exilados.¹⁴⁷

Importante notar que o clima político do pós-golpe era de desolação para aqueles envolvidos com as propostas de reforma do Estado, em especial as esquerdas atuantes e os movimentos populares, como lembra Jacob Gorender:

(...) o período 1960-1964 marca o ponto mais alto das lutas dos trabalhadores brasileiros neste século, até agora. O auge da luta de classes, em que se pôs em xeque a estabilidade institucional da ordem burguesa sob os aspectos do direito de propriedade e da força coercitiva do Estado. Nos primeiros meses de 1964, esboçou-se uma situação pré-revolucionária e o golpe direitista se definiu, por isso mesmo, pelo caráter contra-revolucionário preventivo. A classe dominante e o imperialismo tinham sobradas razões para agir antes que o caldo entornasse. A hegemonia da liderança nacionalista burguesa, a falta de unidade entre as várias correntes, a competição entre chefias personalistas, as insuficiências organizativas, os erros desastrosos acumulados, as ilusões reboquistas e as incontinências retóricas – tudo isso explica o fracasso da esquerda. Houve a possibilidade de vencer, mas foi perdida. Mais grave é que foi perdida de maneira desmoralizante. Com a definição incontestável no dia 1º de abril, já no dia 3 a operação *Brother Sam* era desativada no Caribe. Os generais triunfantes proclamaram que o Ocidente ganhou no Brasil formidável vitória a baixíssimo custo.¹⁴⁸

Com o golpe posto e a chegada crescente de militantes e fugitivos de toda a ordem à região da fronteira, os esquemas de recepção tiveram de adquirir um sentido de urgência e praticidade. O núcleo do PCB santanense, acostumado aos anos de clandestinidade e aos rituais de segurança, assumiu de saída a recepção aos perseguidos. Isso não excluiu as ações de uma rede que envolvia simpatizantes de outros partidos, famílias sem uma ligação política explícita, além de religiosos e funcionários públicos dos dois lados da fronteira, encarregados de facilitar a passagem para Montevideú, sempre que possível. Policiais, funcionários de consulado e um aparato militar muitas vezes conivente – como veremos no terceiro capítulo – foram fundamentais para que esse equilíbrio de fronteira se estabelecesse. Sem as redes de convivência, muitas vezes de caráter familiar, entre exilados e militares, dificilmente seria efetivada uma passagem segura, dentro dos limites, pela região. Como veremos a seguir, os sistemas de informação brasileiros tinham o total controle das famílias exiladas no outro lado da linha divisória e identificavam

¹⁴⁷ ROLLEMBERG, Denise. *Exílio*, entre raízes e radares. Op. Cit., p.52.

¹⁴⁸ GORENDER, Jacob. *Combate nas Trevas*. São Paulo: Atica. 2003. p.73.

claramente quem exercia as funções de pombo correio e quem auxiliava diretamente os movimentos de esquerda que ainda tentavam resistir.

Nesse sentido, destacava-se por sua atuação na recepção aos fugitivos, a família de Orlando Burmann, Romeu Figueiredo de Mello, Nery Medeiros, Adan Fajardo, Francisco Fagundes, Aquiles Santana Alves e Antônio Apoitia Neto, entre muitas outras, que exerceram a acolhida e a solidariedade, tão fundamentais para quem empreende uma fuga, geralmente em precárias condições materiais e repleta de incertezas.

2.6.1- Beno Orlando Burmann: recepção e passagem

A família do ex-prefeito de Ijuí e deputado estadual pelo PTB, Beno Orlando Burmann, se instalou em Rivera em janeiro de 1966. Diva, a matriarca, trazia consigo seis crianças, contando com um agregado, filho da empregada doméstica da família. Representantes da geração de 1964, com uma atuação política muito forte no noroeste do estado contavam com uma sólida representatividade política erguida no município de Ijuí. Ligados ao trabalhismo, tinham no presidente cassado João Goulart um líder referencial, e mantinham estreita amizade com Leonel Brizola. A admiração a Getúlio Vargas colocava-os em um ambiente trabalhista em comum. Entusiasta do Governo Goulart, Orlando Burmann anotou em um manuscrito ainda inédito,

Antes de falarmos sobre o golpe de 1º de abril, devemos dizer que o período em que o Brasil foi governado por João Goulart, foi um período de paz, prosperidade e de plena liberdade. Nunca o Brasil teve um período em que idéias, princípios, eram discutidos, debatidos em qualquer parte, com ampla garantia para os digladiantes, discutindo-se, com liberdade, projetos que esperava-se encaminhar o país para novos rumos, onde o povo tivesse participação nas decisões e estas seriam tomadas visando os interesses dos brasileiros.¹⁴⁹

Com o advento do golpe, em quase dois anos de tensões e clandestinidade, Burmann percorreu os caminhos da fronteira rumo a Montevideú, em articulações políticas com Leonel Brizola e setores da resistência instalados no Rio Grande do Sul. Nesses primeiros anos, as tentativas de articular uma resistência armada levavam à capital uruguaia um grupo cada vez maior de emissários, exilados e perseguidos pela ditadura. Como grande parte dos atores políticos da hora, Orlando Burmann também

¹⁴⁹ BURMANN, Beno Orlando. Memórias. Texto inédito, onde Burmann anotou memórias da resistência ao golpe e os primeiros momentos de resistência. Cedido pela família ao autor em 25/05/07. p.27.

acreditava que o movimento que eclodiu em 1º de abril não teria vida longa, e o reordenamento democrático viria, “mais dia menos dia”. Ligado ao nacionalismo de Leonel Brizola, ele não demonstrava simpatias em um primeiro momento pelo radicalismo da esquerda armada, mas o endurecimento do regime fez com que passasse a adotar a idéia de um movimento armado como alternativa viável. Passou a conspirar valendo-se de inúmeros disfarces para driblar a repressão, como por exemplo, a figura de um fervoroso pastor:

[...] pensava que fosse durar três ou quatro anos. Acabou durando 21! A liberdade desapareceu, a pessoa não fazia nada e era presa. Eu tinha me eleito deputado em 1962, fui cassado em 1964 e preso três vezes, aqui e no Mato Grosso. Nunca tinha pensado em luta armada, mas depois da cassação e clandestinidade, passei a articular com alguns militares. Tínhamos oficiais prontos para fazer um movimento, que não chegou a existir. Não queríamos guerrilha. Na clandestinidade, não podíamos embarcar em rodovia ou ferrovia. Por isso ajudei muitos a saírem de carro do país. Não sei quantas bíblias eu comprei, começava a conversar sobre capítulos e versículos (...)¹⁵⁰

Nascido em Catuípe, município próximo a Santa Maria, Beno Orlando Burmann é o quarto entre os oito filhos de uma família descendente de imigrantes alemães. Ingressara no mundo do trabalho pelas mãos de uma tia, proprietária de uma casa comercial em Santa Maria. Logo se transfere para Ijuí onde estuda contabilidade e passa a exercer a profissão em um escritório da cidade. Alcança o *status* de líder petebista, quando em 1947 optou pela candidatura de Alberto Pasqualini, em contraposição a quadros do partido que passam a apoiar Walter Jobim. Um dos fundadores do PTB na região, Beno Orlando Burmann logo descobre na atividade política sua vocação:

[...] casa-se com uma descendente de “tradicional família” de grandes proprietários rurais da região e líderes políticos (um dos ascendentes da sua esposa foi senador, um dos cunhados de Burmann foi inclusive vereador pelo PTB e o filho deste foi vereador pelo MDB em Augusto Pestana). Em 1947, Orlando Burmann foi o único vereador eleito pelo PTB em Ijuí (aos 25 anos). Durante a década de cinquenta foi secretário-geral e presidente do partido. Em 1958, foi um dos coordenadores da campanha de Leonel Brizola ao governo do estado. Em 1959, foi incentivado e apoiado por Leonel Brizola como candidato a prefeito.¹⁵¹

Os vínculos de amizade com Leonel Brizola fariam com que o então prefeito de Ijuí contasse com o apoio irrestrito do governo do Estado em sua administração.

¹⁵⁰ Depoimento a: Sindicato dos Professores do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, acessado em http://www.sinpronoroeste.org.br/revista_noticia.php?cod_noticia=28&cod=4.

¹⁵¹ GRILL, Igor Gastall. *Parentescos, Redes e Partidos: As bases das Heranças Políticas no Rio Grande do Sul*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2003, p. 362.

Dessa parceria resultariam algumas das principais obras da sua gestão, como a construção de escolas, obras de eletrificação rural, casas populares, e uma escola técnica, que conferiu novo impulso ao município. O apoio financeiro para a construção da escola técnica foi barganhado por Leonel Brizola, em troca da candidatura de Orlando Burmann a uma cadeira na Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, em 1962. Eleito com expressiva votação da região noroeste, mesmo sob uma apressada campanha política, permaneceu na prefeitura municipal até transferir-se para a legislatura estadual em 1964. Pouco antes do golpe, é instado a abandonar a prefeitura de Ijuí para assumir uma posição relevante no já turbulento momento político que atravessava o país. O golpe o surpreende na rearticulação da atividade parlamentar, sendo cassado logo em seguida.

Os primeiros momentos do golpe foram vividos pelo deputado com um misto de surpresa e desilusão pela falta de uma resposta à altura dos setores organizados, contrários à quebra da ordem constitucional. A incredulidade era o sentimento geral entre os parlamentares petebistas. No dia 03 de abril, no entanto, Orlando Burmann ouviria o pronunciamento do prefeito de Porto Alegre, Sereno Chaise, que em cadeia de rádio anunciava a opção do presidente João Goulart pela renúncia. Em suas lembranças, não esconde o trauma dos primeiros momentos:

O anúncio, como um raio, atingiu todo o Rio Grande, cujo povo queria resistir e ir para luta. (...) Em fins de março, durante a Semana Santa, fui para Ijuí, para fazer contato com os companheiros, com lideranças políticas, dirigentes sindicais e de entidades de classe. (...) Lembro que (...) bati na porta da casa de nosso companheiro Walter Arbo que (...) disse-me da preocupação que acompanhava os últimos acontecimentos. Concordei com ele mas procurei tranquilizá-lo, pois acreditava que os militares, sendo legalistas e tendo jurado defender a Constituição, impediriam qualquer tentativa de golpe. (...) Quando me preparava para viajar, bateu à porta de m/casa o Arno, trazendo-me a notícia de que, iniciava-se o golpe de estado. Liguei o rádio e ouvi a Guaíba, dando as notícias. (...) Fui ouvido na Rádio (Progresso, de Ijuí) e reafirmei minha confiança no Governo e a certeza de que a democracia não seria esmagada por um golpe liderado por maus brasileiros a serviço do capitalismo internacional e dos interesses da extrema direita. Logo, a Rádio Guaíba e Gaúcha passaram a anunciar a Cadeia da Legalidade (tentando reviver 1961) (...) Infelizmente, já no dia seguinte, a situação começou a mudar e logo a tarde, alguns oficiais legalistas, foram afastados das reuniões do Comando. Quando (...) veio o pronunciamento do então Prefeito Sereno, informando que o Presidente Jango havia desistido da resistência, já que qualquer luta, mesmo vitoriosa, exigiria o sacrifício de muitas vidas e estas eram mais preciosas do que a eventual manutenção do poder. Naturalmente, ficamos acobardados. O povo que, na noite anterior, compareceu à Praça da Republica, aplaudindo os oradores e reafirmando sua disposição de lutar, após uma passeata pelas principais ruas da cidade, havia se recolhido, certo de que iríamos à luta e, agora sim, com nossa vitória, encerraríamos os ciclos de periódicas tentativas de golpe, estava novamente na rua, fazendo manifestações e reafirmando sua disposição de defender o Governo legítimo. A

notícia surpreendeu a todos e, aos poucos, foram se dispersando e tomando o rumo de seus lares.¹⁵²

Após a publicação do primeiro Ato Institucional, que decretava a cassação dos direitos políticos de altas autoridades da república, entre elas o presidente João Goulart, o governador Miguel Arraes e o deputado Leonel Brizola, o então deputado trabalhista Orlando Burmann é chamado ao Palácio Piratini. É então informado que o encontro com o chefe da Casa Civil, jornalista Plínio Cabral, seria para acertar uma posição de neutralidade em relação ao golpe, que o liberaria da cassação, naquele momento ainda não publicada oficialmente no Diário Oficial, de acordo com uma proposta endossada pelo governador Ildo Meneghetti. Diante da negativa do petebista de aceitar o pacto, no dia 07 de maio a *Folha da Tarde* estampava o nome de Beno Orlando Burmann, junto a outros deputados, vereadores e prefeitos alijados pela foice do autoritarismo. A partir de então, passou a adotar os cuidados que a clandestinidade exigia:

[...] recebi a notícia que a milícia dos golpistas me procurava por toda cidade e, naturalmente, em Ijuí, onde minha casa era vigiada. Nem meus familiares sabiam onde eu estava. As saídas de Porto Alegre estavam todas bloqueadas e só passavam pessoas que se identificassem nas barreiras, onde havia listas das pessoas “procuradas”. Após 8 dias em Porto Alegre, com a vigilância amenizando, estabeleci, com companheiros, um esquema: Partiríamos de Porto Alegre, à noite, com 2 carros, na frente um carro com duas pessoas que, na barreira existentes na ponte da divisa entre Porto Alegre-Canôas, ao parar, se fosse exigido documentos de todos os ocupantes, o motorista, ao partir, simulasse errar na mudança, engatando a mudança da ré, pisando no freio e, em seguida arrancando e seguindo viagem, indo nos esperar a uns 3 quilômetros. No carro que eu ia, parado a uns 400 metros, desceria, e, enquanto o carro seguia, eu atravessaria a rodovia, tomando os trilhos da RFFSA, passando, de a pé, a ponte ferroviária, que distava uns 90 metros da ponte onde estava a barreira e seguiria pelos trilhos até alcançar o carro que estaria me aguardando no acostamento. Foi o que fiz, levava na mão uma maçã, sentei-me logo após ultrapassar a ponte, passando a comer a fruta, demonstrando tranquilidade, enquanto que a barreira quase defronte onde eu estava, nem ligou para mim. Seguimos adiante e, adiante, havia um posto da Polícia Rodoviária, onde paramos, apenas conferiram os documentos do motorista e do carro e seguimos. Antes de amanhecer o dia, estava em Ijuí.¹⁵³

Os próximos passos do deputado cassado seriam afinados com a arquitetura política ditada por Leonel Brizola, desde Montevideu, na tentativa de unir em uma proposta de reação os setores militares nacionalistas que aparentemente aderiam ao golpe, mas que por convicções ideológicas poderiam significar uma possível rede de sublevação dentro das Forças Armadas. Sob o pseudônimo de Osvaldo Bohrer, ele

¹⁵² BURMANN, Beno Orlando. Memórias. Op.Cit. p. 28.

¹⁵³ Idem, p.30.

partiu para o estabelecimento de contatos de quartel em quartel, em Santa Catarina, Paraná e São Paulo. Com pouco dinheiro e na clandestinidade, chegava a São Paulo em meados de maio de 1964, atuando de camelô para poder pagar as despesas de viagem:

Os primeiros dias, em São Paulo, foram difíceis, pois possuía limitados recursos financeiros e era necessário trabalhar em algo que me provesse de dinheiro. Junto aos camelôs, vi umas blusas comuns, baratas, tipo cardadas, que era novidade do momento. “Investi” o suficiente para adquirir 6 blusas, logo adiante, em cima de um jornal, botei minha “banca” e, em menos de uma hora, as vendi, com lucro de 20%. Voltei ao atacado e adquiri mais dez peças, voltando ao local de venda. No final da tarde as vendi, restando-me um lucro que me permitia pagar hotel, refeições e mais despesas para viajar até Santos, onde pretendia fazer contato com um major cujo nome me foi indicado. Retornei de Santos à noite e, no dia seguinte, cedo, já estava novamente com minha “banca” montada, vendendo tudo o que ali expus. No dia seguinte, depois de exercer pela manhã minha atividade de camelô, retornei a Campinas, onde além voltar ao hotel onde estava hospedado, fui procurar mais um militar, cujo endereço me foi fornecido pelo seu colega de Santos.¹⁵⁴

Em meio a uma verdadeira tempestade existencial, que o colocou de um momento a outro, de influente político petebista e prefeito conceituado, a fora da lei, sobrevivendo como camelô, Orlando Burmann viveu naqueles dias o primeiro impacto do desterro. Ativista do “Grupo de 11 Companheiros”, ou “Comandos Nacionalistas”, de Leonel Brizola, passou a buscar em Montevideú, onde o líder petebista armara o quartel general da resistência, a orientação de novos nomes e contatos no Brasil. O foco imediato seriam os militares da vertente nacionalista, em um espectro amplo que compreendia ainda os setores resistentes da Frente de Mobilização Popular, Comando Geral dos Trabalhadores, Frente Parlamentar Nacionalista, Ligas Camponesas e partidos políticos colocados na ilegalidade. No Rio Grande do Sul fazia contatos com pequenos grupos de militares e, de volta a São Paulo, matriculou-se em um curso sobre Consórcios, que passaria a usar como alegada profissão, com o pretexto de entrar nos quartéis e contactar diretamente mais simpatizantes para o levante nacionalista.

Com o conhecimento que tinha, sabendo que os militares, após o golpe, passaram a ganhar salários que permitiam-lhes pagar prestações dos consórcios, com o material que estava de posse, fácil ficava para entrar nos quartéis, sob a alegação de oferecer a oportunidade do militar em adquirir seu automóvel. Assim, em inúmeros quartéis, tive facilitado minha entrada e o contato com a pessoa indicada, com quem marcava o local para falarmos após o expediente (...) O nosso movimento prosperava e as adesões aumentavam. Viajava para o interior do Estado e para outros Estados e periodicamente seguia a Montevideó, levando informações e de lá trazendo instruções de pessoas que poderia procurar.¹⁵⁵

¹⁵⁴ Ibidem. p. 34.

¹⁵⁵ Idem. p.36, 39.

Em 1965, Orlando Burmann conheceu o chamado Sargento Raimundo – Manoel Raimundo Soares - líder de um grupo de militares nacionalistas, nos contatos que fez em Montevideu junto a Brizola e ao grupo que gravitava em torno de sua liderança. Por intermédio desse contato, viajou pelos estados de Santa Catarina, Paraná e todo o Rio Grande do Sul, promovendo reuniões com os militares para aglutinação de forças. “Formava grupos fechados, muitas vezes mais de um na mesma cidade, mas sem contato um com o outro, pois, avisava, isso iria acontecer quando se aproximasse a hora da ação”¹⁵⁶, conforme relatou em seu diário ainda inédito. O cerco da repressão, no entanto, havia chegado ao grupo dos sargentos, e o próprio Sargento Raimundo apareceria morto, nas águas do Rio Guaíba, meses depois, com as mãos e os pés amarrados. Desse modo, teve de sair do apartamento onde morava em Porto Alegre, buscando abrigo na casa de um capitão da Brigada Militar¹⁵⁷, na praia gaúcha de Mariluz. Por ironia, foi preso naquela praia, confundido com a figura de um estelionatário internacional, que havia mobilizado a polícia em buscas a tipos suspeitos nas cidades do litoral. Ele anota em seus escritos,

Fui preso em Abril de 1965. Viajava por todo Estado, por Santa Catarina e Paraná. Claro que sempre, com todas precauções. Nos primeiros dias de abril, o grupo de Sargentos aos quais me liguei por intermédio do Sargento Raimundo (mãos e pés amarrados), tiveram problemas. O Sargento Raimundo me avisou, aconselhando que eu deixasse o apartamento, pois, se preso um deles, torturado, poderia entregar-me, posto que sabia onde eu ficava quando estava em P. Alegre. Na mesma hora o levei até Viamão, onde ele tinha um lugar seguro para ficar e, retornando a Porto Alegre, peguei a minha pasta e segui para a praia Mariluz, onde tinha casa o capitão da Brigada, que me ofereceu para ali ficar, quando julgasse necessário. Cheguei lá à tardinha, não o encontrando e muito menos o caseiro, a quem tinha sido apresentado, com a ordem de que, quando ali viesse, era para entregar-me o quarto externo, junto à garagem. Já conhecia o dono do hotel, a que fui apresentado pelo capitão, resolvendo ir hospedar-me lá.(...) Dia seguinte, levantei, caminhei um pouco, fui à pé até a casa do capitão, não encontrando ninguém. Voltei ao hotel, tomei café e, vestindo calção de banho, fui caminhar e tomar banho de sol, pois era um lindo e resplandecente dia. Caminhei bastante, nadei e lá pelo meio dia, comecei o retorno para o hotel. Ao enfiar a chave para abrir a porta do quarto, ela foi aberta por dentro e já dois policiais me agarraram, enquanto que pela frente entrava mais dois

¹⁵⁶ Idem.Ibidem p.41.

¹⁵⁷ A Brigada Militar constitui-se na força pública gaúcha, equivalente a Polícia Militar nas demais unidades da federação. Fortalecida pelo líder do Partido Republicano do Rio Grande do Sul, Julio de Castilhos, após a proclamação da república, a força militar gaúcha servia então aos interesses republicanos em contraposição aos ideais liberais, efetivamente fortes no Rio Grande. Já na década de 1960, com a renúncia de Jânio Quadros e o episódio da Legalidade, fortaleceu-se na Brigada Militar uma forte coloração nacionalista, encarnada por Leonel Brizola e o PTB. Setores da força gaúcha protegeram Brizola nos primeiros momentos do golpe de 1964, propiciando condições para sua fuga. Além dos sargentos, que lutavam por direitos políticos, apoiados pelo PTB, amplos setores da oficialidade brigadiana se encontrava identificava com Leonel Brizola e os ideais petebistas quando do golpe de 1964.

brigadianos. Imediatamente, deram-me um soco, houve uma rápida luta corporal, fui dominado e logo algemado(...) Logo vi que não era eu a pessoa que eles procuravam. Insistiram ante minhas respostas negativas, um brutamontes desferiu-me um soco no rosto que consegui amenizar a violência, ao levantar, instintivamente, as mãos algemadas, protegendo meu rosto. Assim mesmo, “tastaviando” fui parar na parede e, ele voltando para me bater, consegui, mesmo de mãos amarradas, trancá-lo, evitando o novo soco, foi, quando o delegado que chefiava a escolta, gritou e mandou parar.(...) Lá pelas 3 horas da tarde, quando o delegado saiu, para, pelo rádio comunicar-se com Ijuí, achei que era melhor eu dizer quem eu era, deixando, então, incrédulos os policiais. (...) O certo era que até aquela hora, eles não acreditavam de que eu era um ex-deputado, cassado e procurado pelas forças repressivas.¹⁵⁸

Levado para a delegacia de Tramandaí, após uma série de intimidações e agressões, frente à eminência de um novo interrogatório, contou com o auxílio de um escrivão, que lhe permitiu o sumiço de quaisquer pistas que levava consigo. Do aliado de última hora, ele relembra,

[...] até aquele momento praticamente nada tinha anotado de meu depoimento e, só, na sala, avisou-me que “eles” já tinham a confirmação de quem eu era, que o delegado deveria retornar à Delegacia e iria retornar ao interrogatório. Falou baixo, para os 2 brigadianos que vigiavam a porta da sala não ouvissem e, então, ele disse que, agora, o interrogatório seria mais violento e perguntou se eu não queria ir até o banheiro, onde poderia me desfazer de qualquer anotação ou documento que estava em minha roupa, autorizando-me a vestir camisa e calça (a temperatura baixava), chamou os brigadianos e recomendou que me acompanhassem até as instalações sanitárias, deixando eu entrar, fechando a porta e ali permanecendo, com a máxima vigilância, para não permitir a fuga e, assim que eu saísse do banheiro, fosse reconduzido a sala de interrogatório. Me desfiz de algumas anotações com nomes, enderços, (em código), rasguei tudo, coloquei no vaso e depois de algumas descargas, nada restou. Fui abrindo a porta para sair, com todo cuidado, pois os policiais, face à recomendação, estavam nervosos.¹⁵⁹

Interessante observar como o mesmo fato é narrado pelo filho, César Burmann, 48 anos, mais de três décadas depois. Munido de uma lembrança diversa, ressignificada, ele enfatiza a participação ativa da mãe, Diva Burmann, que seria uma constante no suporte ao trabalho político do marido, e também as pressões e relações que a família mantinha com o setor politicamente conservador.

[...] me parece que era abril, já passado a temporada de praia. Ele foi lá na praia, encontrar com um cara, e ele tinha um Gordini na época. E ele parou o carro lá na beira da praia, fez o contato e depois foi lá tomar banho de mar, ainda era quente. E viram o Gordini, sem placa, e a polícia achou que era um carro roubado, pois tinha um carro roubado com essas características. Pegaram o carro e a polícia foi lá, e quando ele chegou no carro prenderam ele. Aí identificaram depois que prenderam, como ladrão de carro, depois identificaram que ele era um ex-deputado, que era cassado, que era foragido, e era procurado. Aí prenderam ele, deu manchete, na época era a Última Hora, manchete de primeira página, ex-deputado preso. E o delegado se vangloriando...aí esteve mais de um mês preso no DOPS, na época tinha muito preso político, eles levavam para a Febem, ali depois do Beira Rio, incomunicável. Aí a mãe veio para cá, descobriu onde ele estava. Nós entramos com advogado, com mandato, e usamos todas as relações que a gente tinha, e pressão...e se conseguiu, não lembro quem era o

¹⁵⁸ BURMANN, Beno Orlando. Memórias. Op.Cit. p.40.

¹⁵⁹ Idem.p.40.

advogado na época, se chegou a ser o Otávio Caruso da Rocha, que atuou muito na defesa dele, e depois ficou muito amigo nosso. Então tiramos ele naquela ocasião.¹⁶⁰

Depois de retornar para Ijuí e passar uma temporada, em meados de 1965 Burmann seria preso mais uma vez, em Mato Grosso, onde esteve para presumivelmente vender as terras de um tio de sua esposa. As articulações, naturalmente, acompanhavam as viagens do deputado banido. Coincidentemente, nesse momento o MNR, desde as diretrizes vindas de Montevideú, prospectava ligações de fronteira que futuramente deveriam servir de foco, junto as ações que Guevara desenvolveria na Bolívia. Nesse momento a vigilância policial acompanhava as ações de Burmann com mais intensidade. César relembra da perseguição política no episódio em que o pai foi preso, na casa de parentes em Campo Grande, e quando mais uma vez foi utilizada a interferência familiar na pressão aos militares para a sua soltura, quando ficou pouco mais de um mês detido,

[...] foi a Mato Grosso, porque a família da minha mãe, meu avô, tinha terra, tinha campo lá. E deixou de herança uma parte dos campos que eram da minha mãe e nossos. Meu e dos meus irmãos. Aí o pai foi lá para tratar disso. Tavam querendo vender, meus tios queriam vender, na época não valia nada. Aí o pai foi lá para tratar desse negócio, visitar a minha vó, que era viva ainda. Aí quando eles chegaram lá, armou-se uma denúncia de indivíduos do PRP, do PSD, de partidos de direita, que eram contra o PTB e acusavam nós do PTB, meu pai, de comunista. E não tinha nada de comunista, mas era acusado, eles misturavam as coisas. E acusaram que ele teria ido fazer guerrilhas, e que esse campo que nós tínhamos lá seria um campo de pouso de aviões para a guerrilha, ligado com o Paraguai.(...) Saiu porque minha mãe e minha irmã voltaram para Ijuí e começaram a pressionar. Aí acabaram liberando ele lá. Aí ele veio, a cidade recebeu em caravana, festa...Ele voltou a viver em liberdade, mas como houve pressões novamente ele acabou indo viver na clandestinidade novamente.¹⁶¹

¹⁶⁰ BURMANN, César. Entrevista concedida ao autor.

¹⁶¹ Idem.



O deputado petebista Beno Orlando Burmann, cassado em 1964.

Diva Burmann relembra do período em que o marido passou clandestino, vendo a família em episódios isolados, vivendo a clandestinidade total, sempre em trânsito. “O único que se arriscou por esse Brasil, aqui no Rio Grande do Sul foi o Orlando. Os outros não se arriscavam, de sair assim. O Orlando não parava, eu nem sabia, às vezes mandavam me buscar de noite, de madrugada, eu ia me encontrar com ele nas estradas, em outros lugares assim, isso por um ano!”¹⁶² Identificado com a ala mais à esquerda do PTB, o ex-deputado sofreria a perseguição dos adversários, em um estado polarizado, como bem identifica Daniel Caon Alves:

[...] o golpe de 1964 encontraria a cena política gaúcha: uma intensa polarização entre direita e esquerda, ou melhor, entre o PTB, de um lado, e o PSD e seus aliados, de outro. E é preciso salientar que um segmento que compunha o PTB estadual era formado pelos brizolistas, ala mais radical do partido, que nacionalmente também faziam parte do núcleo conhecido como “grupo compacto”. Esse grupo, fundado num nacionalismo radical e numa rígida leitura do trabalhismo varguista, contrapunha-se tanto às heranças conservadoras e tradicionais da sociedade e economia oligárquicas, quanto ao moderno desenvolvimento capitalista relacionado ao imperialismo – por vezes, seus posicionamentos e sua aproximação com as lutas

¹⁶² BURMANN, Diva. Entrevista concedida ao autor.

comunistas e socialistas criavam-lhe cisões dentro do próprio partido. As suas posições eram, portanto, exatamente opostas àquelas de seus adversários políticos no Estado.¹⁶³

Importante perceber que desavenças também havia no seio dos trabalhistas, como veremos adiante, dividindo brizolistas e janguistas. Paulo Schilling, economista e conselheiro político de Brizola, reafirma essa cisão quando avalia o partido desde um ponto de vista do grupo brizolista e confirma as divisões internas que se faziam notar, principalmente nos anos que sucederam a Legalidade até a ocasião do golpe de estado. Para Orlando Burmann, a imersão na clandestinidade e a consequente decisão em emigrar para o exílio com sua família, na fronteira de Santana do Livramento e Rivera, seria impulsionada pelo plano frustrado do coronel do Exército Jefferson Cardim Osório e o ex-sargento da Brigada Militar, Alberi Vieira dos Santos. No final de março de 1965 eles deixaram as hostes brizolistas em Montevidéu e rumaram para Rivera, depois de percorrer o interior uruguaio atrás de algumas poucas e insuficientes armas. Da fronteira dirigiram-se pelo interior do Rio Grande do Sul, arregimentando um total de 21 homens dispostos a sublevar regimentos militares, até a cidade de Três Passos. Lá ocuparam um quartel e uma rádio, onde leram um manifesto nacionalista e revolucionário. Depois de percorrerem um itinerário que julgavam pré-insurrecto, cruzaram Santa Catarina e foram presos próximo ao município de Leônidas Marques, no Paraná. Acusado de articular um braço do levante proposto por Cardim Osório no Rio Grande do Sul, Burmann voltou à lista de procurados pelos órgãos policiais:

[...] a repressão passou a buscar-me por toda parte, pois, com o levante de Três Passos-Tenente Portela, comandado pelo Sargento Alberi e Cel. Jeferson o Exército passou a buscar-me e, aqui no Estado, a Brigada e o Dops procurava-me em toda parte, já que fui citado como articulador do movimento no Estado. Despedimo-nos e, dali uma semana, fui para Livramento-Rivera, em companhia de m/esposa, onde conseguimos alugar uma casa, enquanto a Diva retornava para Ijuí, para organizar a mudança, que se efetivou nos primeiros dias de janeiro de 1966. Mais tarde, pela imprensa, tomei conhecimento da prisão, tortura, e assassinato do Sargento Raimundo. Não dormi aquela noite, fiquei revoltado, a covardia, a falta de respeito à vida, fiquei, mentalmente, articulando uma maneira de “dar o troco”. Até hoje não aceitei que os cruéis assassinos tenham ficado impunes. Sei muito bem que, de parte da guerrilha, houve excessos, mas, de parte dos que defendiam a ditadura, a barbárie, a crueldade, sempre estiveram presentes quando, dominado um patriota, este imobilizado, fizeram da tortura, a demonstração da sua “valentia”. Acho que a anistia ampla, geral e irrestrita, teria de ser revista, para reexaminar casos de extrema covardia e crueldade dos repressores.¹⁶⁴

¹⁶³ ALVES, D. C. *O golpe de 1964 no Rio Grande do Sul*. Apud: *Ditaduras Militares na América Latina*. Porto Alegre: 2004. Editora da UFRGS. WASSERMAN, C. GUAZZELLI, C, A, B (Org.) p.146.

¹⁶⁴BURMANN, Beno Orlando. *Memórias*. Op, Cit. p. 32.

O plano frustrado de Alberi e Jefferson Cardim teve implicações na vida de outras duas famílias que viriam a estabelecer uma posição de resistência em Rivera, a do policial aposentado Oscar Fontoura Chaves, de São Sepé, e a família do comerciante santanense Romeu Figueiredo de Mello. Conforme relata o jornalista e ex-guerrilheiro da VPR, Aluisio Palmar¹⁶⁵, Alberi e Cardim teriam saído de Montevidéu no dia 18 de março, acompanhados pelo comerciante Alcindor Ayres, de São Sepé. Cruzaram o Uruguai e pernoitaram em Santana do Livramento, na casa de Romeu Figueiredo. Dali seguiram para a errática tentativa de guerrilha em Três Passos e Tenente Portela, no interior gaúcho, com um grupo de 21 homens, entre eles o líder portuário Adamastor Bonilha, que depois viria a se estabelecer na fronteira. Foram presos no Paraná menos de 10 dias depois.

Aluisio Palmar sustenta que o comportamento de Alberi desde esses acontecimentos já denunciava que os arroubos nacionalistas seriam apenas um disfarce de um agente da repressão infiltrado nos grupos exilados. Essa impressão viria a confirmar-se, segundo suas investigações, pelos fatos ocorridos em julho de 1974, quando Alberi encaminhou desde a Argentina um grupo de guerrilheiros da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), entre eles Onofre Pinto, para uma emboscada fatal no Parque Nacional do Iguazu, no Paraná.¹⁶⁶ O efeito repressivo que se desencadeou a partir da ação do grupo de Alberi e Jefferson Cardim denuncia o amadorismo do plano, criticado pelos exilados que planejavam em torno de Brizola um levante de proporções maiores. Teve o efeito de um tiro no pé. Desde então, as desconfianças em torno de Alberi e o tresloucado Jefferson se faziam sentir no grupo de Montevidéu. Enquanto Alberi era visto como uma espécie de ordenança sem cérebro, Jefferson era identificado como incapaz de guardar segredos, afoito por uma ação mais rápida contra a ditadura. O tenente da aeronáutica José Wilson da Silva, conhecido pela alcunha de *Tenente Vermelho*, fazia parte do estreito grupo que planejava junto a Brizola, em Montevidéu, o levante no Rio Grande do Sul e as

¹⁶⁵ PALMAR, Aluisio. *Onde foi que vocês enterraram nossos mortos?* Curitiba: Travessa dos Editores, 2005, p.358.

¹⁶⁶ Palmar lembra que a ação dos agentes da repressão infiltrados nas organizações da esquerda revolucionária eram cada vez mais freqüentes e acabaram por selar a sorte desses grupos. Os chamados “cachorros”, como sustenta que Alberi seria, estavam infiltrados em quase todos os grupos que resistiam no exílio.

possíveis ramificações pelo país, em especial entre os sargentos e oficiais nacionalistas, insatisfeitos com os rumos do golpe. Conforme anota em suas memórias¹⁶⁷, a união de Alberi e Jefferson Cardim no mirabolante plano de insurreição, dada as características de suas personalidades, foi a união “da fome com a vontade de comer”.

Quando o Jefferson Osório fez aquilo, nós estávamos empilhando, e só faltava amarrar em cima, vamos dizer assim. Tinha muita gente envolvida. Muita gente. Talvez o maior trabalho feito a favor do pessoal do governo militar foi aquilo ali. Talvez o maior desmancha-trabalho nosso[...] Por um lado reacendeu a reação deles pra cima de nós.¹⁶⁸

Orlando Burmann resistiu em suas tentativas de contactar grupos militares nacionalistas, mas o estreitamento da repressão logo após o incidente de Três Passos torna seus deslocamentos cada vez mais perigosos. Menos de um ano depois, optaria pela fronteira como um território possível de sobreviver junto à família e, ao mesmo tempo, servir à causa pela qual lutava.

2.6.2 – *Calle Molles 534* - O esquema de fronteira

Em Rivera, Orlando Burmann seria um contato fundamental para o abrigo e passagem de guerrilheiros que faziam a trilha de saída do país para o acesso a Montevideú, em um primeiro momento, e posteriores deslocamentos para o Chile e Cuba, onde o governo de Fidel Castro mantinha apoio aos movimentos de insurreição brasileira, privilegiando em um primeiro momento o Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR), de Brizola. Conforme delimita o historiador Jacob Gorender, dissidente do PCB e um dos fundadores, em 1968, do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário,

O MNR pareceu aos cubanos a organização em que deviam apostar. Havia incentivado e apoiado Julião no plano de instalação de um foco guerrilheiro no Brasil, que nem sequer chegou a tomar forma. Em 1965, exilados da AP e de outras procedências passaram pelo treinamento guerrilheiro em Cuba, porém daí nada resultou de concreto. Via Montevideú, efetivou-se a vinculação com o MNR, fornecendo aos cubanos diversas formas de apoio, inclusive a de treinamento, dentro da concepção foquista. O apoio ao MNR inseriu-se dentro da estratégia da revolução continental, em que as lutas guerrilheiras de vários países da América

¹⁶⁷ SILVA, José Wilson da. **O Tenente Vermelho**. Op,Cit. 1987.

¹⁶⁸ SILVA, José Wilson da. Entrevista concedida ao autor.

do Sul teriam o pivô no destacamento combatente chefiado pelo próprio Che Guevara na Bolívia.¹⁶⁹

Pela fronteira passaram alguns dos mais ativos insurgentes contra o regime militar, entre os anos de 1966 e 1970. Carlos Marighella, primeiro, e Carlos Lamarca, logo depois, segundo apontam os dados originados pelo Ciex (Centro de informações do Exterior) e somente acessados publicamente em 2007, através de uma investigação trazida à luz pelo jornal *Correio Brasiliense*¹⁷⁰, teriam passado por lá. Assim como dezenas de militantes da VPR e da Ação Libertadora Nacional (ALN), que faziam o caminho Brasil-Cuba, para treinamentos guerrilheiros, valendo-se do esquema montado pelo ex-governador Leonel Brizola na capital uruguaia; ou fazendo o caminho inverso: Cuba-Brasil, passando muitas vezes pelo Chile, ainda com o manto institucional intacto, e onde os militantes da ALN e VPR mantinham células.

Nessa posição, Orlando Burmann fazia uma ligação política que extrapolava os interesses únicos do brizolismo, realizando uma ponte entre as gerações de 64 e 68. Pouco antes de se estabelecer em Rivera, em janeiro de 1966, Burmann conheceu os irmãos Frank, que participariam do plano de treinamento de guerrilheiros em Cuba e no Uruguai, visando a insurreição também encampada pelo grupo brizolista. Conforme relatou Orlando Burmann em seu diário: “Foi por essa época que conheci os irmãos Frank, companheiros decididos e de muita coragem, que residiam em Pelotas e, com eles, somente conversei em Montevideo e Rivera, para onde transferei minha residência”. De fato, os relatórios do Ciex mostram que a atuação dos irmãos Frank, bem como todo o grupo de fronteira, ligados ou não a Carlos Marighella e a ALN estavam em pleno desenvolvimento, sendo monitorados com extrema precisão.

Marighella foi um dos “subversivos” preferidos do Ciex. A primeira referência a ele, disponível no arquivo secreto, se refere à expansão da ALN no Uruguai. Uma ‘célula’ seria montada para treinar elementos provenientes do sul do Brasil. “Treinamento que incluiria programa de preparação política e breve curso sobre explosivos”, relata o informe 676, de 19 de novembro de 1968. Consta ainda que os irmãos FRANCK e outro elemento, indicado como Leandro, também este com curso feito em Cuba, estariam atualmente ligados ao deputado Ariel Collazo, que, por sua vez, apoiaria o esquema de Marighella, na base da estratégia

¹⁶⁹ GORENDER, Jacob. *Combate nas Trevas*. Op. Cit., P.135.

¹⁷⁰ Em 22 de setembro de 2007, o jornalista Cláudio Dantas Sequeira, do *Correio Braziliense*, teve acesso a oito mil documentos secretos do Ciex - Centro de Informações do Exército, órgão que abastecia os demais serviços de inteligência da ditadura militar, com dados da atuação monitorada de exilados políticos. De 380 mortos pelo regime, de acordo com dados do Grupo Tortura Nunca Mais, 64 mortos constam dos arquivos a que tiveram acesso a reportagem do *Correio*.

recomendada pela OLAS¹⁷¹. Os agentes do Ciex antecipam os planos de Marighella de lançar, “antes do fim de 1968, a execução de um amplo plano de sabotagem das linhas férreas brasileiras, bem como de setores vitais para o comércio exterior do Brasil”. Já o informe 32, de 6 de fevereiro de 1969, descreve plano de Marighella de trazer ao Brasil elementos treinados em Cuba e no Uruguai. “De Cuba viriam 20 brasileiros, pertencentes ao movimento de Leonel Brizola. Paulo de Mello Bastos estaria integrado nesse esquema, mantendo contatos com o elemento José Francisco dos Santos, atualmente em Montevidéu e que estaria para ingressar em território brasileiro”. Collazo seria o contato de Marighella em Montevidéu, segundo o documento, e prepararia os brasileiros para ir a Cuba fazer treinamento de guerrilha.¹⁷²

Importante notar que, ao mesmo tempo em que cuidava da passagem de militantes na região, articulando constantemente com Montevidéu e as organizações clandestinas da esquerda armada, Burmann não descuidava da sucessão política em seu reduto natal, a cidade de Ijuí. Em 1968, apóia e consolida assim a candidatura do irmão, Wanderley, a vice-prefeito pelo MDB. Burmann relembra: “essa candidatura eu ajudei [...] eu voltava pro Brasil clandestinamente em alguns lugares que os companheiros pediam [...] Esse meu irmão ele nunca tinha sido político e eu ajudei na campanha na clandestinidade”¹⁷³

Dos estimados 380 mortos ou desaparecidos durante a ditadura militar brasileira¹⁷⁴, muitos passaram pela fronteira, tendo em Orlando Burmann um elo de ligação. Para os militares que compunham o grupo de apoio de Brizola em Montevidéu, em especial os que gravitavam em torno do ex-coronel Joaquim Pires Cerveira, o esquema de fronteira era o elo imprescindível para uma passagem segura entre os dois países. Burmann seria um dos contatos, como apontam os documentos secretos do Ciex, de 1971, referindo-se à atuação de Vítor Luis Papandreu, militar integrante do grupo de Cerveira:

[...] Identificado como perigoso por ter sido um dos seqüestradores do vôo do México que foi desviado a Cuba, Papandreu foi extenuamente monitorado. O informe 483 de 1970, por exemplo, registra sua presença em Montevidéu e traça seus passos anteriores por Cuba,

¹⁷¹ A primeira conferência da OLAS (Organização de Solidariedade aos Povos da América Latina) aconteceu em Havana, de 31 de julho a 10 de agosto de 1967. Ali, por inspiração de Salvador Allende e Fidel Castro, reuniram-se algumas das principais lideranças da esquerda armada latinoamericana. Do Brasil compareceram, entre outros, Carlos Marighella, dissidente do PCB, e Herbert José de Souza, o Betinho, pela Ação Popular. O encontro referendou a união das esquerdas do continente contra o imperialismo norte-americano e os princípios marxistas como orientação revolucionária.

¹⁷² SEQUEIRA Cláudio Dantas. *Segredo de Estado*, o Serviço Secreto do Itamaraty. Correio Brasiliense, Brasília, 22 de junho de 2007.

¹⁷³ GRILL, Igor Gastall. *Parentescos, Redes e Partidos: As bases das Heranças Políticas no Rio Grande do Sul*. Op,Cit, p.358

¹⁷⁴ O número de mortos e desaparecidos são reconhecidos pela Secretaria Especial de Direitos Humanos, órgão ligado a Presidência da República.

Tchecoslováquia, Argélia, Paris, Chile e Buenos Aires. [...] Papandreu, segundo os informes, “faria parte do esquema de escoamento de brasileiros de Cuba para o Brasil, junto a Onofre Pinto”. O informe 020, de 20 de janeiro de 1971, registra a viagem de Papandreu ao Brasil. Ele teria “ingressado em território brasileiro, procedente do Uruguai, via Rivera, em 30 de dez/70”. “O marginado teria contado em Rivera com o apoio e a cobertura de Breno Burman, refugiado brasileiro que reside naquela cidade fronteira, à calle Molles, no. 58.”¹⁷⁵

A rota de fronteira e o diálogo das esquerdas com a insurreição da guerrilha armada no Uruguai, encarnada no ativismo dos Tupamaros, foi apontada pelo Ciex em relatórios que abasteciam o SNI. As relações entre Orlando Burmann e segmentos dos tupamaros ficaram bem explícitos, principalmente com a aproximação de sua família com a do médico uruguaio Silva Antuña, ligado ao MLN-T, que dava assistência médica à família quando necessário, tendo inclusive operado Diva Burmann, esposa de Orlando, em uma situação emergencial. O médico santanense Nei Almeida recorda quando emprestou seu fusca para que o colega uruguaio o usasse em uma operação secreta.

Era um traumatologista fantástico, tupamaro, embora nunca tenha me dito, e que depois foi preso. Era um sábado de tarde, eu estava em casa, estava chovendo, e o Silva Antuña bate lá em casa e diz que o presidente da UNE estava de volta ao Brasil e ele precisava levar ele para pegar o trem depois das barreiras militares. No outro dia de manhã ele me devolveu o carro, eu não perguntei nada, nem ele me disse. Era por volta de 1969.¹⁷⁶

A vigilância dos espões do serviço secreto brasileiro, no entanto, anotava o que transcorria na fronteira, identificando passo a passo por onde transitavam os exilados, suas ligações com Montevideu e o trânsito de pessoas suspeitas pela fronteira. Como reforça Cláudio Dantas Sequeira,

[...] pode-se concluir que nunca houve refúgio seguro aos brasileiros contrários ao golpe de 64. Banidos ou exilados, eles foram monitorados a cada passo, conversa, transação ou viagem no exterior. A malha de agentes e informantes operada pelo Itamaraty se estendeu para além da América Latina, alcançando o Velho Continente, a antiga União Soviética e o norte da África [...] Em uma pesquisa detalhada nos 8 mil informes que compõem o arquivo secreto do Ciex, o Correio encontrou milhares de registros de fatos que antecederam ou precederam a morte ou o desaparecimento de 64 asilados brasileiros. Essas informações, que ajudaram a selar o destino dos perseguidos, tinham origem em diferentes fontes, como informantes infiltrados, agentes de serviços de informação estrangeiros ou material apreendido com subversivos. Tudo era processado pelos membros do Ciex, depois classificado e encaminhado aos órgãos da repressão interna.¹⁷⁷

¹⁷⁵ SEQUEIRA, Cláudio Dantas. Op.Cit.,

¹⁷⁶ ALMEIDA, Nei. Médico santanense. Entrevista ao autor e Antônio Carlos Valente.

¹⁷⁷ SEQUEIRA Cláudio Dantas. Op,Cit.

O diálogo entre as esquerdas armadas de Brasil e Uruguai, além do âmbito de fronteira, alcançou um novo significado com as recentes revelações dos arquivos do Ciex, que apontam a passagem de Carlos Lamarca, dirigente da (VPR) Vanguarda Popular Revolucionária por Santana do Livramento, em “fins de outubro de 1969” e uma posterior reunião dele com um emissário dos tupamaros, no Acre. De acordo com o relatório examinado pelo Correio Braziliense, a passagem de Lamarca pela fronteira aconteceu:

[...] em 1969, como atesta o informe 354, de 30 de setembro. Essa informação contradiz o senso de que Lamarca permaneceu clandestino em São Paulo até meados de 70. “Carlos Lamarca viajaria, no correr dos próximos dias, com destino à cidade de Montevideú e daquela capital seguiria viagem para Cuba, via Santiago do Chile e Praga”. O informe 412, de 10 de novembro de 1969, diz que “em fins de out/69”. “O ex-capitão Carlos Lamarca teria chegado clandestinamente a Montevideú, procedente de Livramento (RS), via Rivera (ROU). Da capital uruguaia, Lamarca viajaria – ainda de forma clandestina e, portanto, com documentação falsa – com destino a Santiago do Chile e, daquela capital, para Praga e Havana, onde se encontraria com sua esposa”, informa o Ciex. O informe 304, de 9 de setembro de 1970, também revela fato inédito na trajetória de Lamarca. Segundo o documento entre 20 e 28 de julho de 1970, “um emissário dos Tupamaros” teria entrado em contato com Lamarca, vivendo no Acre, “em zona entre Rio Branco e a fronteira boliviana”. E o informe 483, de 8 de dezembro de 1970, fala da sugestão de Cuba de realizar um Congresso no Chile, que seria dirigido pelo ex-capitão, numa espécie de balanço da luta guerrilheira e com o intuito de propor a unificação de todos os movimentos como estratégia para a revolução. O apoio de Cuba a Lamarca fez, segundo os informes, com que elementos da ALN, descontentes, passassem a VPR.¹⁷⁸

A identificação de Orlando Burmann como um elemento chave no esquema de fronteira faria com que os órgãos de espionagem, e em especial o DOPS multiplicasse a vigilância sobre o ex-deputado trabalhista, que mantinha contato com os tupamaros de um lado, os partidos comunistas de ambos países, e as emergentes organizações de esquerda armada. Depois da queda do esquema de fronteira montado por Frei Beto, em 1969, e o assassinato de Carlos Marighella, Burmann ficaria marcado pelos órgãos de repressão como um elo do esquema que deveria ser quebrado. A forte ligação do político petebista com altos setores das Forças Armadas, através de vínculos familiares, como veremos melhor no terceiro capítulo, pode ter auxiliado de maneira decisiva sua segurança naqueles anos. É preciso reforçar também que o chamado “esquema de fronteira”, nunca obedeceu a um comando unitário, ou ações centralizadas. Era, na verdade, uma tentativa de frações da esquerda, acuada, que agiam aleatoriamente, sem um objetivo mais conectado que não a resistência a

¹⁷⁸ Idem.

ditadura instalada, onde cada organização atuava conforme seus preceitos. No ambiente da fronteira agiam desde o grupo comunista, cujo conceito de revolução não previa o enfrentamento armado, mas um período anterior de libertação nacional que incluía alianças; militantes ligados a Brizola e o MNR, nos primeiros anos, até 1966, e posteriormente guerrilheiros identificados com a ALN e o foco guevarista, a AP, o PC do B e a VPR.

Manoel Luiz Coelho, militante do PC do B desde os anos de universidade em Pelotas (RS), passou o ano de 1966 na China, em um treinamento revolucionário maoísta. Na volta, monitorado por agentes desde os aeroportos europeus, conseguiu despistar os perseguidores e estabelecer-se em Montevideú. Em 1968 transferiu-se para Rivera, onde deu prosseguimento aos contatos políticos do esquema de fronteira e conseguiu emprego na *Greco-Uruguay*, companhia produtora de fumo. A identificação das atividades de Manoel Luiz Coelho na fronteira, compiladas em um relatório da Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, mostra o teor das ações desenvolvidas pelo chamado “esquema de fronteira” e revela o controle que os órgãos de inteligência mantinham sobre as atividades de exilados na região:

[...] Em MAR/67 por questão de segurança homiziou-se no Uruguai, instalando-se ora em Montevideú, ora em Rivera, passando a manter contato com brasileiros exilados e homiziados naquele país. Nesses contatos surgiu a idéia de passar brasileiros que se encontravam foragidos, do Uruguay para o Brasil e vice-versa, através da fronteira Rivera-Livramento. Foi então montado o ‘esquema de fronteira’, posto em prática no início de 70, e do qual Manoel Luiz tomou parte. Mais tarde, em meados de 71, manteve contato com um militante da organização denominada Ação Popular (AP), com quem fixou acertado um novo esquema de fronteira, que seria passar do Brasil para o Uruguai e vice-versa, pessoas, livros, cartas e documentos da AP. Nesse sentido, foram introduzidos no Brasil livros de caráter subversivo e, no Uruguai, cartas e documentos.¹⁷⁹

O estudante Cláudio Antônio Weyne Gutierrez, ligado a VPR (Vanguarda Popular Revolucionária), militou nos terrenos insurrecionais do Chile e Bolívia, ambos em meio a crises políticas que os levariam a processos ditatoriais sangrentos. Infiltrado na Bolívia, e de lá expulso pelo golpe que derrubaria Juan José Torres em janeiro de 1971, sobrevivente do esfacelamento da VPR, Gutierrez parte do Chile para uma nova missão: estabelecer-se na fronteira do Brasil com Uruguai, contribuindo com uma rede de apoio que não chegou a efetivar, conforme recorda:

¹⁷⁹ Relatório da Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República. Brasília, 4 de abril de 1991.

Minha próxima tarefa era estabelecer-me na fronteira Uruguai-Brasil e criar uma base de apoio sem contar com os brasileiros asilados no Uruguai. Para tanto, dispunha de mil dólares e de uma máquina fotográfica. Abandonava o Chile num momento em que a conspiração golpista contra o governo da Frente Popular já estava em andamento. [...] No início de 1972 estava em Montevideú, numa pensão. Revi minha família. Eram tempos bicudos, governo Médici, época do milagre. As notícias do Brasil e de Porto Alegre eram desoladoras. Na verdade, eram épocas, e já fazia tempo, em que vivíamos com a morte na alma. Pouco depois, ia para Rivera. O Uruguai de Bordaberry não era um país tranqüilo. A guerrilha encontrava-se no auge, e a repressão começava a sua escalada, com o Exército centralizando as operações.¹⁸⁰

O nível de infiltrações nas organizações de esquerda recomendavam a atuação em solitário. Mas a sobrevivência na fronteira, longe das redes de solidariedade revelava-se tarefa difícil. Nesse momento, Gutierrez transfere-se para Rivera com a explícita missão de efetuar o esquema de fronteira.



Cláudio Antônio Weyne Gutiérrez, isolado na fronteira, à serviço da VPR.

¹⁸⁰ GUTIÉRREZ, Cláudio Antônio Weyne. *A Guerrilha Brancaleone*. Porto Alegre: Proletra. 1999. p.107

A falta de uma rede sólida de contatos e da ajuda que os grupos de exilados proviam, no entanto, revelou-se crucial para o fracasso do plano:

Tentei, durante alguns meses, me estabelecer como fotógrafo. Tinha comprado um amplificador e equipamento para revelação. Certamente, estava muito longe de ser um profissional bem-sucedido. Trocava correspondências codificadas com a VPR. Estabelecer-me em Rivera, construir uma infra-estrutura para permitir a passagem de militantes, sem nenhum contato e sem dinheiro, revelou-se uma tarefa impossível. Por volta de junho, me convenci da inviabilidade de minha missão naquelas condições e retornei a Montevideú.¹⁸¹

As ligações de Gutierrez em Rivera consistiam em um diálogo maior com a já acuada esquerda uruguaia, em especial com o padre Solon Verissimo, acusado pelo DOPS de ter participado de uma rede de ajuda aos ativistas que fugiam do Brasil e tinham ligações com Carlos Marighella, e o esquema armado por Frei Beto para abrigar militantes no outro lado da fronteira. Em sua defesa, padre Verissimo declarava,

“Em mi parroquia he recibido a varias personas que por razones políticas estaban siendo perseguidas en el Brasil. Quedaban en la parroquia mientras gestionaban su ingreso legal al país. Estas personas no estuvieron en ningún momento escondidas, sino que circulaban libremente por toda la ciudad de Rivera”¹⁸²



O padre Verissimo defendia-se nas páginas do periódico De Frente, em 7 de janeiro de 1970.

¹⁸¹ Idem. p.108.

¹⁸² En Brasil le Temen a Todos Los Curas. De Frente. Montevideú, 25 de novembro de 1969. p.3.

Entretanto, a reação da nova ordem política mostrou-se implacável com o religioso defensor dos oprimidos. O padre Veríssimo sofreria as agruras da repressão em seu país, vindo a falecer alguns anos depois, de acordo com o relato de alguns de seus companheiros, devido aos maus tratos e torturas que teria sido submetido em diversas prisões. O padre Edson Tache, colega de Veríssimo, lembra dos três anos de prisão a que foi submetido Veríssimo como uma das agravantes para sua morte. Tache exercia o sacerdócio em Taquarembó. Lá conheceu o presidente deposto, João Goulart, e fez amizade com Percy Penalvo, administrador da fazenda. Ele mesmo sofreria na pele a repressão que se fazia intensa, em fins dos anos 60 no Uruguai. Quando de uma visita do presidente Pacheco Areco a Taquarembó, envolveu-se em um bate-boca trivial com um guarda-costas do presidente. Foi preso e permaneceu detido por seis anos.

2.6.3 – ‘Tentativa de seqüestro em Rivera’

Em um ambiente de fragmentação, clandestinidade e transitoriedade, a situação dos exilados estabelecidos na fronteira era facilmente identificável. Isso levou a ações de repressão bem localizadas, como a que atingiu diretamente Beno Orlando Burmann no dia 29 de março de 1971. Era noite de segunda-feira, quando o DOPS gaúcho tentou seqüestrar Burmann. Mais uma vez, no entanto, o ex-deputado teve sorte. Lutou contra os sequestradores em uma das ruas centrais de Rivera, a poucos metros da Comissaria de Polícia. Alguns depoimentos se contradizem nos métodos e na circunstância em que se deu o fato, além de datas erradas ou imprecisas, porém acabam se encaixando na somatória de informações que aos poucos vão compondo o corpo dos relatos orais.



A edição de A Platéia de 31 de março denunciava a tentativa de seqüestro.

José Wilson da Silva, o *Tenente Vermelho*, assegura que o companheiro Burmann estava em companhia de Adamastor Bonilha, membro do PC do B, ex-integrante do grupo brizolista de primeira hora e companheiro de Jefferson Cardim e Albery na tentativa de levante em Três Passos, quando aconteceu à tentativa de seqüestro. Bonilha havia cumprido quatro anos de detenção devido aos incidentes de Três Passos e naquele momento vivia junto a outros refugiados, em Rivera. José Wilson se equivoca quanto a data correta da ação, mas narra em detalhes:

Aí por volta de outubro de 1972, o então deputado cassado, Orlando Burmann, procurou-o para se encontrarem com um brasileiro que desejava conversar com os dois. O local do encontro era na Praça Rio Branco. [na cidade de Rivera] A noite lá estava o indivíduo conhecido por Maneco (Paulo Arthur, alcagüete da polícia) que os convida para descerem a rua rumo a uma área desabitada. Em instantes, aparece uma camioneta com as luzes acesas. De dentro da camioneta alguém pergunta por uma “calle” com sotaque carioca. Bonilha virou as costas para a luz enquanto Burmann atendia o pedido de informação, mas nesse momento saltaram de dentro do veículo uns homens, que mais tarde ficaram sabendo tratarem-se de oficiais brasileiros pela conseqüência que teve. Dois tentaram agarrar Bonilha que com eles travou luta. Uns três ou quatro se atacam com Burmann tentando encapuçá-lo e botá-lo dentro da camioneta. Foi luta desesperada, mas o Burmann, um homem corpulento e forte, não se deu por vencido e ao colocarem-no de costas na traseira da camioneta, escorou-se colocou os pés nos raptores jogando-os longe. Ato contínuo, tirou o capuz, deitou a boca no mundo e tratou de safar-se do local. Com a dificuldade de dominar o Burmann, os agressores chamaram um dos

que estavam tentando ancapuçar o Bonilha, que, em luta com apenas um, conseguiu safar-se e entrar numa casa próxima, mesmo mancando de uma perna que havia sido quebrada em Foz do Iguaçu. Já no final da luta corporal, apareceu um policial uruguaio que por ali passava e viu o escarcéu, reagindo com um tiro. Os raptos, desnordeados, desapareceram e, na fuga, deixaram os capuzes e outros objetos. O policial levou Burmann e os materiais para uma chefatura de polícia. Bonilha saiu do esconderijo, foi a casa do delegado Chaves, lá exilado, saindo em seguida à procura do advogado Adan Renê Fajardo, em casa de quem encontrou o companheiro Plínio Petersen, também perseguido. Foram os dois para a delegacia fazer a denúncia de brasileiros entrando no vizinho país para raptar. Bonilha estava certo de que o Burmann havia sido seqüestrado, mas ao chegar na delegacia lá o encontrou.¹⁸³

César Burmann, filho de Beno, vivia em Porto Alegre na ocasião da tentativa de seqüestro, e lembra dos fatos com a ótica e o detalhe do envolvimento familiar. Ele recorda da casa da família como uma base de suporte logístico para os interesses de Jango e Brizola na fronteira, além da ponte que o pai exercia entre os que iam ou vinham, incógnitos, aos países do Prata.

[...] era isso que o pai fazia. E a partir daí, isso era uma atividade que acaba sendo conhecida pela repressão, e os caras tinham uma sede muito grande dele. Queriam o fígado dele. Quando a ditadura começou a ficar mais pesada, eu vim morar em Porto Alegre em julho de 1969, e vim morar aqui com um primo meu que já participava do movimento estudantil. E acabou também naquele ano de 68 em que a coisa ficou mais pesada e terminou com o movimento estudantil e alguns foram para o movimento armado. E esse meu primo foi para a VAR-Palmares, junto com o Bona, Garcia, e com outros aí. E eu quando vim pra cá acabei morando com essa gente. Até nós moramos e alugamos um apartamento, que era um aparelho que chamavam, era só gente do movimento armado. Eu era o único que não participava, mas era simpatizante da coisa. Eu estou te contando isso para fazer a ligação. Depois, fazendo um tempo, esse meu primo foi preso. E eu fiquei uma noite só. Mas esse meu primo ficou lá, torturado, no DOPS. E ali, o meu pai tava lá um dia e um cara ligou dizendo que queria falar com ele e que tinha notícias desse meu primo. Então ele ficou de se encontrar com o cara, ali perto da igreja, ali perto da chefatura de polícia, uma rua pra baixo ali, naquela rua da igreja, mas mais pra baixo. E marcou um encontro ali à noite. Ali na igreja, só que mais pra baixo da praça Artigas. Que ele estava preso a gente sabia, ele esteve um tempo na Ilha. Isso foi em 1970, no meu primeiro ano da faculdade. E o pai articulava toda a coisa, todo mundo que entrava lá né, entrava através dele e saía através dele. Aí então o cara fez essa história, conversou com ele rapidamente, ele disse depois que ficou desconfiado do cara, mas o cara se despediu, e ele saiu para um lado caminhando, aí veio uma camionete, uma veraneio, isso já era noite, era inverno, escuro, não tinha ninguém na rua, o cara parou com a camionete, aproximou dele na beira da calçada, perguntando uma informação. Quando ele foi se aproximar do carro para dar a informação, saltaram quatro pessoas da camionete e agarraram ele. Quando foram agarrar, ele fugiu, e derrubaram ele, e deram uma gravata e começaram a empurrar para botar ele dentro da camionete essa. Aí ele botou os pés na porta, flexionou, empurrou os quatro. Nessa época ele tinha um bom preparo físico, ele era um cara de porte, tinha um metro e oitenta e pico... Aí a primeira vez os caras tentaram, ele derrubou os caras. Aí ele caiu e veio um guardinha, o guardinha foi interpelar os caras. "O que que está acontecendo?" Um guardinha de Rivera. E os caras disseram, "não, é um amigo nosso que tá borracho e nós estamos levando para casa". E o pai foi falar e eles não deixaram, gravatearam, tentaram botar novamente, aí foi que ele empurrou novamente, caiu nos caras e o guarda viu que não era, que aquele cara ali não tava borracho, um cara borracho não faria aquilo, não teria aquela força. Aí soltaram ele, o guarda foi pra cima, entraram na camionete e o guarda quis

¹⁸³ SILVA, José Wilson da. *O Tenente Vermelho*. Op. Cit., p.198.

pegar o pai, pra ver o que que era, e o pai apavorado fugiu do guarda. E o guarda seguiu atrás dele, e os caras deram uma volta na quadra e tentaram mais uma vez, só não abordaram novamente porque o guarda estava junto. Aí sim que o guarda se aproximou e ele foi com o guarda para a chefatura de polícia, aí se esclareceu a tentativa de sequestro da qual participou o Pedro Seelig, que chefou essa operação.¹⁸⁴

Diva Burmann, esposa de Orlando, é oriunda de uma família de fazendeiros e militares da região de Ijuí. Mas ao contrário das orientações políticas familiares, mais conservadoras, dedicava-se à causa que o marido defendia e exercia um papel fundamental no suporte à família. Foi peça chave nos difíceis dias vividos no exílio em Rivera, onde conferia o apoio necessário às ações políticas que Orlando mantinha na fronteira. Ela acompanhava o marido na noite em que o DOPS gaúcho tentou seqüestrá-lo, como lembra:

Ele estava lá em Rivera, e uns amigos dele, que ele tinha contato com gente da fronteira, ele sempre seguiu fazendo contato, com gente que queria fazer uma contra-revolução, o contra-golpe. E marcaram pra ir encontrar com ele, e deram um nome. Mas ele não conhecia quem era. E aí ele pegou o carro, e eu disse, tu não vai sózinho, tu não sabe quem é...e aí nós fomos. Foi ali perto da Delegacia de Rivera, ali tem uma Igreja, e uma ruazinha que não tem muito movimento. Eu fiquei dentro do auto, ali perto da igreja católica. E ele desceu e foi a pé lá para encontrar essa pessoa. Ele não sabia quem era. E quando ele foi lá encontrar era uma cilada. Tinham cinco, e tentaram pegar ele, e ele era um homem forte, porque nós tínhamos uma chácara, e ele revirava aquelas terras, fazia horta (...) E daí foi quando quiseram prender ele, empurraram ele pra dentro da camionete, duas ou três vezes, e ele dava um pulo, e não conseguiam segurar ele. Ele era muito grande e forte. Da última vez ele disse que já estava dentro, quando ele fincou com o pé no banco, empurrou assim o pé no banco e caiu pra fora. E gritou: - Tão me seqüestrando! Gritou, gritou e ia passando um cara da polícia, que é bem perto a delegacia ali, e disse: É o deputado Burman, tão seqüestrando! Porque tinha guarda do Uruguai que cuidavam dele, que iam lá em casa. E quando ele gritou assim, o cara esse era conhecido até nosso, sabe? Era um sargento ali da brigada de Rivera. E viu isso e pegou e veio correndo de revólver e deu um tiro, e eles se assustaram e soltaram o Orlando e correram. E ele ainda deu uns tiros nos pneus do carro. E atiraram o Orlando e tentaram passar por cima do Orlando, que estava caindo assim no lado. Mas ele deu uns tiros e não conseguiram pegar ele. Senão iam matar o Orlando, já tinham matado um antes, uma guria que teve lá em casa. Gente daqui. Era uma guria que tinha vindo de São Paulo, foi se exilar, filha de um médico.¹⁸⁵

Na página central de A Platéia, Toscano Barbosa estampava a tentativa de seqüestro em meio a um noticiário repleto de agitações políticas pelo cone sul. Logo abaixo da matéria central, que denunciava a agressão a Burmann, figurava a matéria sobre o seqüestro em Montevideú do presidente da empresa estatal uruguaia de eletricidade, pelos tupamaros. Ao lado, a manchete avisava que o “terror explode nove bombas em Buenos Aires”. Confirmando a versão narrada por Burmann na

¹⁸⁴ BURMANN, Cezar. Entrevista citada.

¹⁸⁵ BURMANN, Diva. Entrevista concedida ao autor.

chefatura de polícia, o jornal acrescentava: “seis elementos desconhecidos, todos brasileiros, somente não conseguiram consumir o atentado devido à intervenção de um agente policial riverense que, casualmente, passava pelo local (rua Monsenhor Vera, esquina da Uruguai).[...] O Chefe de Polícia da vizinha cidade resolveu custodiar a residência do político brasileiro.”¹⁸⁶

De acordo com as fontes entrevistadas, o homem responsável pela tentativa de seqüestro seria o delegado Pedro Carlos Seelig, responsável pela linha de frente do DOPS gaúcho, de 1969 a 1973, anos em que a tortura se institucionalizou nos porões da ditadura. O delegado ficaria famoso em 1978, quando participou do seqüestro dos militantes uruguaios Lílían Celiberti e Universindo Rodriguez Diaz, em Porto Alegre, em uma colaboração entre os regimes uruguaio e brasileiro, usual desde o alinhamento de ambas ditaduras e que posteriormente foi denominada de Operação Condor. O “Fleury dos Pampas”, conforme anotou a imprensa gaúcha: “deve ser entendido como o homem que executava, no DOPS, o planejamento feito pelos outros organismos, como o Departamento Central de Informações que está ligado à 2ª Secção do III Exército e conseqüentemente ao ponto mais elevado daquilo que o jargão policial/militar convencionou chamar de ‘comunidade de informação’.”¹⁸⁷ Orlando Burmann voltaria com a família para Ijuí no final de 1974, depois de uma estratégica revisão de todos os inquéritos policiais militares a que estava submetido, em Brasília. Mesmo absolvido, seria preso em março de 1975, onde ficaria um mês aprisionado nas dependências do DOPS, acusado de fazer o esquema de fronteira.

¹⁸⁶ *TENTATIVA DE SEQUESTRO EM RIVERA !* A Platéia, Santana do Livramento, 31 de março de 1971.

¹⁸⁷ TUBINO, Najar. SCHIMIDT, Caco. *Um delegado acima da lei*. Coojornal. Porto Alegre, Abril de 1979.

2.7 – Romeu Figueiredo de Mello: resistência possível

A casa situada à rua Arno Gez 470, em Rivera, a 350 metros do Parque Internacional, pertencia à família de Romeu Figueiredo de Mello. Ali viviam sua esposa, a sogra, e dois filhos: Pedro Antônio e Amilcar. Por seu envolvimento com o grupo brizolista de Santana do Livramento e suas claras posições antiimperialistas, que ideologizavam as conversas políticas de então, Romeu foi identificado como potencial subversivo e colocado na lista negra dos que não podiam regressar a Santana do Livramento.

Com 43 anos incompletos em abril de 1964, Romeu se estabeleceria definitivamente naquela casa, pertencente a sua sogra, e dali só regressaria ao Brasil morto, vitimado por um ataque cardíaco, menos de quatro anos depois. Pedro Antônio, o filho mais velho do casal, tinha apenas oito anos quando o movimento militar aconteceu do outro lado da linha divisória, mas em suas lembranças ficaram as marcas do autoritarismo e dos pesados dias que passou a viver desde então.

Isso para mim foi um transtorno tremendo. Isso desestruturou completamente a família. Tive um pai sem poder exercer a vida profissional como a gente esperava que fosse. E acuado, quase que acuado né? [...] ficamos sem grana. E no pátio da nossa casa em Rivera, a gente fez um pequeno aviário, e daí que nós ganhávamos o dinheiro. Nós vivíamos do abate dos frangos, dos *pollos* como se diz na minha terra. E quando o pai vivo ainda, porque depois que o pai morreu nem grana para comer a gente tinha. Os vizinhos nos ajudavam. Ele faleceu no dia 24 de maio de 1967. Infarto do miocárdio.¹⁸⁸

Até o momento anterior ao estabelecimento do golpe militar, Romeu Figueiredo de Mello exercia uma bem sucedida atividade econômica, dividida entre um escritório de importação e exportação, que mantinha no Palácio do Comércio, um centro comercial situado em frente ao Parque Internacional, a administração de três unidades de processamento de café, em Livramento, Rivera e Montevideú, e os proveitos de uma propriedade rural. Filho de uma família de médios proprietários de terra, na região da Coxilha Negra, na linha de fronteira com o Uruguai, Romeu vivia como um típico cidadão santanense de classe média. Nas lembranças de Pedro Antônio, o pai era uma pessoa identificada com a região, filho de uma brasileira e um uruguaio de Tacuarembó, que cresceu nos anos dourados da cidade, quando os cabarés e a vida boêmia conferia um ar de metrópole àquela distante região da

¹⁸⁸ MELLO, Pedro Antônio Dávila de. Engenheiro. Entrevista concedida ao autor.

campanha. Nascido em 21 de junho de 1921, Romeu viveu o apogeu dos cinemas e das reuniões literárias na fronteira, gosto que passou aos filhos sempre que pôde.

Meu pai teve a infância no cinema Colombo, e os filmes eram no cinema Colombo, e no Astral, ele ia muito no cinema Colombo e tinha uma formação cultural muito grande de cinema. Ele era um cinéfilo. E a formação literária dele foi influência da tia dele, Joaquina, irmã da minha vó, que tinha todos os livros. Tinha Camões, uma biblioteca muito farta. E ele leu quase todos os livros daquele tempo, e a gente herdou essa questão da literatura. Então, era uma pessoa que lia muito, que ia ao cinema. Tanto é que ele me dizia que o cinema era uma janela pro mundo. “Meu filho, tu tens que ir ao cinema, porque o cinema é uma janela para o mundo”, ele me dizia. Era muito culto, falava inglês, e lia muito.¹⁸⁹

A política só entraria na vida do boêmio depois da segunda guerra mundial, quando se alistou como voluntário na FEB, e viveria dias decisivos em sua formação, na Itália conflagrada. Quando acabou a guerra, retornou com simpatias ao Partido Comunista Brasileiro e com sérias reservas a posição norte-americana no mundo a partir de então. As posições nacionalistas o faziam defender o Governo Jango e alinhar-se com as idéias de Leonel Brizola, que viriam a marcá-lo na pequena comunidade fronteiriça.

[...] foi a grande tomada de consciência me parece, por que até então era um gurizão que foi pra guerra, e volta mais maduro não tem dúvida, e aí começa a fase de militância política digamos assim, porque depois de uma guerra a pessoa volta adulta. Nos 25, 26 anos. Ele foi para a guerra com 24. [...] Ele não se dizia comunista, ele se dizia nacionalista. A princípio ele era uma pessoa, eu nunca vi ele ir a um partido político, militar e tal. A princípio ele era um homem de esquerda e nacionalista.¹⁹⁰

Perseverando Santana relembra do amigo Romeu como uma figura “maravilhosa”, que gostava da boemia e que desde cedo se mostrou mais afeito às posições revolucionárias do que a estratégia proposta pelo PCB. Depois da guerra esteve na sede do partido em Santana, falando aos companheiros sobre a realidade que encontrou na Europa, do encontro em Paris com o secretário do PC francês, Maurice Thorez. Já na campanha de Índio Fuentes para a prefeitura municipal, discordou do discurso proferido por Perseverando na Rádio Cultura, de franco apoio ao candidato petebista. Já possuía fortes convicções que a via democrática não iria se sustentar no país, e que o melhor seria o enfrentamento.

¹⁸⁹ Idem.

¹⁹⁰ Ibidem.



Romeu Figueiredo de Mello, ao centro, com sua esposa, Orides, e um amigo.

A identificação aberta com um nacionalismo de esquerda levaria Romeu definitivamente para Rivera, perseguido abertamente pelo setor militar, que nem ao menos o deixava voltar aos campos da família, em plena linha divisória. O escritório teve de ser fechado e a sociedade que mantinha nos negócios de café sucumbiu. De um momento a outro, a família se viu prisioneira de um sistema político que reduziu as ambições do pai à sobrevivência do dia-a-dia. Pedro relembra do momento em que o golpe militar chegou na roda das conversas familiares.

Nós já estávamos em Rivera. Eu lembro que era um alvoroço tremendo dentro de casa. Eu tinha oito anos. Mas eu lembro que era um alvoroço tremendo, não tem como esquecer aquilo. Eu me lembro que meu pai chamava os gorilas, os gorilas, os gorilas... e ele não pôde entrar mais em Livramento. Aí nós ficamos ilhados em Rivera. Nós já morávamos em Rivera e não pudemos sair mais de Rivera. Ele tinha as fábricas de café em Montevideú, em Rivera e Livramento, mas acabou tendo problemas com os sócios e acabou perdendo, quebrando.¹⁹¹

Na casa de Romeu aportariam muitos dos refugiados de primeira hora, que tiveram de deixar o país sob pena de prisão imediata. Nas lembranças de criança de Pedro Antônio, a casa paterna surge como o local de solidariedade extrema, ofertada aos viajantes que procuravam abrigo naqueles primeiros dias do golpe militar.

¹⁹¹ Idem.

Pouco menos de um ano depois, por ali passariam o coronel Jefferson Cardim, Albery Vieira dos Santos e o comerciante de São Sepé, Alcyndor Aires, que deflagrariam a chamada “Guerrilha de Três Passos”, o levante frustrado que marcaria a única tentativa concreta do grupo exilado em Montevideu de desestabilizar a ditadura instalada.

[...] como nós já morávamos lá, digamos que nós fôssemos os melhores estruturados, logo que se deu a revolução. Já tinha a casa da minha mãe, já tinha uma bela duma casa que a gente tinha ali. E por ser essa casa muita bem estruturada, serviu como porta de entrada para muita gente no Uruguai, para o exílio uruguaio. Muitas pessoas passavam por ali, eu digo que quase todas as pessoas passavam por ali. De uma maneira ou de outra meu pai interferia, ou era consultado, como melhor colocá-las dentro do Uruguai. O meu pai era a pessoa que recebia no Brasil e colocava dentro do Uruguai. (...) era insólito. Não tinha hora, chegavam de manhã, de tarde, de madrugada. Umhas figuras diferentes, homens quase todos, e ficavam conversando na sala, era um mistério. E a gente queria ficar participando das conversas e acabava participando no final. Muitas pessoas dormiram no meu quarto. Eu me lembro do sargento Alberi dormindo no meu quarto, o Jefferson Osório...Doutor Benvenuto, o Oscar Fontoura Chaves, o professor Chaves - que é outro, seu Valdemar, e muitas pessoas que eu nem lembro mais o nome.¹⁹²

No restrito mundo dos exilados em Rivera, as relações entre os grupos eram inevitáveis, muito embora houvesse simpatias bem definidas pelas posições de Jango ou Brizola. É nesse ponto que entra na conexão da casa dos Mello o policial civil Oscar Fontoura Chaves, ambos ligados por uma amizade em comum com Jefferson Osório e o grupo de Três Passos. Depois de deixar a casa dos Mello em Rivera, na manhã do dia 20 de março de 1965, o grupo insurgente vindo de Montevideu, comandado por Jefferson Cardim Osório dirigiu-se a São Sepé, aonde iria contactar Oscar Fontoura Chaves para uma adesão à causa.

Colaborador do governo Jango, o qual esteve servindo pouco antes do golpe em Brasília, Oscar Chaves absteve-se em participar diretamente do plano de Cardim e Alberi, mas seu encontro com os rebeldes seria marcado pela repressão. Nas lembranças de América Ineu Xavier, viúva do policial, a visita do grupo na tentativa de arregimentar seu marido para a guerrilha foi definitiva para a sua prisão, poucos dias depois:

[...] aí veio aquela coisa que houve lá, uma guerrilha. Em Santa Catarina né? ou lá na divisa com o Paraguai...Aí houve a formação de uma guerrilha, do Coronel Jeferson...uma coisa louca, e o cara esse, da guerrilha, segundo...ele teria passado lá e teria convidado ele pra ir e ele se recusou. Disse que não, que era uma coisa que não era organizada, tal e coisa e que ele não iria. Segundo né? Eu não sei, é o que contam. Aí esse cara foi preso, foram diversos, um tal de Alberi, foram diversos presos...e aí nos depoimentos eles teriam dito que teriam convidado ele.

¹⁹² Ibidem.

Tá, eles prenderam ele porque disseram que ele devia denunciar. Aí ele foi preso de novo, aí em São Gabriel. Ele foi preso em São Sepé e levaram ele para São Gabriel, que tinha quartel. Ele ficou lá abril, maio, junho, julho e agosto. E em agosto ele fugiu. E nem eu bem sei, foi um horror aquilo!¹⁹³

Naquele momento, Montevideú já contava com mais de dois mil exilados brasileiros e a cada dia passavam pela fronteira novos clandestinos. A repressão que a ação mal-sucedida de Três Passos desencadeou em todo o Estado iria redirecionar os destinos de muitas famílias para o caminho da fronteira. Oscar Fontoura Chaves foi preso e levado ao 9º Regimento de Cavalaria de São Gabriel, para interrogatório. O advogado Índio Vargas, natural de São Sepé, engajado posteriormente no movimento de insurreição, lembra que a população local já não suportava o trauma causado por constantes interrogatórios a que era submetida por militares oriundos de São Gabriel, Bagé e Santa Maria.¹⁹⁴ Oscar Fontoura Chaves também experimentou a prisão e o interrogatório nos primeiros dias do golpe, porém logo foi liberado.

Desta segunda vez, no entanto, seria severamente torturado como cúmplice de Jefferson Cardim Osório. Menos de cinco meses depois, Oscar Chaves conseguiu cerrar as grades da cela em que o mantinham no quartel e empreendeu assim uma fuga escondendo-se de dia nos matagais da região e deslocando-se à noite. Conhecedor da região, onde atuava no combate ao contrabando de gado, ao lado do delegado Acílio Pereira da Cruz, que mais tarde seria o chefe da 12ª região policial em Santana do Livramento, conseguiu driblar as forças do exército. Auxiliado por camponeses, Oscar chegou a Rivera, no final de 1965, onde pediu asilo político na Chefatura de Polícia. Antes, porém foi recebido na casa de Romeu Figueiredo de Mello. Pedro Antônio recorda do estado crítico que o policial chegou em sua casa, vomitando e urinando sangue, devido às torturas a que foi submetido. Para dormir, Oscar Chaves tinha de ser hipnotizado pelo doutor Adalberto Benvenuto, médico de São Borja, exilado na fronteira com a família desde os primeiros momentos do golpe, e que prestava serviços de toda ordem, desde que envolvesse a saúde da comunidade de refugiados.

¹⁹³ XAVIER, América Ineu. Dona de casa. Depoimento concedido ao autor.

¹⁹⁴ VARGAS, Índio. *Guerra é guerra*, dizia o torturador. Rio de Janeiro: Codecri. 1981. p.17.

Pelos olhos de uma criança, curiosos com os acontecimentos que a cada dia movimentavam o ambiente doméstico, ficaram marcadas as lembranças de solidariedade da família e as condições de extrema penúria com que chegavam os fugitivos da nova ordem, como a família Penalvo, que depois viria a administrar a fazenda de João Goulart, em Tacuarembó.

Eu lembro da chegada do doutor Oscar. Lembro mesmo, ele era um cara forte, grande. Bem, eu era uma criança de 11 anos, mas ele parecia um gigante. Era um homem encorpado, já grisalho[...]Eu lembro que chegou muito nervoso, não conseguia dormir, e expelia sangue pelas fezes, pela urina...Lembro como se fosse hoje também, a minha vó cedeu o quarto dela e o doutor Oscar dormia ali. Era o único digamos que não dormiu no quarto meu e do meu irmão, que dormiu fora. Tinha o quarto meu e do meu irmão, e uma terceira cama, por onde passavam as figuras. Normalmente tinha uma cama "de varde" como se diz na minha terra e normalmente tinha um dormindo na cama. E aquele quarto da minha vó foi cedido...e era pro doutor Oscar poder dormir...eu me lembro do doutor Benvenuto hipnotizando ele, para poder dormir...E devagarinho ele foi revelando como é que foi a fuga dele. E eu me lembro que ele revelou que foi a esposa dele que alcançou uma lima dentro de um pão, ou algo assim. E com essa lima ele conseguiu fugir da cadeia. É, isso eu lembro. E passou alguns dias lá em casa e depois foi para uma pensão. Lembro também da chegada do Perci Penalvo e da Celeste, Dona Celeste. Com uma filha no colo, um frio danado, não tinha nem cobertor, eu me lembro que a minha mãe foi lá e deu um cobertor pra ele, e eles ficaram um dia ou dois e depois foram embora.¹⁹⁵

A rotina de abrigo aos recém chegados consistia em proporcionar um descanso por dois ou três dias, com comida, banho, e a convivência da família, até uma gradual readaptação a nova situação. Muitos seguiam viagem para Montevideú, depois de assegurados passes especiais. Os que ficavam na fronteira eram encaminhados para uma pensão, próxima ao Colégio das Freiras, nos arredores das ruas Ituizangó, Figueroa e Faustino Carâmbula. Nessa pensão estava hospedado Oscar Fontoura Chaves, poucas semanas depois de ter chegado à fronteira, tratando de reintegrar-se a nova situação. É então seqüestrado por uma força policial uruguaia, que o leva para Tranqueras e logo após para a cidade fronteira de Artigas, com o propósito de o devolverem às forças militares brasileiras, que reclamava pelo fugitivo instalado em Rivera.

Oscar Chaves não seria devolvido à ditadura brasileira graças à intervenção do advogado Adán René Fajardo, uma figura humanista e defensor dos exilados, filiado a lista 99, do Partido Colorado, e que teve ampla atuação em casos semelhantes durante os anos da ditadura brasileira e, depois, na confluência de ambas as ditaduras,

¹⁹⁵ MELLO, Pedro Antônio de. Entrevista Citada.

a partir de 1973.¹⁹⁶ No ambiente tenso do exílio, “desgastante e verdadeiro devorador de homens”, nas palavras de Paulo Schilling, Pedro Antônio recorda das inúmeras discussões em que seu pai e seus companheiros mantinham, onde não faltavam elementos de traição e de ressentimento com a liderança de Jango e Brizola, que viviam sob uma condição monetária estável, enquanto muitos correligionários e suas famílias passavam enormes dificuldades para sobreviver no escasso mercado de fronteira, em particular de Rivera, com menos de 50 mil habitantes e uma economia atrelada ao setor de serviços e governamental.

No ambiente opressivo do exílio, em um país que mesmo vizinho do Brasil possuía suas peculiaridades culturais bem marcadas, a união das famílias nas festas natalinas e outras datas rituais era a regra. Os filhos conviviam em um ambiente comum. Foi assim que a filha de América e Oscar ganhou o apadrinhamento de Beno e Diva Burmann. Assim também ficaria marcada para sempre na memória do advogado Tarso Genro a atuação de América naqueles dias, protetora e amiga, como uma verdadeira “mãe do exílio”, que ele fez questão de reverenciar, mais de 40 anos depois, quando voltou a fronteira para uma homenagem.

Na difícil sobrevivência do exílio, no entanto, as mágoas também permeavam os distintos grupos afetados pelo golpe. “Eu lembro de muitas conversas de traição, eu lembro que se falava muito em traição. Quem traiu o quê eu não sei, mas lembro que se falava muito em traição. Alguém denunciou, alguém falou. Quem foi? Eu lembro que era a grande incógnita, quem traiu quem”.¹⁹⁷ Uma grande parcela dessas discussões referia-se ao destino dos recursos que Brizola, Jango e Darcy Ribeiro teriam recebido de Cuba, um total de um milhão de dólares, enviados em duas vezes, destinados a prover a insurreição e amainar as dificuldades por que passavam os exilados. Como o dinheiro nunca chegou ao grupo da fronteira, se acenderam os ressentimentos. José Wilson da Silva descreve a vida dos exilados em Montevideu como uma sucessão de dificuldades, parte devido ao paternalismo das lideranças, que “davam o pão, mas não ensinavam a plantar o trigo”, e parte devido à falta de iniciativas dos próprios refugiados, que muitas vezes não demonstravam aptidão para

¹⁹⁶ A atuação de Adán René Fajardo na defesa dos exilados será melhor explicitada no terceiro capítulo.

¹⁹⁷ MELLO, Pedro Antônio de. Entrevista Citada

mudar de vida, esperando das lideranças a eterna ajuda. Em 1966, o ponto central da discórdia entre o grupo ligado a Romeu Figueiredo de Mello, em Rivera, girava em torno do mau uso dos dólares supostamente enviados por Fidel Castro. José Wilson vivia em Montevidéu e dá a sua versão para a controvertida questão:

Que eu saiba, o primeiro contato feito com Cuba foi através do deputado uruguaio Ariel Collazo, levando nossa disposição de uma retomada da democracia no Brasil.(...) Fidel enviou, a título de ajuda, quinhentos mil dólares. Desta importância, segundo um relatório de Brizola para nós, um terço teria ficado com Jango, pois a este estavam ligados vários exilados necessitados. Outro terço teria ficado com Darcy Ribeiro, por questões de segurança e que também tinha parte de responsabilidade. O outro terço teria ficado com Brizola. Lembro-me que ele, Brizola, ficou muito aborrecido porque as ações mais positivas estavam sendo feitas pela nossa gente e ficamos desse modo com relativamente pouco dinheiro. Parte dessa importância foi gasta com elementos no exílio, parte com a assistência a companheiros no Brasil em situações críticas, como presos com a família sem recursos, etc., e parte com os nossos homens-correios para a implantação já de esquemas de trabalho, aliás, tudo em função de um plano de ação armada. Dado o número de pessoas em dificuldades pela desarticulação da sociedade, em especial gente humilde, que eram as bases trabalhistas ou de esquerda, isto não era mais do que uma gota d'água num oceano de necessidades.¹⁹⁸

A falta de apoio financeiro de Jango ou do grupo brizolista, em Montevidéu, afetava a todos os que estavam ancorados em Rivera. Ali viviam companheiros que exerciam importantes funções de pombo-correio, ou de passagem de companheiros de um lado a outro da fronteira. Por isso a falta de uma assistência centralizada gerava notórios ressentimentos. Mas entre o grupo que gravitava em torno de Romeu Figueiredo de Mello, um detalhe deixou a questão muito mais explosiva. Parte do dinheiro, destinado a João Goulart, teria passado pela casa de Romeu, transportado por ninguém menos que o braço armado de Fidel na América Latina, Ernesto Che Guevara! Hoje seria quase impossível provar essa hipótese sem o cruzamento de relatos orais, que não foram obtidos por esta pesquisa, salvo um: o depoimento da viúva de Romeu Figueiredo de Mello a seu filho.

Minha mãe lembra que teve um contato com o Che nas escadarias de minha casa, acompanhado de mais dois homens vestidos de religiosos franciscanos. Eles estariam indo a fazenda de Jango, em Tacuarembó, por entre os corredores de campo, que eram seguros e impossíveis da polícia detectar. Traziam o dinheiro, segundo meu pai disse. E passou pela minha casa. Minha mãe se recorda de ter visto ele, de relance, ele sorriu para ela. Eu me lembro do meu pai dizendo que eles estavam em um corredor, não sei onde, os franciscanos esses, *y la plata*.¹⁹⁹

¹⁹⁸ SILVA, José Wilson da. *O Tenente Vermelho*. Op. Cit., p. 202.

¹⁹⁹ MELLO, Pedro Antônio de. Entrevista Citada. Os corredores de campo citados por Pedro são caminhos que existem entre as estâncias, estradas usadas para o transporte de gado ou que fazem a ligação entre as propriedades rurais e as estradas de acesso aos centros urbanos. Essas estradas “não oficiais” são usadas para o deslocamento no campo e também em rotas de contrabando.

Por mais fantasiosa que a versão possa parecer em um primeiro olhar, dados biográficos de Guevara colhidos pelo jornalista argentino Hugo Gambini apontam para sua estadia no Uruguai justamente no ano de 1966, onde teria chegado disfarçado de frei dominicano! Dali partiria para sua última missão, na Bolívia. Fontes ligadas a João Goulart não endossam a versão oficialmente, embora reconheçam o fato em privado. Assim, ligando as pontas desse quebra-cabeça é possível vislumbrar a imagem de Ernesto Che Guevara em pleno Parque Internacional, na fronteira de Santana do Livramento e Rivera, onde a poucos metros adentro do território uruguaio iria se valer do traçado ensinado por Romeu Figueiredo de Mello para percorrer os corredores de campanha e chegar até a estância El Rincón, de João Goulart, distante 66 quilômetros da cidade de Tacuarembó. Hugo Gambini, biógrafo de Guevara, credita certo exagero nas versões que corriam sobre o paradeiro do guerrilheiro naqueles dias, mas não se exime de anotar:

*El 5 de agosto de 1966 la Cancillería del Paraguay dijo haber ordenado “una vigilancia especial en el limite con Brasil, debido a que Guevara ha sido visto en Baribao, a escasos kilómetros de la frontera paraguaya”. Las versiones confidenciales, demasiadas exageradas, sostenían que El Che circulaba disfrazado de hermano dominico, con el nombre de Fray Hernando Juan de los Santos(...)*²⁰⁰

Da estadia de Ernesto Guevara no Uruguai, nos primeiros meses de 1966 não restam mais dúvidas, apenas divergem as versões sobre a maneira de como teria chegado à Bolívia, vindo do Uruguai. Também é interessante notar a aproximação de Che Guevara com o grupo Tupamaro, já estabelecido como partido político revolucionário, e que manteve estreito contato com o cubano, mesmo sem compartilhar das táticas de guerrilha defendidas por Che²⁰¹. Sérgio Israel, jornalista do semanário uruguaio Brecha, reuniu algumas das versões sobre a estadia do guerrilheiro no Uruguai, sob proteção do Partido Comunista Uruguaio, que mesmo não estando afinado com a proposta de guerrilha rural e o foquismo, defendido por Che, o colocou sob a proteção de seu aparato militar. O então deputado comunista Ariel Collazo, o mesmo que proporcionou a aproximação do grupo janguista exilado em Montevideu com Fidel Castro, levanta a hipótese de que Guevara usara um campo

²⁰⁰ GAMBINI, Hugo. *El Che Guevara: la biografía*. Buenos Aires: Booket, 2006. p. 300.

²⁰¹ Os jornalistas Antônio Mercader e Jorge de Vera vão mais além nessa questão, e afirmam que o disfarce com que Guevara chegou na Bolívia, o de um senhor calvo sob o nome Adolfo de Mena, teria sido forjado

de aviação em Taquarembó quando partiu para a Bolívia, em setembro daquele ano.

Conforme o relato de Israel:

La versión difundida una década después de la muerte del guerrillero, en plena dictadura, por la inteligencia militar uruguayo, también confirma que el Che estuvo aquí, y agrega que los documentos que usó para arribar a Bolivia fueron robados del Ministerio de Relaciones Exteriores uruguayo, que en esa época era el emisor de pasaportes. Jaime Pérez, sucesor de Arismendi al frente del PCU, escribió en sus memorias que se enteró de la estadia del Che una vez que éste se había ido, pero también confirmó que "el Che salió de Montevideo y de aquí fue para Bolivia y mientras estuvo en Montevideo fue bajo protección del partido". El ex diputado Ariel Collazo explicó a su vez a Brecha que aunque Arismendi nunca se lo confirmó, también tuvo la información de que el Che estuvo en Uruguay apoyado por el pcu. Collazo, que en ese tiempo como dirigente del Movimiento Revolucionario Oriental (Mro) era muy apreciado en Cuba, obtuvo la versión de que el Che llegó a Bolivia en un vuelo clandestino que salió desde Tacuarembó.²⁰²

Do episódio restam algumas indagações. Seria o campo de aviação de Jango, para quem supostamente o guerrilheiro havia levado o dinheiro? De outra maneira, porque rumaria para a cidade de Taquarembó para alçar-se a sua empreitada boliviana? Outro fato que coloca uma nova indagação nessa equação ainda por resolver foram as constantes declarações do piloto de avião Ruben Ribeiro, que prestava serviços ao presidente deposto. De acordo com Vladecir Fagundes, filho de um militante comunista muito ligado a Goulart, Ribeiro apregoava aos quatro cantos em Rivera que teria transportado Guevara em uma missão secreta. Naquele momento, era comum os pilotos realizarem a rota Brasil-Paraguai-Uruguai, sempre com transporte de cigarros e uísque contrabandeados. A exemplo da morte de Jango, cujas suspeitas de assassinato tornam-se cada vez mais evidentes, Ribeiro morreria subitamente, de um ataque cardíaco, no barco que faz a travessia de Buenos Aires para Montevideú, anos depois. Ribeiro iria depor em um inquérito que apurava roubos de documentos e de propriedades do ex-presidente. Outra informação que merece ser considerada é afirmação de Avelino Capitani, marinheiro e guerrilheiro do foco de Caparaó, que sustenta que a viagem de Che a Bolívia teria acontecido a partir do Uruguai e sob a companhia do coronel Dagoberto Rodrigues, homem de confiança de Jango e na linha de frente do MNR naquele momento.²⁰³ A estadia de Guevara no

pelo grupo Tupamaro, em apoio moral ao combatente, mesmo sem a adesão à causa da guerrilha na Bolívia. In: *Tupamaros, Estrategia Y Accion*. Revista Siete Dias Ilustrados. Montevideú, Junho de 1969.

²⁰² ISRAEL, Sergio. *Pasaje clandestino y discusiones sobre estratégica y táctica*. Huellas Orientales del Che. In: www.brecha.com.uy. Acessado em 09/12/2007.

²⁰³ Conforme depoimento de Capitani a Denise Rollemberg, em 1999. In: ROLLEMBERG, Denise. *Esquerdas revolucionárias e luta armada*. Apud: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia. *O Brasil*

Uruguai em novembro de 1966 também coincide com a articulação do foco guerrilheiro de Caparaó e a organização de outros focos em Mato Grosso e na linha fronteiriça.

2.8 – A família Santana: no combate a desigualdade

Os Santana formam uma família de tradicionais pecuaristas da fronteira, com uma extensa participação em lutas políticas locais, como as revoluções federalista e de 1923. Posteriormente encampariam as lutas de coloração marxista, na consolidação do Partido Comunista Brasileiro na região. Mário Santana, poeta e vereador comunista nos anos 50 tinha em seus irmãos Solon Santana, conhecido como Castelhana, Edson Sona Santana, Rodolfina e Julieta, os mais engajados na causa socialista. Sona Santana fora capitão da coluna de Honório Lemes durante a Revolução de 1923, tendo participado do sangrento ‘Combate da Ponte’ sobre o rio Ibirapuitã. Rodolfina, conforme relembra Persverando Santana, era a mais ativa das irmãs, seguida por Julieta, a mais jovem, em cuja casa por duas vezes esteve hospedado o líder comunista Luis Carlos Prestes, em 1946 e 1960.

Da segunda geração, destacaram-se na consolidação da causa operária na cidade os irmãos Aquiles e Hélio Santana Alves, que tiveram no primo Perseverando Santana, um estrategista político à altura dos acontecimentos que sacudiram as décadas fundamentais do século 20 na fronteira, da revolução de 30 aos anos 70. De uma família de doze irmãos, sendo sete homens e cinco mulheres, Perseverando teve no pai, Gaspar, e na avó Maria Manuela Canabarro, neta direta do líder farroupilha David Canabarro, a inspiração para a causa política. A aproximação de Perseverando com o marxismo deu-se em 1936, quando, aos 16 anos, estudava no Colégio Julio de Castilhos, em Porto Alegre. Nesse momento, conhece o romance *Cacau*, onde Jorge Amado narra a vida dos trabalhadores rurais do sul da Bahia, em um dos primeiros relatos do realismo socialista brasileiro. A convivência com o primo Aquiles, cerca de 15 anos mais velho, amigo de Waldemar Ripoll quando do seu exílio na fronteira, e a

Republicano. O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1993. p.61.

esta altura já próximo das propostas socialistas, fariam a convicção de Perseverando cada vez mais intensa.



Perseverando Fernandes Santana, intelectual do partido e memorialista da fronteira.

2.8.1- A chácara do Castelhanao

Nos dias turbulentos que se seguiram ao abril de 1964, a chácara de Solon Santana – o Castelhanao - localizada em Rivera, próxima ao Parque Municipal Grã-Bretanha, serviu de abrigo a militantes comunistas e ativistas perseguidos pela ditadura nas cidades da fronteira oeste. A propriedade, situada na localidade de Passo da Formiga, foi projetada inicialmente para abrigar um cassino. Pertenceu a família de um libanês, Chaim Possada, considerado benfeitor de Rivera. Chaim por sua vez havia comprado de Sirângelo, antigo proprietário do Cabaré Caverna, instalando ali um *Tambo* (tradicional comércio uruguaio de leite). Nos anos 60, a chácara passaria para as mãos de Castelhanao, que viveria ali com sua mulher, companheira de seus ideais solidários e revolucionários, e duas filhas. Para a ingenuidade das pequenas,

que não sabiam o real significado “daquele entra e sai de tantas pessoas”, tudo não passava de diversão e novidade. As crianças costumavam brincar no salão grande da casa, anteriormente planejado para o jogo, que abrigava naqueles dias uma grande biblioteca. Eram proibidas de continuar a brincadeira no anoitecer, quando chegavam os estranhos hóspedes, junto a alguns amigos dos pais. Muitos pernoitavam no mezanino, que ficava no salão grande, e por ali passavam alguns dias. Maria Amalia Santana recorda-se que sua mãe fazia muitas refeições, que excediam a quantidade necessária para a alimentação da família. Mesmo impedidas de questionar para quem seria o excedente de toda aquela comida, ela e a irmã, Margarida, transgrediam os conselhos dos pais e antes de deitar-se davam uma espiadinha no salão, curiosas que estavam de conhecer aqueles novos e estranhos hóspedes. “Uma vez eu vi alguns jovens, tinha umas moças, tinha uma que chorava muito e estava vestida como se fosse uma mendiga! Parecia muito maltratada”, relembra Maria Amália.²⁰⁴

Pouco tempo depois do golpe, buscaria abrigo na chácara o sargento da aeronáutica, Estoécel Santana, sobrinho de Solon, que se exilava ali depois de se contrapor à quebra da ordem constitucional. Mais tarde, Estoécel viria a se consolidar como professor, criando um curso pré-vestibular que daria oportunidade de trabalho a muitos exilados, que ali atuariam como professores, como será abordado no próximo capítulo. Antes, porém, viveria as mazelas de um humilde exilado, tendo de vender na cidade os pastéis e fiambres produzidos na chácara por sua tia, sempre auxiliados pela solidariedade dos familiares.

Seu primo, Sérgio Alves, quando criança também estava impedido de conversar com as pessoas que chegavam no sítio. Enquanto criança, insuspeita, sua função era mais afeita à segurança dos clandestinos. Com um misto de euforia e orgulho, lembra-se que costumava ficar *de tocaia* na porteira, em um cavalo petiço, pronto para denunciar a aproximação da polícia ou algum estranho:

Eu tinha uns nove anos, e as gurias teriam um ou dois anos mais velhas que eu. Então eu ficava lá em baixo, na porteira, de tocaia. O tio e o pai me falavam que se eu visse qualquer cavalo ou auto estranho à casa, eu corresse e fosse avisar. Mas eu não sabia porque, eu era muito guri, fui saber um pouco depois claro. Lembro de uma vez lá em campanha, no tio Aquiles, quando o pai estava trabalhando por lá, exilado, morando com a vó, e eu estava lá por baixo, quando vi uns quantos carros da polícia de Rivera chegando lá pela porteira. Então, eu peguei o meu cavalo e saí a trote alto pra cidade, pra casa do tio Aquiles, pra avisar que tinham chegado lá em

²⁰⁴ SANTANA, Maria Amália. Depoimento concedido a Liane Chipollino Aseff.

campanha, pensei que estivessem atrás do pai. Mas dessa vez não era, era uma denúncia que tinham feito contra nós, disseram que o Brizola estava escondido por lá! O pai já tinha visto os auto e entrado mato adentro. (risos)²⁰⁵

Perseverando Santana lembra do episódio, quando a procura incessante pelo paradeiro de Leonel Brizola movimentava a polícia gaúcha e os olhos da recém instalada ditadura recaíam sobre os rincões da fronteira. O capitão Neri Fuentes, da Brigada Militar, seguido por um comissário da polícia uruguaia e alguns militares invadiram a estância de Aquiles, bem defronte a linha divisória, em busca de Brizola. Denúncias indicavam que o líder trabalhista poderia estar ali escondido. Perseverando Santana narra que, com a infrutífera revista do local, onde Aquiles fez questão de que todas as casas da propriedade fossem vistoriadas, o comissário uruguaio desculpou-se e apontou a delação: “Olhe seu Aquiles, isso não é coisa de *nossos*, é coisa de *allá*, de seus colegas”²⁰⁶

2.8.2- A casa da Calle Paysandu

Em Rivera, a casa de Aquiles serviu de abrigo para uma série de militantes, em fuga do Brasil ou fazendo o caminho inverso, entrando no país clandestinamente. Situada a poucas quadras da linha divisória, na *calle Paysandu*, ao lado da Confeitaria Metropolitana, outro local de resistência entre os exilados, a casa tornou-se uma referência. Aquiles possuía formação em farmácia, mas era respeitado por seus excelentes conhecimentos em zootecnia. Ex-secretário da Associação Rural de Santana, mantinha boas relações com o setor agropecuário da fronteira. Intelectual comunista, irmão do militante sindical Hélio Santana Alves, Aquiles fazia da sua residência em Rivera local de abrigo e passagem de importantes atores políticos, opositores do regime.

Perseverando Santana relembra de um episódio que ficou marcado em sua memória, quando encontrou na casa de Aquiles o líder da ALN, Joaquim Câmara Ferreira, também conhecido pelos codinomes Toledo, Velho, ou ainda Walter. Transcorria o mês de novembro de 1969, quando Joaquim Câmara, mítico dirigente comunista, dissidente, é informado em Cuba da morte de Carlos Marighella, com

²⁰⁵ ALVES, Sérgio. Professor. Entrevista concedida ao autor.

²⁰⁶ SANTANA, Perseverando. Entrevista citada.

quem dividia o comando da ALN. Na volta ao Brasil, passou pelo Chile e entrou no país pela fronteira, porta de passagem consagrada pela dissidência na luta armada. Na memória de Perseverando ficou a imagem de um homem ponderado, calmo, precavido. Naquele final de novembro, ao descerem a *calle* Agraciada em direção a Praça Flores, trocaram impressões sobre a luta política e a estrela em ascensão de Salvador Allende, provável vitorioso a presidência do Chile. Sem ter a exata noção da importância de Toledo na condução da reação armada no país, Perseverando relembra da conversa amistosa, antes do líder da ALN tomar o seu rumo. “Não sabia da importância dele dentro do movimento, lembro que me falou com toda a serenidade de que Allende não iria resistir no governo chileno, pois dificilmente mexeria nos aparatos da reação, e aquilo me impressionou”.²⁰⁷ Joaquim Câmara Ferreira seria assassinado menos de um ano depois em São Paulo, sob tortura, pelo grupo do delegado Sérgio Paranhos Fleury.

Antônio Apoitia Neto relembra da casa de Aquiles como um dos locais fundamentais da resistência à ditadura nos primeiros anos após o golpe. Em sua lembrança, Aquiles Alves surge como um homem extremamente inteligente, integrado ao PCB, mesmo sem militância ativa. A casa de Aquiles abrigava ou dava passagem para importantes nomes da resistência, servindo muitas vezes como um filtro seguro para um retorno sem percalços ao país. Antônio Apoitia lembra quando, em dezembro de 1967, o deputado cassado, líder sindical de expressão e figura de ponta do PCB, Roberto Morena, passou por ali, em direção a São Paulo. Morena dirigia-se para a VI Congresso do PCB, que se realizaria na clandestinidade. Exilado há três anos no Uruguai, o líder político esteve na casa de Aquiles e preparava-se para entrar no país sem disfarces, de maneira totalmente inadequada, quando foi alertado por Apoitia.

(...) eu ia seguido lá no Aquiles Alves, ele era do partido mas não militava. Era gente de esquerda, mas comuna. Tinha campo em Rivera, era muito inteligente, um homem alto, e teve um episódio que nunca vou esquecer. Eu conheci no Rio o Roberto Morena, dirigente sindical, eleito para deputado federal, mas assumido marxista. Se notabilizou pelos discursos, sempre brilhante. E eu me lembro que cheguei na casa do Aquiles, e sempre tinha novidade, o pessoal de esquerda frequentava muito a casa dele. E passando por ali, cheguei, e ele diz: “vou te apresentar um amigo aqui, fulano de tal, muito prazer. E ficamos conversando um pouquinho ali. E eu conhecia de fotografia, de jornal. Era foragido. Mas era muito conhecido, se olhava e se reconhecia na hora. E antes de eu ir embora, eu pedi uma palavrinha com Aquiles. Olha seu

²⁰⁷ Idem.

Aquiles, esse homem que o sr. me apresnetou como fulano de tal, é o Roberto Morena, e se ele entrar assim no Brasil não passa na primeira barreira, é por demais conhecido. Ele voltou e me apresentou oficialmente ao Morena, e aí eu disse que ele não poderia entrar assim no Brasil. O senhor não chega em Porto Alegre, nem mesmo no trem de segunda. Sinceramente, eu só lhe vi em congressos sindicais, mas nunca esqueci da sua fisionomia. O sr. tem que colocar um bigode, uma cabeleira, um, óculos escuros.²⁰⁸

Como a grande maioria de ativistas que pretendiam entrar no país clandestinamente, Morena preparava-se para tomar o trem em Santana do Livramento, misturado aos populares da segunda classe, que levava trabalhadores rurais e toda a sorte de viajantes descapitalizados. Depois de referendar o cargo de Secretário Geral a Luis Carlos Prestes e eleito para o comitê central do PCB, junto a outros 31 membros efetivos e 24 suplentes, Roberto Morena viveria depois no Chile, optando a seguir pela Tchecoslováquia, onde passou a representar o Brasil junto à Federação Sindical Mundial.



Hélio Santana Alves e o filho Sérgio: duas gerações de comunistas.

²⁰⁸ APOITIA NETO, Antônio. Entrevista concedida ao autor.

Outro integrante da linha de frente do PCB que se valeu das trilhas e da solidariedade dos camaradas da fronteira, principalmente no período de clandestinidade da década de 50, foi o jornalista Armênio Guedes. Guedes mantinha contatos com as direções dos partidos comunistas do Uruguai e da Argentina, entrando no Uruguai invariavelmente por Rivera. Era colega de comunistas gaúchos de destaque na atuação partidária, como o construtor santanense Sérgio Holmos, o deputado Antônio Pinheiro Machado e o também jornalista Isaac Akcelrud. O jornalista recorda do seqüestro e posterior assassinato de seu irmão, o dentista Célio Guedes, por agentes ditadura, na fronteira gaúcha. Célio era motorista do Comitê Central e voltava do Uruguai com o médico Fued Saad, que vinha de Moscou com dólares para o partido. No Rio de Janeiro, foi jogado do sexto andar do prédio do Cenimar, o temido serviço secreto da marinha.

Em 1971, meu irmão foi seqüestrado pelas forças da ditadura junto ao médico Fued Saad, na fronteira de Jaguarão e Rio Branco. Nessa época não estávamos usando Livramento e Rivera porque estava muito visada devido a proximidade de Jango, em Taquarém, mas nos anos 50 passei muitas vezes por ali. Era só descer do avião e seguir para o Uruguai, sem precisar de passaporte.²⁰⁹

2.9 – “Antônio Almafuerite”, desafiando o arbítrio.

O advogado criminalista Antônio Apoitia Neto por muitas vezes atuou como interlocutor entre os foragidos que deveriam atravessar a fronteira rumo a Montevideu, ou alcançar uma posição de relativa segurança na cidade de Rivera. Depois passou a exercer a função de “pombo-correio”, ou seja, levar e trazer de Montevideu informações confidenciais, destinadas aos que permaneceram no país, além de exercer todo o tipo de contato entre exilados e suas famílias. Para burlar o filtro das barreiras militares, valia-se de uma carteira de identidade legítima, elaborada por um amigo sargento, que pertencia ao serviço de identificação do exército, em Porto Alegre. No documento, carimbado pelo Ministério da Guerra, a

²⁰⁹ GUEDES, Armênio. Jornalista. Entrevista ao autor.

foto do jovem militante vinha acompanhada pelo nome de Antônio Almafuerter, em homenagem ao famoso professor rural e poeta argentino Pedro Bonifácio Palacios, que assinava suas obras sob o pseudônimo Almafuerter. A identidade, costumeiramente utilizada nas viagens a Montevidéu, acabou perdida dentro de um livro anônimo de sua biblioteca, onde era sistematicamente guardada depois de cada missão.

A aproximação ao grupo de exilados em Montevidéu, e em especial a relação com o grupo que circundava João Goulart, foi facilitada por um privilegiado interlocutor, o ex-Ministro do Trabalho e Previdência Social, Amaury Silva. Apoitia foi apresentado ao ex-ministro nos primeiros momentos do exílio. Ele lembra de personalidades marcantes da cena política brasileira que passaram pela fronteira e depois se valeram das relações estabelecidas na cidade brasileira para reforçar os contatos políticos com o país que ficara para trás.

Muita gente, muita gente passava para cá e para Montevidéu não é? O staff do Jango e do Brizola, deputados federais, aquele Cláudio Braga, um cara que era fantástico, o Amaury Silva, que era meu amigo pessoal, foi Ministro do Trabalho. Ele vinha todos os meses em Rivera. Ele era o lugar tenente do Jango lá em Montevidéu. Aprendi muito com o Jango lá e conheci muito o Jango, fiz amizade com o Jango por intermédio dele. Ele vinha aqui para contatos políticos e eu agendava as coisas. Ele vinha aqui e me avisava, geralmente no Hotel Nuevo. Ele tinha uma lista de coisas pra comprar em Santana, remédios geralmente, e outras coisas. E tinha contatos com o pessoal de São Borja, São Gabriel...e eu contatava as pessoas, fazia o meio de campo. Era meu amigo, gostava dele, eu ia lá bater papo com ele, íamos jantar juntos, em churrascaria, e fiz muita amizade. Era uma figura notável. Ele tinha um restaurante em Montevidéu, o Cangaceiro, que o Jango e uns amigos tinham montado pra ele lá. Em Pocitos ali. E de ministro ele passou a ser chefe de restaurante. E eu ia muito frequentemente a Montevidéu naquela época, estava todo mundo lá, os exilados. E levava recados pra lá, trazia de lá pra cá. Era um menino de recados, vamos dizer assim, e levava remédios do Brasil, que lá não tinha. E produtos brasileiros que os caras pediam.²¹⁰

Antes de regressar para Santana e reaglutinar-se junto aos companheiros do PCB, Antonio Apoitia vivenciou momentos incertos da prisão, em Porto Alegre, quando foi sumariamente expulso do Sindicato dos Bancários do RS, do qual fazia parte da diretoria, oito meses depois da eclosão do golpe,

Em novembro de 64 eu estava me preparando para fazer uns exames finais na faculdade de Direito e numa manhã chegou a Dops, com cinco policiais. Tocaram a campainha, abri o apartamento e eles simplesmente entraram dizendo, olha nós somos policiais. Entraram e revistaram o meu apartamento lá, pegaram os meus livros. Livros comuns, assim comprados em livraria, nada clandestino. Eles pegaram um caixão grande que tinha lá, de papelão, e levaram minha biblioteca praticamente toda. Levaram mais de cinquenta livros...e levaram a mim também. Sem mandado, sem ordem, sem nada! [...] E simplesmente botaram aquele

²¹⁰ APOITIA NETO, Antônio. Entrevista citada

caixão em uma kombi e me largaram lá na Penitenciária Estadual. [...] aí me fizeram vestir uma farda de presidiário e eu fui lá para o Pavilhão C, numa cela. [...] Depois de um mês chegou um guarda e disse: Olha, tu aí, te veste me acompanha. [...] subi numa camionete e me levaram lá para a sede da Polícia Civil, ali na Mauá, 5º andar. Na sala de interrogatório da Dops, ali era um horror né? O 5º andar da Dops era famoso, inclusive tinha, parece que mais de uma pessoa se jogado do 5º andar, ou jogaram ele, nunca se soube, porque morreram, naquela ocasião morreram duas pessoas. Eu me lembro que quando eu fui para o 5º andar eu fui tremendo, eu não sabia se iam me largar lá de cima não é? ou se iam me torturar ou o que iam fazer. E lá eu fiquei até as duas da madrugada numa sala ali. E fizeram um interrogatório meramente formal, um relatório que não tinha nada com nada né? E daí, lá pelas três da manhã eles disseram: Bom pode ir embora. Eu sai lá pelas três da manhã á pé, pra casa, pro meu apartamento, barbudo, sem tomar banho, eu sei que passei 20 dias sem tomar banho, no mês de dezembro, com um calor insuportável, era um horror, sem água para lavar o rosto, água era só para beber. Não foi uma prisão assim só para mim, era para todos os que estavam naquele pavilhão C. Lá as tubulações não funcionavam, havia torneira, mas não saía água e o sanitário não tinha água. Nós faziam as necessidades, em uma peça lá no fundo, de pé, ali num canto e ali os excrementos foram se acumulando, era um horror aquilo, já no fim não dá para entrar na peça, porque, imagina mais de cinquenta pessoas fazendo as suas necessidades ali pelos cantos.²¹¹

Na volta para a fronteira, em 1965, já diplomado como advogado, Antônio Apoitia perfilou-se aos "rebeldes" do PCB, que votavam pela sabotagem, pela resistência a ditadura, pela luta armada. Contrário às fugas para o Uruguai, o militante defendia a insurreição popular e a derrubada da ditadura pelas armas. A descoberta de um plano para detê-lo, no entanto, aproximou determinadamente o idealista da luta armada a uma posição mais reflexiva. Pesou então a decisão por uma clandestinidade política e uma atuação por trás das cortinas, que seria fundamental nos próximos anos para o auxílio aos exilados, inclusive na ligação entre grupos políticos estabelecidos em Porto Alegre e Montevideú. As amizades locais, e a proximidade de seu pai com um importante comandante militar, no ambiente particular de uma cidade interiorana, auxiliou Apoitia a evitar a prisão. Mais uma vez se estabeleceria a rede de favores locais entre setores do exército e militantes, onde a hierarquia e os determinismos ideológicos submetiam-se aos laços de amizade locais. Essas ações, que serão melhor entendidas no terceiro capítulo, iriam se repetir ao longo dos anos de chumbo, quando segmentos policiais cooperavam e até facilitavam a passagem de militantes para o outro lado da fronteira:

Eu tive informações, e não posso revelar nomes porque é alguém muito ligado ao exército, um sujeito que eu até tinha como reacionário, mas que demonstrou ser meu amigo. Ele me chamou, era uma pessoa ostensivamente ligada ao Governo, da repressão, da reação, uma figura importante da cidade, que se dava com meu pai e gostava de mim. Ele me chamou e disse: olha, eu vou abrir o jogo, eu estou informado dos fatos que estão acontecendo aí

²¹¹ Idem.

politicamente, inclusive tu estás na iminência de ser preso pelo Exército e em qualquer momento eu tô esperando a ordem para te prender, então eu vou te dar um conselho, tu vai para um lugar seguro, vai para Rivera e fica por lá que qualquer coisa eu te aviso. [...] E vou te dizer mais, não tenho nada a ver com teu problema ideológico [...] eu sei que tu é idealista tu não tá aí para matar ninguém, tu tá lutando pelo teu idealismo, mas tu tá na mira de ser preso, então não entra em Santana, fica lá.²¹²

As idas e vindas de Rivera faziam parte de uma rotina política estabelecida na fronteira desde os tempos da demarcação dos territórios e a consolidação das cidades. Nos primeiros momentos do golpe e depois, a fuga para o lado uruguaio da linha divisória seria um passaporte para a liberdade, muitas vezes enganoso, é certo, sujeito aos rompantes da repressão, que não raras vezes penetrou no território uruguaio, seqüestrando, vigiando e ameaçando. Nos cerca de 30 dias em que esteve auto-exilado em Rivera, Apoitia voltava periódicamente a Santana, para participar de reuniões e rever contatos. Para sair da relativa segurança que oferecia Rivera e transitar no perigoso território santanense, se valia dos conhecimentos que tinha da região.

[...] a vida clandestina ensina muitas coisas, a gente vai aprendendo assim a se cuidar né, botava uma roupa, botava um chapéu, aquela coisa, saía para um arrabalde, lá quem sabe aonde, pegava carona por exemplo com um amigo, dava umas voltas para despistar né, soltavam a gente aí, num bairro por exemplo qualquer, depois ficava por lá e depois voltava a pé, saía por um bairro desses qualquer e ia de madrugada. Porque é muito difícil controlar a fronteira, é impossível, né. Eles controlavam a alfândega, determinada rua, mas não há como controlar as pessoas.²¹³

No intrincado jogo de poder daquelas cidades, houve conflitos que se disseminaram ignorando a demarcação de territórios, outros em que a invasão de um território pelo país vizinho seria a legítima causa do embate. Mas quando acontece o golpe de estado no Brasil, o Uruguai vivia o final de uma época de ouro, que começou a entrar em declive no final dos anos 50. Desse período o país herdara um sólido nível educacional e uma tradição democrática, sendo governado por um Conselho Nacional de Governo, que alternou um poder executivo colegiado, entre 1952 e 1967. Portanto, não foi surpreendente que a solidariedade dos uruguaio aos brasileiros perseguidos fosse um dos pontos positivos daquela nova relação que se

²¹² Ibidem.

²¹³ Idem.

iniciava, e que um futuro próximo iria deixar cada vez mais similar à realidade política e social de ambos países. Conforme enfatiza José Wilson da Silva, que iria viver situação semelhante quando exilado posteriormente em Durazno, “é impressionante a solidariedade dos uruguaios, chefes e operários em geral, e famílias, com os brasileiros, mas com os gaúchos em especial. É pouca a designação de ‘hermanos’”.²¹⁴ Embora em 1964 o Uruguai vivesse dias de agitação sindical, com o início do movimento Tupamaro, ligado aos cortadores de cana, do norte do país, a intraquilidade social que só iria aumentar a partir dali, reforçava a simpatia pelas causas populares e a rejeição à ditadura brasileira. Antonio Apoitia Neto lembra dos vínculos afetivos demonstrados pela população de Rivera, no mês que lá passou, até que as denúncias “esfriassem” do lado brasileiro.

[...] tinha um amigo lá, ele era brasileiro e tinha uma casa bem grande, ele morava sozinho, era da família dele, que foi para campanha e deixou a casa para ele lá. A gente sempre se acomodava, existia muita solidariedade ainda. (...) tinha muita gente perseguida e havia muita solidariedade dos uruguaios, por exemplo, uruguaios que convidavam para almoçar em determinada casa, outros ofereciam os quartos para dormir uns dias lá, aquela coisa toda, havia muita solidariedade, até dinheiro para a passagem e tal, essas coisas todas.²¹⁵

A capacidade dos comunistas em receber os que chegavam clandestinos à fronteira e promover reuniões naqueles primeiros meses de 1965, fez do grupo uma organização confiável no pantanoso terreno dos partidos políticos, que seriam extintos em outubro, pelo segundo Ato Institucional. Apoitia relembra que isso fez com que novos atores políticos fossem se aproximando do partido, como uma viabilidade local de resistência: “eles foram se aglutinando, muitos patriotas, vamos dizer, lutadores e tal, foram se aproximando do Partido Comunista, porque era uma organização confiável, eles não exigiam filiação nem nada, as reuniões deles eram muito rigorosas, eles tinham uma técnica, vamos dizer assim, de reunião”. O jovem advogado fazia parte do grupo comunista que fôra influenciado pela revolução cubana de 1959, e vivia a crise dos que defendiam a transição pacífica ao socialismo,

²¹⁴ SILVA, José Wilson da. **O Tenente Vermelho**. Op. Cit., p. 173,174.

²¹⁵ APOITIA NETO, Antônio. Entrevista citada.

defendida pelo partido desde 1956, que de uma maneira ou outra significou uma desmobilização em 1964.²¹⁶



Antônio Apoitia Neto, ou “Antônio Almafuerter” nas missões especiais.

Da residência de sua família, localizada em um ponto estratégico da cidade, a poucas quadras do Uruguai e próxima da rua principal de Santana, por onde chegavam os carros vindos de Porto Alegre, Antônio Apoitia exerceu um posto de fundamental importância na recepção de pessoas e posteriormente no serviço chamado de “pombo-correio”, levando informações para o Uruguai ou o Brasil, conforme a regra do jogo. Por sua casa, ou através de seus contatos, passaram inúmeros companheiros da luta política. Os nomes geralmente eram ignorados, usavam-se codinomes e as conversas muitas vezes não passavam de acertos e contatos pré-estabelecidos. “Passei muita gente aqui que eu não sei quem era, pois

²¹⁶ Os comunistas defendiam durante o Governo Goulart o repúdio ao Fundo Monetário Internacional (FMI) e da Aliança para o Progresso; a limitação da remessa de lucros e a expansão da Petrobras; a nacionalização das companhias estrangeiras concessionárias de serviços públicos; a reforma agrária radical, assegurando a distribuição da terra aos camponeses e indenizando os latifundiários com bônus; o combate à inflação, o controle do comércio externo e o intercâmbio comercial; o repúdio à Lei de Segurança Nacional; a reforma eleitoral, com extensão do direito de voto a todos os adultos incluindo analfabetos e militares; a política externa independente, a coexistência pacífica, o desarmamento e a luta pela paz, e o combate aos grupos terroristas e aos golpes militares. In: CPDOC/FGV (http://www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes_htm/6069_4.asp), acessado em 15/01/2006.

tínhamos aquela disciplina da clandestinidade”. Os que se estabeleciam em Rivera geralmente eram homens ligados à geração de 64, dispostos a refazer suas vidas com a família, na sensação de burlar o exílio, pois mesmo longe de suas cidades-natal, tinham a impressão de viver no Brasil, tão próxima estavam, econômica e culturalmente, Santana do Livramento e Rivera. Muitos filhos destes exilados efetivamente estudavam em colégios de Santana do Livramento, vivendo uma condição política *sui generis*. Apoitia fazia amizade com a maioria desses novos moradores das redondezas de Rivera, como o capitão do exército Acir Xavier Chaves. Apoitia relembra que em pleno 1º de abril de 1964, o capitão, natural da fronteira, estava realizando um curso de aperfeiçoamento para oficiais no Rio de Janeiro. Quando eclode o movimento militar, as convicções políticas do capitão o colocariam em confronto com a nova ordem. Foi preso imediatamente e depois transferido para Santa Maria. Apoitia relembra do amigo:

Quando houve o golpe, ele tava na escola com os outros capitães, aí o general lá, disse: "Olha houve um movimento aí, e essa coisa toda, e os que são a favor da legalidade dêem um passo em frente", e ele pá! deu um passo para frente, ele e mais três ou quatro. Os que estão contra o movimento militar, parece que o cara disse que ia haver uma quebra da Constituição, e quem estivesse contra dava o passo a frente. O general disse: "bem, os que deram o passo à frente, passem para o meu gabinete para uma conversa". E de lá ele já saiu preso, já levaram ele para uma prisão lá, e lá ele ficou um mês detido até mandarem ele preso para Santa Maria.²¹⁷

Ele recorda que pouco tempo depois Acir Chaves fugiria do quartel em Santa Maria de maneira espetacular, aproveitando-se de um descuido da guarda durante uma consulta médica. Na fuga, vestiu-se com chapéu de palha e bombacha, como um legítimo gaúcho empobrecido, e embarcou na segunda classe do trem que seguia para Santana do Livramento. Ao desembarcar seguiu para a casa de parentes em Rivera. Na cidade uruguaia, depois de um ano em más condições de vida, comprou uma pequena chácara, onde tentou sobreviver arando a terra e plantando. O trabalho, no entanto, foi em vão. Com nenhuma experiência agrícola, viu sua vida passar por uma reviravolta que levaria à dissolução da família. Pouco tempo depois que se estabelecera em Rivera, fugindo de uma condenação a três anos de detenção no Brasil, o militar reencontrou a esposa e três filhos menores. A convivência não iria durar muito tempo, pois as dificuldades impostas pela mudança de cidade e a queda

²¹⁷ APOITIA NETO, Antônio. Entrevista citada

na qualidade de vida da família no ambiente de exílio fariam a esposa abandoná-lo definitivamente, voltando com os filhos para Santa Maria.

Um dia a esposa fugiu com os três filhos, botou num caminhão a mudança, ele tinha uma chacinha, que ele comprou uma chácara e trabalhava nela, mas trabalhava de chacreiro, produzia, plantava lá a subsistência deles né, (...) ele tinha algum recurso, mas vivia mal. Ora, para o padrão de um oficial do exército de repente viver do produto de uma chácara, ele e um peão lá, cavocando com arado e aquela coisa toda, mal de vida e a mulher não agüentou e foise. Eu conheci a mulher dele, era uma loira muito bonita e tudo, mas não foi companheira, foi desumana, pois pegou o carro e os móveis e colocou tudo num caminhão de mudança para Santa Maria. Eu me lembro bem, não deixou nenhuma cadeira para o coitado sentar, eu fui lá com ele. Daí, ele teve que conseguir dois caixões num boliche, para fazer mesa e banco. Depois, claro a gente se reuniu aí, e cada um arrecadou alguma coisa para ele, enquanto não vinha o dinheiro de lá, porque eu fui o procurador dele para receber o dinheiro dele, que vinha pelo banco, eu fui até Porto Alegre, para gestionar isso, que o dinheiro que não vinha, fui no quartel aí, para conseguir liberar o dinheiro dele, para vir por um banco aqui de Santana.²¹⁸

Foi através de Acir Chaves que Antônio Apoitia conheceria o jovem advogado Tarso Fernando Herz Genro, auto-exilado em Rivera, depois de renunciar ao mandato de vereador pelo MDB, em 1969, na cidade de Santa Maria. Acir Chaves era compadre do pai de Tarso, Adelmo Genro. Em Rivera, colegas de profissão e ideais, Apoitia e Tarso dariam início a uma sólida amizade. Na cidade, Tarso freqüentava as casas de exilados e simpatizantes, como Orlando Burmann, Aquiles Santana e o uruguaio Adan René Fajardo. Perseverando Santana recorda do advogado em suas conversas políticas, onde as posições adotadas divergiam. Enquanto Tarso era próximo da linha maoísta do PC do B, Perseverando defendia a cautela do PCB no enfrentamento da ditadura instalada.²¹⁹

Antônio Apoitia permanecia atrelado aos ideais do PCB, porém mais próximo dos que propunham a luta armada. Uma de suas funções era a de conseguir um salvo conduto para quem deveria sair clandestinamente do país. O papel necessário para liberar o viajante a atravessar a fronteira sem mais perguntas era fornecido pela polícia de Rivera, com quem Apoitia mantinha relações de amizade, conforme ele reforça:

Tinha um formulário [...] Ali a gente preenchia o nome do sujeito, e no ônibus o cara apresentava aquilo e o policial olhava e era um passe livre, uma espécie de autorização oficial para ele entrar pro Uruguai. Claro, aquilo a gente usava moderadamente [...] era oficial, um documento da polícia uruguaia. Um salvo conduto, carimbado, com assinatura e tudo, do chefe de polícia, não lembro o nome que tinha. E a gente conseguia porque buscava uma amizade, aquela coisa toda, e eu tava por dentro disso.²²⁰

²¹⁸ Idem.

²¹⁹ SANTANA, Perseverando. Entrevista citada.

²²⁰ APOITIA NETO, Antônio. Entrevista citada.

No período de aproximadamente um ano em que Brizola esteve à frente de uma proposta efetiva de reação armada, Antônio Apoitia reuniu-se com o líder trabalhista em um apartamento à beira da linha divisória, em Rivera, e também no apartamento de Montevideú, próximo a Praça Independência. Na fronteira, logo após o golpe, auxiliou no esquema de passagem para a capital uruguaia de políticos ligados ao primeiro escalão do governo Jango. Em determinada missão, foi avisado que um importante ministro do governo teria de passar para Rivera. Sua incumbência era detectar a quantos quilômetros da cidade estava a barreira do exército, encarregada de revistar todos os veículos que chegavam a fronteira. Como a fisionomia do político era muito conhecida pelos militares, não adiantava o recurso de documentos falsos. Era quando Antônio Apoitia entrava no esquema. Disfarçado de um intrépido apaixonado, saía com uma companheira de causa no seu fusca azul, fingindo um passeio romântico até Rosário, cidade a não mais de 100 quilômetros da fronteira. A quilometragem exata era então marcada e passada aos que traziam o ministro de Porto Alegre. A estratégia seguinte seria conduzir o passageiro clandestino por uma estrada de terra, às vezes no campo de algum fazendeiro simpatizante, e seguir o trajeto por estradas vicinais até superar o local da barreira. Passados alguns quilômetros, cortava-se a cerca de arames e retomava-se a estrada.

As deliberações sobre quem seria ajudado a cruzar a fronteira e os locais indicados eram determinadas nas reuniões, geralmente realizadas em grupos de cinco pessoas, não mais. Muito embora as reuniões entre militantes do PCB garantissem uma coesão e uma autoproteção maior, muitas vezes os participantes dessas reuniões pertenciam a uma esquerda multifacetada, que podia reunir militantes comunistas de Santana, pessoas ligadas aos grupos de Brizola ou Jango e até representantes de outros movimentos armados. O grande risco sempre era o da infiltração, tanto nas reuniões quanto nos possíveis refugiados. Por isso a passagem de amigos ficava em um plano pessoal, cada qual se responsabilizava por seus contatos particulares. Antonio Apoitia lembra que também havia muito malandro se dizendo exilado, perseguido, e que na verdade só queria obter vantagens pessoais, como dinheiro, ajuda para viagem, entre outras reivindicações.

Em meados de 1967, quando a constituição da Frente Ampla, uma controvertida união entre lideranças alijadas pelo golpe, que reuniria o ex-governador golpista Carlos Lacerda junto a Juscelino Kubitscheck e João Goulart, estava na ordem do dia, Antônio Apoitia reuniu-se com o grupo janguista em uma de suas viagens a Montevidéu. Foi apresentado a João Goulart no bar O Cangaceiro, onde os exilados e simpatizantes reuniam-se, na Rambla do requintado bairro de Pocitos. O presidente pediu-lhe um relato da receptividade que a idéia da Frente Ampla estava tendo na fronteira, e, conseqüentemente, no Brasil.

Lembro nitidamente daquele momento. Eu cheguei no Cangaceiro, era o bar do Amaury, e eu tinha certa intimidade com o Amaury, foi uma das figuras que mais me encantou. E chegou o Jango e sentou em um canto ali. Então o Amaury me disse, vamos lá que vou te apresentar ao Jango, e chegou e disse olha esse é um homem lá da fronteira, assim, assim...E eu sentei para conversar com ele, e fiquei conversando respeitosamente, ele estava tomando um uísque. E ele estava sozinho, falou com uma pessoa lá.(...) e tinha um grupo de políticos do Brasil, em outra mesa. E eu trazia alguns dados políticos, e fiz uma análise para ele. Ele me perguntou uma análise sobre a situação, e casualmente tínhamos feito uma análise disso no PC, na fronteira, e dei para ele minha opinião, de que isso teria de ser levado adiante. E ele me disse, mas é isso mesmo, essa é a posição correta. E ele se dirigiu para aqueles políticos que estavam ali, gente de expressão. E disse, olha vocês aí o que está me dizendo o fulano que veio lá da fronteira. Repete para eles. E eu falei brevemente. E ele disse, viram, essa é a opinião correta. E eu nunca vou esquecer, os caras tiveram uma reação de repulsa [...] ²²¹

Mais tarde, no início de 1970, Antônio Apoitia fazia parte de um grupo de políticos santanenses que se deslocou até Taquarembó para visitar o ex-presidente João Goulart na estância El Rincón. Ia junto com o grupo musical Os Vaqueanos, que reunia alguns dos melhores músicos já formados na fronteira. Depois de uma viagem por estradas ruins e enlameadas, o grupo chegou no início da noite na estância. “Sempre me pareceu um homem de esquerda, mas liberal, um democrata”, foi a lembrança que ficou em Apoitia do ex-presidente, quando saíram para caminhar à noite, pelos arredores da casa onde estavam os convidados, para discutir o momento político no Brasil. O grupo dividia-se entre os que tinham interesse estritamente político e os que buscavam em Jango um possível auxílio financeiro ou patrocínios para programas de rádio alinhados com a causa da redemocratização.

Na luta política, projetos pessoais muitas vezes tinham de ser relegados a um segundo plano, frente à urgência das atividades revolucionárias. Antônio Apoitia relembra de uma tarde de julho de 1970, quando passeava pelo centro da cidade e

²²¹ Idem.

encontrou uma bela dama, na Farmácia Guimarães. A moça era hóspede de uma família abastada, e estava na fronteira para participar de um baile comemorativo ao aniversário da cidade, que se realizaria naquela noite no Clube Caixeiral. A atração entre os dois foi recíproca e Apoitia pensou estar vivendo um verdadeiro "amor à primeira vista". Num impulso, foi falar com a moça e após uma breve troca de palavras combinaram de se encontrar mais tarde, no baile. Conforme relata, voltou para casa "flanando", pensando nos detalhes da roupa que iria usar e na hora do encontro. Mas ao chegar em sua residência encontrou um emissário de Aquiles Santana, que pedia sua presença com urgência na casa da rua Agraciada, em Rivera. Chegando lá, recebeu a incumbência inadiável de viajar aquela mesma noite para Porto Alegre, levando um envelope proveniente de Montevideú, e que deveria ser entregue para um contato na rodoviária da capital gaúcha. Contrariado, depois de tentar sem sucesso todos os argumentos para adiar a viagem, embrulhou o envelope em uns jornais velhos, como costumava fazer para driblar o eventual interesse da polícia, colocou na parte superior oposta ao seu banco no ônibus, e seguiu viagem. Entregue a encomenda, tratou de voltar o mais rápido possível para a fronteira. Ao chegar, empreendeu uma verdadeira busca pela moça nos mesmos locais do centro onde a havia encontrado no dia anterior. Sem sucesso. Nunca mais veria a mulher que tinha tocado tão profundamente seu coração. Nem ao menos seu nome sabia.

Único vereador santanense cassado pelo AI 5, Antônio Apoitia seria alijado da vida política por mais de uma década e veria seu projeto de vida seriamente abalado. Estigmatizado por suas ligações com o PCB, orador atento e desafeto declarado da ditadura instalada, o advogado avaliava em seus discursos que a via democrática, da representatividade partidária, não levaria mais a caminho algum naqueles dias. Em março de 1969, às vésperas de ser cassado, durante a posse do interventor militar na Prefeitura Municipal, o general da reserva Antônio Moreira Borges, Apoitia faria um de seus últimos discursos na Câmara Municipal de Vereadores, reforçando sua posição nascida do seio comunista, contrária ao poder político instalado no país e a influência norte-americana nas questões políticas e econômicas da América Latina e no Brasil, em particular.

[...] Quero ter a coragem Sr. presidente e Srs. vereadores, de proclamar que nesta Pátria muita coisa mudou a partir do Ato Institucional nº 5, mas devo proclamar ao meu povo, devo

proclamá-lo alto e bom som, que eu não mudei, devo proclamar àqueles que votaram em mim, os que me honraram com seu voto, que eu continuo o mesmo, que eu continuo pensando como pensava (...) e eu continuo, sr. presidente, mais nacionalista do que antes, porque quero ver a pátria brasileira livre da espoliação dos grupos internacionais, dos grupos econômicos norteamericanos que espoliam não só a nossa Pátria mas toda a América Latina.²²²

2.10. O “Hotel” de Nery Medeiros

O casarão da Avenida Brasil 1210 esquina com *calle* Joaquin Soares ficaria assinalado na memória de muitos exilados e militantes em busca de abrigo, em passagem pela fronteira. Situado a duas quadras da Avenida Sarandi, principal via de Rivera, o velho hotel foi arrendado pelo ex-presidente do PTB de Quaraí, Nery Medeiros, que ali montou um verdadeiro quartel general da solidariedade e abrigo aos perseguidos políticos que chegavam de todas as partes do país em Rivera. Fazendeiro, eleito vereador pelo PTB de Quaraí, Nery Medeiros não só foi impedido de assumir a cadeira na Câmara de Vereadores como foi severamente perseguido pelos opositores políticos da cidade, então com menos de 20 mil habitantes, que faz fronteira com Santana do Livramento e o município uruguaio de Artigas, ao sul. Em Quaraí, berço de literatos como Lilla Ripoll e Cyro Martins, ambos com intensas relações com o Partido Comunista Brasileiro, Nery Medeiros construiu uma carreira política ligada aos ideais petebistas, onde alcançou grande popularidade. Com o golpe, entrou para a primeira lista da repressão militar e foi preso no primeiro momento. De família constituída de grandes proprietários rurais da região de Alegrete e Santa Maria, Nery era proprietário de uma boa extensão de terras no município, mas ao contrário de seus pares, nutria uma grande revolta contra as injustiças sociais, que o levou à atuação político-partidária e o alinhamento com as reformas propostas pelo então governo Goulart.

Nos primeiros dias do golpe foi preso no quartel da cidade, acusado de comunista e militante do *Grupo de 11*, liderado por Leonel Brizola. Preso por duas semanas, Nery Medeiros conseguiu uma liberdade provisória com o pretexto de vender algumas cabeças de gado e saldar uma dívida que havia contraído junto ao

²²² Ata nº 1752 realizada em 18 de abril de 1969, na Câmara Municipal de Vereadores de Santana do Livramento. Arquivo pessoal Antônio Apoitia Neto.

Banco do Brasil. Foi o espaço que encontrou para empreender uma fuga pelo matagal que circundava a cidade, onde ficou escondido por alguns dias, devido a forte presença de tropas na fronteira. Abatido pela empreitada, ainda teve fôlego para atravessar o Rio Quarai, penetrando em território uruguaio, onde foi resgatado por parentes e levado para Santana do Livramento. Pouco tempo depois sua esposa, Zely Fontoura de Medeiros, viria juntar-se a ele, com as quatro filhas do casal, com idades entre cinco e dezesseis anos.

Como grande parte dos exilados que se fixaram em Rivera, Nery e Zely tinham familiares em Santana do Livramento, o que veio a revelar-se uma valiosa ajuda no momento que foi necessário. Antes do final de abril de 1964, Zely e as filhas já estavam vivendo na casa da avó materna, que residia em Santana. Porém o abrigo da avó materna durou pouco tempo, pois as condições financeiras de Nery logo permitiram que ele alugasse uma velha pensão em Rivera e transferisse para lá toda sua família.

Adalgisa de Neri Medeiros Mottin, então com 14 anos, relembra figuras que marcaram sua adolescência no casarão da Avenida Brasil. Por lá passaram a família de Percy Penalvo, ativista político ligado aos pequenos agricultores de Itaqui que viria a ser o administrador da fazenda de João Goulart em Taquarembó; o afamado líder comunista de Uruguaiana, Ulisses Villar²²³, o médico e ex-vereador petebista de São Borja, Alberto Benevenuto, que se tornaria o *porto seguro* das crianças e mulheres exiladas por força do arbítrio contra suas famílias e o emblemático Chico Cabeda e sua esposa, Vilda. Sobrinho de Rafael Cabeda, líder dos federalistas na

²²³ Sobre Villar, o engenheiro uruguaiano Elo Ortiz Duclós Filho, descreve: “Fui na estação com o Pai e a Mãe, recepcionar o Ulisses Villar, devia ser 1948 ou 49 quando chegou de Porto Alegre, quando soltaram os presos comunistas. Era uma temeridade ter ido. Ele era o líder do Partido Comunista em Uruguaiana, Estava jurado de morte. Foi major dos provisórios que avançaram em 1930 e 1932. Mas nosso Pai e Mãe eram amigos, e estavam lá e me levou. Uma grande emoção tomou conta da estação quando a brigada correu para dar guarda ao Ulisses, pensavam que iriam matar ali. Eles foram amigos de pescaria muitos e muitos anos. Esse cara merecia uma biografia. Gaúcho, de gaúcho mesmo. Comunista, teórico. Um gozador, um sério, um amigão de pescaria, um dos poucos que dava atenção ao pirralho que ousava ir junto. muito me ensinou de atirar as linhadas, e não enroscar. Estávamos no Arroio Garupá, perto do Cerro do Jarau, a noite, e o pai levava o Zenith a pilha ou bateria, não sei. E vi o sorriso disfarçado, o brilho no olhar iluminado pela fogueira pouca, depois da janta, os dois gozaram, foi um orgasmo mal disfarçado: Ouvimos que a Rússia tinha lançado o Sputnik. Gol pra eles. Foi uma comemoração silenciosa e cúmplice. Estavam vingados”. In: www.outubro.blogspot.com, acessado em 22/04/2005.

fronteira oeste, veterano das revoluções de 1893 e 1923, Francisco Cabeda Júnior, o Chico Cabeda, viria a engrossar as fileiras do recém criado Partido Comunista Brasileiro, em um fenômeno ainda pouco estudado pela historiografia nacional, a conversão dos maragatos, veteranos da revolução federalista, em comunistas, nos emergentes movimentos operários das primeiras décadas do século XX. Sua filha adotiva, Sônia Cabeda, lembra do pai como uma figura de extrema doação aos mais humildes, que viveu exclusivamente para a militância. Farmacêutico, costumava oferecer remédios gratuitamente para os necessitados, além de dinheiro e comida, sempre que podia. O resultado dessa conduta extremamente solidária foi a falência em seus negócios, ocasião em que foi auxiliado por Nery Medeiros, com certo auxílio financeiro e moradia. Chico Cabeda morreria em 1969, aos 72 anos, em Rivera

A figura do médico Alberto Benevenuto também vai se destacar como ativista dos direitos humanos entre o grupo de exilados em Rivera. Um pouco mais jovem do que seus companheiros, ainda não completara 40 anos quando chegou a Rivera com a esposa e dois filhos. Ali se estabeleceu na casa de Nery Medeiros uma relação de confiança e assistência médica ininterrupta às famílias. Dessa maneira, em julho de 1965 o doutor Benevenuto realizou na casa dos Medeiros o parto de Luis Alberto, filho de Nery e Zely. O menino recebeu o nome em homenagem ao médico. No mesmo ano, em setembro, doutor Benevenuto realizou o parto de Neuza Penalvo, quando a família Penalvo vivia na casa dos Cabeda, em frente a Praça Flores, na *calle Carlos Reyles*. Adalgisa Machado lembra dos conselhos que o médico dava a seu pai em favor de uma educação mais compreensiva com os filhos adolescentes.

O núcleo de exilados da avenida Brasil completava-se na casa vizinha ao velho hotel alugado por Nery Medeiros, onde funcionava uma oficina mecânica montada por Milton Pereira. Funcionário do alto escalão da Petrobrás chegou à fronteira depois de perseguido e torturado nos primeiros momentos do golpe. Assim como a maioria dos exilados que escolheram Rivera para se estabelecer, Milton tinha razões familiares. Sua esposa, Sueli Cruxem, era de família fronteiriça, com ramificações em ambos os lados da linha divisória. Ali, valendo-se do auxílio mútuo entre o grupo

exilado, Milton e um irmão, também perseguido, mantiveram uma frente de trabalho, para sobrevivência, dentro das possibilidades que a cidade oferecia.

O policial Oscar Fontoura Chaves e “Seu Valdemar”, ferroviário de Santa Maria, também passariam pela casa dos Machados. A palavra de ordem era a solidariedade, e para Nery era mesmo impossível negar ajuda a um companheiro necessitado. Nesse ambiente, formavam-se os grupos de homens, de um lado, absorvidos pelas discussões políticas, e suas famílias, que interagiam na criação em comum das crianças e as lidas de um novo cotidiano na fronteira. Nesse ambiente, a posição econômica relativamente estável de Nery Machado funcionava como um ponto de equilíbrio para o grupo. Conforme relembra Adalgisa,

Lá em casa tinham brigas homéricas de comunistas da China e comunistas da Rússia. Eles batiam boca e brigavam, e o pai ficava só apartando as brigas deles. O próprio major Ulisses evitava essas discussões e sempre dizia que quando era preso e indagado por sua linha política, costumava dizer que era da linha de pescar. (...) O pai tinha facilidade, pois era fazendeiro, e o campo dele era daqui, e os meus tios eram todos fazendeiros. E quem cuidava para ele era o pai da mãe. Mas se tinham que vender um gado iam lá, vendiam, e traziam o dinheiro para o pai. Muitas vezes os cunhados compravam gado do pai e nos pagavam. Então, fome nós não passamos. Mas teve gente que passou fome.²²⁴

A democracia ainda resistia no Uruguai de meados dos anos 60, o que tornou a vida do grupo exilado em Rivera um tanto mais aprazível nos primeiros anos. Um fato inusitado e que demonstra a boa relação do grupo com o poder público uruguaio aconteceu logo depois que Nery Medeiros se instalou em Rivera. Com uma frota envelhecida e sem condições para importar automóveis brasileiros, a polícia de Rivera se valia de duas camionetas que Nery disponibilizava gratuitamente para as diligências diárias. Em troca, promovia uma aproximação necessária para garantir simpatias ao grupo exilado e garantir com isso uma maior segurança naquele terreno próximo demais dos alçózes da ditadura brasileira. Adalgisa de Néri relembra que ela e suas irmãs eram levadas diariamente até o Colégio Estadual, onde estudavam em Santana do Livramento, por policiais uruguaios, que passavam por sua casa, sempre dirigindo os automóveis de seu pai.

²²⁴ MOTTIN, Adalgisa de Néri Medeiros. Entrevista o autor.

A relação, no entanto, encontrava-se sujeita aos percalços comuns àquela troca de favores. Não poucas vezes as meninas irritaram-se com os policiais uruguaios, que insistiam em proferir galanteios para as professoras da escola.



Nery Medeiros, exílio e solidariedade em Rivera.

2.11– Família Penalvo: com Jango no exílio

Quando o golpe de estado surpreendeu o Rio Grande do Sul, o vereador petebista Percy Quartieri Penalvo estava então envolvido em uma acirrada luta política pela reforma agrária. Membro da executiva do partido em Itaqui, região onde os Goulart mantinham um reduto político desde os tempos de Vargas, Percy era líder de um movimento frontalmente combatido pelo Congresso Nacional e os latifundiários da região. As terras devolutas, conforme sublinhava o Governo Goulart, faziam parte de uma lista de reivindicações dos pequenos agricultores e os sem terra, que incluía a revisão da real dimensão das propriedades rurais, muitas vezes

acrescidas de terras protegidas pelo patrimônio nacional e da União, agregadas ilegalmente às propriedades privadas do campo. Pouco antes do golpe, João Goulart assinou um decreto que vinha ao encontro dessas reivindicações, conforme relata o então ministro da Reforma Agrária, João Pinheiro Neto:

O Decreto da SUPRA, como ficou conhecido, visava a uma solução bastante simples, e que nada tinha de subversiva: tornar de interesse público, para efeito de desapropriação, dez quilômetros de faixas de terra ao lado de estradas, açudes e outras obras públicas. O Decreto redigido por mim por determinação de Jango foi medida que visava apenas a conter a especulação em torno dessas terras, já que era impossível no momento desapropriação de vulto, com pagamento à vista e em dinheiro. Veio a “revolução” de 64, o Decreto foi sumariamente revogado.²²⁵

O ano de 1964 teve início sob a bandeira da reforma agrária em Itaqui, onde Percy Penalvo destacava-se como um líder nesse embate, envolvido com a organização de uma cooperativa mista para aos pequenos agricultores de milho, arroz, trigo, linho, que como ele, arrendavam pequenos lotes de terra. As discussões acerca do uso indevido das terras pertencentes ao banhado de São Donato, que divide os municípios de Itaqui e São Borja, além da construção de uma barragem destinada ao uso comum dos pequenos proprietários rurais, subscrita pelo próprio presidente Jango, faziam esquentar os ânimos pré-golpe. Além do apoio do presidente João Goulart, o grupo de pequenos agricultores contava com apoios políticos importantes no cenário estadual, e o incentivo da Comissão de Desenvolvimento da Fronteira Oeste, do Ministério da Agricultura.

Os ânimos acirrados na luta contra o latifúndio fizeram de Percy um alvo identificado, junto a seu irmão Alceu Penalvo, também liderança do partido, e o prefeito petebista recém eleito, Gil Marques. A aproximação do grupo com João Goulart elevou o grau de fúria das forças contrárias, que posteriormente transformariam Itaqui em uma cidade onde imperou o arbítrio, com um verdadeiro campo de concentração erguido para deter e eliminar os adversários políticos em pleno terreno janguista. Celeste Penalvo, esposa de Percy, relembra da figura política de Jango e o apoio que dava aos correligionários, mesmo antes de conhecê-lo na intimidade, como viria a acontecer menos de um ano depois do golpe:

O doutor Jango era uma pessoa amiga de todo mundo, ele recebia todo mundo. E quando ele vinha aqui na granja, vinha aquele monte de carro, eles se vinham para cá. Vinha gente do partido, tratar das reivindicações que eles precisavam, e ele recebia todo mundo, era uma

²²⁵ NETO, João Pinheiro. *Jango*, um depoimento pessoal. Rio de Janeiro: Record. p.39.

pessoa acessível para todos. Ele era um gaúcho que nunca mais vai ter um presidente como ele. Era preocupado com a educação, com a juventude, tudo do ser humano, sabe...os militares não gostaram disso. Até aturaram ele enquanto pensavam que ele ia agir como um grande latifundiário, pois ele era muito rico, não é. Aí ele mostrou que o que ele queria era o bem do povo, desde o início, e os militares não aceitaram. [...] Aí veio o golpe, e mostraram as unhas os direitistas, daquela velha UDN que existia lá, e foi horrível. O pior de tudo não é tanto os militares, são os civis que vão no quartel denunciar as pessoas. Coisa mais triste, mulher e homem, eles corriam para o quartel, diziam olha o fulano também era atuante, ou era do Grupo dos 11, ou era isso ou era aquilo. Então são os civis, porque os militar já cuidavam, eles já tinham uma visão de quem era mais ou menos. Então ficamos sabendo que um mês antes, onde nós morávamos, lá em Itaqui, já tinha uma escolta que dormia, cuidava a nossa casa e nós não sabíamos. E depois diziam, não os militares sempre vinham à noitinha para ali, cuidar o movimento. Já estava pronto o golpe.²²⁶

Com o golpe, Percy passou para a clandestinidade, em um primeiro momento escondido em residências de amigos, acompanhado pelo prefeito Gil Marques. Logo depois, sucederam-se rápidas e infrutíferas tentativas de negociação com o Exército. Percy passou então a ser caçado “vivo ou morto”, conforme relata Celeste Penalvo. Depois de um mês clandestino, Percy e Gil Marques tentam atravessar o rio Uruguai e adentrar em território argentino, mas são repelidos pela guarda argentina. Depois de um mês clandestino, Percy ruma em direção a fronteira. A esposa, grávida, ficaria com os parentes mais próximos e só veria o marido com uma menina de 27 dias nos braços, em pleno inverno, no mês de julho de 1964. Em Rivera, Percy recebeu o apoio de Romeu Figueiredo de Mello e um pequeno grupo de amigos que transitavam entre os novos exilados, entre eles Chiquinho Cabeda, que viria a repetir os gestos de solidariedade da época em que acolheu os comunistas exilados na ditadura de Vargas. Cabeda iria tornar-se um protetor e grande amigo da família. Aos 36 anos, Percy Penalvo e sua esposa, com 22 anos e uma filha recém nascida, eram acolhidos por Cabeda e sua rede de amigos. Pouco tempo depois conheceram Nery Medeiros, que acolheu a todos no grande casarão que arrendara em Rivera. Dos tempos incertos vividos nesses primeiros momentos, Celeste Penalvo recorda:

E aí o Perci conheceu o senhor Neri Medeiros. Era fazendeiro, presidente do PTB em Quarai. Não sei se tinha sido vereador, mas era uma pessoa muito boa, muito importante para todo o grupo ali. Ele era dono de uma fazenda... E nós morávamos assim, dessa casa onde nós morávamos na outra casa da esquina morava a cunhada dele, que é mulher do Danilo Ucha. Aí o seu Neri disse, não, ele é um gaúcho bom, bem disposto, ta aí com as filhas, então vou buscar meus móveis lá de casa, e vou arrendar. Aí surgiu um hotel, ele arrendou tudo, comprou tudo aquilo, com cama e tudo, um casarão na Avenida Brasil, 1210. Nunca vou me esquecer. A duas quadras à esquerda dobrando da Sarandi, uma quadra antes do posto Shell. O posto tá na esquina de lá e a casa na esquina de cá. [...] E aí nesse lugar, tudo que é exilado que chegava

²²⁶ PENALVO, Celeste. Entrevista concedida ao autor.

na fronteira. .Ali nós chegamos a morar cinco famílias, e o seu Neri sustentando tudo. O doutor Alberto Benevenuto parou ali com a família. Nós, o Silvino, com a mulher e as crianças, aí a vó Vilca ficou pobre, sem nada, e foi pra lá também, com o vô Cabeda. Eu sei que para comer ia tanta gente lá.²²⁷

Já próximo do final do ano de 1964, um emissário do PTB, advogado de João Goulart e presidente do partido em São Borja, contactou Percy em Rivera. Preocupado com a situação dos exilados, o “Dr. Aílton”, conforme recorda Celeste Penalvo, propôs a Percy uma visita ao presidente, que acabara de comprar uma fazenda no município de Taquarembó, a não mais de 120 quilômetros da fronteira. A visita renderia frutos, e a família Penalvo começaria ali uma estreita relação com o presidente deposto e sua família, só encerrada com a morte de Jango em 1976. Celeste Penalvo lembra do momento em que Percy conversou com Aílton e logo depois foi encontrar-se com o presidente recém deposto:

[...] aí ele disse, o que tá fazendo Percy? Nada por enquanto, o que é que eu vou fazer ? Preocupado, porque a gente estava vivendo com a ajuda do pessoal de Itaqui, que juntava uns trocados e mandavam para a gente. Aí disse, então vamos lá em Taquarembó, vamos visitar o chefe. Tu não tá fazendo nada, vamos lá. Aí o Perci me disse, vou lá na casa do doutor Jango. Ele parece que está comprando uma fazenda em Taquarembó, e eu vou lá com o doutor Aílton. Me avisou assim e se foram. E passou, e o doutor Aílton veio de volta, depois de quatro ou cinco dias. Passou e me trouxe um bilhete do Percy me dizendo vou ficar mais uns dias. Na primeira viagem. E eu pensando porque não tinha voltado com o doutor Aílton. E o doutor Aílton passou e me disse, eu acho que o Perci vai ficar lá. O chefe eu acho que vai precisar dele. É doutor ? Acho que sim. Mas ele está bem. Aí passou uns 15 dias e seu Neri, lá, sempre em casa, ele tinha fazenda, tinha como viver, podia ficar sem fazer nada, me diz: Dona Celeste, vamos saber do Perci porque que ele não veio ainda. E eu a primeira vez que falei por telefone com eles, por que nem todo mundo tinha telefone, e na esquina tinha um posto de gasolina, então eu pedi ali e eles me deram. Então eu liguei para lá e atendeu, aí aquela voz que nunca mais vou me esquecer. Então eu perguntei quem falava, - aqui é o João Goulart. E aquilo me deu uma coisa assim, porque a gente se criou vendo as coisas né, mas nunca imaginava na minha vida. Aí me identifiquei também. - Não, o Perci está saindo para aí hoje mesmo. Hoje à noite a senhora terá ele aí. E aquela voz...tu não espera, porque as nossas lideranças antes, te tocavam na alma, a fundo sabe, a gente gostava dele.²²⁸

Pouco depois a família se transferia para a propriedade de João Goulart em Taquarembó, onde Percy iria administrar os negócios do ex-presidente, além de exercer uma função próxima a de um assessor político, exercendo um verdadeiro filtro entre Goulart e uma série de pessoas que dele queriam se aproximar, de exilados em busca de auxílio até inúmeros contatos políticos, oriundos da resistência brasileira e mesmo de lideranças políticas uruguaias, que naquele momento já começavam a

²²⁷ PENALVO, Celeste. Entrevista Citada.

²²⁸ Idem.

sentir os efeitos da crise que viria a desencadear o golpe de estado em 1973. Celeste Penalvo lembra que nos primeiros meses do pós-golpe o ex-presidente confienciava a ela o desejo de reconstruir as bases do PTB na fronteira oeste, através do contato com lideranças políticas remanescentes. Para isso, Jango pretendia enviar emissários como a própria Celeste e alguns companheiros que permaneceram intocados pelo desterro. Neuza Penalvo recorda dos hábitos simples do líder trabalhista no exílio:

[...] ele tinha casa em Montevidéu, que morava a dona Maria e os gurus. Mas o dr. Jango ele tinha dois ou três aviões, que naquela época era comum, né? Então, tanto de avião quanto de carro ele ia de uma fazenda para outra. Não ficava muito em um só lugar também. Gostava da atividade campeira, ele não era um fazendeiro desses que recorre o campo de S10, de D20, ele ia a cavalo, era gaúcho. [...] Comia nos acampamentos, na tampa da panela, no galpão. [...] Não que ele levasse uma vida infeliz, ele gostava. [...] Tinha um churrasco ali, ele comia. [...] Uma vez em Buenos Aires, ele tinha um apartamento lá também que tavam montando, mas ele ficava num hotel, direto. E aí nesse apartamento, o papai sempre contava, tinha um tonel daqueles, de combustível sabe, e uma tábua. Não tinha móveis praticamente. E aí eles fizeram um carreteiro. Doutor Jango fez um carreteiro ali, rapidinho assim. E a mesa foi a tábua em cima do tonel e o doutor Jango comeu na tampa da panela...Em Buenos Aires ele poderia ter ido para onde quisesse, né?²²⁹

Assim como para os demais exilados, o tempo passado longe da pátria foi de extremo desgaste e penúria psicológica para as famílias Penalvo e Goulart. Neuza e Celeste viveram os momentos de angústia e incertezas junto a Jango na fazenda de Taquarembó, quando foi se solidificando a certeza de que o exílio seria um longo período de suas vidas a ser transposto.

O meu pai comentava que pela vontade do pessoal que ficou aqui, eles nunca iam voltar. Porque os políticos que iam lá, não todos, não vamos generalizar, diziam: pá, tá brabo, tá ruim, tão prendendo, tão matando....Ninguém se preocupava, era melhor ter eles no exílio, como bandeira, do que eles aqui. (...) Mas isso o dr. Jango dizia, eles não querem que a gente volte. Eles querem os nossos ossos para servir de bandeira. E o Brizola também concordava, dizia a mesma coisa. Eles se deram conta que estavam abandonados.²³⁰

Em uma rara entrevista, Maria Thereza Goulart lembrou dos anos agitados que a família viveu no exílio. No início, a recepção calorosa do povo uruguaio, mas com o passar dos anos, a sombra das ditaduras latinas fechava o cerco às lideranças da esquerda do continente, como Goulart e sua família.

Jango dizia uma frase que a gente lembra sempre: 'o exílio é uma invenção do demônio'. No começo, a tranquilidade democrática do Uruguai nos protegeu e nos sentimos em paz. Mas os

²²⁹ PENALVO, Neusa. Entrevista ao autor.

²³⁰ Idem.

golpes sucederam-se em outros países latino-americanos, inclusive no Uruguai. A perseguição tornou-se então implacável.²³¹

Em Rivera, os ambientes em que os exilados circulavam mostravam-se não raro perigosos e com agentes infiltrados em diferentes níveis. Percy e sua família vinham algumas vezes à fronteira, normalmente em busca de peças para reposição de maquinários agrícolas, comprados em Livramento, ou de víveres e roupas, geralmente mais baratos do outro lado da linha, conforme o câmbio vigente. Além da casa de Nery Medeiros, o estabelecimento comercial de Côco Fagundes, a confeitaria A Metropolitana, servia de ponto de apoio para o grupo. Percy sabia que poderia se converter em um alvo fácil e recorrente, devido a sua aproximação com Jango, por isso valia-se do esquema de proteção existente em torno de Nery Medeiros. A aproximação de Medeiros com setores da polícia uruguaia implicava em uma rede de proteção que mantinha o grupo informado de um eventual elemento infiltrado. Neusa Penalvo lembra de situações envolvendo os forasteiros que chegavam na fronteira, ou mesmo na fazenda de Taquarembó em busca de trabalho, sempre sob o olhar desconfiado de seu pai. A favor dos perseguidos funcionava uma rede de informações que envolviam contatos da polícia brasileira e uruguaia, além de dados privilegiados do Exército, obtidos muitas vezes através de uma rede de parentescos:

Isso foi lá no seu Neri, ele estava manuseando uma pistolinha assim, pequena, numa roda. E o padre aquele começou a manusear, e a gente sabia da informação do exército para matar o papai. De dentro do exército, não era de companheiros. Porque eles precisavam tirar o papai de perto do dr. Jango, para ele ficar, e aí o padre começou a manusear, e o papai tinha uma 45 e ele puxou e disse: padre, guarde essa pistola, porque essa dispara, mas essa aqui também pode disparar. Aí o padre guardou [...] se era padre mesmo não se sabe, porque depois ele sumiu. Tem várias histórias assim, de gente que chegava lá, dizendo ser perseguido, do norte, Pernambuco, sei lá de que estado. Aí, conversando com ele, meu pai dizia. Pois é, não é sargento? E tinha um serviço de informações através da própria polícia uruguaia. Sempre tem alguém que te ajuda, tem é que saber te comunicar e te relacionar, sem te corromper, não é? então, tinha alguns que apareciam lá fora, pedindo emprego, ficavam lá, e a gente pedia informação pro contato da polícia, em Taquarembó, aí eles confirmavam né? teve um que meu pai entregou ele para a polícia do Uruguai, pra que eles mandassem de volta pro Brasil. Levem o homem de vocês de volta.²³²

A situação de calma aparente que permeou os primeiros momentos na fazenda viria a se deteriorar com a radicalização da esquerda uruguaia, em especial do

²³¹ GOULART, Maria Thereza. *Memórias do Exílio*. Revista Aventuras na História. São Paulo, Março de 2008. Editora Abril. p.35.

²³² PENALVO, Neusa. Entrevista citada.

movimento Tupamaro, que iniciou uma verdadeira escalada de ações contra o governo, atacando alvos militares, civis e os declarados inimigos externos: norteamericanos e os agentes ligados a ditadura brasileira. O ex-presidente brasileiro seria extremamente vigiado, sob suspeitas de colaboração com os tupamaros e o partido comunista uruguaio, segundo os interesses da iminente ditadura uruguaia, e de planejar uma retomada das rédeas políticas no Brasil através de contatos que desembocariam na criação da Frente Ampla, consolidada em finais de 1966.²³³ Sob esse ambiente monitorado transitavam Goulart e seu grupo mais próximo. As ações desse aparato repressivo, que se consolidariam com a criação da Operação Condor, podem ter levado posteriormente ao assassinato de João Goulart, conforme revelações elencadas pela imprensa:

Documentos entregues ontem ao Ministério Público Federal do Rio Grande do Sul (MPF/RS) trazem novos indícios sobre a morte do ex-presidente da República João Goulart. Relatórios do Serviço Secreto do Exército do Uruguai apontam que Jango e seus companheiros de exílio eram monitorados por órgãos de repressão entre os países. Coincidências de datas da morte do ex-presidente brasileiro e de assassinatos de líderes políticos na época levantam novas suspeitas sobre o caso. Um dos relatórios sigilosos do governo uruguaio narra uma reunião ocorrida em 1974, em Buenos Aires, entre o ex-presidente brasileiro, o ex-senador uruguaio Zelmario Michelini e o ex-presidente da Bolívia general Juan José Torres. O curioso é que Michelini e Torres foram brutalmente assassinadas em 1976, no mesmo ano da morte de Jango', disse o presidente do Movimento de Justiça e Direitos Humanos, Jair Krischke, (...) acrescentou que, no mesmo ano em que Jango morreu na Argentina, oficialmente, de ataque cardíaco, diversos líderes políticos de Brasil, Uruguai, Bolívia e Chile foram assassinados. (...) A investigação da morte de Jango foi retomada pelas recentes declarações de um ex-agente do serviço secreto do Uruguai, que garante ter participado das ações para eliminar João Goulart. Preso na Penitenciária de Alta Segurança de Charqueadas (Pasc) por envolvimento em tráfico de armas e assaltos a carro - forte, o uruguaio Mario Neira Barreiro teria afirmado que participou da operação para provocar a morte de Jango.²³⁴

²³³ Movimento político lançado em 28 de outubro de 1966 com o objetivo de lutar pela "restauração do regime democrático" no Brasil, a Frente Ampla teve como principal articulador o ex-governador da Guanabara, Carlos Lacerda, e contou com a participação dos ex-presidentes Juscelino Kubitschek e João Goulart, e de seus correligionários.[...] Depois da entrada de Goulart, e graças também à maior aceitação por parte dos parlamentares do MDB, deu-se início a mobilizações públicas, com comícios nas cidades paulistas de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul, em dezembro de 1967, e em Londrina e Maringá, no Paraná, no início de abril de 1968. Esses últimos eventos, reunindo mais de 15 mil pessoas, coincidiram com as manifestações estudantis realizadas em todo o país em repúdio à violência policial que, no Rio de Janeiro, causara a morte do estudante Edson Luís de Lima Souto no final de março. No dia 5 de abril, por intermédio da Portaria nº 117 do Ministério da Justiça, todas as atividades da Frente Ampla foram proibidas. CPDOC/FGV.http://www.cpdoc.fgv.br/nav_jgoulart/htm/8Exilio/Articulacao_da_oposicao.asp Acessado em 10/02/2007.

²³⁴ COLUSSI, Joana. *MPF recebe indícios sobre a morte de Jango*. Correio do Povo. Porto Alegre, 23 de fevereiro 2008. p.4.

Entre agosto de 1970 e setembro de 1971, dois episódios de inegável violência iriam envolver a família Penalvo, sempre com o objetivo de atingir, direta ou indiretamente, o presidente João Goulart. O seqüestro do cônsul brasileiro em Montevideú, Aloysio Dias Gomide, pelo grupo Tupamaro, em 31 de julho de 1970, deflagrou uma indisposição diplomática entre Brasil e Uruguai, que a despeito disso, não colocou em risco a aproximação de suas inteligências militares e setores ligados diretamente à repressão. Isso incluía a vigilância aos exilados, sob suspeição de participarem das ações promovidas pelos Tupamaros.



Percy Penalvo (segundo à partir da esquerda) e Chiquinho Cabeda (oitavo) ao centro.

A aproximação entre as lideranças do grupo brizolista e os guerrilheiros uruguaios de fato existiu, quando Raul Sendic reuniu-se com Brizola e seus assessores diretos, na busca de alternativas para a entrada de armas destinadas ao levante brasileiro. O plano, no entanto, não foi adiante.²³⁵ Alguns anos mais tarde, a possibilidade dessa ligação seria retomada como uma hipótese plausível pelas forças

²³⁵ José Wilson da Silva narra o encontro em *O Tenente Vermelho*, Op,Cit. pg 205.

repressivas de ambos os países. Marco Villalobos demarca o delicado momento político:

A situação uruguaia extrapolava suas fronteiras e entre os regimes militares do Cone Sul, a preocupação com a segurança do continente, ameaçado pelo perigo da subversão comunista, era um tema constante. O encontro dos Presidentes Pacheco Areco e Garrastazu Médici na fronteira do Uruguai com o Brasil originou um documento secreto no qual a Embaixada brasileira consultava Brasília sobre a possibilidade de haver uma reunião de dirigentes dos serviços de segurança dos dois países. Mais urgente, a segurança dos funcionários diplomáticos brasileiros, foi responsável pelo envio de mensagens à Brasília. Como se estivesse prevendo o que estava por vir, o próprio Embaixador Luiz Bastian Pinto destacava os perigos que envolviam o trabalho em um país que convivia com a guerrilha. [...] Na mesma direção, um [...] telegrama urgente destacava o medo dos funcionários, especialmente após o assalto realizado contra a residência da Oficial da Chancelaria, Alda Gomes Araújo, no dia 14 de julho de 1970. [...] O mesmo telegrama não descartava a hipótese de que houvesse a participação de grupos subversivos, eventualmente ligados ao meio exilado brasileiro no assalto.²³⁶

O seqüestro do cônsul brasileiro deu início a um longo processo de negociações que envolveram os tupamaros e o governo uruguaio, sob pressão da ditadura brasileira e a crescente desconfiança com o grupo exilado, deflagrando uma reação das autoridades contra setores da esquerda uruguaia e militantes da esquerda brasileira no exílio. Entre eles, o ex-presidente João Goulart. Na fazenda em Taquarembó, em um gesto desesperado por encontrar Gomide, os militares uruguaio promoveram um legítimo “*allanamiento de morada*”, ou simplesmente *allanamiento*, como ficaram conhecidas as invasões a residências no Uruguai daqueles anos, na busca de militantes e que geralmente acabavam em mortes e detenções. De metralhadoras em punho, apontadas para Celeste Penalvo e suas três crianças, imprimindo um clima de terror, a força policial reunida em Taquerembó revistou toda a residência, deixando tudo de pernas para o ar, enquanto um perplexo João Goulart assistia a tudo, impassível, sentado em uma poltrona. A partir de sua vivência, Neuza Penalvo relembra:

Os tupamaros sequestraram o Gomide, e havia a suspeita do governo uruguaio de que o dr. Jango dava proteção aos tupamaros. E depois até, teve um dos pilotos do dr. Jango que ficou preso 10 anos, porque era tupamaro. O outro eles mataram na prisão. Dois pilotos do Dr. Jango foram presos, porque eram tupamaros. Mas era casualidade, o dr. Jango nem sabia...Um era o Garcia, o outro era o Rivero. O Rivero que morreu em Buenos Aires, agora durante a investigação da morte do dr. Jango, que um uruguaio levantou suspeita, que o Rivero ia depor em uma comissão lá em Buenos Aires, e aí morreu naquela passagem de Buenos Aires de barco [...] aí eles foram procurar o Gomide, lá na estância. Eles chegaram lá em casa, porque nós não morávamos na fazenda, nós morávamos em uma casa antes, mas era da estância. Aí eles passaram lá, com metralhadora e tudo. E na outra casa...E metralharam até dentro do poço,

²³⁶ VILLALOBOS, Marco Antônio. *Tiranos Tremei!* : ditadura e resistência popular no Uruguai: 1968-1985. Porto Alegre. EDIPUCRS, 2006. pgs 74, 75.

fizeram horrores. E a mamãe disse: vocês vão para a Estância, que o Perci está pra lá e o dr. Jango está chegando. E eles chegaram na fazenda e o doutor já tinha chegado. E eles revisaram tudo, até embaixo da cama, e ele ficou sentado. E o papai protestou, disse: quando o sr. entrou no país o sr. pediu proteção para o governo uruguaio, e aí está a proteção. E apontava para os milicos, né? eles tudo de metralhadora dentro da casa. E o doutor Jango dizia pra ele, mas o que que tu quer que eu faça tchê, eu não estou no meu país.²³⁷

Depois da frustrada a tentativa de encontrar o cônsul brasileiro, os militares tomaram outro rumo, deixando para trás a casa em desordem e o presidente Jango ainda atordoado. Nesse momento, chegava no campo de pouso usado pelos Goulart em Taquarembó um personagem que trazia antigas ligações de amizade com a família Goulart. Auto-exilado, passaria alguns dias na fazenda e logo depois tentaria retomar uma rotina de trabalho em Rivera, auxiliado diretamente pelo grupo refugiado. Neuza Penalvo lembra quando seu pai, atordoado pela ação militar, com os nervos à flor da pele, foi acolher o visitante,

[...] meu pai tinha um jipe que ele usava na fazenda. E tinha telefone. E os milicos lá dentro, revistando tudo. E tocou o telefone, tinha uma central numa localidade. E era o Dom Braga, da Central. E falando para o meu pai, caiu um avião aqui. Vai indo um rapaz, a pé, por dentro do campo. Era longe da fazenda, mas tinha um corredor antigo, meio desativado. Vai indo um rapaz a pé. E meu pai largou os milico tudo. Até passaram lá em casa e pegaram uma gasolina. [...] Eles ficaram sem gasolina e meu pai ainda deu gasolina para eles.[...] e tinha dado um problema no avião. O avião voltou e o rapaz tava indo por dentro do campo. Imagina toda a tensão, com os milicos revistando tudo, até por debaixo da cama. E os milicos foram embora, o meu pai pegou o jipe e se foi pelo corredor e encontrou o rapaz caminhando. O meu pai com os nervos à flor da pele. E o meu pai encontrou e o rapaz se apresentou pra ele: Doutor Tarso Genro! E meu pai disse assim: o teu doutor tu deixou do outro lado da fronteira, aqui tu é um nada. Entra nesse jipe. (risos) Claro, mas que doutor Tarso Genro, se até o presidente da república tava lá com os milicos revistando até debaixo da cama... E aí ele ficou um tempo lá em casa, e aí depois arrumaram trabalho pra ele lá na fronteira. [...] e aí um dia o papai recebeu um telefonema dele. Olha Perci, quando tu vier a Rivera eu preciso falar contigo. E aí o papai foi. E chegando lá ele disse, e aí tchê o que tu quer? E ele disse, eu arrumei para voltar para o Brasil, e eu preciso que tu me devolva o meu título de doutor por que eu preciso dele pra trabalhar! (risos)²³⁸

Filho de Adelmo Genro - amigo desde os anos 30 das famílias Vargas e Goulart em São Borja, além de figura muito respeitada na região - Tarso chegava em Taquarembó sob a proteção do líder máximo dos trabalhistas, deposto, mas sempre acolhedor. Ele relembra,

Quando eu saí para o exílio eu saí pelo esquema clandestino do Jango, porque eu fui a São Borja e disse para meu pai, “olha eu não estou em condições de sair, eu tenho que ficar escondido porque a minha organização pifou”. E o meu pai disse, então vamos tentar sair por São Borja, pelo Jango.²³⁹

²³⁷ PENALVO, Neuza. Entrevista Citada.

²³⁸ Idem.

²³⁹ GENRO, Tarso. Depoimento a Deraldo Goulart. In: Jango em Três Atos, documentário, 2008.

Pouco depois, o advogado e ex-vereador pelo MDB de Santa Maria, encontrariam em Rivera a recepção de um grupo que não lhe deixaria só, como Nery Medeiros, os advogados Adán Fajardo e Antônio Apositia Neto, além de seu companheiro do PC do B – Manoel Luiz Coelho, o Maneco. Antônio Apositia recorda do dia em que levou a esposa de Tarso até o local onde o advogado residia em Rivera. “Ela trazia nos braços a pequena Luciana, recém nascida, e lembro que o Tarso ficou muito emocionado e chorou ao conhecer a filha, ali, no exílio”.²⁴⁰ Colega de ginásio do pai de Tarso, amigo dos anos que a família Genro passou a viver em Santa Maria, Nery Medeiros tornou-se fronteira uma referência de amizade e solidariedade que o jovem idealista somava aos outros pontos de apoio que aos poucos começava a criar naquela pequena cidade uruguaia.²⁴¹

A casa de Nery Medeiros, encravada no centro de Rivera, mas a menos de 800 metros do território brasileiro, era ponto de apoio a muitos companheiros de passagem pela região. Era lá que estavam Percy Penalvo e seu filho, Paulo, de apenas quatro anos, em setembro de 1971, quando um segundo incidente envolvendo as forças repressivas, desta vez do Brasil, iria sacudir as estruturas da família. A vinda de Percy à fronteira devia-se à compra de utensílios domésticos em Livramento, mas como não podia correr o risco de entrar em território brasileiro, valia-se da ajuda de algum companheiro menos visado. Desta vez, um amigo tomou emprestado o carro de Percy e dirigiu-se com o menino para Livramento, para comprar botas para o pequeno, entre outros utensílios. Mas, ao cruzarem a linha divisória, foram interceptados por um automóvel da Polícia Federal e levados detidos para as dependências da polícia. Ficaram um dia inteiro detidos, com os policiais enviando mensagens a Percy, para que fosse buscar seu filho pessoalmente, o que significaria sua automática detenção. O menino depois narrou aos pais que via o amigo sendo agredido a tapas constantemente pela polícia. O caso só foi resolvido depois da

²⁴⁰ APOSITIA, Antônio. Entrevista citada.

²⁴¹ Tarso Genro iniciou sua militância política ainda muito jovem acompanhando o pai, logo se filia a “Ala Moça” do PTB. Elege-se vereador pelo MDB de Santa Maria em 1968, contando então 20 anos, identificando-se com as idéias preconizadas pela Ala Vermelha, dissidência do PC do B. Renuncia em 7 de julho de 1969 se auto exila no Uruguai.

intervenção de dois advogados, amigos da família intercederam, alegando a impossibilidade jurídica para a detenção de uma criança de quatro anos. Celeste Penalvo, que ficara na fazenda, lembra do seqüestro:

Eu fiquei lá na fazenda, e o Percy veio com o Paulo, que era pequeno, tinha uns quatro anos. Aí tinha um amigo nosso que sempre ia lá, e o carro era brasileiro, e ele achou que podia. E ele emprestou para esse amigo ir buscar umas coisas para nós, comprar umas botinhas para o Paulo, naquela época o peso estava bom, dava para comprar. [...] E quando eles estavam subindo naquele trevinho, onde sobe ali, na Sarandi, a Federal atacou eles ali. Pegou eles e levaram para a polícia, levaram para a Brigada. [...] Aí eles mandaram dizer para o Percy que se quisesse o filho, que fosse buscar. Sabiam que o Percy não podia ir. Aí entrou o Régis, que era genro do seu Neri, tinha um rapaz que era advogado que foi lá...foram lá...[...] uma criança que passou o dia inteiro, e deram só laranja para ele comer [...] ficou o dia inteiro, E pegaram os papéis do Percy, tudo o que tinha na pasta, filmes e tudo.²⁴²

Foram momentos tensos como o do seqüestro do filho de Percy e a vigilância ininterrupta da área de fronteira que fez daqueles dias o palco das negociações e da solidariedade entre o grupo exilado, seus pares e os demais atores políticos que transitavam pela fronteira.



Celeste e Neuza Penalvo, em São Borja, relembram os anos difíceis do exílio.

²⁴² PENALVO, Celeste. Entrevista Citada

CAPÍTULO III

Trabalho, experiências e solidariedade no exílio

3.1 – A Malharia Burmann. Êxitos, fracassos e sobrevivência.

O disfarce adequado e a coragem para enfrentar a situação adversa em pleno solo brasileiro fizeram de Orlando Burmann um dos homens mais aptos para efetivar as ligações de Porto Alegre com Montevideú, e posteriormente na fronteira. Ali, estabeleceu um elo de ligação entre os banidos e procurados pelo novo regime e a resistência, em Montevideú, nos primeiros anos. César Burmann, filho mais velho do casal Orlando e Diva, com 12 anos na ocasião do golpe recorda dos tempos de clandestinidade do pai, que enfrentava a ditadura entrando incólume nos quartéis, em busca dos segmentos militares trabalhistas que se dispusessem a participar de uma rebelião. Em janeiro de 1966, no entanto, a explícita repressão a Burmann fez com que a família escolhesse a cidade de Rivera como o único território possível de resistência política e de unidade da família. Ali passariam a estabelecer uma tentativa de sobrevivência aliada às articulações da emergente luta armada, que passava necessariamente pelos deslocamentos ao Uruguai, tradicional porta de saída para Cuba, China e União Soviética.

Logo depois de chegar a Rivera, no conturbado verão de 1966, a família se estabeleceu na avenida *Paul Harris*, no centro comercial do bairro Fortim, localizado na linha divisória. A poucos metros da divisa, estabeleceria morada em uma área de intensa passagem de pessoas, onde um intercâmbio comercial contínuo desafia os limites do comércio legal e marca um cotidiano tipicamente de fronteira. No início, as economias familiares e a ajuda de parentes estabelecidos em Ijuí deram suporte para uma mudança radical na vida dos Burmann. Mas com o passar do tempo, mesmo desfrutando de um prestígio político ainda muito forte no Rio Grande do Sul e signatário de negócios em Ijuí, o dinheiro começou a escassear, dificultando a sobrevivência do grupo familiar na fronteira. Foi assim que surgiu, depois de algumas tentativas de empreendimentos que não deram o resultado esperado, a idéia de criar

uma malharia, aproveitando a lã uruguaia, produto valorizado e afamado por sua qualidade. Foi o filho mais velho, César, então com 15 anos, quem deu o início ao negócio que iria prosperar e se tornar uma das mais conhecidas malharias da fronteira, além de suporte financeiro da família. A malharia surgiu em 1968, depois que o jovem César assistiu na recém inaugurada TV 10, de Rivera, a propaganda de uma loja que vendia máquinas de costura e semeou a idéia junto à família. Com a aprovação dos pais, comprou-se a primeira máquina. No início formou-se uma sociedade com uma vizinha que também possuía uma máquina. Surgia a malharia DD, que reunia o nome das sócias: Diva e Dênia. Cezar descreveu o momento em que tiveram início as atividades na família:

Começou comigo. A mãe comprou uma máquina de tricô no Augusto Leonel Fernadez, ali em Livramento. E ela não sabia aprender e passar para as funcionárias. Então eu fui lá, aprendi como é que era, fui para casa, fiz umas duas blusas para mim, aprendi como é que funcionava e ensinei para as funcionárias que ela contratou. E aí começou a malharia e a coisa cresceu. Isso em 67, 68. Aí o pai ia com frequência para Montevidéu, para comprar lã e mercadorias.²⁴³

Ao contrário dos exilados que passariam para o Uruguai nos anos seguintes, geralmente estudantes, ligados a organizações políticas que preconizavam a resistência armada, Burmann encontrou abrigo político no governo uruguaio sendo tratado com regalias e proteções. Com o passar do tempo e o agravamento da situação política, o amparo desapareceu e até se reverteu em gestos de intimidação. Desfrutando dessas regalias iniciais construiu um sobrado onde instalou sua malharia, valendo-se de empréstimo bancário, fornecido sem avalistas, pelo *Banco de La República Del Uruguay*. Valia-se também de uma larga experiência como contador e fiscal de tributos, além dos predicados de prefeito conceituado da cidade de Ijuí e deputado estadual prestigiado entre os trabalhistas.

Isso não impediu, no entanto, que a família enfrentasse as dificuldades inerentes a uma mudança radical de vida. Os primeiros anos na fronteira foram difíceis, exigindo um complexo equilíbrio entre a subsistência e a atuação política. A aquisição de um pequeno sítio nos arredores de Rivera foi a solução primeira e contemplava duas vertentes: garantia uma subsistência mínima e a geração de renda, além de servir de abrigo aos companheiros em passagem para o Uruguai. A atividade

²⁴³ BURMANN, César. Entrevista citada.

foi seguida por outros exilados, com menor ou maior êxito, como se verá. Em Rivera, Orlando Burmann desempenhou um papel chave no chamado “esquema de fronteira”, essencial para a passagem de clandestinos e líderes da resistência brasileira para o Uruguai. Para Diva, oriunda de uma família com posses e tradicional em sua cidade natal, foram anos de adaptação às exigências de uma nova condição, como relembra:

[...] compramos uma chácara, no caminho de quem vai para Montevideú, no bairro *Bisio*, antes de passar o rio. Ficava uns quatro quilômetros ali da nossa casa, a gente ia a pé até lá. Era 4 hectares a chácara. E ali o Orlando plantava e ficavam uns exilado por ali. Dava para sobreviver, mas o Orlando ficava muito nervoso não fazia nada, e era acostumado a trabalhar né? Então ele ia para a chácara de manhã, plantava, virava canteiro...E eu vendia depois, porque eu fornecia para os hotéis, acredita? Pra o Jandaia (Hotel), para as sorveterias, moranguinho, tudo. E o pessoal se admirava pela minha situação, não é? De eu vender, diziam: “E a senhora... nunca fez isso antes? Eu dizia:” não, nunca fiz, mas estou fazendo, porque eu preciso”²⁴⁴

Diva recorda dos anos em que a solidariedade imediata com os perseguidos e auto-exilados, em fuga para o Uruguai, era regra. As dificuldades enfrentadas pela família corroeram suas economias, porém valia o esforço de sobrevivência, amparado no bom conceito que ainda usufruía Beno Orlando no Uruguai. Sua rede de amigos e contatos políticos transitavam dos tradicionais colorados, em especial os identificados com a Lista 99, do senador Zelmario Michelini até os insurgentes tupamaros.

[...] nós chegamos lá em situação difícil. Porque cortaram o salário do Orlando. O Orlando era fiscal do ICM e ganhava muito bem. Tanto é que eu tenho uma aposentadoria dele, uma das melhores aposentadorias do estado oficialmente é ele. E nós não tínhamos quase mais nada, porque nós ficamos todo aquele tempo lá, vendendo tudo que tinha para ficar lá, sabe como é? E aquele mundo de gente comendo e a gente gastava o nosso dinheiro. O Brizola não ajudava em nada, o Jango não ajudava em nada. Ninguém ajudava. E ainda chegava aquela gente lá sem dinheiro, a gente tinha que dar dinheiro e passagem para ir a Montevideú. Tanto é que quando nós estávamos lá, para fazer a casa que nós fizemos, um empréstimo no Banco de La República, sem fiador, sem nada, nos deram o empréstimo. Pelas amizades que a gente tinha. E também eles se informaram aqui no Banco do Brasil, da situação do Orlando, e ele era uma pessoa que tinha crédito em qualquer banco que ele tirava dinheiro.²⁴⁵

Sérgio Burmann, o filho mais jovem, e que seguiria os passos políticos do pai elegendo-se anos mais tarde vereador em Ijuí, lembra desses anos como uma época de trabalho e determinação, mesmo que muitas vezes as atividades agrícolas não dessem tanto resultado como o esperado. Em uma cidade de economia restrita, como

²⁴⁴ BURMANN, Diva. Entrevista citada.

²⁴⁵ Idem.

Rivera, o trabalho em pequenas chácaras era uma saída natural para quem se estabelecia na região, abrindo novas oportunidades para abrigar correligionários e manter um nível mínimo de subsistência entre o grupo. Sérgio lembra:

Eu tinha seis anos, e ia na Escola Oito, aqui em Rivera, de tarde. E no verão eu saía da escola, meu pai ia de manhã, a pé, para a chácara que era um pouco antes do Passo de Castro, à esquerda. Ele plantava, levava uma marmita, e a minha mãe buscava ele de tarde e nos levava. E a gente ajudava a limpar os canteiros, enquanto brincava e caçava passarinho. No outro dia de manhã eu pegava um canastro, como diz o castelhano, e vendia um pé de alface por um peso, ali na vizinhança, e isso ajudava. Ele produzia e eu comercializava, moranguinho, alface, ervilha, de acordo com a estação. Levava nos boliches da redondeza. Nós tínhamos posse lá em Ijuí e fomos vendendo as coisas para sustentar aqui. Mas nunca faltou nada, é claro que nos privamos de bens e coisas, mas fome não passamos. Mas ele sempre deixava ressaltado que para conseguir as coisas tu tinha que trabalhar.²⁴⁶

Em 1969, César mudou-se para Porto Alegre. Abriu-se então outra oportunidade de negócios, com a venda dos produtos comprados mais baratos no Uruguai para vender na capital gaúcha. Na eterna balança comercial da fronteira, estavam em alta os produtos que chegavam com mais rapidez ao mercado uruguaio ou simplesmente eram artigos ainda muito caros no Brasil. Produtos de ocasião, como relógios, as primeiras giletes inoxidáveis, e uma série de mercadorias importadas que constituíam novidade no Brasil. Vendidos em Porto Alegre, rendiam um dinheiro extra e serviam para ajudar no sustento dos estudos, antes de aparecer um emprego fixo. Na fronteira, a família buscava qualquer atividade econômica que pudesse ser rentável, enquanto o negócio de roupas não crescia. Nas palavras de Sérgio,

nós fazíamos de tudo, o que dava dinheiro nós se virava. Nós tínhamos a chácara, mas não era muito, era para o meu pai sentir-se produtivo também. E o marido da Dênia tinha sociedade em um táxi em Livramento, e vendeu a parte dele para nós. Foi outra atividade que eu me lembro que nós tivemos. A outra metade do táxi era do sr. Selau, que tinha um engarrafamento ali no outro lado da linha, em Livramento, a poucos metros da nossa casa.²⁴⁷

Assim a família ia conseguindo sobreviver e contornar as adversidades de encontrar a subsistência em uma cidade desconhecida. Mais uma vez, a situação de fronteira ajudava, pois quando uma mercadoria valorizava-se muito em um país, era ora de vender ali, e vice-versa. A camionete do tipo Simca-Jangada, que veio com a família, trazendo alguns móveis da casa de Ijuí, servia para os negócios de compra e venda de víveres. Foi assim com a venda de açúcar, comprado em Livramento e

²⁴⁶ BURMANN, Sérgio. Depoimento ao autor.

²⁴⁷ Idem.

vendido por quilo nos pequenos mercados de Rivera. Quando a polícia apertava o cerco aos “contrabandos”, a solução era descer algumas quadras antes da linha divisória de fronteira para evitar confusão. As crianças serviam de escudo para enganar os fiscais “Tinha fiscalização, mas a minha mãe colocava as crianças, até as dos vizinhos, que iam sentados em cima das bolsas de açúcar. E o meu pai e os meus irmãos desciam e vendiam as bolsas de açúcar”, lembra Sérgio.

A precariedade, no entanto, acompanhava a vida da maioria dos exilados que tentavam permanecer na fronteira. Nessa hora, estabelecer uma rede de mútua ajuda era uma solução tão urgente quanto temporária. Não era improvável que famílias acabassem se desintegrando frente às dificuldades enfrentadas pelo dia-a-dia em uma pequena cidade desconhecida. Assim aconteceu com o capitão do exército Acir Xavier Chaves, que tentou se estabelecer como chacreiro, exerceu funções de vigilante e trabalhador nos sítios da redondeza, enquanto ele próprio trabalhava em suas quadras de terra, acompanhado da mulher e filhos. A inexperiência no lida com a terra acabou colaborando para a desestruturação da família, que o abandonou em Rivera, voltando para Santa Maria.

Para Diva Burmann, a ajuda aos exilados e aos clandestinos que chegavam a sua casa era a regra. Na chácara, ficavam por algum tempo aqueles que não possuíam documentos para seguir viagem, ou que teriam de conseguir algum dinheiro para dar início a uma nova etapa de vida na cidade. Na lembrança de Diva, Acir foi um desses hóspedes temporários que passaram por sua chácara,

Eu ajudei muito também um coronel do exército, o Acir, esse eu ajudei. Ele trabalhava na nossa chácara, mas depois ele recebeu um dinheiro do exército, que não tavam pagando nada, mas depois pagaram uns atrasados, e ele comprou uma chácara para ele. Mas ele não tinha carro nem nada, e era um sacrifício. E vinha de Santa Maria aquelas mudas de abacaxi para ele plantar lá na chácara dele, mas ele não plantava nada, não tinha jeito sabe. Aí eu tinha uma Simca Jangada, eu fazia pick-up e carregava as coisas dentro. Enchi de cabeças de abacaxi, de mudas de abacaxi, me espinhei toda, porque ele não podia vir no Brasil, então ele me esperava lá na linha divisória. Eu e o Cezar, carregamos aquilo e nos espinhamos tudo, passamos lá e levamos lá para a chácara dele, para ele plantar aquelas mudas de abacaxi. Passou um tempo, eu disse cadê os abacaxis que eu gosto muito, será que já tem, eu vou lá. Cheguei lá, não tinha brotado um. Tinha morrido tudo.²⁴⁸

A malharia, entretanto, caminhava a passos largos. Mesmo sem nenhum conhecimento de espanhol ou da vida em uma fronteira, a família Burmann aprendia

²⁴⁸ BURMANN, Diva. Entrevista citada.

com o cotidiano da cidade o entrosamento necessário para o estabelecimento de uma série de novos contatos e amizades. Enquanto as crianças estabeleciam uma série de amizades nas escolas, que no futuro renderiam casamentos e um envolvimento indissolúvel com a região, Diva Burmann passou a inovar o seu negócio, arrendando novas máquinas para as artesãs que terceirizava. Quando a produção atingia determinado limite, as máquinas podiam ser adquiridas pelas colaboradoras, em troca de produção. A receita deu certo e a malharia passou a contar com uma expressiva rede de funcionárias terceirizadas. A receita política dos Burmann unia o trabalho com o estabelecimento de uma sintonia contínua com a comunidade, e repetia a fórmula que sempre dera certo nos tempos de Ijuí, a construção de redes políticas por amizades, parentesco, religião e assistencialismo, o que envolve também a paixão pelo esporte, sendo o Internacional de Porto Alegre e o Penharol em Montevideú, os clubes da preferência familiar. Diva Burmann realizava ações que envolviam trabalho e solidariedade com os demais exilados, valendo-se de um salvo conduto para entrar e sair do país quando bem entendesse. A exemplo de seus filhos, que estudavam em Santana, também entrava livremente no Brasil para receber pensões e repassar para quem não podia se arriscar, ou vivia em Montevideú.

[...] eu não sabia falar o espanhol, nunca tinha ido para Rivera, e não conhecia ninguém. Mas eu gostei muito que assim que eu cheguei lá, a gente foi fazendo uma amizade com o vizinho, e a gente ia na missa, a gente é muito católico, a gente se comunicava com os outros né? E meus filhos foram estudar, e todo mundo nos deu apoio, lá tem muito PDT [...] Adorei a fronteira, adoro. Eu acho uma maravilha aquilo lá. Olha, eu vou lá, eu fiz tantas amizades, eu tenho afilhadas...Eu recebia dinheiro para muitos exilados, até para uma senhora de Montevideú, velha, viúva. A sobrinha dela, recebia pra ela, o dinheiro e dava só um pouquinho pra ela. Até isso acontecia. E a coitada chegou lá em casa, quem trouxe ela lá em casa foi a Neuza Brizola. "Diva, tá acontecendo isso. Eu disse pra ela que isso é muito pouco, ele era coronel do exército e não é essa mixaria que ela tá recebendo, a outra tá ficando com o dinheiro". Aí trouxe ela lá em casa. Aí eu fui no quartel, fui ver, e era mesmo. Aí ela passou uma procuração para mim, levei ela lá, para mim receber pra ela e mandava. Ela tava morando em Montevideú.²⁴⁹

²⁴⁹ Idem.

3.2 – Sobrevivência e militância, uma difícil opção.

Aos militantes da geração de 68 a sobrevivência na fronteira revelou-se especialmente difícil. Sem contatos, na solidão de outro território, envoltos pela paranóia de uma perseguição política que efetivamente acontecia, sem um grupo de apoio, o mesmo território que abrigava os Burmann se mostrava inóspito para os jovens ativistas. Cláudio Antônio Weyne Gutierrez, membro da VPR, viveu dias duros em Montevidéu, onde passou por uma tentativa de seqüestro e por pouco não caiu nas mãos da repressão brasileira. Em 1969, vindo de Porto Alegre e após ter cruzado a fronteira de Santana e Rivera rumo a capital uruguaia, viu de perto a dura realidade que os estudantes recém exilados passavam, longe de empregos formais e perseguidos pelos homens do Departamento de Inteligência e Enlace. Ele descreve:

O Uruguai de novembro de 1969 estava longe da prosperidade do pós-guerra, e vivia profunda crise econômica e institucional. O presidente Pacheco Areco respondia à crise social a ao crescimento dos Tupamaros com um governo autoritário que ultrapassava os limites dos mecanismos constitucionais. A situação dos brasileiros no Uruguai estava muito difícil. Apesar de toda a tradição de asilo que o País possuía, nenhum dos nossos companheiros que haviam ingressado recentemente eram reconhecidos como asilados. O instituto do asilo, uma tradição para as elites políticas em nosso continente, não foi pensado para proteger militantes de movimentos sociais e revolucionários.²⁵⁰

A situação dos militantes identificados com a reação armada e a chamada geração de 68 estava particularmente difícil na Montevidéu daqueles dias. A afinidade entre a ditadura brasileira e o caminho do arbítrio pelo qual já trihava o governo uruguaio mostrava-se cada vez mais forte. Como aconteceria no Chile e Argentina alguns anos depois, a vigilância política se fazia sentir com todo o seu arsenal de terror e intimidação para quem buscava, em fuga, a fronteira e logo depois a capital uruguaia. Em novembro de 1969, o jornalista uruguaio Alfonso Correa anotava no combativo periódico De Frente, o clima de insegurança na fronteira e a crescente indisposição do governo uruguaio com a chegada de novos exilados.

[...] Cuando notó que sus compañeros de la Facultad de Derecho de San Pablo iban desapareciendo aceleradamente se decidió a irse de su estado. Lo protegió la relativa falta de coordinación que aún existe entre un estado y otro del gigantesco país. Siempre con la meta puesta en la frontera uruguaya, fue pagando su viaje mientras trabajaba por el camino. A los seis meses llegó a Santa Ana de Livramento. Se sintió perseguido, dejó sus valizas en un hotel

²⁵⁰ GUTIÉRREZ. Op.cit; p.92.

y atravesó la frontera. Llegó hasta Montevideo, y como no conocía a nadie se echó a caminar hasta que halló la embajada mexicana. Allí pidió asilo pero se lo negaron, argumentando que lo debía solicitarlo en el propio Uruguay “para no crear problemas de competencia”. En jefatura, donde le recomendaron ir, fue tratado amablemente y firmo una solicitud de asilo. Al otro día, con el pretexto de unas declaraciones suyas a un matutino lo trasladaron al CGIOR [Centro General de Instrucción de Oficiales de Reserva] para vigilar su seguridad personal, explicación que se le dió, esta internado allí desde 11 de noviembre.²⁵¹

Ao mesmo tempo, a repressão política devassava as pensões montevidéas onde residiam provisoriamente os brasileiros, e impunha o clima de terror psicológico aos que até ali chegavam. O jornalista denunciava:

Estos casos, ya abundantes, pero aislados, todavía mirados en su contexto no están desvinculados de otros hechos sintomáticos con que se ha tropezado la segunda gruesa tanda de refugiados brasileños que comenzó a llegar al país desde junio de este año. Mientras a los de la primera hora – después del golpe de estado de Castello Branco en 1964 – se les otorgó asilo con una demora mínima, algunos días, una semana – a todos los que han llegado ultimamente se les mantiene a la expectativa. [...] A Cleide Almeida Fernandes, una realizadora cinematográfica a quien habían distinguido en su cautiverio de nueve meses en San Pablo con una diaria comparecencia a la sala de torturas para presenciar interminables sesiones practicadas contra sus compañeros, la fueron a visitar a su pension agentes de Interpol. [...] un asilado, que ya había tenido problemas para renovar su documentación halló en la puerta de su casa inconfundibles huellas de un trabajo bruscamente interrumpido dirigido a copiar el molde de sus llaves. En más de un caso han llegado hasta los domicilios de viejos y nuevos asilados provocadores que anuncian ser perseguidos políticos y utilizan burlos o inteligentes argumentos para probarlo.²⁵²

Nesse contexto de intimidação e perseguição, boa parte dos que procuravam asilo político no Uruguai sentiam-se encurralados, sem papéis para tentar um emprego formal, dependendo unicamente da solidariedade de alguns. Também para o agrônomo Manoel Luiz Coelho a sobrevivência estava seriamente comprometida naquele momento. Depois de abandonar Montevideu e estabelecer-se na fronteira, verdadeiro campo minado de espões, entraria definitivamente na lista dos mais procurados daqueles dias, sendo a ele imputado uma série de ações criminosas em São Paulo e outros estados do país, quando nunca havia saído das fronteiras uruguais.

Como os tentáculos da repressão brasileira não conseguiam capturá-lo, seu nome passava a ser moeda corrente nos relatórios da subversão, sempre que não existissem outros suspeitos identificados. De sua passagem pela fronteira, ele recorda:

[...] Olha, eu durante muito tempo passei, fiz muitas aventuras ali. Mas depois que eu tive a situação aquela do jornal, eu ainda fiz algumas aventuras, mas se tornou perigoso, porque meu

²⁵¹ *Uruguay-Brasil: el fin de las fronteras policiales.* Jornal De Frente. Montevideu, 25 de novembro de 1969.

p.3.

²⁵² Idem.

nome tinha saído na primeira página dos principais jornais do país. No Correio do Povo, eu estava em um café em Livramento, quando abro o Correio do Povo e dizia: identificado os principais líderes do terrorismo. Aí dá as identificações. O assalto ao trem pagador, e eu era um dos responsáveis pelo assalto ao trem pagador. Tem meu nome explícito ali. Eu era o homem da metralhadora. Embora não fosse [...] e disso nos acusavam. Nós já estávamos marcados na paleta. Acho que era uma forma de nos caracterizar como subversivo, e ter um pretexto de nos meter uma bala, de nos matar e ficar por isso mesmo. E eu estava no café, e vi aquilo e fui saindo de fininho. E saí pela linha divisória, e não passei mais para lá, a não ser muito clandestinamente.²⁵³



Manoel Coelho revê a manchete do Correio do Povo que lhe custou o emprego.

Com a referência explícita em jornais como terrorista procurado, a demissão da companhia de fumo uruguaia, onde trabalhava, não tardou. Coelho ainda tentou plantar fumo em um campo cedido pelo ex-presidente João Goulart, nas cercanias de Rivera, mas a empreitada não deu resultados. Passou a fabricar charutos artesanais, na casa onde vivia, na *calle Paysandu*. Ali convivia com amigos do exílio, como o

²⁵³ COELHO, Manoel. Entrevista citada.

correligionário Tarso Genro, o capitão Acir Xavier, o policial Oscar Fontoura Chaves e sua esposa, América. Ele recorda da necessidade de uma precaução constante frente a um ambiente hostil, onde não faltavam agentes infiltrados.

[...] os salafários, vigaristas, que aplicavam golpes, iam para lá e disfarçavam-se de exilados, inimigos da ditadura. Existiram muitos casos desses, muitos, muitos. Era preciso ter muito cuidado. Eles vomitavam um palavreado belicista, super-revolucionário, e na verdade eram provocadores. Eles faziam provocação para parecer uma coisa e tirar proveito disso, pegar dinheiro de alguém lá, do próprio Brizola, ou do Jango, sob o pretexto de voltar. Eu mesmo cheguei a fazer isso, ajudar uma pessoa. O pouco dinheirinho que eu tinha, eu dei para ele fazer uma viagem a Porto Alegre, e no fim era um provocador. Estava lá. Então sempre tinha que se ter muito cuidado a quem oferecer solidariedade. Porque às vezes se estava oferecendo solidariedade para o inimigo. Evidentemente havia solidariedade, eu mesmo fiz o que foi possível. Respondi um inquérito, fui preso e passei o que passei, sob esse pretexto. Não me arrependo, porque é o mínimo que se pode fazer numa situação como essa.²⁵⁴

Depois de sobreviver com a ajuda de amigos e através de trabalhos temporários, como professor do cursinho pré-vestibular de Estoécel Santana, onde Tarso Genro também lecionava, a situação foi ficando cada vez mais crítica. Em 1974, Manoel Coelho negocia com o auxílio de familiares sua volta ao país, mas é traído pelos homens do DOPS e preso novamente em Porto Alegre.

3.3 - A Confeitaria Metropolitana, espaço de abrigo e solidariedade.

O pequeno bar e restaurante criado em 1948 por Francisco Fagundes Lima na *Calle Paysandu*, entre *Sarandi e Agraciada*, seria testemunho da efervescência cultural e política da fronteira pelas décadas seguintes. Côco Fagundes, como era conhecido, aprendeu seu ofício de confeitoiro na padaria Aragonês, tradicional casa comercial de Santana, que reunia entre seus trabalhadores uma expressiva parcela ligada ao partido comunista brasileiro. Ali deu os primeiros passos na militância, dentro de um contexto político nitidamente de fronteira, pois mesmo sendo uruguaio, era no partido brasileiro que atuava. Como muitos militantes que possuíam dupla nacionalidade, ou que mesmo sendo uruguaio trabalhavam e militavam no lado brasileiro daquele território emaranhado, a ligação de Côco com os companheiros brasileiros ficaria assim estabelecida até seu falecimento, em 1988, aos 64 anos. Foi nas lutas sindicais da efervescente década de 40 que Côco travou contato com Santos

²⁵⁴ Idem.

Soares, líder máximo dos operários santanenses e que posteriormente seria seu sogro. Naqueles anos, pouco antes de ser colocado na ilegalidade, o PCB alcançou enorme prestígio popular e Côco conheceu de perto o líder Luis Carlos Prestes, quando em campanha pela Constituinte, junto a Santos Soares, comandante comunista da fronteira. Em 1948, com o partido na ilegalidade e uma nova onda de repressão política, Côco vê-se na condição de tentar vida nova, já como empreendedor, desta vez em terras uruguaias. A família já vivia em Rivera, em uma casa erguida estrategicamente por Santos Soares, a duas quadras da linha divisória.



Côco Fagundes (de óculos) e sua equipe na Confeitaria Metropolitana.

Estabelecida a 200 metros do território brasileiro, a Confeitaria Metropolitana logo faria sucesso junto a estudantes e boêmios, graças aos dotes culinários da equipe comandada por Côco. Vladecir Fagundes, o filho mais jovem, nascido em 1960, lembra do ambiente familiar e acolhedor da “Metro”, como a casa ficou conhecida na

fronteira. Assim, quando em 1964 o golpe sacode as estruturas políticas do país, a Metro surge como o refúgio natural da esquerda em fuga, um ponto de referência para petebistas, comunistas e militantes dos mais diversos rincões, que buscavam a fronteira como porta de saída. No ambiente acolhedor do bar reuniam-se vereadores cassados, ex-prefeitos da região da campanha, velhos e novos comunistas, além dos partidários da luta armada, que começou a tomar uma forma mais radicalizada a partir do golpe, ratificando uma posição já defendida previamente por setores revolucionários existentes desde antes de 1964. Vladecir cresceu em meio ao vai e vem de militantes e acompanhou o movimento intenso dos que faziam do bar de seu pai um refúgio, conforme relata:

Tinha o Ulisses Villar, de Uruguiana, que chamavam o major. O Côco tinha uma chácara com um irmão onde criavam galinha, porco, e deram para ele morar lá. Também o Eber Trindade, de Santa Maria, que fazia parte do grupo de 11, comunista velho, todos de uma solidariedade ampla. O doutor Alberto Benvenuto, de São Borja [...] compunham uma rede de apoio. Ali se incorporavam Estoécel Santana, Tarso Genro, de uma geração anterior, mas ali também recebidos. Políticos e ex-prefeitos da fronteira oeste perseguidos, como o Curvello, de Pelotas. [...] a confeitaria era mais do que um ponto de encontro, era um verdadeiro aparelho destinado a articular da maneira mais segura possível a passagem dos companheiros comunistas e depois de militantes de outras tendências. Tinha muita gente ali que não eram comunistas, mas petebistas.

255

A utilização da Metropolitana como ponto de apoio aos aliados de João Goulart no Uruguai tornara-se evidente. Embora Côco considerasse pessoalmente Jango um amigo dos comunistas, entre companheiros não se eximia de rotulá-lo como um *bon vivant*, mulherengo, e ligado às oligarquias rurais. Isso não impedia, no entanto, que a casa estivesse sempre aberta para Percy Penalvo, administrador da fazenda de Goulart em Taquarembó. Frequentemente Percy usava a confeitaria como ponto de apoio para a compra de insumos agrícolas no Brasil, que ali ficavam depositados até que fossem levados para a fazenda. Aos contatos políticos de Jango que chegavam na fronteira com destino a Taquarembó ou que voltavam para o Brasil na clandestinidade, a confeitaria era referência. Vladecir rememorou algumas estratégias de saída que se valiam da *Metro* como ponto central, em um tempo onde as rotas de fuga da esquerda se confundiam com as do contrabando:

Eles chegavam aqui e muitas vezes tinham que pegar o ônibus para Porto Alegre, e eram levados pelo Côco, só que tinham de chegar algo como dois minutos antes do ônibus partir. Ou

²⁵⁵ FAGUNDES, Vladecir. Entrevista concedida ao autor.

seja, chegavam ali e entravam no ônibus, não davam bobeira. O Côco não sabia dirigir, mas tinha um tio que trabalhava com nós e fazia às vezes de motorista, mesmo sem estar ligado diretamente ao partido. [...] Ali também ia gente ligada a João Goulart, e também muitos pilotos de avião que faziam mandado para Jango [...] O Percy ia ali. Eu lembro que tinha uns caixão empilhados lá, que eram peças de trator que o Percy comprava e deixava por ali, depois vinha, levantava, trazia outras. Até quando houve um acidente com o Jango e morreu o motorista dele, as malas do motorista que morreu passaram anos em um canto lá, esquecidos em uma peça.²⁵⁶

No entanto, Vladecir não identifica se a ampla recepção oferecida por Côco aos que chegavam na Metro fazia parte de uma diretriz estabelecida pelo PCB, ou se um gesto característico dos comunistas, em uma época onde o simples fato de ser correligionário abria as portas da casa. Nesse ambiente, onde ser comunista era uma virtude que não se questionava, transitava Côco e seus camaradas. A literatura marxista circulava livremente pelo Uruguai, ainda com o partido legalizado. Côco recebia os livros da EPU (Editorial Povos Unidos), pelas mãos de Paulo Tillerman, um judeu marxista que abandonou o Brasil para estabelecer-se em Canelones, de onde mantinha um negócio de livros identificados com a diretriz soviética. Aquiles Santana, vizinho da confeitaria, frequentemente se valia do telefone da casa, assim como boa parte do grupo de exilados que por ali passavam. Wladimir Fagundes, filho mais velho de Côco, vivia seus 13 anos de idade quando o golpe brasileiro mudou o cotidiano do estabelecimento comercial de seu pai. Uma década mais tarde, ele próprio viveria dias de angústia, como prisioneiro político da feroz ditadura uruguaia. De 1964 e os anos seguintes, Wladimir recorda da intensa roda de contatos políticos que se formavam nas mesas da Metro.

No começo havia a idéia de reação, ali por 65, e por lá se abrigavam não só comunistas, mas todo o tipo de pessoas identificadas com a reação ao golpe. No Uruguai, começou a endurecer a repressão no governo de Pacheco Areco, em 1967. Daí para frente começou a piorar as coisas. Eu lembro de exilados que chegaram depois de 1968. Tinha o doutor Fajardo, que era referência na lista 99 aqui em Rivera, e teve muita participação no abrigo aos exilados. Tinha o Burmann, da fábrica de roupas de couro. O Percy, que era muito enérgico, um gauchão, vinha muito aqui. E Ulisses Villar, Éber Trindade, de Santa Maria, houve gente que ficou aqui. Uma das funções do Côco era conseguir trabalho pra essa gente. O Éber Trindade trabalho com Côco muito tempo.²⁵⁷

²⁵⁶ Idem.

²⁵⁷ FAGUNDES. Wladimir. Entrevista concedida ao autor.

3.3.1 –Um guerrilheiro na Metro

A primeira vez que tive contato com a trajetória do guerrilheiro Edmur Péricles de Camargo na fronteira, foi através do relato de Perseverando Fernandes Santana. Desse modo, referiu-se a passagem do dissidente da ALN e ativo combatente da ditadura militar pela região:

Aqui teve outro...negro [...] que tava no cerco do Marighella, e se escapou, o Péricles! Mas tinha o apelido Gaúcho, terrível esse nego. Mataram ele porque ele foi pro Chile, deu volta pro Brasil e a ditadura prendeu ele na Argentina, e atirou ele no mar. Nego. Este nego é interessante, mas ele era de guerrilha, de sequestro. Claro, dissidentes. Ele agarrou o cônsul alemão aquele em Porto Alegre, assaltou banco do Estado lá em Porto Alegre. E teve aí em Rivera, conversava muito comigo. E esse nego me deu um susto que até hoje eu tenho. Ele assaltou um banco, não pôde sequestrar esse cônsul, e tavam em torno dele, na busca dele em Porto Alegre assim como quem procura uma agulha. ...na televisão e tudo....E eu tava na Galeria Rosário ali em Porto Alegre...Edmur o nome dele! E eu vi aquele que vinha de capa de chuva assim...e eu olho assim e digo, parece até o Edmur, o Péricles....aí ele diz assim, - Ó Perseverando! Como vais? E eles procurando aquele nego em toda Porto Alegre, na televisão a toda hora....Pá! e eu entro assim de um lado, e digo, Tchê, mas tu te expondo assim, ..não mas eu tô disfarçado, diz ele. Mas vai a puta que te pariu...Aí dois ou três dias pegaram ele..tava hospedado num hotel no Centro da cidade. Depois que ele saiu daqui..lá por 67, 68...ele que tava no cerco do Marighella. Não era fácil o nego. Aí ele foi pro Chile, que era o Allende. E de lá para o retorno para o Brasil, sempre conspirando...e pegaram ele na Argentina.²⁵⁸

Militante do PCB no Rio Grande do Sul desde 1952, quando exerceu a função de jornalista na Tribuna Gaúcha, órgão de imprensa do partido, Edmur ingressou nas fileiras comunistas em 1944, em São Paulo, sua cidade natal. Mais tarde romperia com o Partido, seguindo os passos de Carlos Marighella. Em 1966, depois de um tempo na clandestinidade, recorreu ao abrigo proporcionado por Côco Fagundes, e adotou a confeitaria como ponto de reorganização da luta. Ali se estabeleceu por cerca de um ano, reorganizando estratégias para uma nova ofensiva contra o regime, que resultaria em uma rápida união a ALN, liderado por Marighella. Depois, criaria em 1969 o grupo M3-G (Marighella, Mao, Marx e Guevara), com o qual atuou em diversas ações de desapropriação a bancos em Porto Alegre. Nos dias em que viveu em Rivera e trabalhou na Metro, Edmur chamava a atenção pela extrema cordialidade com que sempre tratava a todos. Ali conheceu um antigo funcionário de Côco, membro atuante do partido na fronteira, como ele, um negro alto e forte chamado Ibanez Suarez. Perto do forno da confeitaria, trocavam idéias sobre política, enquanto

²⁵⁸ SANTANA. Perseverando. Entrevista citada.

Edmur tentava driblar o frio intenso daquele inverno. Perseverando Santana lembra do contato estreito com Edmur e das passagens folclóricas que ficaram dos assaltos comandados pelo guerrilheiro.

E ele tava aí exilado, ali na Metropolitana, que era dos companheiros, e ele fazia doce ali. Deram emprego para ele. E muitas vezes falei com o nego. Uma vez me pediu para levar uma carta para Porto Alegre, e levei...lá na rua do Arvoredo..era ligação clandestina, esse negócio de guerrilheiro. E ele tinha isso na cabeça e foi, e agiu no Brasil, assaltou o Banco do Brasil, a Caixa Econômica, assaltou uns três bancos. Um rapaz que foi assaltado por ele me contou. Diz que ele chegou ali, fez uma preleção com o revólver..disse senhores, deitem-se no chão, não reajam que os senhores vão defender o carrasco...abram o cofre, tirem o dinheiro....e se escapou!²⁵⁹



Edmur Péricles de Camargo, acolhido na fronteira por Côco Fagundes.

A relevância das ações desenvolvidas por Edmur e lembradas por Perseverando foram plenamente endossadas pelo advogado e jornalista Índio Vargas. Preso em 1970 como militante do grupo armado do PTB gaúcho, vereador mais votado em Porto Alegre em 1968, cassado logo após pelo AI5, Índio Vargas registrou assim as lembranças sobre seu antigo companheiro e guerrilheiro urbano:

²⁵⁹ Idem.

Numa noite de Agosto de 1969 estou tranqüilo, em casa, depois do jantar. Bateram na porta. Olhei na vigia e vi dois homens: um, conhecido, que ajudava o Grupo Armado do PTB em algumas atividades; o segundo desconhecia. Abri a porta e abracei o companheiro. O outro, um negro alto, forte, aparentando 50 anos, bem vestido, antes de me apertar a mão, num gesto à moda antiga, tirou o chapéu de veludo, exibindo a cabeça raspada a navalha. Entramos e fomos para a salinha dos livros. O homem apresentou-se: era Edmur Péricles de Camargo. Depois de uma breve apresentação, durante a qual ressaltou que o visitante era pessoa de toda a confiança, engajado na luta contra a ditadura, o companheiro pediu para retirar-se - assim poderíamos conversar à vontade.²⁶⁰

O guerrilheiro deixava as melhores impressões por onde passava, tido como homem educado e cordial, concentrado em seu idealismo, mas sempre com uma identidade esquiua. Perseverando Santana recorda que a passagem do militante pela fronteira despertou desconfianças, devido a seu comportamento refinado. Dúvidas que seriam cada vez mais comuns em uma esquerda paranóica com a crescente perseguição e eliminação de seus quadros. Conforme Índio Vargas, a impressão que ficava de Edmur era a figura de um homem completamente engajado na luta armada, como recordou de seu primeiro encontro, ocorrido em 1969.

Maneiras polidas, palavra fluente, linguagem característica de um homem de esquerda, entremeando a terminologia dos novos marxistas com o jargão do velho Partido Comunista, Edmur começou expressando sua simpatia por Getúlio Vargas. Certamente supondo que eu era parente de Getúlio, afirmou que tinha boas relações com dona Alzira Vargas do Amaral Peixoto, a quem tratava de dona Alzirinha. [...] Percebendo que as coisas não estavam bem claras, perguntei a Edmur se ele representava a ALN, ao que respondeu: - Não. Dissentimos de Marighella e da ALN a respeito da concepção da luta armada e constituímos um grupo que está seguindo caminhos mais adequados para a contestação armada da ditadura.

- Mas qual é essa concepção e em que consistem esses caminhos?

- Estamos organizando uma "Coluna Móvel Estratégica" que deverá atuar no campo e nas cidades, sendo que as ações ocorrerão principalmente com apoio dos camponeses. Nas grandes cidades, nosso trabalho será de arrecadação de fundos, através de expropriações bancárias, servindo também de agitação e propaganda.

- Vocês possuem homens e armas para levar à prática um plano desse vulto? - indaguei.

- Nosso pessoal, com algum armamento, está em Minas Gerais, São Paulo e Paraná - disse Edmur.

Depois de prestar uma série de informações sobre a situação da ALN e de outras organizações revolucionárias, a respeito das quais teceu pormenorizadas considerações, Edmur entrou no assunto objeto da sua presença na minha casa: por indicações de companheiros daqui do Rio Grande do Sul, me procurara com a intenção de obter apoio logístico para as ações que levaria a efeito em Porto Alegre e outras cidades do Estado. Disse-lhe que não poderia responder nada antes de consultar os companheiros e de, se possível, realizarmos uma reunião para discutir o assunto. Marcamos um *ponto*, com dia e hora, para a semana seguinte.

Sempre muito polido, pediu-me a gentileza de guardar uma pistola Luger, que tirou da pasta, esclarecendo que desde 1964 vivia na clandestinidade e não era conveniente carregar aquela arma de guerra. E despediu-se fazendo uma reverência, como se estivéssemos vivendo no princípio do século.²⁶¹

²⁶⁰ VARGAS, Índio. *Guerra é Guerra*, dizia o torturador. Op, Cit. p.40

²⁶¹ Idem.

Edmur foi preso em 1970 e banido para o Chile junto com outros 69 presos políticos, trocados pelo embaixador suíço Giovanni Enrico Bucher, sequestrado em 7 de dezembro daquele ano. Depois de sua passagem pelo Chile as datas que pontuam seu paradeiro começam a ficar imprecisas. Em junho de 1971, teria tentado retornar ao Brasil, via Uruguai, mas foi detido por autoridades brasileiras e argentinas no aeroporto de Ezeiza, em Buenos Aires. Ali foi presumivelmente colocado em um “vôo da morte”, sendo jogado ao mar. Índio Vargas relembra da notícia que leu sobre Edmur, dando conta da captura do guerrilheiro, que nunca mais seria visto.

[..] foi morto de uma forma brutal. Ele foi preso em Ezeiza, aeroporto de Buenos Aires, e isso eu vi em uma notícia do Correio do Povo, pequenininha assim na primeira página, o Correio do Povo dava o noticiário internacional. E veio pela *United Press*: Edmur Péricles Camargo, brasileiro, e José Maria Rita, foram presos ontem à noite no aeroporto de Buenos Aires, de Ezeiza, em Buenos Aires, e levados por pessoas que falavam espanhol e português. Levados para um avião aonde foram embarcados. E não se tem mais informação do destino. Nunca mais se falou no Edmur, aquilo ali era um avião da FAB que ia pra lá, para pegar esse pessoal, e eles atiravam no mar.²⁶²

O desaparecimento de Edmur foi investigado por Jair Krischke, anos mais tarde, chegando à conclusão de que ele teria sido entregue ao avião da FAB por ordens do embaixador Manoel Pio Corrêa, que comandou o serviço secreto de inteligência, implantado no Itamaraty, destinado a monitorar os opositores do regime no exterior. A data do desaparecimento, no entanto, ainda trafega em dúvidas. Os ativistas dos direitos humanos Nilmário Miranda e Carlos Tibúrcio sustentam que a detenção em Ezeiza e troca de aviões pode ter acontecido em 1973, após uma fuga estratégica do Chile²⁶³. Ironicamente, um documento de teor secreto, emitido pelo Ciex em 21 de outubro de 1971, dá conta de que Edmur teria sido detido em Ezeiza em 17 de junho de 1971, sendo entregue a policiais brasileiros e argentinos, não tendo mais se comunicado com seus companheiros em Montevideu ou Buenos Aires.²⁶⁴

²⁶² VARGAS, Índio. Entrevista citada.

²⁶³ MIRANDA, Nilmário, TIBÚRCIO, Carlos. *Dos filhos deste solo*. Mortos e desaparecidos políticos durante a ditadura militar: a responsabilidade do Estado. São Paulo: Boitempo. 2000. p 481.

²⁶⁴ CIEX/SECRETO. No 429, em 21/10/71. Avaliação: B-1. índice. Chile: atividades de asilados e refugiados brasileiros. Documento: EDMUR CAMARGO. (fonte: Movimento de Justiça e Direitos Humanos – RS)

3.4 - Adán Fajardo luta pela dignidade.

Boa parte das famílias exiladas em Rivera não teria as mesmas condições de sobrevivência em um ambiente de crescente hostilidade política sem o auxílio incondicional do advogado Adán René Fajardo. Militante da Lista 99, fração de esquerda do Partido Colorado, Fajardo atuou junto ao amigo e futuro senador pela *Frente Amplia*, Zelmar Michelini, na proteção dos refugiados políticos que aportavam em Rivera. Amigo de Antônio Apoitia Neto, que no Brasil realizava um trabalho semelhante em prol das famílias afetadas pelo golpe, Fajardo intercedeu diretamente a favor dos exilados, no âmbito circunscrito do poder político de Rivera e também junto à comissão de direitos humanos da OEA (Organização dos Estados Americanos). A presença dos militantes clandestinos que chegavam cada vez com mais frequência ao escritório instalado na *Calle Agraciada 486*, marcou a infância de Jorge Washington Fajardo, então com seus 10 anos de idade em 1964. Naqueles dias, seu pai vivia a intensidade da luta política que se desenrolava no Uruguai, já sob um estopim social que prenunciava uma crise dos partidos tradicionais e o surgimento de propostas mais radicalizadas, à esquerda. Junto ao amigo e correligionário Zelmar Michelini, Adán Fajardo viveu os momentos angustiantes do purgatório ideológico a que iam sendo submetidos os setores identificados com a centro-esquerda do tradicional Partido Colorado. O resultado foi a criação do *Frente Amplio*, uma coalizão que surgiu em 5 de fevereiro de 1971 e que elegeria Zelmar Michelini como seu autêntico representante no senado da república.

Antes da consolidação da *Frente*, no entanto, Adán Fajardo, Zelmar Michelini e os setores progressistas ligados a partidos tradicionais e da própria esquerda, faziam uma leitura clara dos acontecimentos que levaram ao golpe no Brasil. Desde então, já identificavam claramente a ofensiva norte-americana no continente. Para eles, seria uma questão de tempo para o Uruguai e os países vizinhos serem engolfados pelo autoritarismo que se desenhava no Brasil. Com denúncias desse teor, que atestavam a união da oligarquia brasileira com os ditames políticos norte-americanos, Adán Fajardo proferiu um discurso, em novembro de 1966, na avenida Sarandi, a poucos metros da linha divisória. O evento político foi ouvido do outro lado da *linha* e o

advogado foi convidado a comparecer ao quartel do comando militar, em Santana. Lá foi recebido e intimado não mais cruzar a linha de fronteira, pois não contaria com o salvo conduto da proteção consular, como naquele momento. Fajardo permaneceria assim, impedido oficialmente de cruzar a linha de fronteira até a chegada da abertura política brasileira.²⁶⁵

Dentro da Lista 99 e posteriormente no Frente Amplio, Adán defendia um nacionalismo sem vinculações ideológicas com Cuba ou União Soviética. Era a “América Latina para os Latino-Americanos”, como costumava apregoar, ou seja, um caminho popular e terceiro mundista, desvinculado do modelo cubano ou chinês. Com a chegada cada vez maior dos militantes brasileiros em trânsito pela fronteira, em especial a partir de 1968, Fajardo coloca em prática a solidariedade gestada nos encontros partidários. Jorge sublinha alguns nomes desses hóspedes, entre tantos que se valeram da chácara de seu pai, na localidade de Vila Sara, a cinco quilômetros do centro de Rivera: Edgar, Guedes, Viana, Machado, Tarso. Muitos aproveitavam para descansar uns dias e continuavam a fuga, com destino ao Chile, Argentina, Cuba, e até Costa Rica, pelo simples fato de que o país não possui exército. Era o trauma da repressão que já deixava suas marcas.

Para um adolescente que experimentava as revelações da vida pela primeira vez, as marcas da violência brasileira e do estado policialesco que se criava no Uruguai foram definitivas. Jorge viveu o cotidiano dos fugitivos ao lado de seu pai, sentiu de perto a perseguição política que se desenhava cada vez mais forte no Uruguai e dividiu com os protagonistas desse tempo as frustrações e esperanças.

Nossa casa foi baleada várias vezes pelo esquadrão da morte, colocavam legendas na frente da casa, comunista tupamaro, vai embora. Entende? A mim e a minha irmã meu pai teve de nos esconder em uma chácara. E eu via aqueles rapazes jovens, cheios de alegria, às vezes choravam por suas famílias que ficaram para trás, só diziam que lutavam pela liberdade. E eu não entendia porque os bons, que riam como bons, choravam como bons, falavam como bons, eram atingidos daquela maneira. E foi criando em mim uma rebeldia, que marcou meu temperamento, minha cultura, na mão do meu pai, na mão do Zelmar Michelini.²⁶⁶

Na OEA, Adán Fajardo e Zelmar Michelini apresentaram uma lista de pessoas que estavam sob perseguição política na fronteira e que poderiam ser seqüestradas.

²⁶⁵ conforme FAJARDO, Jorge. Advogado. Entrevista concedida ao autor.

²⁶⁶ Idem.

Isso fez com que a região ficasse um pouco mais visada pelos organismos internacionais de proteção e, de uma maneira ou de outra, ajudou a consolidar um espaço de relativa paz. Também foi decisiva a atuação de Adán logo após a tentativa de seqüestro de Beno Orlando Burmann, entre as ruas *Uruguay* e *Monsenhor Vera*, bem próximo a sua casa. Quando o ex-policia Oscar Fontoura Chaves foi seqüestrado com a anuência da polícia uruguaia e levado para *Artigas*, em 1965, a pedido da ditadura brasileira, foi Fajardo que intercedeu pela sua liberdade, brandindo as razões da OEA e ameaçando tornar o caso uma questão internacional. A estratégia deu resultado e Oscar Chaves retornou para Rivera.²⁶⁷



O advogado Adán René Fajardo, solidário com o grupo exilado em Rivera.

²⁶⁷ Ibidem.

Em Rivera, a comunidade de auto-exilados e perseguidos pela ditadura brasileira aumentava dia-a-dia desde a decretação do AI-5. Entre o grupo ligado de alguma maneira ao advogado Adán Fajardo, transitavam Tarso Genro, Edgar Soares Guedes, Ulisses Villar, Estoécel Santana e Adamastor Bonilha, que integrara o grupo de Jefferson Cardim Osório na chamada “Guerrilha de Três Passos”, em março de 1965. Para garantir a sobrevivência, realizavam todo o tipo de pequenos trabalhos. Bonilha trabalhava em um açougue, Estoécel criou um cursinho de reforço escolar e pré-vestibular, onde Tarso dava aulas de português junto a outros exilados. Assim conseguiam suprir as necessidades básicas. Alguns contavam com o auxílio de suas famílias no Brasil, quando isso era possível. Com uma gradual retração da sociedade fronteiriça frente ao grupo desterrado, fruto de uma intensa propaganda ideológica que só iria aumentar, a solução era a criação de cotas de auxílio entre os melhor estabelecidos, e a solidariedade direta. Fajardo comenta:

Não existia trabalho formal, pois quando existe um golpe e se estabelece um status quo oficial, em um esquema autoritário, a sociedade resiste ao exilado, porque responde ao mando do poder de turno, dos militares. Ninguém dava trabalho formal, só os da esquerda, em algum escritório. Do tipo, toma e paga essa conta para mim em um banco, por exemplo. Para não dizer que está dando de comer apenas, por um problema de dignidade. Então houve uma co-gestão, um aprender a organizar-se como movimento social oprimido, uma cultura, uma forma muito interessante de resistir a opressão, a fome, a perseguição. [...] Ao invés de falar de solidariedade nós a praticávamos. [...] E comiam o que nós dávamos, não plantávamos no sítio, pois eles não eram agricultores, eram revolucionários urbanos, sob a influência de Guevara, de Goulart, ou Prestes. [...] E fazíamos fundos para eles. Meu pai muitas vezes entrou no quarto e pediu para minha mãe, que eu vi, Haidé, me dá três camisas, três calças e três casacos. Meu pai dava a sua roupa, e quando vinha alguém com crianças, pegava a nossa roupa e as dava. Esse era o conceito de solidariedade que usavam alguns dirigentes políticos daqui, e houve mais além do meu pai, pelo menos 10 a 15 homens muito comprometidos com essa causa, como o doutor Silva Antuña e outros. Fazíamos coletas para ajudá-los, logo que chegavam, e depois cada um ia buscar uma forma de viver. Muitas vezes o próprio Tarso fazia mandados, as chamadas “*changas*”, “*gestiones*”, “*tramites de papeles*”, trabalhos informais, mas nenhum esteve preso por ladrão.²⁶⁸

Entre os expatriados que ficaram na fronteira, uma característica singular desse convívio político se dava mais uma vez, com a inclusão dos militantes políticos brasileiros na desesperada luta da esquerda uruguaia pela manutenção da democracia. Logo depois da criação da Frente Ampla, em 1971, e nos meses que antecederam as eleições de 28 de novembro, Rivera seguia o trepidante ritmo da militância, que

²⁶⁸ Idem.

buscava a eleição do general da reserva Líber Seregni para a presidência de um país convulsionado. De um lado, a crise econômica balançava as minadas estruturas sociais, de outro, a atuação da guerrilha tupamara alcançava êxitos nunca imaginados, como o sequestro do Cônsul do Brasil em Montevideu, Aloysio Dias Gomide, e do agente da CIA e instrutor de tortura, Dan Mitriane, que não sairia vivo. A Frente Ampla, por sua vez, buscava uma alternativa democrática para a crise. No entanto, o destino da nação, a exemplo do que aconteceu no Brasil, estava sendo selado pelas forças militares, coadunadas com os setores conservadores da sociedade, sob o auspício de Washington²⁶⁹. Nem mesmo a opção de uma vitória de Wilson Ferreira Aldunate, candidato pelo Partido Nacional (*Blanco*), constava como hipótese aceitável. De acordo com revelações do general da reserva Rui de Paula Couto, que serviu na embaixada brasileira em Montevideu de 1967 a 1969, era certa uma intervenção militar brasileira no país, caso Aldunate ou Seregni fossem os vitoriosos. A operação, segundo o militar, teria sido mesmo solicitada ao exército brasileiro pelo presidente Jorge Pacheco Areco.²⁷⁰ Sob a anuência norte-americana, a Operação Trinta Horas, como ficou conhecida, devido ao tempo necessário para o exército brasileiro tomar todo o território uruguaio, não seria confrontada pelo exército oriental. Serviria para pressionar a população civil a abandonar as bandeiras da oposição, reprimir o movimento tupamaro e preparar o terreno para um golpe promovido por Pacheco Areco. O Terceiro Exército usaria as fronteiras como base para a invasão, e Santana do Livramento era uma peça chave no plano. O historiador Enrique Serra Padrós deteve-se no exame daqueles acontecimentos, através da análise de artigos publicados na imprensa uruguaia, em especial no semanário *Marcha*, além de documentos desclassificados pelo governo norte-americano e uma seleta bibliografia. Chegou a conclusão que o plano para a invasão do Uruguai, efetivamente existiu, conforme delimitou:

[...] pode-se concluir que houve uma operação militar brasileira para intervir no Uruguai que só não chegou à fase final, por causa da derrota eleitoral da Frente Ampla. Portanto, as denúncias

²⁶⁹ Para uma compreensão maior da influência norte-americana no golpe brasileiro, ver: FICO, Carlos. *O grande irmão* – da operação Brother Sam aos anos de chumbo. O governo dos Estados Unidos e a ditadura militar brasileira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

²⁷⁰ As revelações foram feitas por Rui de Paula Couto ao jornalista José Mitchell em janeiro de 2007, no programa Histórias, da TVCOM – RS.

feitas por parte da imprensa uruguaia não eram só propaganda política de esquerda [...] Também se pode afirmar que os EUA não só conheciam o plano como o encorajavam.²⁷¹

Nesse contexto, a militância de exilados e partidários do *Frente Amplio* em Rivera, a poucos metros do território nacional, tornavam-se alvos cada vez mais visados. Naquele momento valia mais do que nunca a premissa do fim das fronteiras geográficas, em contraposição às fronteiras ideológicas, como sublinhava a Doutrina de Segurança Nacional. O clima repressivo no Uruguai já beirava a total insensatez. Conforme Padrós:

A política de Pacheco Areco acentuou a crise. O uso indiscriminado de leis de exceção, as *Medidas Prontas de Seguridad*, antecipou a gestação de um Estado repressivo inédito. Seu “ministério de empresários” loteou o Estado entre grupos que o representavam. O congelamento de salários e a repressão contra os trabalhadores foram uma marca da sua administração. Assumindo o discurso anticomunista da Doutrina de Segurança Nacional, todos os “focos” de questionamento a seu governo e sua política econômica foram acusados de subversivos e duramente atacados. Assim, proibiu jornais de oposição e inúmeras organizações políticas. Para combater a resistência da *Convención Nacional de los Trabajadores* (CNT) e do sólido movimento operário, militarizou empresas públicas e privadas, confinando trabalhadores grevistas em quartéis, impondo a disciplina militar nas fábricas, bancos e estatais.²⁷²

A esta altura, no inverno de 1971, a possibilidade de invasão do país já era de conhecimento da liderança da esquerda uruguaia, que monitorava o movimento militar na região e as conversas que vazavam da soldadesca²⁷³. A presença norte-americana na fronteira foi confirmada pelo coronel Dickson Grael, um entusiasta do golpe de 64, que na ocasião se indispôs com seus superiores por discordar do plano de invasão. Comandante do 22º Grupo de Artilharia de Campanha, Grael participou dos preparativos da ação e revelou que os desdobramentos da ação política dos exilados na fronteira preocupava os generais. De acordo com Grael, a participação ativa dos exilados brasileiros na campanha da Frente Ampla preocupava o regime brasileiro, pois caso a vitória se confirmasse, o grupo poderia tentar ações mais ousadas, como se infiltrar no Rio Grande do Sul, denunciar a ditadura nos organismos internacionais de direitos humanos ou retomar uma nova ofensiva. Uma vitória da

²⁷¹ PADRÓS, Enrique Serra. *A ditadura brasileira de segurança nacional e a Operação 30 Horas: intervencionismo ou neocisplatinação do Uruguai ?* Ciências & Letras. Porto Alegre n.37, p. 227-249, jan./jun. 2005

²⁷² Idem. p.228.

²⁷³ conforme BUTAZZONI, Fernando. *Seregni-Rosencof*. Mano a Mano. Montevideo: Aguilar, 2002.

esquerda uruguaia naquele momento seria um baque muito forte na “segurança nacional”, preconizada pela nova doutrina.²⁷⁴

Em Rivera, os grupos de exilados que aderiram à luta frenteamplista reuniam-se em um trabalho de mobilização popular que unia em um projeto comum, militantes do Partido Comunista Brasileiro, adeptos da luta armada, dissidentes de organizações revolucionárias que buscavam reconstruir suas vidas em Rivera. À noite, reuniam-se em bares como a *Metropolitana* ou a *Sabo* (lê-se Sabô), locais que abrigavam os militantes da esquerda local. Ali trocavam opiniões sobre o rumo político que deveria nortear a frente uruguaia, pesando os erros que haviam levado o Brasil para o golpe, em um momento de extrema confrontação ideológica.

Jorge Fajardo rememora,

Além da Metro, havia a Sabo, onde estudantes se reuniam e preparavam a reação ao golpe que se armava no Uruguai no início dos anos 70 [...] lideranças como “Bocha” Feijó, Lombardo, padre Veríssimo, padre Rangel [...] Ali foi um lugar incrível, e se conversava muitas horas como deveria ser a unidade popular. E os exilados brasileiros estavam junto com nós, e muitos se entrosaram na plataforma de luta nossa. Tomaram partido, e lutaram ao lado nosso. Gente como o Bonilha, o Machado, o Pereira, o Edgar, essa gente lutou ao lado de meu pai, com o Michelini. Plínio Pereira, Adamastor Bonilha, Edgar, que foi prefeito de Pelotas, Machado, toda essa gente apoiou Michelini e meu pai porque já os conheciam. E mais que um apoio a uma premissa ideológica, era um apoio a pessoas que encarnaram a causa da liberdade, era um apoio fraterno como dizendo tu foste meu irmão quando tive fome, tive sede e tive frio. Tu foste meu irmão quando fui perseguido. Era uma fraternidade espiritual, cultural e social. Não puderam participar das listas porque não tinham cidadania uruguaia, mas eu os via participando dos comitês de base, conversando, criando consciência política nas pessoas. Não vou dizer que estavam fazendo um trabalho contra o governo, porque se cuidavam, mas com suas experiências de vida, estavam demonstrando às pessoas em que consistia a luta, que havia que organizar-se para não perder as instituições democráticas, senão ia acontecer o que aconteceu a eles no Brasil. Então a testemunha de vida deles falava mais que qualquer esquema teórico. Diziam, defendam sua liberdade, sua democracia, se organizem, porque tivemos um golpe no Brasil e pode vir a acontecer o mesmo aqui.²⁷⁵

A vitória do colorado Juan Maria Bordaberry abortou o plano de invasão e colocou fim ao sonho de um novo desenho democrático para o país, agravando ainda mais a escalada de conflitos políticos. Uma soma de fatores, como o agravamento da crise econômica, o impasse político e o crescimento dos movimentos populares acirraram a crise, que resultou em um desfecho dramático, em 27 de junho de 1973.

²⁷⁴ As revelações constam em GRAEL, Dickson. *Aventura, corrupção e terrorismo. À sombra da Impunidade*. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

²⁷⁵ FAJARDO, Jorge. Entrevista citada.

Nesse momento, Bordaberry decretou a dissolução do parlamento e a criação de um conselho de estado, sob a gestão unilateral das oligarquias, com o aval de setores ultraconservadores das Forças Armadas. Estava dado o golpe de estado que transformaria o Uruguai em um dos países mais policiados do Cone Sul, além de promover graves atentados contra os direitos humanos.

Com o golpe o exílio também mudou de endereço. Nesse momento, eram os uruguaios, militantes da esquerda, que tinham de fugir para o Brasil. O espanhol Antônio Higuera, militante da Frente Ampla, vivera desde criança no Uruguai, mas não era naturalizado, como depois viria a ser no Brasil. Com o golpe, sua permanência em Rivera mostrava-se cada vez mais perigosa. Em uma ocasião, Antônio e dois amigos foram presos depois de uma reunião com o padre Veríssimo, sempre visado pela repressão uruguaia. Pouco depois, em 1976, foi expulso do Uruguai e aconselhado por um amigo da polícia a deixar o país imediatamente, para evitar uma perseguição que já se mostrava implacável. Antônio então atravessou a linha de fronteira e viveu os anos seguintes em Santana do Livramento. Muitas vezes acolheu companheiros que fugiam da ditadura uruguaia e os encaminhava para o interior do Brasil. Ele recorda dos momentos de tensão e o estado policialesco em que se convertera o Uruguai :

Em 1971 a coisa já vinha preta [...] já estava decidido [...] e eu já não estava filiado ao partido comunista, era um militante independente da Frente Ampla. Logo depois da eleição de 1971 minha casa foi invadida e meu cunhado seqüestrado, pois fazia parte de uma célula pseudo-tupamara que se formou aqui em Rivera, na verdade mais romântica que outra coisa. E está desaparecido até hoje.[...] Eu não era cidadão uruguaio, era estrangeiro. E o fato de eu morar em Rivera, ser casado com uma uruguaia e ter dois filhos uruguaios, não valeu nada para impedir a minha expulsão, depois do golpe, ao contrário. Eles queriam banir os comunistas, pois estes eram mais perigosos para o sistema, embora não fossem adeptos da luta armada. E no mesmo dia da minha expulsão, pegaram um amigo e o levaram ao exército, e o deixaram paralisado com as torturas. [...] E com o golpe deram poder a todos os milicos, então qualquer milico era um ser superior em cima de ti. Qualquer milico idiota, baboso, ladrão, contrabandista, tinha poder sobre ti. E depois eu não tive coragem em nenhum momento de entrar em Rivera, porque se me pegam eu estava perdido, por isso não arrisquei.²⁷⁶

Na fronteira, a luta pelos preceitos defendidos pela esquerda antes do golpe se desenvolvia aos trancos, com a influência da experiência brasileira, gestando uma cultura política singular. A reação da população, no entanto, não pesava todos os

²⁷⁶ HIGUERAS, Antônio, construtor, artista plástico. Entrevista concedida ao autor em 23 de julho de 2007.

fatores de risco que estavam envolvidos em uma derrota da democracia, e o alto preço que isso poderia significar. Jorge Fajardo lembra do comportamento refratário às propostas do grupo progressista.

[...] as pessoas em geral não entendiam, que já se estava gestando um movimento reacionário em nível de América, de mãos com os Estados Unidos e o capitalismo reacionário. As pessoas diziam, não, esses são uns barbudos cubanos. Estão fazendo isso porque estão com a febre de Cuba, olhem que democracia, olhem que liberdade. E menos de três anos depois, golpe de estado! Era muito difícil ser de esquerda no interior do país, era mais fácil em Montevideú, porque ali se concentravam os focos culturais. Os que éramos de esquerda aqui, éramos loucos, comunistas, de forma depreciativa. Tupamaros, ralés, ressentidos sociais.²⁷⁷

Adán Fajardo esteve com Zelmar Michelini poucos dias antes do senador uruguaio ser seqüestrado e assassinado em Buenos Aires, em maio de 1976. Isso o fazia um alvo sempre vigiado pelos órgãos da repressão uruguaia. Ainda assim, nunca abandonou a luta política e em defesa dos exilados, pelas quais sofreria as pesadas retaliações da ditadura uruguaia. Adán foi cassado de seu cargo de advogado do Ministério do Trabalho e seu filho Jorge, que havia sido preso em 1973, aos 17 anos, por lutar por uma resistência cultural ao golpe, foi impedido de ocupar cargos públicos por toda a ditadura. Adán faleceu em 25 de agosto de 1996. Daqueles anos de militância, solidariedade e intenso conflito ideológico, Jorge Fajardo recorda :

Eu quando criança sofri muito. No colégio, ser filho de um frenteamplista era uma marca. Mas dou graças a Deus e a meu pai, que me fizeram suficientemente forte para que não me quebrassem. Teve muita gente que se quebrou. E hoje sou simplesmente um cidadão que apóio a luta, mas sem ressentimentos, graças a formação cristã que tenho. Sou militante de base cristã, minha luta revolucionária é de perspectiva cristã. Houve gente, padres, sacerdotes, muito comprometidos, como Veríssimo, que morreu quase castrado, o machucaram muito. [...] Eu vi com meus olhos o que é a fraternidade, não li em nenhum livro. Quando era criança eu aprendi a entender o que é a fraternidade e solidariedade com o suor, com as lágrimas, com a perseguição. Esse é o melhor livro para se ler, e eu o li. Quando nos balearam a frente da casa, e pintaram nos chamando de tupamaro, comunistas, quando o meu pai ficou sem trabalho, e eu fiquei sem trabalho. Isso forjou gente com um talento incrível. Veja onde está Tarso, esse rapaz que dormiu no meu quarto.²⁷⁸

²⁷⁷ FAJARDO, Jorge. Entrevista citada.

²⁷⁸ Idem.



Jorge Washington Fajardo: lembranças de uma juventude engajada.

O golpe militar no Uruguai significou um revés ao status de relativa tranqüilidade que o grupo estabelecido em Rivera desfrutava. Para os líderes depostos, como Leonel Brizola e João Goulart, o cerco iria se mostrar ainda mais duro. Jango seria praticamente impedido de circular livremente por Montevidéu, ficando acuadao em sua estância de Taquarembó. A família Goulart sentiu de perto a repressão mais estreita e os difíceis anos que estavam por vir. No momento do golpe, foram mantidos sob vigilância, aprisionados em um quartel nas cercanias de Montevidéu, conforme recorda João Vicente Goulart, filho de Jango:

Sáímos já do ginásio encarapuçados e fomos levados para esse batalhão de Engenharia número quatro, situado na Laguna del Sauce [...] e estivemos lá encarapuçados. Eu, como tinha 16 anos, fiquei quatro dias.²⁷⁹

Na fronteira, os anos imediatamente posteriores ao golpe cívico-militar no Uruguai foram de extrema vigilância e repressão aos militantes políticos, remanescentes da democracia que um dia floresceu em ambos os lados da linha divisória. Se no Uruguai a repressão atingia níveis nunca vistos por uma população já bastante atordoada, no Brasil a situação não era diferente. Crescia a desconfiança entre os setores empresariais que deram apoio ao golpe e o segmento militar, graças a tendência centralizadora e estatizante do estilo de Ernesto Geisel governar. Ao

²⁷⁹ GOULART, João Vicente. Depoimento a Deraldo Goulart. In: Jango em Três Atos, documentário, 2008.

mesmo tempo, a crise do petróleo decretava o final do chamado “milagre econômico”. Diante desses fatores, as eleições de novembro de 1974 transformaram-se em um verdadeiro plebiscito nacional contra o regime, conferindo uma substancial vitória da oposição no senado e um avanço real na Câmara. Isso provocou um enfraquecimento na legitimação do poder ditatorial entre diversos setores da sociedade, incluindo os mais conservadores. Aos grupos refratários, como os exilados em Rivera, restava a vigilância e a repressão aberta de dois estados policialescos. Conforme assinala o pesquisador Bernardo Kucinski,

Quando os “castelistas” retornaram ao palácio presidencial em 1974, o poder militar efetivo era exercido muito mais através dos mecanismos de vigilância policial do que pelo fogo dos tanques e canhões. O famoso “regime militar” era, na verdade, um estado policial, conseqüência natural da primazia da luta contra o “inimigo interno”. [...] Subversão combate-se muito mais com vigilância, delação, espionagem e tortura, do que com tanques e canhões. Assim, quando a luta contra as guerrilhas chegou ao fim em 1972, estava consolidado um estado policial, uma complexa teia de organismos de espionagem que tinha no seu centro nevrálgico o Serviço Nacional de Informações [...] ²⁸⁰

Vladecir Fagundes lembra dos anos de extrema vigilância policial na fronteira, quando os uruguaios tinham de buscar informações sobre o que acontecia no âmbito da política latinoamericana nos jornais brasileiros, em especial o Coojornal. Criado em 1975 por uma cooperativa de jornalistas em Porto Alegre, o Coojornal denunciava as arbitrariedades do poder militar, entre outras pautas que não eram simpáticas aos interesses da grande imprensa, comprometida com a nova ordem. Para os uruguaios, era necessária uma precaução extrema no momento de cruzar a linha divisória e adquirir o jornal, pois as bancas de revista próximas de Rivera não raro estavam sob a vigilância de algum informante da polícia uruguaia. Pedro Dávila de Mello, filho do militante Romeu Figueiredo de Mello, cuja família já vivia exilada em Rivera desde 1964, lembra da extrema violência de que se revestiu o golpe uruguaio.²⁸¹ Naqueles dias, as ruas de Rivera eram vasculhadas por soldados, a bordo de jipes militares. Bastava um olhar equivocado e as forças policiais apreendiam ao quartel quem quer que fosse. Os reflexos daqueles anos de medo foram anotados por Marco Antônio Villalobos.

Os carros de combate e os militares armados que mudaram a paisagem do centro de Montevideú em seu avanço sobre o Congresso trouxeram consigo a marca da repressão. Nesse

²⁸⁰ KUCINSKI, Bernardo. *Abertura*, a história de uma crise. São Paulo: Brasil Debates. 1982, p.17.

²⁸¹ MELLO, Pedro Antônio. Entrevista Citada.

primeiro momento, que serviu para consolidar a oficialização da Doutrina de Segurança e a conseqüente reestruturação institucional, o governo mostrou que veio para dismantelar a resistência de entidades representativas da sociedade uruguaia. Segundo a Anistia Internacional, somente entre 1972 e 1976, mais de 40 mil pessoas foram detidas em prisões e quartéis. Um habitante em cada 100 foi torturado, e um em cada 500 processado pela justiça militar. [...] a tortura começou a ser aplicada pela polícia nos presos comuns e se expandiu para os detidos políticos, na década de 60. A partir da nova situação que se instaurou em 72, com a passagem de todos os presos políticos à órbita da justiça militar, esta prática alcançou níveis alarmantes. Todos os organismos envolvidos na repressão política entre 1972 e 1985 estiveram implicados em maus tratos.²⁸²

A situação das famílias exiladas em Rivera, especialmente das mulheres e crianças, que podiam atravessar para o território brasileiro, também seria afetada com o endurecimento do regime uruguaio e a eterna vigilância da polícia brasileira. Alguns filhos de exilados estudavam em colégios de Santana, como o conhecido “Colégio Estadual”, e atravessavam diariamente a linha divisória para ir e vir. Muitas vezes, no entanto, a polícia brasileira não admitia as características dessa singularidade da luta política, que degredava o pai, mas não impedia o filho de manter uma vida de cidadão brasileiro, já que nada constava contra os menores. Sérgio Burman lembra de sua adolescência, vivida sob o clima pesado que por vezes rondava a condição de filho de exilado.

Tinha um delegado da polícia civil aqui, que não tinha nada a ver com as coisas - o Savi - que era horrível. Mas eram pessoas que queriam fazer nome em cima dos exilados. Ele me perseguiu, eu e meu irmão, ele conhecia o nosso carro. Eu dirigia, a gente saía sem carteira, e coisa...a gente saía para dar uma voltinha de carro, e uma vez ele nos perseguiu. Eu nunca entrava na BR. Sempre ia pelo lado da hidráulica, e eu passei lá no Estadual para me apresentar para as gurias, e quando eu vejo, desci do Estadual, vinha aquele corcelzinho, aí ele parou e eu me arranquei e parei numa quadra aqui em Rivera, e meu joelho tremia, e eu tremia tudo... e ele parou e dizia: tu vai ver, eu sei quem tu é, eu vou prender a tua mãe, o teu pai, não sei o que mais. Eu nunca vou me esquecer.²⁸³

3.5 – Redes de amizade, parentesco, negociações.

O estabelecimento das famílias de exilados brasileiros na fronteira a partir de 1964 pode ser dividido entre os grupos que já mantinham uma rede de parentes em Santana e Rivera; como as famílias de Nery Medeiros, Romeu Figueiredo e os Santana, e aqueles que lá chegavam com pouca ou nenhuma referência, como os

²⁸² VILLALOBOS, Marco Antônio. *Tiranos Tremei!* : ditadura e resistência popular no Uruguai: 1968-1985. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. Pgs. 165, 166.

²⁸³ BURMANN, Sérgio. Entrevista citada.

Burmann, os Chaves, os Penalvo e os jovens da geração de 68. O sucesso da permanência na cidade uruguaia dependia de um ténue equilíbrio de forças que exigia uma constante negociação com a polícia santanense e de Rivera. Para isso, foi de fundamental importância a constituição de uma rede de amizades e parentesco. Muitas das famílias que ali conseguiram atravessar os dez anos a partir de 1964, somente o fizeram devido a anuência dos órgãos repressivos, ou pela influência direta de parentes ou amigos que de alguma forma mantinham relações com a ditadura. Assim foi com Beno Orlando Burmann, cujo irmão, Clóvis, era um prestigiado militar de carreira. A influência do irmão proporcionou uma segurança maior a Beno, como no episódio de sua prisão no Mato Grosso, em 1965, onde recebeu tratamento diferenciado, graças ao bom nome que Clóvis desfrutava na corporação.

Famílias como a de Nery Medeiros e Beno Orlando Burmann mantinham uma singular relação com Santana do Livramento. Enquanto os patriarcas encontravam-se impedidos de cruzar a linha de fronteira, seus filhos estudavam em colégios de Santana. Na escola, essa nova geração conheceu os filhos dos signatários da nova ordem, que mantinham na cidade uma rede de poderes bem definidos. Não raro as amizades constituídas a partir desses relacionamentos proporcionaram um realinhamento de forças e uma visão renovada sobre o grupo exilado. Um episódio que ilustra a constituição dessa rede de apoio aconteceu em 1974, envolvendo Beno Orlando Burmann. Depois de ser absolvido dos inquéritos policiais militares a que estava submetido, graças a um desgastante processo de defesa, tentava embarcar para Porto Alegre, quando foi detido na rodoviária de Santana por um agente da Polícia Federal. Sérgio Burmann recorda do episódio, onde foi decisiva a atuação do então comandante do Sétimo Regimento, Caio Bretas, cuja aproximação com a família Burmann nasceu da amizade dos filhos na escola.

Nessa época eu estudava com o filho do coronel Bretas, tinha o Caio Túlio e o Caio Augusto. E eu estava me preparando para fazer Escola Militar lá em Campinas. Ele me cantou, e coisa, ele conhecia o meu tio, aquelas pessoas que simpatizavam. Tinham uma conduta militar, mas acompanhavam o que acontecia no mundo. [...] E na hora a Polícia Federal prendeu ele, o Rolim, esse. E deu uma causalidade de que eu estava junto, fui eu e a mãe levar ele lá. E a mãe se lembrou, vamos ligar para o coronel! E o homem veio de pijama. Eu liguei, não esqueço. Disse, olha, aconteceu isso e isso...bah, ele veio de lá, de jipe, e levou preso o cara da polícia federal, o Rolim. Lógico, botou dentro do jipe e levou para o quartel. Veio com o jipe do

quartel, parou tudo, ninguém mais viajou, levou mais de uma hora para viajarem. E depois contaram que meu pai aparecia ainda na lista dos comunistas.²⁸⁴

Como no episódio do coronel Bretas, a atitude ponderada de homens que defendiam a nova ordem, ocupando postos de comando na polícia ou no Exército, fazia a diferença em momentos cruciais do exílio na fronteira. A atuação de outro desses homens, o coronel Geraldo Knaak de Souza, então comandante da guarnição militar de Santana do Livramento em 1965, ficou registrado no livro de memórias de Manoel Leães, piloto do presidente João Goulart, em um incidente ocorrido naqueles dias,

Em setembro de 1965, minha viagem através da fronteira Livramento-Rivera terminou mal. Comprei uma passagem aérea em Livramento, acreditando que a vigilância na fronteira havia afrouxado. Já estava dentro do avião da VARIG quando entrou o sargento do Exército e me chamou. Ele ordenou: '*Desça. O senhor está preso.*'. Perguntei o que havia e ele me respondeu: '*O senhor sabe o que houve. Desça imediatamente.*' Fui levado para o 8º Regimento e depois para o 7º, no alto de um morro, nos arredores de Santana do Livramento. Fiquei umas três horas esperando, até que me chamaram para o interrogatório. Foi aquela conversa para boi dormir. Diziam que eu era pombo-correio de Jango e que poderiam provar, porque o serviço secreto do Exército sabia tudo a respeito do Presidente. Disse que minha bagagem estava à disposição. Constatariam facilmente que não havia nenhuma correspondência em meu poder. Imaginei que, naquele momento, iniciava-se uma via sacra daz qual não sairia facilmente.²⁸⁵

A interferência do coronel Knaack, que exercia um posto estratégico no comando das movimentações do Exército na linha de fronteira, surpreendeu o assessor de Jango. Em outras ocasiões, como na denúncia relatada anteriormente envolvendo o jornal Folha Popular, o coronel já havia dado provas de cautela. De acordo com o depoimento de Perseverando Santana, Knaack era identificado com o ex-presidente Juscelino Kubitschek, sendo essa a provável origem de sua conduta avessa a excessos. Manoel Leães registrou o respeito que o oficial demonstrou pela situação do ex-presidente João Goulart:

Jamais poderia imaginar que um oficial digno, no comando daquela unidade, não fazia distinção entre brasileiros. Ele reuniu todos os oficiais e fez a minha apresentação. Disse que eu era amigo do Presidente João Goulart, vivia no exílio em Montevideú, mas não deixara de ser brasileiro. E que merecia todo o respeito possível. Não ia admitir que, em qualquer circunstância, faltassem o respeito comigo. Aquelas palavras melhoraram muito a minha situação. Não fui dormir no xadrez, mas fiquei detido no quartel das 8 às 23 horas. Eles insistiram em conhecer detalhes da vida do Presidente no exílio. Insinuaram que o Presidente João Goulart conspirava contra o regime dos militares. Respondi que não era verdade. O Presidente era um brasileiro de índole pacífica que, logo após o golpe militar de 1964, evitou o derramamento de sangue entre irmãos. E que não adiantava insistirem nas perguntas a respeito

²⁸⁴ Idem.

²⁸⁵ LEÃES, Manoel. *Jango, Meu Amigo*. Depoimento a Kenny Braga. Porto Alegre: Sulina. 2004.p 62.

de sua vida em Montevideu porque eu não daria qualquer informação. Mais uma vez aquele oficial digno, que me tratara com civilidade, disse que logo em seguida eu estaria em liberdade.[...] A viagem de avião para Porto Alegre prosseguiu, sem problemas. Eu tinha em meu poder um 'salvo conduto' assinado pelo coronel Geraldo Knaak de Souza, comandante da guarnição militar de Livramento.²⁸⁶

Em junho de 1964, um episódio envolvendo o chefe de Polícia também pendeu na direção dos contra-revolucionários. Naquela ocasião, o jornalista e ativista do PTB, Índio Vargas, voltava de Montevideu, acompanhado do ex-presidente da Caixa Econômica Estadual, Rafael Pereira Borges, onde esteve reunido com Leonel Brizola, recém estabelecido no exílio uruguaio. Na volta, munidos de senhas e diretrizes para os companheiros que ficaram no Rio Grande do Sul, passavam pela fronteira. Ainda em território uruguaio foram reconhecidos por policiais brasileiros e convidados a prestar esclarecimentos na delegacia de polícia, em Santana do Livramento. Depois de um breve relato ao delegado Acílio Pereira da Cruz, foram absolvidos da suspeita e seguiram rumo a Porto Alegre. Índio Vargas relembra:

[...] nós andava lá em Montevideu, e quando chegamos na fronteira ali, em Livramento, de ônibus isso aí, nós demos uma passadinha no Cassino, e depois passamos para o outro lado, é uma rua só...e dali a pouco chegaram dois caras e disseram assim: 'os senhores estão convidados para dar uma explicação ali na delegacia', delegacia do Brasil já, porque estávamos em território brasileiro. E nós fomos. 'Queremos saber onde é que os senhores andavam, o que os senhores estão fazendo aqui, nós temos instruções para levá-los para a delegacia'. Podemos ir, não tem problema nenhum. Nós viemos em Livramento, dar uma passadinha em Rivera, no Cassino. Eu até nem conheço bem cassino, eu vim porque todo mundo vem aqui. [...] nós viemos para dar uma jogadinha e depois comprar algumas coisinhas ali por Rivera, mais barato né. Mas eu quando o homem disse isso aí, a primeira coisa que eu fiz foi engolir o código esse que o Brizola fez. E o Rafael era mais sabido, mais malandro, não chegou a engolir, ficou com o código dele (risos). E deu a explicação e colou perfeitamente.²⁸⁷

Índio Vargas e Rafael Pereira Borges desconheciam, no entanto, a proximidade do delegado com a coloração petebista, em especial com o presidente deposto. Membro efetivo do PSD, designado pela Secretaria de Segurança Pública em meados de 1964 para coordenar a recém criada 12ª Região Policial em Santana do Livramento, Acílio exercia uma função revestida de enorme importância, dada a estratégica posição da fronteira naqueles momentos de perseguição política. Após realizar um amplo e eficaz trabalho no combate ao contrabando de gado em Santa

²⁸⁶ Idem. p.63.

²⁸⁷ VARGAS, Índio. Entrevista citada.

Maria, foi transferido para a fronteira, onde seria homem fundamental na vigilância e no trato com as delicadas questões políticas que envolviam os exilados. Seu filho, Hamilton, definiu as relações de amizade com a família Goulart e as atribuições de Acílio quando recém chegado em Santana:

[...] pelo histórico dele na polícia eles acharam que esse era o homem para ir para Livramento. E efetivamente nós fomos para Livramento, eu servi ao exército lá, trabalhei no Consulado Brasileiro em Rivera. Foi logo após o golpe, no início de 1964. E aí aconteceram todas aquelas coisas, e ele por ser homem de princípio muito forte, muito respeitado, muito acatado na polícia, inclusive nas autoridades, e pela procedência dele, ficou muito complicado pra ele...mas ele atuou com muita desenvoltura. Ali passaram amigos dele, amigos de infância. Ele é daquela zona missioneira, meu avô é de São Borja, foi fundador do PTB, e ele (Acílio) foi guri com o Jango. Meu avô, Leôncio Pereira da Cruz foi um dos fundadores do PTB. E ele é adversário político do meu avô, ele é do PSD...e meu avô PTB, trabalhista muito forte. Mas aquela amizade com o Jango transcendia aquela questão política, eles foram guris juntos. Então tu vê que ficava difícil ele conduzir aquelas coisas porque era um corredor de pessoas que iam pro Uruguai. Inclusive meu avô foi sócio do pai do Jango, do Vicente Goulart...eles tinham uma correaria lá em São Borja, a Cruz e Goulart. O meu avô era doutor em cavalos na época,e eles tinham aras, e meu avô que fazia aquele trabalho todo. Bom, voltando para Livramento, vê que a coisa é complicada para ele. E ele teve aquela atuação decisiva em Livramento ali, no sentido de evitar muitas injustiças ali, até por princípio de formação dele. Não que ele favorecesse o pessoal que passava por lá, mas ele olhava de maneira mais humana a coisa. Inclusive ele encaminhou para trabalhar com o Jango no Uruguai, amigos dele, que vinham para o exílio.²⁸⁸

A rede de amizades de Acílio transcendia a opção partidária. Em Santa Maria havia sido vizinho e muito amigo da família de Adelmo Genro, pai de Tarso, e que havia sido vice-prefeito pelo PTB na cidade. Na fronteira, mantinha contatos estreitos com seu antigo parceiro, o policial foragido Oscar Fontoura Chaves, de São Sepé, com quem trabalhara no combate ao contrabando. Era amigo do historiador Ivo Caggiani, cuja casa freqüentava. Mantinha com João Goulart e seus colaboradores diretos em Taquarembó, como Perci Penalvo e sua família, uma amizade indisfarçada. Hamilton rememorou as relações de seu pai com Jango e seus amigos íntimos :

[...] O Perci já tava em Rivera, foi perseguido...[...] ele foi para a fronteira, foi para a Rivera. E meu pai deu toda assistência moral, o amparo aquele, para ele, como autoridade mesmo [...] a amizade para ele transcendeu sempre qualquer coisa. Por um amigo ele se jogava. [...] O Jango sempre procurou ele, até como presidente. O Jango sempre tentou de todas as formas levar ele. Apelidou até depois ele de xerife, depois que ele entrou na polícia. Tentou levar ele para o Rio de Janeiro, depois para Brasília. O Jango ofereceu, disse: 'Acílio eu te dou um consulado onde tu quiser!' Depois seria um alto cargo lá, queria ele junto dele, ele lutou sempre por isso [...] No Uruguai continuaram mantendo contato, através de terceiros. Inclusive o Jango teria dito ao Perci que tinha vontade de retornar, de se apresentar, e mandou preparar ele (Acílio) que ele

²⁸⁸ DUARTE DA CRUZ, Hamilton. Policial. Entrevista ao autor em 12/04/2005.

viria através das mãos dele. Que por conhecer ele, pela amizade que eles tinham ele se apresentaria com ele. Ele sabia que ele teria esse ombro forte. Não como delegado regional, mas como amigo. [...] mas não houve tempo, depois ele faleceu.²⁸⁹

Passadas mais de quatro décadas após os acontecimentos no cassino, quando informado por esta pesquisa das relações de amizade do delegado Acílio e João Goulart, Índio Vargas reviu o episódio de sua detenção:

Ah, mas então taí a explicação de porque que eu achei que eles foram ingênuos. Eles não foram ingênuos não. Eles fizeram o que eles acharam que deveriam fazer, e de acordo com a percepção dele de toda a realidade. Eu sempre dizia...como é que essas pessoas eram policiais e acharam que nós estávamos jogando lá, eu com essa cara jogando no cassino...Não, eu jamais...eu achava que eles tinham um critério rigoroso para escolher as pessoas pra esse tipo de ação. Eles tinham alguma coisa, claro, mas eles não podiam cobrir tudo. Eu achava que ali, o delegado de Livramento, que era Regional, tinha que ser uma pessoa de absoluta confiança deles, mas eles não tinham muita gente, essa é a verdade. [...] Tá havendo uma certa explicação das coisas. Pareceu uma certa ingenuidade. Pessoas passando para se exilar, no outro lado, e outros para ver cassino, fazer compras...Não era muito convincente, numa época normal seria, mas não naquela.²⁹⁰

As relações pessoais, antes dos imperativos ideológicos, também nortearam as ações do médico Remigio Amorim. O médico militar teve atuação destacada no auxílio aos que procuravam a linha de fronteira para se encontrar com suas famílias na clandestinidade. Natural de Uruguaiana, Remigio viveu 25 anos em Santana do Livramento, onde trabalhou como médico pediatra, alcançando popularidade, o que lhe valeu o cargo de presidente da APAE e vereador, pela Arena, de 1972 a 1976. Em 1970 foi nomeado diretor do Hospital Militar, onde, segundo o depoimento de Jair Krishke, promovia o encontro de exilados com seus familiares, vindos de Porto Alegre ou de algum rincão do país. Seu filho, o delegado de polícia e comunicador, Hugo Mazon Amorim, recorda que seu pai fora médico da família do então ditador Emilio Garrastazu Médici. Esse fato viria a abrir portas e facilitar o contato que exercia com altos escalões militares da República. Ele mesmo, um “comunista teórico” e diretor teatral estava na lista da repressão, e teve de ser socorrido pelo pai,

No meu caso, eu era delegado de polícia e diretor de teatro, na época. Inclusive eu ia ser expurgado da polícia, por meus trabalhos com o teatro, e por ser um comunista teórico, que sempre fui. Meu grupo era o de Ibsen Pinheiro, Hamilton Chaves, Carlos Araújo e Índio Vargas. Tínhamos o grupo Nosso Teatro, amador, e promovíamos reuniões onde o assunto

²⁸⁹ Idem.

²⁹⁰ VARGAS, Índio. Op.Cit

sempre versava em como íamos derrubar a ditadura. Também tinha o Hélio Fontoura e o Heron Araújo. Tínhamos sempre de cinco a oito vertentes do que fazer. O Araújo e o Índio Vargas, por exemplo, entraram para a luta armada. Na época eu era chefe da assessoria do chefe da polícia, só que o DOPS descobriu nossas reuniões e eu ia ser expulso. Foi quando contaram para meu pai que eu ia ser expulso. O caso é que o pai tinha sido médico da família do Médici e também do vice-presidente. Aí ele foi a Brasília e me tirou da lista de expurgo.²⁹¹

Hugo Amorim recusa, no entanto, qualquer intuito de colocar seu pai como “herói” em tempos de ditadura, ou mesmo que fosse um simpatizante das lutas da esquerda. Confere valor, isto sim, ao espírito humanista do médico, que agia no intuito de auxiliar as pessoas, sem pesar coloração ideológica. A atuação do doutor Remigio, contudo, não passou despercebida aos olhos dos setores mais reacionários da sociedade santanense, sendo ele denunciado como colaborador da subversão. O fato não rendeu maiores conseqüências graças aos altos contatos políticos que possuía entre a cúpula militar. Hugo Amorim recorda das inúmeras vezes que seu pai intercedeu pelos banidos políticos, que procuravam sua ajuda devido a uma rede de amizades, que de uma forma ou outra, acabavam chegando até ele. Aos amigos dos amigos, Amorim proporcionava encontros e inserções no Brasil, graças a obtenção de salvo-condutos.

[...] Detalhes de amizade, no Brasil, levam as coisas para um lado ou para outro. Há de se sublinhar que meu pai sempre foi a favor da ditadura militar. É que existem contingências.[...] Um belo dia, um amigo exilado em Livramento estava com a mãe muito doente em Porto Alegre. Eu falei com o chefe do DOPS para interceder e deixar ele visitar a mãe. Mas o DOPS era subordinado a Secretaria de Segurança e nada podia fazer. Foi quando o pai entrou em contato com o chefe do serviço secreto do 3º Exército e deram salvo-conduto para o cara. A única exigência era de que eu teria de acompanhar o exilado e não deixar que ele escapasse, tentasse uma volta clandestina ou coisa parecida. Na primeira vez foi tudo bem, aí sempre que podia o pai fazia contatos com o 3º Exército e achava salvo-condutos. Isso aconteceu uma dezena de vezes depois da primeira. [...] Isso durou até 1976, aproximadamente.²⁹²

Fora do restrito círculo de relações da fronteira, no entanto, as interferências e negociações não se mostravam tão frutíferas. Para Manoel Luiz Coelho, o retorno ao Brasil revelou-se um equívoco. Em 1974, depois de uma negociação entre sua família e altos escalões do Exército, ficou acertada a sua volta, sem nenhuma represália. O resultado, no entanto, foi a traição, como ele conta:

Houve um acordo entre a minha família e as autoridades brasileiras, envolvendo altas autoridades, inclusive a chefia estadual da polícia, alguns militares graduados também

²⁹¹ AMORIM, Hugo Mazon. Policial. Entrevista concedida ao autor.

²⁹² Idem.

intermediando. Então, como naquele momento, como muita gente estava retornando para o Brasil, e eu estava numa situação muito ruim, do ponto de vista de trabalho minha situação era terrível, não tinha mais perspectivas, o que eu fazia não estava rendendo nada, eu almejava retornar, realmente. Aí, influenciado pela minha família, eu aceitei, embora tivesse vindo para consultar alguns amigos aqui em Porto Alegre, clandestinamente, é lógico. E acabei voltando, e correu como parecia, mas repentinamente me prenderam [...] me torturaram, enfim, tive de responder um novo processo, um novo IPM. A prisão não foi tão prolongada, uns 20 dias, o problema foram as torturas.²⁹³



Manoel Luiz Coelho: militância na fronteira foi o pretexto para a prisão no DOPS.

Na carceragem do DOPS, em Porto Alegre, Manoel Coelho foi torturado e inquirido sobre o chamado “esquema de fronteira”. Mesmo que o serviço de repressão já conhecesse em detalhes os protagonistas desses meandros na fronteira, como Beno Orlando Burmann, Coelho negou-se a cooperar. Afirmou que o esquema consistia em passar as pessoas de um país a outro, geralmente utilizando-se do serviço de taxistas. Afirmou que Burmann exercia tal função, muito embora isso não fosse novidade nenhuma para seus inquisidores. Sobre possíveis ligações do grupo da fronteira com a esquerda uruguaia, em especial os tupamaros, silenciou. No DOPS, mais uma vez as relações de amizade entre perseguidores e perseguidos falariam mais alto. Coelho foi liberado, mas tinha de cumprir uma missão.

²⁹³ COELHO, Manoel. Entrevista citada.

O diretor do DOPS, Marcos Aurélio da Silva Reis, estabeleceu laços de amizade com Beno Orlando Burmann quando o político era prefeito de Ijuí, e ele era o delegado de polícia, anos antes. Por isso, pedia a Manoel Coelho que intercedesse junto ao amigo no Uruguai, para que não voltasse. “Não quero que ele passe por isso”, dizia. Coelho voltou a fronteira e dali localizou Burmann em um balneário uruguaio. Chegando lá, o encontrou junto a seu irmão, coronel do Exército, que passava a impressão de que sua integridade estava assegurada em uma provável volta ao Brasil. Burmann desprezou totalmente a mensagem de Manoel Coelho, e o resultado foi sua detenção para interrogatório em Porto Alegre, dois meses depois, quando tentava estabelecer-se novamente em Ijuí.

Ex-prefeito de Ijuí, cassado em 1964, preso por agentes do DOPS armados com metralhadoras

Beno Burmann, ex-deputado estadual e ex-prefeito de Ijuí pelo extinto PTB, cassado em 1964 e absolvido em dezembro do ano passado pelo Superior Tribunal Militar, foi preso na manhã de ontem em seu escritório em Ijuí, por dois policiais do DOPS armados de metralhadoras. Beno foi levado para uma camioneta Chevrolet Verano, azul, sem placas, que seguiu para Porto Alegre.

A Chevrolet com quatro homens (dois policiais de Ijuí), estacionou às 8h40min na Rua Sete de Setembro, 427, no Escritório Contábil Burmann. Ali, um dos Inspetores de Ijuí, conhecido como Sérgio, entrou na sala onde dez funcionários trabalhavam e perguntou: — Onde está Beno Burmann?

Beno, que estava batendo máquina, se apresentou. Sérgio saiu e voltou em seguida, com seus três colegas. Um dos dois visitantes, com a metralhadora preparada, foi rápido:

— Beno, somos do DOPS. Venha conosco.

Esta versão é de Ademair Burmann, irmão de Beno, 40g depois da prisão:



Beno Burmann, ex-prefeito

— O que aconteceu quando eles entraram foi um tumulto. Alguns continuaram sentados, com medo, outros saíram para a rua, empurrados pelos policiais. Eles simplesmente entraram e carregaram meu irmão. Depois eu fui a Cruz Alta, onde tem DDD, para tentar falar com o advogado de Beno em Porto Alegre, mas não consegui. Estavam inaugurando os melhoramentos na telefônica. Quando eu voltei a Ijuí meu sobrinho René já tinha falado com Porto Alegre.

Depois a família procurou avisar a mulher de Beno, Diva, que mora em Rivera no Uruguai:

— Não sabemos que explicação dar-lhe-ia, pois não conhecemos os motivos da prisão — explica Ademair. Desde que ele foi absolvido, em dezembro, meu irmão pensava em voltar a morar em Ijuí, e esta foi a terceira vez. Estava na cidade desde quinta-feira, tentando levantar dinheiro junto aos amigos para reerguer a Litografia Serana, da qual é um dos acionistas.

Três presidiários feridos | PM, FALSO FISCAL DA

O jornal Folha da Manhã, de 12 de março de 1975, denunciava a prisão de Burmann.

Considerações Finais

O estudo do exílio brasileiro nessa fronteira com o Uruguai revelou uma região rica em singularidades culturais e políticas. Neste espaço, onde a urbanização não se interrompe, onde não existem limites físicos a separar as duas nacionalidades, as intensas trocas econômicas, culturais, familiares e políticas formaram o que nomeei como um meio social propício ao desenvolvimento de uma legítima “cultura política de fronteira”. Essa característica foi sendo forjada ao longo do tempo por relações de aliança política, dupla atuação, redes de apoio e conspirações praticadas em um terreno comum, que por muitas vezes desconheceu o limite institucional entre os países.

Desse intenso relacionamento, essa cultura ora priorizou aspectos de uma luta eminentemente política, ora aspectos de uma integração econômica que alimentou lutas comuns à população local. Assim aconteceu em 1903, com a aliança entre adeptos do Partido Blanco, no Uruguai, e representantes do Partido Republicano Riograndense, quando do episódio que culminou com a perseguição e morte de Federalistas, exilados em Rivera. Também ali tiveram lugar as lutas operárias acontecidas nos frigoríficos Armour e Swift, influenciadas pelas melhores condições de trabalho que os uruguaios desfrutavam, do outro lado da linha divisória. Interessante observar como essa extensa história de crimes, exílios e solidariedade, que alimentou uma convivência política em comum, vem somar-se mais tarde, a experiência dos exilados brasileiros, logo após o golpe de 1964.

A partir do momento em que irrompe o golpe militar, e nos intermináveis dias que a ele se seguirão, a fronteira retoma sua antiga configuração de terra de exílio, lugar da negociação e, conseqüentemente, solidariedade. Nesse momento, os protagonistas das lutas políticas anteriores, como o grupo comunista envolvido na chacina de 1950, retomam uma teia de contatos e ações que se revelaria de fundamental importância no suporte aos novos desterrados políticos. Comunistas como Hélio e Aquiles Santana, Perseverando Santana e Antônio Apoitia, entre outros atores políticos da sociedade uruguaia, mesmo que precariamente, dão início a uma

rede de apoio e recepção aos militantes perseguidos. A essas ações, somaram-se uma rede já constituída entre esses cidadãos “binacionais”, de contatos políticos e pessoais, como representantes das polícias brasileira e uruguaia, além de funcionários públicos que exerciam postos fundamentais em aduanas, consulados, e locais que envolviam o controle da passagem por esta fronteira.

Dessa delimitada rede de apoio e solidariedade constavam nomes com extensos serviços prestados às lutas operárias locais, como os militantes do Partido Comunista Brasileiro, Francisco Cabeda e Côco Fagundes, que desde Rivera preparavam a passagem de perseguidos políticos para o território uruguaio, ou o clandestino retorno ao Brasil.

Com o estabelecimento de famílias exiladas em Rivera, e aqui recorro as de Beno Orlando Burmann, Nery Medeiros, Oscar Fontoura Chaves e Romeu Figueiredo de Mello, o chamado “esquema de fronteira”, ganharia nova conotação. O abrigo, ou a rápida passagem de militantes da luta armada, especialmente de 1966 a 1970, revela um confronto aberto à ditadura que se instalara. Os inúmeros casos de combatentes da luta armada que buscavam o Uruguai ou retornavam ao Brasil, não passou despercebido pelo serviço secreto do Itamaraty. Os arquivos do Ciex – Centro de Informações do Exterior marcam a passagem de Carlos Lamarca por Rivera, em fins de outubro de 1969, e também o guerrilheiro Vítor Luis Papandrea seria identificado em sua passagem por ali, em dezembro de 1970. Pela fronteira também passaram líderes da ALN, como Joaquim Câmara Ferreira. A esses contatos, e a muitos outros que buscavam abrigo, Beno Orlando Burmann exercia uma função especial no “esquema de fronteira”. Através de seus contatos políticos, com o grupo tupamaro e a linha progressista do Partido Colorado, entre outros segmentos da sociedade uruguaia, realizava com segurança a entrada - ou saída – do território uruguaio.

Importante notar as diferenças de recepção e estabelecimento nessa fronteira das gerações de militantes de 1964 e 1968. Os que ali aportaram em 1964 e nos anos imediatamente seguintes – como os Burmann, Medeiros, Chaves - identificavam-se com uma militância política já consolidada, e muitas vezes valeram-se de contatos familiares para consolidar em Rivera uma nova vida no exílio. Já os militantes de 68, com o advento do AI5 e o recrudescimento do regime, identificavam-se com a

esquerda armada, sustentavam planos de insurreição e descartavam muitas redes de apoio já consolidadas. Assim, a história do exílio brasileiro nessa fronteira ficou assinalada ora pela exclusão política dos grupos que por ali transitavam, mas também pelos gestos de solidariedade e reação. Nessas experiências limite que o exílio proporciona, onde os indivíduos se comportam como “eternos turistas”, nas palavras de Manoel Luiz Coelho, vigiados por uns, vistos com desconfiança por outros, a solidariedade foi a marca de uma resistência. Isso não impediu, no entanto, que essa cruel condição afetasse aquelas pessoas das mais diversas maneiras. A vigilância dos órgãos da repressão brasileira, e posteriormente as ligações das ditaduras brasileira e uruguaia, mantinha um eficaz controle das atividades subversivas exercidas na fronteira. Cada família ou militante estabelecido ali estava devidamente observado e monitorado em suas atividades, como demonstra o arquivo do Ciex. A sobrevivência do grupo exilado só foi possível devido a uma constante negociação com os setores militares e policiais estabelecidos na fronteira, além do estabelecimento de uma rede de parentescos e de amizades, que muitas vezes funcionaram como um escudo. Isso não impediu, ainda assim, que muitos vissem suas vidas desmoronarem, sofrendo as conseqüências irreversíveis da nova condição.

A sobrevivência, e aqui me refiro ao trabalho, dessas famílias em um ambiente desconhecido e, porque não, hostil, fez-se de formas diversas, mas sempre apoiada na solidariedade como verdadeiro amálgama. Famílias como a Nery Medeiros se adaptaram mais rapidamente, permitindo ampliar a ajuda a outros grupos necessitados, não sem dispensar uma rede de proteção e favores a polícia uruguaia. Alguns desses exilados buscaram o sustento na agricultura, em sítios, nos arredores da cidade, porém essas experiências fracassaram. Como bem definiu Jorge Fajardo, “não eram agricultores, eram revolucionários urbanos, sob a influência de Guevara, de Goulart, ou Prestes”.²⁹⁴ Beno Orlando Burmann conseguiu unir a clandestina militância com o trabalho em família, em tentativas comerciais de toda a ordem, entre erros e acertos que ao final, proporcionou o surgimento da Malharia Burmann, um singular sucesso comercial na região. Também aos militantes solitários que ali buscaram refúgio o trabalho seria escasso, ligado as chamadas “*changas*”, aos

²⁹⁴ FAJARDO, Jorge. Entrevista citada.

pequenos contrabandos de mercadorias, ou experiências únicas, como a do curso pré-vestibular de Estoécel Santana, que abrigou por algum tempo os mais letrados em suas fileiras. Na investigação desses episódios recentes da historiografia brasileira, procurei trazer à luz atores políticos que se encontravam circunscritos em uma dimensão local, mas que protagonizaram de alguma maneira a luta em comum da esquerda brasileira, onde esta fronteira desempenhou um papel de singular importância.



A linha divisória: o obelisco do Parque Internacional divide Brasil e Uruguai.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABELLÁ, Luis Alberto e LEÓN, Joel Salomón. **Cosas e gentes de Rivera. Los Gobernantes Comunales, Sus protagonistas 1ª parte – 1825- 1919.**Rivera: Grafias, 1994.
- ALBORNOZ, Vera Prado Lima. **Armour, uma Aposta no Pampa.** Santa Maria, Palotti, 2000.
- ALVIN, Thereza Cesário (org). **O golpe de 64: A imprensa disse não.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- AQUINO, Márcia Elizabeth de. **Personnas. Gradações do discurso político-religioso no Brasil pós-64.** São Paulo: Ecograf, 2003.
- BARROS, Jefferson. **Golpe Mata Jornal. Desafios de um tablóide popular em uma sociedade conservadora.** Porto Alegre: JÀ Editores,1999.
- BARROS, José D'assunção Barros. **O Campo da História. Especialidades e Abordagens.** 2ª Edição. Petrópolis: Vozes. 2004.
- BASBAUM, Leôncio. **História Sincera da República (de 1961 a 1967).** 2ª Edição, São Paulo: Alfa Ômega. 1977.
- BENEVIDES, Maria Vitória. **A UDN e o Udenismo. Ambiguidades do Liberalismo Brasileiro (1945-1965).** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.
- BETTO, Frei. **A Mosca Azul, reflexões sobre o poder.** Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- BONNET, Gabriel. **Guerrilhas e Revoluções.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1963.
- BORGES, Jorge Luis. **Nueva Antología Personal.** México: Siglo Veintiuno Editores, 1986.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade. Lembrança de Velhos.** São Paulo, Cia das Letras, 1994.
- BRAGA, Kenny. **Entrevista gravada no estúdio da Rádio Famecos/PUCRS em 1º de outubro de 2002, para Bianca Rosa e Carla Dariano.** Transcrita em <http://www.pucrs.br/famecos/vozesrad/kenny/kenny.html>
- BRUSCHERA, Oscar. **Las decadas infames: 1967-1985.** Montevideo: Libreria Linardi y Risso, 1986.
- CAETANO, Gerardo. **El Uruguay de la dictadura, 1973-1985: La era militar.** Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2006.
- _____ e RILLA, José. **Breve Historia de la Dictadura (1973-1985).** Montevideo: Ediciones de La Banda Oriental, 2006.
- CAGGIANI, Ivo. **Cadernos de Santana.** Volume III. Santana do Livramento: (MIG) 1986.
- _____ **Sant'Ana do Livramento – 150 anos de História.** 2º Volume. Santana do Livramento: Aspes/ Museu Folha Popular, 1984.
- _____ **Honório Lemes, um herói popular.** Porto Alegre: Martins Livreiro. 1999.
- CARNEIRO, Glauco. **Lusardo, o Último Caudilho.** Coleção Brasil Século 20. Volume I, Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1977.
- CARVALHO, Bitencourt, Cirino. **Lendo o Passado.** Volume I, Santana do Livramento: EDIGRAF,1986.
- _____ **Lendo o Passado.** Volume II, Santa Maria: Imprensa Universitária,

- 1992.
- CARVALHO, Luis Maklouf. **Mulheres que foram a luta armada**. São Paulo: Globo, 1998.
- COITINHO, Arlindo. **João Bispo**. Santana do Livramento, Editora A Platéia, 1ª edição, 1985.
- CHAUI, Maria Helena. Brasil, mito fundador e sociedade autoritária. Col. História do Povo Brasileiro, São Paulo: Perseu Abramo, 2001. 104 p.
- DOCKHORN, G.V. **Quando a ordem é segurança e o progresso é desenvolvimento - 1964- 1974**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- DONGHI, Túlio Halperin. **História da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1975
- DREIFUSS, R. A. **1964, a conquista do estado: ação política, poder e golpe de classe**. 3ª Edição, Petropolis: Vozes, 1981.
- D'ARAUJO, M. C.; SOARES, Glaucio ; GIAUCIO, D. e CASTRO, C.. **Visões do golpe : a memória militar sobre 1964**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- DIAS, J.R.S. **Santa Catarina em perspectiva: os anos do golpe**. Petropolis: Vozes, 1989.
- FAORO, Raimundo. **Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro**. Volume I, 10ª Edição. São Paulo: Globo; Publifolha, 2000.
- _____ **Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro**. Vol.2, 10ª Ed. São Paulo: Globo; Publifolha, 2000.
- FERNANDES. Florestan. **Sociedade de Classes e Subdesenvolvimento**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1972.
- FICO, Carlos. **Além do golpe: versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar**. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004. v. 1. 391 p.
- _____ **O regime militar no Brasil (1964-1985)**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2004. Volume 1. 47 p.
- _____ (Org.) ARAUJO, Maria Paula (Org.). **40 Anos do Golpe de 1964: ditadura militar e resistência no Brasil**. volume 1. 1ª Edição, Rio de Janeiro: 7 Letras; Faperj, 2004.
- _____ **Como eles agiam. Os subterrâneos da Ditadura Militar: espionagem e polícia política**. Volume 1, Rio de Janeiro: Record, 2001.
- FILHO, Luís Viana. **O Governo Castelo Branco. Tomo 2**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército e José Olympio Editora. 1975.
- FRANCO, Afonso Arinos de Mello (org.) **Brasil, Sociedade Democrática. nº 196**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.
- FIGUEIREDO, Lucas. **Ministério do Silêncio. A História do serviço secreto brasileiro de Washington Luís a Lula (1927-2005)**. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- FERREIRA, de Moraes, Marieta. & AMADO, Janaína. (org.) **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 2ª Ed., 1998.
- GALEANO, Eduardo. **Dias e noites de amor e de guerra**. Porto Alegre: LPM, 2007.
- GAVRAS, Costa e SOLINAS, Franco. Estado de Sítio. Porto Alegre: LPM. 1988.
- GASPARI, Elio **A Ditadura Envergonhada**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.
- _____ **A Ditadura Escancarada**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.
- GOFF, Le Jacques. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 4ª Edição, 1996.
- GUZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. **História Contemporânea da América Latina – 1960, 1990**. 2ª Edição. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2004.
- HOBBSAWM, Eric. **Sobre História - Ensaios**. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

IANNI, Octavio. *Imperialismo na América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

JOSÉ, Emiliano e MIRANDA, Oldack. *Lamarca, o capitão da guerrilha*. 7ª Edição. São Paulo: Global Editora, 1980.

KUCINSKY, Bernardo. **Abertura, a história de uma crise**. São Paulo: Brasil Debates, 1982.

LIMA, Henrique Espada. **A Micro-História Italiana. Escalas, Indícios e Singularidades**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MARKUN, Paulo e HAMILTON, Duda. **1961. Que as armas não falem**. São Paulo: Senac, 2001.

MARTINS, (org.) Maria Helena. **Fronteiras Culturais - Brasil, Uruguai, Argentina** Cotia:Ateliê Cultural, 2002.

MEIHY, Carlos Sebe Bonh, José. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 2002.

_____ (Org.) **(Re) Introduzindo História Oral no Brasil**. São Paulo: USP, 1996.

MIRANDA, Nilmário e TIBÚRCIO, Carlos. **Dos filhos deste solo**. São Paulo: Boitempo, 1999.

MONTENEGRO, Torres, Antônio. **História Oral e Memória**. São Paulo: Contexto, 3ª Edição, 1994.

NETO, Aydano Pimentel de Almeida. **Entre espelhos e labirintos: uma mirada Argentina sobre o Brasil**. Tese de Doutorado. PUC-RJ, 2006.

NETO João Pinheiro. **Jango. Um Depoimento Pessoal**. Rio de Janeiro: Record, 1993.

PADRÓS, Enrique Serra. **1968, Contestação e Utopia**. Porto Alegre: Ediufrgs, 2003.

PORTELLI, Alessandro. *The Battle of Valle Giulia. Oral History and art of dialogue*. Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1997.

PROJETO BRASIL! NUNCA MAIS - um relato para a história. Arquidiocese de São Paulo, Petrópolis, Vozes, 6ª Edição, 1985.

PESAVENTO, Sandra. Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. 3ª Edição, Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.

_____, e CHIAPPINI, Ligia, MARTINS, Maria Helena.(orgs.) **Pampa e Cultura. De Fierro a Netto**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, Instituto Estadual do Livro, 2004

SANT'ANA DO LIVRAMENTO: Corpo e Alma. Antologia Poética. Academia Santanense de Letras. Porto Alegre: Alcance, 1996.

PINTOS, Anibal. *Rivera una Historia Diferente*. Tomo I, Montevideo: 1990.

_____ *Rivera, una Historia Diferente*. Tomo II. Montevideo: Ministerio de Educación y Cultura, 1990.

QUADRELLI, Sánchez, Andrea. **A Fronteira inevitável. Um estudo sobre as cidades de Santana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai) a partir de uma perspectiva antropológica**. Porto Alegre: UFRGS, Tese de doutorado, 2002.

QUADROS, Nilo Pacheco de. **Pombo Correio. Testemunhos de uma época obscura**. Porto Alegre: Alcance, 2006.

REVEL Jacques (org.) **Jogos de Escalas. A experiência da Microanálise**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

RIDENTI, Marcelo. **O fantasma da Revolução Brasileira**. São Paulo: Unesp, 1993.

_____ **Em Busca do Povo Brasileiro. artistas da revolução, do CPC à era da tv**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

REISCHEL, Heloisa Jochims e GUTFREIND, Ieda. **Fronteiras e Guerras no Prata**. São Paulo: Atual, 1995.

- REIS, Daniel Aarão. **Ditadura Militar, esquerdas e sociedade**. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2005.
- _____ **A revolução faltou ao encontro. Os comunistas no Brasil**. São Paulo: Brasiliense. 1990.
- _____ e SÁ, Jair Ferreira de. **Imagens da Revolução. Documentos políticos das organizações clandestinas de esquerda dos anos 1961-1971**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985.
- _____ e FERREIRA, Jorge. **Revolução e democracia. 1964...** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- REIS, João Carlos. **As identidades do Brasil: De Varnhagen a FHC**. 6ª Edição, Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- ROLLEMBERG, Denise. *Esquerdas revolucionárias e luta armada*. In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, L. A. Neves (org.) **O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX - O Brasil Republicano**, Volume. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- RUAS, Tabajara e BONES, Elmar. **A cabeça de Gumerindo Saraiva**. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. Trad. Pedro Maria Soares. São Paulo: Cia das Letras, 2003.
- SALES, Jean Rodrigues. **A luta armada contra a ditadura militar. A esquerda brasileira e a influência da revolução cubana**. São Paulo: Perseu Abramo, 2007.
- SALGUEIRO, Heliana Angotti (org.) **Por Uma Nova História Urbana. Bernard Lepetit**. São Paulo: Edusp, 2001.
- SEGATTO, J. A., NETTO, J. P., NÉTO, J. R. AZEVEDO, P. C de e SACCHETTA, W. (Org.) **PCB - Memória Fotográfica - 1922-1982**. 2ª Edição. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- SCHÄFFER, Neiva. **A Urbanização na Fronteira**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1993.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **A história militar do Brasil**. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- SOUZA, Blail de. Susana. "Os caminhos e os homens do contrabando" in *Prática de Integração nas Fronteiras. Temas para o Mercosul*. Porto Alegre: Editora da Universidade, Goethe Institut, Neba, 1995.
- SCHIRMER, Lauro. **Flores da Cunha, de corpo inteiro**. 2ª Edição, Porto Alegre: RBS. 2007.
- SILVA, Hélio. **1964: Golpe ou Contra Golpe?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- _____ **O Governo Geisel. 1975 a 1978**. Rio de Janeiro: Edições Istoé. 1998.
- SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Getulio Vargas a Castelo Branco, 1930-1964**. 10ª Edição Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- TAVARES, Aurélio de Lyra. **Segurança Nacional**. 2ª Edição. Brasília: MEC, 1965.
- THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum, estudos sobre a cultura popular tradicional**. Trad. Rosaura Eichenberg. 1ª Editora São Paulo: Cia das Letras, 1998. 491 p.
- THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 3ª Ed., 1992.
- WAINER, Samuel. **Minha Razão de Viver, memórias de um repórter**. São Paulo: Record, 1987.

WASSERMAN, Cláudia e GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos (orgs.) **Ditaduras Militares na América Latina**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2004.

WESCHLER, Lawrence. **Um milagre, um universo. O acerto de contas com os torturadores**. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

BETTO, Frei. **Batismo de Sangue. Os dominicanos e a morte de Carlos Marighella**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

BRAGA, Kenny. **Meu Amigo Jango**. Depoimento de Manoel Leões a Kenny Braga. 2ª Edição, Porto Alegre: Editora Sulina, 2004.

CAVALCANTI, Pedro Celso Uchôa e RAMOS, Jovelino. **Memórias do Exílio. Brasil 1964- 19??** São Paulo: Livramento. 1976.

COITINHO, Arlindo. **É a luta Doutor!** Porto Alegre: Renascença, 2001.

GAMBINI, Hugo. 6ª Edição. **El Che Guevara. La biografia**. Buenos Aires: Booket, 2004.

GORENDER, Jacob. **Combate nas Trevas**. 6ª Edição. São Paulo: Ática, 2003.

GUTIÉRREZ, Cláudio Antônio Weyne. **A Guerrilha Brancaléone**. Porto Alegre: Proletra. 1999.

MARÇAL, João Batista. **Comunistas Gaúchos. A vida de 31 militantes da classe operária**. Porto Alegre: Editora Tchê, 1986.

NAVARRO, Waldemar Rodrigues. **Villa Ceballos, los que pusieron los cimientos. Historia de Rivera**. Tomo I, Rivera: Editora Atlántida, 1981.

PALMAR, Aluizio. **Onde foi que vocês enterraram nossos mortos?** Curitiba: Travessa dos Editores. 2006.

RANGEL, Carlos Roberto da Rosa. **Crime e Castigo. Conflitos Políticos no Rio Grande do Sul (1928-1938)**. Passo Fundo: Editora UPF, 2001.

ROLLEMBERG, Denise. **Exílio. Entre Raízes e Radares**. Rio de Janeiro: Record. 1999.

SCHARTZ, Jorge (org.) **Borges no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp. 2001.

SILVA, José Wilson da. **O Tenente Vermelho**. Porto Alegre: Tchê. 1987.

TAVARES, Flávio. **Memórias do Esquecimento**. São Paulo: Globo. 1999.

USTRA BRILHANTE, Carlos Alberto. **Rompendo o Silêncio**. OBAN DOI/CODI 29 set 70-23 jan. 74. 2ª Edição, Brasília: Editerra Editorial,., 1987.

VARGAS, Índio. **Guerra é Guerra, dizia o torturador**. Rio de Janeiro: Codecri. 1981

VILLALOBOS, Marco Antônio. **Tiranos, Tremei! Ditadura e resistência popular no Uruguai (1968- 1985)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

REVISTAS

Revista Brasileira de História. **Brasil: do ensaio ao golpe (1954/1964)**. Associação Nacional de História. São Paulo, ANPUH, vol.24, nº 47, jan-jun, 2004.

Revista do Programa de Pós-Graduação em História -**Dossiê Cultura e Resistência: Dez anos sem E.P. Thompson**. UFSC. Florianópolis: Nº 12. 2004

_____ **Dossiê Trabalho, Cultura e Poder**. UFSC. Florianópolis: Nº 14. 2005

JORNAIS

*A investigação nos jornais obedeceu a seguinte cronologia de fascículos:

A Platéia, de Santana do Livramento - 1964, 1971.

Correio do Povo, de Porto Alegre – 1964, 1965, 1966, 1967, 1968, 1969.

Coojornal, de Porto Alegre - 1978, 1979, 1980, 1981.

El País, de Montevideú – 1964, 1965.

De Frente, de Montevideú – 1970.

Folha Popular, de Santana do Livramento – 1964, 1965, 1966, 1967, 1968, 1969.

Jornal da Semana, de Santana do Livramento – 1984.

Diário do Sul, de Porto Alegre - 2008.

Zero Hora, de Porto Alegre – 1968.

Tribuna do Povo, de Santana do Livramento – 1948.

Folha de São Paulo, de São Paulo – 1968.

O Estado de São Paulo, de São Paulo – 1968.

DOCUMENTOS

Documentos Oficiais

* Arquivos do DOPS. Memorial do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

* Ata nº 1698, Sessão Ordinária de 12 de junho de 1968. Câmara Municipal de Santana do Livramento.

* Ata nº 1752 realizada em 18 de abril de 1969, na Câmara Municipal de Vereadores de Santana do Livramento.

* Ata de renúncia do vereador Tarso Fernando Genro, nº 66/69, em 7 de julho de 1969

* Certidão de Idoneidade de Manoel Luiz Coelho. Poder Judiciário. Justiça Militar Federal. 1ª Auditoria da 3ª C.J.M. Certidão nº 2050/98. Em 27 de maio de 1998.

* Decreto de lei de elevação do município de San´Ana do Livramento a Vila, nº 151/1857.

* Discurso vereador Antônio Apoitia Neto. Câmara Municipal de Santana do Livramento. 9 de junho de 1969.

* Ministerio de Relaciones Exteriores – Uruguay. Nº 2714 – Documento de renúncia da qualidade de asilado político deferido a Beno Orlando Burmann. Montevideú, 20 de maio de 1975.

* Biblioteca da Assembléia Legislativa do RS

* Protocolo de renúncia do vereador Tarso Fernando Genro, nº 731, em 7 de julho de 1969.

* Secretaria de Assuntos Estratégicos. Presidência da República. Ficha de Manoel Luiz Coelho. Em 4 de abril de 1991.

Documentos não oficiais

Acervo particular de Antonio Apoitia Neto
Acervo particular de Beno Orlando Burmann
Acervo particular de Manoel Luiz Coelho
Acervo particular de Perseverando Fernandes Santana
Acervo da Família Francisco Fagundes
Acervo da Família Percy Penalvo
Manuscrito inédito de Beno Orlando Burmann (acervo: família Burmann)
Diário de Ivo Caggiani (acervo: Jurema Caggiani)

ARQUIVOS

Arquivo da Câmara Municipal de Vereadores de Santana do Livramento
Arquivo Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria
Arquivo Movimento de Justiça e Direitos Humanos - RS
Biblioteca Nacional del Uruguay, Montevideo
Biblioteca Pública Municipal, Santana do Livramento
Biblioteca Pública Municipal Artigas, Rivera
Memorial do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
Museu David Canabarro, Santana do Livramento
Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, Porto Alegre
Secretaria da Escola Estadual Professor Liberato Salzano Viera da Cunha, Santana do Livramento

ENTREVISTADOS

Acílio Pereira da Cruz, 84 anos, brasileiro, delegado de polícia, Porto Alegre (RS) 2005, 2006.
Adalgisa de Nery Medeiros Mottin, brasileira, 56 anos, Santana do Livramento (RS), 4 de fevereiro 2008
América Ineu Xavier, brasileira, 76 anos, dona de casa, Rivera, 2005, 2006, 2007.
Antônio Apoitia Neto, identidade binacional, 69 anos, advogado. Santana do Livramento (RS), 2004, 2005, 2006 2007.
Antonio Higuera, brasileiro, 64 anos, construtor, artista plástico, Santana do Livramento(RS), 23 de julho de 2007.
Armênio Guedes, brasileiro, jornalista, 92 anos, São Paulo (SP), 11 de maio de 2008.
Celeste Penalvo, 72 anos, brasileira, dona de casa, São Borja (RS), 1º de agosto de 2007.
Cezar Terra Burmann, brasileiro, 55 anos, advogado, Porto Alegre(RS), abril de 2007.
Cláudio Gutierrez,
Diva Terra Burmann, 80 anos, brasileira, aposentada, Porto Alegre (RS), 6 de dezembro de 2006.
Edson Tache, 76 anos, brasileiro, padre, Santana do Livramento (RS) 8 de fevereiro de 2007. Entrevista realizada em conjunto com Antônio Carlos Valente.
Elmar Bones, 60 anos, jornalista, brasileiro, Porto Alegre (RS), 12 de julho de 2006.
Ernesto Levy, 60 anos, brasileiro, advogado, Santana do Livramento (RS), 24 de julho de 2007.

Eustáquio Apoita, brasileiro, 84 anos, construtor. Santana do Livramento (RS), 19 de julho de 2003.

e 15.01.2004.

Hamilton da Cruz, 56 anos, brasileiro, policial, Porto Alegre (RS) 2005, 2006.

Hélio Santana Alves, brasileiro, 94 anos, pecuarista, Rivera, 2006, 2007, 2008.

Hugo Mazon Amorim

Filho Benvenuto -

Hubert Echevi *, uruguaio, 84 anos, torneiro mecânico e pecuarista. Santana do Livramento (RS), 2005, 2006.

Índio Vargas, brasileiro, 70 anos, jornalista, Porto Alegre (RS) 24 de julho de 2006.

Jair Krischke, 66anos, brasileiro, advogado, Porto Alegre (RS), 2006, 2007, 2008.

Jesus Echevestre Aseff, brasileiro 68 anos, empresário. Santana do Livramento, 2004, 2005, 2006, 2007.

Jorge Washinton Fajardo, advogado, uruguaio, 53 anos, Rivera. 22 de janeiro de 2006.

José Lindote, brasileiro, 85 anos, funcionário público federal aposentado. Santana do Livramento, 28 de julho de 2006.

Jurema Caggiani, dona de casa, brasileira, Santana do Livramento (RS), 4 de agosto de 2006.

Kenny Braga, 60 anos, jornalista, brasileiro, Porto Alegre (RS), 12 de julho de 2006.

Lúcio Soares Neto, brasileiro, 93 anos, advogado. Santana do Livramento(RS), 21 de janeiro de 2005.

Manoel Luiz de Souza Vieira Coelho, 65 anos, engenheiro agrônomo, Pelotas (RS), 27 de abril de 2007, Florianópolis (SC) janeiro e agosto de 2008.

Nei Almeida, 67 anos, médico, Santana do Livramento, 8 de fevereiro de 2007. Entrevista realizada em conjunto com Antônio Carlos Valente.

Neusa Penalvo,45 anos, advogada, São Borja (RS), 1º de agosto de 2007.

Omar do Prado Lima, brasileiro, 78 anos, militar, pecuarista, Santana do Livramento (RS) 20 de julho de 2005.

Pedro Antônio Dávila de Mello, identidade binacional, 49 anos, engenheiro, Florianópolis (SC), 2006, 2007.

Perseverando Fernandes Santana, brasileiro, 86 anos, pecuarista. Santana do Livramento (RS), 2004, 2005, 2006, 2007, 2008.

Sérgio Alves, uruguaio, 45 anos, professor, Rivera. 25 de agosto de 2006.

Sérgio Terra Burmann, 48 anos, brasileiro, administrador, Rivera, 10 de janeiro de 2007.

Wilson José da Silva, 77 anos, brasileiro, militar, Porto Alegre, 24 de maio de 2007.

Wladimir Fagundes, uruguaio, 59 anos, anos, serigrafista, Rivera, 2006, 2007, 2008.

Vladecir Fagundes, 50 anos, uruguaio, comerciante, Rivera, 2006, 2007, 2008.

Zely Fontoura de Medeiros, brasileira, 76 anos, Santana do Livramento (RS) 4 de fevereiro de 2008.

* **Nome fictício**, por solicitação do entrevistado.

RELAÇÃO DE IMAGENS

- Figura 1** – pg 18, acervo: Ministério das Relações Exteriores.
Figura 2 – pg 21, acervo: Andréa Quadrelli.
Figura 3 – pg 52, acervo: do autor.
Figura 4 – pg 57, acervo: do autor.
Figura 5 – pg 60, acervo: do autor.
Figura 6 – pg 65, acervo: José Lindote.
Figura 7 – pg 95, acervo : Sérgio Burmann.
Figura 8 – pg 104, acervo: do autor.
Figura 9 – pg 105, acervo: Cláudio Antônio Weyne Gutiérrez.
Figura 10 – pg 107, acervo: Sérgio Burmann.
Figura 11 – pg 113, acervo: Pedro Dávila de Mello.
Figura 12 – pg 122, acervo: do autor.
Figura 13 – pg 126, acervo: do autor.
Figura 14 – pg 132, acervo: do autor.
Figura 15 – pg 142, acervo: Adalgisa de Néri Medeiros Mottin.
Figura 16 – pg 149, acervo: Neusa Penalvo.
Figura 17 – pg 153, acervo: do autor.
Figura 18 – pg 162, acervo: do autor.
Figura 19 – pg 164, acervo: Vladecir Fagundes.
Figura 20 – pg 168, acervo: Movimento de Justiça e Direitos Humanos-RS
Figura 21 – pg 173, acervo: Jorge Washington Fajardo.
Figura 22 – pg 179, acervo: acervo do autor.
Figura 23- pg 189, acervo: do autor.
Figura 24 – pg 190, acervo: Sérgio Burmann.
Figura 25 – pg 194, acervo: Museo Sin Fronteras.